E

ZA

AL

~~B.A.~~
~~1405~~

E.A. 594V.

B A

1405

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

Typ. de Antonio José da Silva Teixeira
Rua da Cancella Velha, 70 — Porto

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

Album de photographias com descripções; clichés originaes;
copias em phototypia inalteravel; monumentos, obras d'arte, costumes, paisagens

DIRECTORES { *F. Brütt*
Cunha Moraes

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

R. 25.642

VOLUME PRIMEIRO

EMILIO BIEL & C.ª — Editores
PORTO

MDCCCCII

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

B.A.
1405

E.A.594 V.

Aos nossos leitores

Em todos os paizes cultos — França, Inglaterra, Allemanha, Suissa, Belgica, paizes escandinavos, Russia, não esquecendo a nossa visinha Hespanha — existem de ha muito interessantes e ricas publicações no genero da que, sob o titulo de ***A Arte e a Natureza em Portugal,*** nos abalançámos a realisar, e conseguimos levar, com o presente volume, ao fim da primeira jornada.

Nunca nos illudimos sobre as difficuldades reaes em que iamos tropeçar. Paiz pequeno, em que só uma limitada *élite* se interessa por coisas d'arte, e em que o amor da natureza, que é um producto da civilisação e da cultura, não attingiu a intensidade nem a extensão que assumiu em outras nações, era intuitivo que, sob o ponto de vista economico, a nossa tentativa representava, senão um sacrificio, certamente um acto de boa vontade e de fé, nascido do enthusiasmo, do amor proprio, talvez, ligado a todas as iniciativas innovadoras, e, se nos quizerem fazer essa justiça, de um pouco d'essa natural inclinação que todos temos pelo que é nosso, e que é felizmente um sentimento vulgar em portuguezes.

Alguns paizes, como muito bem sabem os nossos leitores, têm mesmo feito d'este genero de publicações um processo intelligente de propaganda entre os *touristes,* cada vez mais numerosos, que percorrem o mundo, procurando sensações novas no dominio da arte ou da natureza. Ninguem ignora que a Suissa é um paiz que vive quasi dos viajantes que a visitam, que a França salda talvez, com o que lá deixam os forasteiros, o *deficit* da sua balança commercial. O nosso paiz, tão mal conhecido, e que só ha dois para tres annos, tem o seu logar entre os Guias Baedeker, nada poderá perder, tudo terá a ganhar com tornar-se um ponto forçado do excursionista cosmopolita, do viajante por dilettantismo, que não dará decerto por mal empregado o tempo e o dinheiro gastos na formosa patria de Camões, na contemplação das suas bellezas naturaes, dos seus suggestivos monumentos, e até no convivio da sua laboriosa e hospitaleira população.

Contribuindo assim para a honra e riqueza do paiz, seria chimerico esperar que o paiz

À nos lecteurs

La plupart des pays de l'Europe — France, Angleterre, Allemagne, Suisse, Belgique, États scandinaves, Russie, sans oublier la voisine Espagne — possèdent depuis longtemps de magnifiques ouvrages dans le genre de celui que nous avons entrepris d'éditer sous le nom ***L'Art et la Nature en Portugal,*** et dont ce volume représente la première et la plus rude étape.

Nous ne nous sommes jamais fait des illusions sur les difficultés qui nous attendaient. Dans un milieu restreint comme le nôtre, où d'ailleurs seulement une élite s'intéresse aux sujets artistiques, où l'amour de la nature, qui est lui aussi un produit de la civilisation, n'a jamais atteint un haut degré d'extension et d'intensité, il était facile de prévoir que les chances de succès d'une entreprise pareille étaient assez douteuses. Ce n'est donc pas dans l'espoir du gain, mais bien plus dans l'amour des choses portugaises, que nous avons puisé l'enthousiasme et l'énergie indispensables à toute initiative innovatrice.

Il faut voir encore dans notre ouvrage un procédé efficace de propagande parmi les touristes, chaque jour plus nombreux, qui parcourent le monde à la recherche de sensations nouvelles dans le domaine de la nature ou de l'art. Personne n'ignore en effet que la Suisse vit presque exclusivement des étrangers qui la visitent, et qu'en France même leur apport est assez considérable pour combler le *déficit* du bilan commercial. Notre pays, si mal connu quoiqu'il ait depuis peu une place parmi les Guides Baedeker, n'aura qu'à gagner à devenir un séjour forcé de l'excursioniste cosmopolite et dilettante, qui ne regrettera pas, certes, le temps et l'argent dépensés dans la contemplation des beautés naturelles et des monuments suggestifs de la patrie de Camoens, et dans le commerce de son acceuillante population.

Il était donc raisonnable d'attendre de la part du public un peu de bonne volonté pour nous aider dans cette tâche qui, somme toute, ne tourne qu'à l'honneur et au profit du pays. Cette prévision a été heureusement justifiée par les résultats.

concorresse por seu turno para o bom exito da nossa empreza? Nunca tal nos pareceu e o favor até hoje recebido diz-nos que as nossas previsões nos não enganaram, e que muito podemos esperar da boa vontade e caloroso acolhimento do nosso publico.

A natureza, e fins da nossa publicação já as accentuámos no prospecto em que appellavamos para o publico, ao tentarmos o nosso emprehendimento e não nos parece descabido transcrever n'este logar o que então dissemos:

«É um verdadeiro inventario, feito pela photographia, das vastas e innumeraveis bellezas de toda a ordem espalhadas pelo nosso paiz, e que pela maior parte são tão pouco conhecidas de nacionaes e de estrangeiros.

«Os nossos monumentos d'architectura gothica, tão elegantes e tão finamente rendilhados; os padrões do nosso espirito guerreiro, ainda attestados pelas ruinas cobertas d'hera de rudes e sombrios castellos; o que resta dos antigos conventos e palacios medievaes, e os edificios da architectura contemporanea; os objectos d'arte de tão delicados lavores, guardados nos nossos museus; as nossas cidades quasi todas tão graciosamente construidas nas encostas de montes accidentados e pittorescos; as nossas aldeias alvejando por entre a verdura com as suas casinhas brancas agrupadas á volta da egreja, cujo campanario se avista ao longe da curva da estrada que contorna a montanha; as margens encantadoras dos nossos rios; as paisagens suaves e risonhas dos ferteis valles cortados por fios d'agua crystallina, e as das agrestes e elevadas montanhas; os typos tão caracteristicos das nossas aldeias com os seus trajos originaes; grupos de trabalhadores do campo com as suas tradicionaes alfaias agricolas, e de pescadores com os seus barcos e redes.

«Eis em resumo o que tencionamos reproduzir pela photographia com a maior precisão, dando assim a imagem exacta de cada uma das nossas provincias; procurando definil-as na sua individualidade, na sua côr local, no seu modo de ser, formando de tudo um conjuncto harmonioso e proporcionado.

«Dar a cada cidadão portuguez, e principalmente aos que vivem longe da patria na lucta constante pela vida, a imagem do recanto que mais caro lhe é no mundo, despertando-lhe assim reminiscencias queridas da infancia e da mocidade; mitigando-lhe saudades e nostalgias, fieis companheiras do exilio; avivando-lhe o sentimento e o culto da patria, e o amor ao torrão natal: eis um dos fins que se propõe esta empreza, destinada a dar fórma a um pensamento elevado, atravez de quaesquer difficuldades materiaes tão custosas de vencer no nosso pequeno meio.

«Mas um outro objectivo, porventura mais patriotico e grandioso, é o de tornar Portugal conhecido, e principalmente dos estrangeiros que não visitaram ainda o nosso paiz, proporcionando-lhes o meio de fazerem uma justa apreciação das maravilhas e bellezas que a arte e a natureza espalharam por toda a parte.»

O presente volume parece-nos ter satisfeito as promessas que fizemos. Entre os proces-

Nous croyons à propos de transcrire ici une partie du *prospectus*, où la nature et les buts de l'ouvrage étaient clairement exposés:

«C'est donc l'inventaire véridique et raisonné des beautés innombrables répandues dans le pays et ignorées, pour la plupart, de nationaux autant que d'étrangers: nos monuments gothiques si élégamment dentelés, et les ruines couvertes de lierre des rudes et sombres châteaux, qui témoignent de notre esprit guerrier; les débris des vieux couvents et des palais du moyen-âge, ainsi que les édifices d'une architecture plus moderne; les richesses artistiques de nos collections et musées; les villes si gracieusement placées sur le penchant de pittoresques côteaux; de riants villages, dont les blanches maisonnettes se pressent autour du clocher, bordant les routes; nos hautes montagnes et nos charmantes vallées, coupées de rivières aux bords fleuris; enfin les types si caractéristiques de la campagne et du littoral, leurs costumes originaux et leurs instruments agricoles et de pêche.

«Telle est, en peu de mots, la tâche que nous nous proposons de remplir au moyen des puissantes ressources de la photographie, qui nous fournira la reproduction harmonieuse et fidèle de chacune de nos provinces, dans les traits essentiels de leur histoire et de leur génie particulier.

«Nous aurons ainsi donné aux citoyens portugais l'image du coin de l'univers auquel ils rattachent leurs plus touchants souvenirs, et qui contribuera sans doute à adoucir les amertumes de l'exil de ceux qui poursuivent loin de la patrie la lutte acharnée de la vie.

«Mais il est encore un autre but à notre entreprise, plus patriotique peut-être et plus élevé, — rendre connues de l'étranger les merveilles naturelles et artistiques du Portugal. C'est pourquoi les textes descriptifs, signés d'ailleurs de noms justement renommés dans le monde scientifique et littéraire, seront publiés en portugais et français.»

Nous nous flattons d'avoir tenu ces promesses dans le présent volume. Le procédé de reproduction adopté réunit, mieux que tout autre, la netteté et la perfection artistique à la modicité de prix indispensable à un essai de vulgarisation.

La critique s'est déjà prononcé favorablement sur le premier point; quant au deuxième nous croyons difficile de mieux faire en Portugal, les prix marqués étant à peine supérieurs à ceux des ouvrages étrangers congénères, dont le marché est cependant bien plus vaste que le nôtre.

L'ordre suivi dans le groupement des sujets photographiques, est libre de tout système préconçu; nous nous sommes placés au point de vue du touriste qui voyage au gré de sa fantaisie et ne recherche que des impressions variées et peu fatigantes.

Le choix des collaborateurs a été aussi l'objet de soins spéciaux. Les monographies qui accompagnent les livraisons sont loin d'être des études complètes; nous avons tenu à éviter de longues dissertations historiques et les excès d'érudition. La légèreté n'exclut pas toutefois une exactitude parfaite dans les détails; nous nous sommes assurés de ce double sos de reproducção procurou-se aquelle que conciliasse melhor as condições de nitidez e perfeição artistica com a da modicidade do custo, indispensavel n'uma tentativa de vulgarisação d'esta ordem. A critica pronunciou-se muito lisongeiramente sobre o primeiro ponto e quanto ao segundo afigura-se-nos que não é possivel em Portugal fazer uma publicação mais economica, rivalisando quasi com os preços das suas congeneres estrangeiras, que têm sobre nós a superioridade de mercados muito mais vastos.

Quanto á ordem e agrupamento das photographias, puzemos de parte uma classificação rigorosa e methodica, baseada em generos ou na contiguidade geographica, para seguir uma ordem um tanto caprichosa, como a do *touriste* que viaja consultando apenas a sua curiosidade espontanea, ao sabor das impressões ou desejos do momento, ou do estimulo de uma variedade que delicía e repousa o espirito.

Procurámos tambem fazer uma escolha, tão cuidada quanto possivel, dos nossos collaboradores, que figuram indiscutivelmente entre os primeiros dos nossos escriptores e criticos d'arte. As monographias que acompanham cada numero são, naturalmente, breves, mas a auctoridade dos que as subscrevem é a melhor garantia que podemos offerecer da sua perfeita exactidão.

Sem deixar de ser exactas, não estava no nosso programma que fossem muito extensas ou de uma erudição compacta e demasiado technica. Não era esse o nosso objectivo — e o presente volume attesta bem se conciliámos a verdade com a leveza.

Contamos realisar, com a presente publicação, o mais vasto archivo das nossas riquezas artisticas e naturaes. A esse fim tem visado todos os nossos esforços, procurando levar tão longe quanto possivel a inventariação d'aquellas riquezas, já procedendo a investigações directas esquadrinhando o paiz em todos os sentidos, já consultando obras de caracter mais ou menos similar, como as que enriquecem a nossa bibliographia especial, de que extrahimos a relação que segue:

Panorama. 18 volumes, 1837 a 1868.

Portugal Artistico, publicação mensal, 1853 a 1855, em portuguez e francez.

Archivo Pittoresco, 1857 a 1868.

Revista pittoresca e descriptiva de Portugal, 1862.

Panorama photographico de Portugal. Direcção do Dr. Augusto M. Simões de Castro, 1869 a 1874.

Panorama contemporaneo. Coimbra, 1882. Direcção de Manoel Ramos, Trindade Coelho e Rodrigues Nogueira.

A Illustração. Director, Marianno Pina, Paris.

Revista Illustrada. Editor, A. M. Pereira.

Batalha. Travels in Portugal through the provinces of Entre Douro and Minho, Beira, Extremadura and Alemtejo, by James Murphy. London, 1795.

O Douro Illustrado, Visconde de Villa Maior, 1876, em portuguez e francez.

résultat en nous adressant aux personnages le plus en vue dans le monde littéraire artistique portugais.

En poursuivant pas à pas le plan tracé, nous serons en mesure de former la plus vas. collection parue jusqu'ici de nos richesses littéraires et artistiques. Nous y consacrerons tous nos efforts, en poussant aussi loin que possible cet inventaire, soit par des recherches directes dans tout le pays, soit en fouillant dans les ouvrages spéciaux de la bibliographie portugaise, dont voici un extrait:

Le Panorama, 18 volumes, 1837 à 1868.

Le Portugal artistique, revue mensuelle en portugais et français, 1853 à 1855.

Les Archives pittoresques, 1857 à 1868.

Revue pittoresque et descriptive du Portugal, 1862.

Panorama photographique du Portugal, 1869 à 1874, publié sous la direction du Dr. Auguste M. Simões de Castro.

Le Panorama contemporain, 1868, publié à Coïmbre par MM. Manuel Ramos, Trindade Coelho et Rodrigues Nogueira.

L'Illustration, Paris, dirigée par Marianno Pina.

Revue illustrée, éditée par A. M. Pereira, Lisbonne.

Batalha. Travels in Portugal through the provinces of Entre Douro and Minho, Beira, Extremadura and Alemtejo, by James Murphy. London, 1795.

Le Douro illustré, en portugais, français et anglais, Vicomte de Villa Maior. Porto, 1876.

Lisbonne ancienne, Jules de Castilho, 1879 à 1890.

Le Minho pittoresque, José Augusto Vieira, 1886 à 1887.

Monuments nationaux, J. da Silva Mendes Leal, photographies de A. Nunes, 1868.

Coïmbre ancienne et moderne, Borges de Figueiredo, 1886.

Le couvent de Batalha, Vicomte de Condeixa, 1892.

Monuments du Portugal, Ignace Vilhena Barbosa.

Études sur Evora, Gabriel Pereira.

Et aussi les notables études et monographies de MM. Joachim de Vasconcellos, Sousa Viterbo, Ramalho Ortigão, Antoine Auguste Gonçalves et Antoine Arroyo.

Les éditeurs.

Lisboa antiga, Julio de Castilho, 1879 a 1890.

O Minho Pittoresco, José Augusto Vieira, 1886 a 1887.

Monumentos nacionaes, J. da Silva Mendes Leal, photographias de A. Nunes, 1868.

Coimbra antiga e moderna, Borges de Figueiredo, 1886.

O Mosteiro da Batalha, Visconde de Condeixa, 1892.

Monumentos de Portugal, Ignacio Vilhena Barbosa.

Estudos eborenses, Gabriel Pereira.

E ainda os notaveis estudos e monographias dos snrs. Joaquim de Vasconcellos, Sousa Viterbo, Ramalho Ortigão, Antonio Augusto Gonçalves e Antonio Arroyo.

Os editores.

Guimarães

A ANTIGA, historica e illustre villa de Guimarães, hoje cidade do mesmo nome, e uma das principaes povoações da velha divisão regional, *interamniense*, hoje provincia do Minho, está assente á raiz da serra de Santa Catharina, ultimas ondulações dos pittorescos cabeços do Latito, do monte de Santa Maria e do Monte-largo. A sua vasta e ridentissima campina estende-se entre a bacia do Ave e do Vizella, indo esbater-se até o veio thermico da região d'este ultimo rio — região já muito apontada nos roteiros romanos, com o titulo de *Aquae levae*.

Sob a origem provavel do seu nome, e fundamentos d'elle, póde bem dizer-se que são tantos os alvitres e os appellativos, quantas foram as civilisações, mais ou menos rudimentares, que por alli passaram.

Assim, querem uns que se lhe chamasse *Araduca*, *Araduça*, ou simplesmente *Arzúa*, nome que no idioma celtibero, pre-romano, quererá dizer, segundo a selecção philologica e um tanto arbitraria do bispo de Pavia, Liutphrand, nada menos do que *Cidade-das-Lettras*. Outros, acaso pouco sensiveis a essas menos que hypotheticas prerogativas litterarias, chamar-lhe-hão *Leobriga*, o mesmo que *a Cidade da-Força*, tal como os dinamarquezes fizeram com respeito á sua *Leoburgum*, hoje *Lauenburg*.

A estas vozes celticas, ou porventura e mais propriamente celtiberas, mas em todo o caso aryanas, vieram ainda ajuntar-se novos epithetos de evidente procedencia romana, acompanhando d'este modo a evolução dos dominadores, mais ou menos eventuaes, cujas migrações successivamente ephemeras se iam assim traduzindo nos nomes por que iam fixando a sua estratificação moral sobre o sólo da peninsula.

Taes epithetos, pois, como não podia deixar de ser, revestem a fórma latina, na sua expressão mais flagrante. De modo que, á culta *Araduca*, ou sequer á inexpugnavel *Leobriga* (de λέων = *leo*), seguiu-se o nome de *Latita* — a *Cidade-escondida*, a *Cidade-occulta*, do latim *latito* (lateo), esconder-se, occultar-se.

É assim, n'esta verdadeira babel de appellidos, que surgem, que por um instante triumpham, e que successivamente se apagam segundo a estabilidade do conquistador, que ahi pelos principios do seculo x uma condessa gallega, de nome Mumadona [1], viuva do conde de Tuy, D. Hermegildo Gonsalvez, e tia, ao que se diz, do rei de Leão, D. Ramiro II, funda [2] na sua *villa*, ou mais propriamente, na sua *quintana* de VIMARANES, termo de Braga, e a distancia do monte Latito, hoje os cabeços chamados do *Monte-largo* e de *Santa-Maria* — *territorio urbis Bracharæ aut procul ab alpe Latito* — um convento *mixto* ou *dobrado*, de frades e freiras, com seu abbade, sujeito á regra dos Eremitas de São Pacomio, e da invocação do Salvador do Mundo, da Virgem Maria e dos Santos Apostolos.

Do titulo d'essa fundação, a que, no original, se dá, como era costume na época, o nome de *testamento*, se deprehende que a condessa Mumadona fôra auctorisada pelo conde D. Hermegildo, seu marido, a retirar do casal commum o equivalente a uma quinta parte d'elle, com cujo cabedal poderia dotar ao seu arbitrio tanto uma egreja, como um hospital para *palmeyros*, como ainda um mosteiro de religiosos: o que ella com effeito pôz logo em obra, preferindo a ultima d'estas faculdades; e não só por motivo da sua devoção, como por honra do Salvador, de quem, por paga, implora, em bem de sua alma, a divina clemencia: — *et ideo devotioni mee extitit, vt ob honorem Salvatoris et veram placandam clemenciam.* Mas vindo a reconhecer-se, mais tarde, que a referida *quintana* ou *villa* de VIMARANES, onde tomára assento o Mosteiro, pertencia de direito a uma filha do conde, de nome Dona Onéga

---

[1] E não *Dona Muma* como quer Ambrosio de Morales (*Chron. Gen. de España*, l. xiv, c. 34), e contra o que se alevanta com bons argumentos o nosso Gaspar Estaço, nas suas *Varias Antiguidades de Portugal*, c. ii, p. 3.

[2] Esta fundação tem a data de 26 de janeiro da Era de 967 (929). Cf. Gaspar Estaço, in *Var. Antig. de Portugal*.

Guimarães

L'ANCIEN, historique et très illustre bourg de Guimarães, est actuellement une des principales villes du vieux district d'*Entre Douro et Minho*, auquel on a donné plus récemment le nom de Minho. Bâtie sur la base du mont Ste. Catherine, dernier terme de la suite pittoresque du Latito, du mont Ste. Catherine et du mont Large, elle appartient à la vaste et riante campagne qui s'étend entre l'Ave et le Vizella, jusqu'aux sources thermales de la vallée de ce fleuve — si connues dans les itinéraires romains sous le nom de *Aquae levae*.

Les origines du bourg, et des noms sous lesquels il a été successivement connu, ont fait l'object de nombreuses hypothèses.

Ainsi on a voulu l'appeler *Araduca*, *Araduça* ou simplement *Arzúa*, ce qui, dans l'idiome celtibère pré-romain, voudrait dire *Cité des lettres*, d'après l'opinion assez fantaisiste de l'évêque de Pavie Liutphrand. D'autres, peu enclins à accepter ces prétendues prérogatives littéraires, lui ont assigné le nom de *Leobriga*, c'est-à-dire *Cité de la force*, ainsi que les danois l'ont fait pour *Leoburgum*, aujourd'hui *Lauenburg*.

A ces mots celtiques, ou mieux encore celtibères, en tout cas aryens, sont venues s'ajouter de nouvelles désignations, traduisant fidèlement l'évolution des races conquérantes qui ont, tour à tour, introduit leurs civilisations éphémères dans ce coin de la Péninsule.

Ces épithètes se présentent, comme de raison sous la forme latine. A *Araduca*, la civilisée, ou à l'inexpugnable *Leobriga* (de λέων = *leo*) succède la *Cité cachée* — *Latita* (de *lateo*, se cacher).

Vers le commencement du xe siècle, une comtesse galicienne, appellée Mumadona [1], veuve du comte de Tuy D. Herménégilde Gonsalvez, et tante, à ce qu'il paraît, du roi de Léon D. Ramiro II, fonda [2] dans sa *villa* de VIMARANES, dans le district de Braga et non loin du mont Latito — *territorio urbis Bracharæ aut procul ab alpe Latito* — un monastère mixte ou double de moines et de nonnes, dans la règle des Ermites de St. Pacôme, et sous l'invocation du Sauveur du Monde, de la Vierge Marie et des Saints Apôtres.

Il ressort du texte de cette fondation, ou mieux *testament*, pour lui donner le nom d'usage à l'époque, que la comtesse Mumadona avait été autorisée par son mari, le comte D. Herménégilde, à prélever sur les biens communs jusqu'à un cinquième, dans le but de doter à son gré soit une église, soit un hôpital pour pélerins, soit enfin un couvent de religieux. C'est à cette dernière œuvre pieuse que la comtesse s'arrêta, poussée par sa grande dévotion au Sauveur, dont elle implore pour son âme la clémence divine: — *et ideo devotioni mee extitit, vt ob honorem Salvatoris et veram placandam clemenciam.*

Le couvent une fois fondé on reconnut plus tard que la *villa* de VIMARANES appartenait de droit à une fille de la comtesse, de nom D. Onéga (Iniga) [3], qui, dégoûtée de la vie religieuse, s'était résolue au mariage et réclamait sa part de la succession paternelle; en sorte que la comtesse, pour ne pas en faire sortir les moines, dût consentir à un échange, mené à bout par l'intervention de plusieurs gens de qualité — *multos homines bonos*.

Ce couvent mixte ne dura pas toutefois jusqu'au xiie siècle. Vers la fin de 1090 on n'y comptait

---

[1] Non pas Dona Muma, ainsi que le rapporte Ambroise de Morales (*Chron. Gen. de España*, l. xiv, c. 34), ce qui a soulevé les objections fondées de notre Gaspard Estaço (*Varias Antiguidades de Portugal*, c. ii, p. 3).

[2] Ce document porte la date du 26 janvier 967 (929). Cf. Gaspard Estaço, in *Var. Antig. de Portugal*.

[3] La donation l'appelle du nom barbare d'*Onéca* — *concedo hunc aule beatitudinis... jam dictam villa Vimaranes... mutavit filia mea Onece, ut superium fecimus ei mencionem.* Pinho Leal, dans son *Fort. Antigo e Moderno*, l'appelle fort inconsidérément Urraca.

(*Iniga*) [1], a qual, por descontente da vida religiosa que a principio elegêra, estava resolvida a tomar estado, recebendo para sua mantença, e a titulo de dote, a avoenga paterna, entendeu a condessa sua mãe que, para não desalojar os religiosos, devia commetter á filha o escambo d'essa *quintana*, entrando no ajuste, a aplanar possiveis differenças, muitos homens bons — *multos homines bonos* — que, por seu turno, levaram a bom termo aquelle seu santo empenho.

Este convento *mixto,* porém, não chegou mesmo até o seculo XII. Pelos fins do anno de 1090 não assistiam n'elle senão religiosos raçoeiros e clerigos sem clausura, vindo de todo a fixar-se em mosteiro benedictino, já nos dias do papa Paschoal II (1118).

É á roda d'este mosteiro, cujas vastas rendas vão até o termo do Porto, Villa do Conde, Santo Thyrso e Vianna, entrando n'ellas com muitos casaes e herdades os conventos de São Torquato e de São João de Ponte, que começa a constituir-se o primitivo *burgo,* e depois *alfoz* vimaranense. Integrado no vasto districto que comprehende o *condado portucalense,* soffre todos os revezes e toda a varia fortuna por que passam os homens de armas e os bandos, que constituem as facções dos dois bellicosos genros de Affonso VI de Aragão. Além de Coimbra, onde o aventuroso D. Henrique de Bourgonha faz a sua mais insistente poisada, permitte uma reincidente e sempre renovada tradição local, que os documentos contemporaneos — como diz Herculano (I. 220) — parece confirmarem, que o burgo de VIMARANES, já de todo nacionalisado com o seu actual nome de Guimarães, fôsse tambem assento d'essa agitada e irrequita côrte, meio bourgonheza e meio gallega, em que a patria portugueza solta os seus primeiros vagidos. Comtudo a conferirem-se fóros de estabilidade a uma residencia, que necessariamente variaria de anno para anno, segundo as circumstancias e conforme as vicissitudes politicas da épocа, esse facto não póde ser fixado anteriormente á viagem de D. Henrique á França e ao Aragão, visto que até esse tempo, pelas dissidencias e incursões militares dos partidarios de D. Urraca, toda a ideia de uma côrte mais ou menos digna d'este nome nos repugna. Isto, a não ser que se considere como tal, e como *assento de côrtes,* o facto de qualquer encontro, colloquio, ou *germaydade,* da natureza d'aquelle que em 1090 se celebrou no districto vimaranense, e ao qual concorreram não só os homens de armas do de Bourgonha, como os representantes de todas as entidades jurisdiccionaes do termo.

O primeiro foral de Guimarães, posto que sem data, é d'esta época. Pouco mais vale do que uma *carta-pobra.* A este foral segue-se uma confirmação do infante D. Affonso Henriques, nascido e baptisado em Guimarães. Tem esta confirmação a data de 27 de abril de 1128 (*5 kal. maii 1166*), precisamente quando os estragos da guerra civil, originada nas dissenções do infante com a mãe, alastram por toda a terra minhota, desde Braga até o condado de Refoyos do Lima, e d'ahi, pelo valle do Lima e do Vizella, até Guimarães. N'esta confirmação declara Affonso Henriques dever aos burguezes de Guimarães grandes serviços, e provas de grande fidelidade (*fecisti mihi servicium bonum et fidele*), pelo que os absolve de toda a especie de *fossada* — *nunquam donent fossadeiras.* D. Affonso II confirma por um novo padrão as isenções e prerogativas d'este foral, embora, como na primitiva *carta-pobra* do conde D. Henrique, não traga data este preciosissimo monumento. Estas isenções, todavia, não excluem a existencia de varios *malados* (*maladiis*) no termo de Guimarães, os quaes veem já publica e definitivamente referidos n'uma inquirição do tempo de Affonso II, na qual Martim Gonsalves, *pretor Vimaranis,* declara não só onde uma d'essas *maladias* tivera assento, como qual fôra a sua origem (L. I *de Inquir. de Aff.* II, fl. 119). D. Diniz em 1324, corrobora todas estas immunidades.

Quando já nos principios do seculo XVI D. Manoel vibra um golpe de morte nos estylos locaes, integrando os antigos costumes municipalistas, de origem franko-romana, na absorvente tutela real, que desde D. João II tende a fixar-se, a carta do monarcha tem a data de 1517 — a época exacta da vasta e intensa crise foraleira, centralista e tutelar, em todo o reino.

Foi durante os dias que precederam a data do seu segundo foral, ao estratificar-se a patria portugueza (1127), que teve logar em Guimarães essa epica e romanesca façanha de Egas Moniz, determinada, segundo a ingenua descripção do *Livro-Velho-das-Linhagens,* no facto de este aio de D. Affonso

---

[1] Em latim barbaro *Onéca,* que é como se lê na doação de Mumadona — *concedo hunc aule beatitudinis... jam dictam villa* Vimaranes... *mutavit filia mea* ONECE, *ut superium fecimus ei mencionem.* Pinho Leal, no seu *Port. Antigo e Moderno,* sem nenhum discernimento, chama-lhe Urraca.

des religieux bénéficiers et des clercs non cloîtrés ; et un peu plus tard, sous le pape Paschoal II (1118), il fut englobé dans l'ordre bénédictin.

C'est autour de ce monastère dont la vaste censive portait jusqu'à Porto, Villa do Conde, Santo Thyrso et Vianna et comprenait beaucoup de métairies et de granges des couvents de St. Torquat et de St. Jean du Pont, que s'est formé le noyau primitif du bourg de VIMARANES.

Incorporé dans les vastes domaines qui constituaient le comté du Portugal, il dut subir toutes les vicissitudes des factions des deux belliqueux gendres d'Alphonse VI d'Aragon. La cour instable et bruyante, mi-bourguignonne, mi-galicienne, de l'aventureux D. Henri de Bourgogne, qui a vu naître la patrie portugaise, résidait d'ordinaire à Coimbra, mais elle a aussi siégé dans le bourg, déjà nationalisé sous le nom actuel; ainsi le veut du moins la tradition locale persistante, à laquelle d'ailleurs les documents contemporains ne s'opposent point (Herculano, I, 220). Ces honneurs ne doivent toutefois pas lui être accordés avant le voyage de D. Henri en Aragon et en France, car avant cette époque les besoins de la conquête, les hasards d'une politique pleine d'imprévu, ainsi qui les incursions militaires des partisans de D. Urraca, excluent toute idée d'une résidence régulière à Guimarães.

On ne saurait non plus la prendre comme siège des *Cortès,* ce nom devant être refusé à toute espèce de conférence ou colloque analogue à celui qui vers 1090 rassembla dans le territoire de Guimarães tous les hommes d'armes du prince bourguignon ainsi que les représentants de toutes les entités juridictionnelles du district.

La première charte de Guimarães, quoique sans date, peut être attribuée à cette époque; c'est, à peu de chose près, une *charte de peuplement.* Elle a été suivie d'une confirmation de l'infant D. Alphonse Henriques, né et baptisé à Guimarães, laquelle porte la date du 27 avril 1128 (*V kal. maii 1166*), précisément lorsque la guerre civile née des querelles de l'infant et de sa mère, exerçait ses ravages depuis Braga jusqu'au comté de Refojos de Lima et de là, par la vallée du Lima et du Vizella jusqu'à notre ville. Dans ce diplôme Alphonse Henriques avoue avoir reçu des bourgeois de Guimarães des services considérables et de remarquables preuves de fidélité — *fecisti mihi servicium bonum et fidele* — et en conséquence les affranchit de la corvée du *fossoyage* — *nunquam donent fossadeiras.*

D. Alphonse II sanctionne dans un nouveau texte, malheureusement non daté, toutes ces exemptions et priviléges. Ils n'excluent pas toutefois l'existence dans le ressort de Guimarães de plusieurs manoirs seigneuriaux (*maladiis*), constatée dans une inquirition contemporaine, dans laquelle Martin Gonsalves, *pretor Vimaranis,* déclare non seulement l'emplacement mais aussi l'origine d'une de ces institutions (L. I *de Inquir. de Aff. II,* fl. 119). D. Diniz en 1324 confirme à nouveau ces immunités.

Lorsque, au début du XVIe siècle, D. Manuel porte un coup fatal aux coutumes locales traditionnelles, en asservissant les anciennes institutions municipales d'origine franco-romaine sous l'absorbante autorité royale qui tendait à se fixer depuis Jean II, la charte du monarque porte la date de 1507 — c'est-à-dire l'époque de la vaste et intense crise municipale, centraliste et tutélaire, qui sévit dans tout le royaume.

C'est peu de jours avant la date de la deuxième charte, dans la période de formation de la patrie portugaise (1127), que se place le fait épique et romanesque d'Egas Moniz, rapporté dans le *Livro-velho das linhagens.* Ce précepteur de D. Alphonse Henriques, étant cerné dans Guimarães par l'armée de l'empereur Alphonse VII, obtint de celui-ci la levée du siège, à condition de faire cesser les prétentions d'indépendance de son pupille. Les événements ayant tourné dans le sens opposé, le vieux guerrier, résolu à payer de la vie la parole mal tenue, partit de Riba-Douro, accompagné de sa femme et de ses enfants, pour la cour d'Aragon :

> Nu pieds, et si pauvrement accoutrés
> Qu'ils excitaient la pitié plutôt que la vengeance.

* * *

Le *Sanctuaire de Notre Dame de l'Olivier* est peut-être le plus célèbre de l'Espagne et de l'Italie, si l'on excepte celui de St. Jacques de Compostelle.

Henriques fazer «*erguer o emperador* (Affonso VII) *que jazia sobre Guimarães com campanha á guisa de lealdade, e fazer senhor do reino* o seu senhor, *apesar de sa madre*». Foi, portanto, em razão de tal *lealdade*, que o velho aio do infante, resolvido a dar *a vida a troco da palavra mal cumprida*, se partiu das suas terras de Riba do Douro, com filhos e mulher, até á côrte de Aragão:

> Descalços, e despidos de tal arte,
> Que mais move a piedade que a vingança.

* * *

O *Santuario de Nossa Senhora da Oliveira* é, porventura, excluido o de Santhiago da Galliza, o mais celebre da peninsula, e sequer mesmo da Italia.

Mais antigo e muito mais visitado que o do Loreto, que o de Guadalupe, e até que o de Monserrate, nas serras da Catalunha, attribue-se ao rei wisigodo, Wamba, nos fins do seculo VII, a plantação da celebre *oliveira* que, atravez de doze seculos, havia de perpetuar a sua memoria e constituir como que um symbolo do seu culto.

Durante a Edade-Média é dos mais concorridos e dos mais preconisados santuarios de toda a Hespanha. O nosso Affonso IV (1340) passa por ter visitado a *Senhora da Oliveira*, logo depois do Salado, mandando construir, em memoria d'este facto, o baldaquino que está junto ao templo da Virgem, e dentro do qual existe uma notavel cruz normanda, que é um modelo da melhor architectura votiva do seculo XIV.

É ainda como expressão de um voto de D. João I, pela victoria de Aljubarrota, que procede a construcção e alevantamento da actual *Egreja de Nossa Senhora da Oliveira*, cabeça de uma importante Collegiada. O typo primitivo d'esta construcção (1429) acha-se totalmente submergido sob o peso das successivas reparações, reconstituições e mutilações, em que ha tudo, desde o baldaquino ogival, com as suas estatuas envazadas, ao estylo ornamental do seculo XV, até o capitel corynthio, monotono e sem espontaneidade, com a sua caracteristica e classica evoluta.

O *thesouro da Oliveira* representa o cofre das mais raras preciosidades, que o genio cavalheiresco, alliado ao espirito devoto da Edade-Média, pôde inspirar a toda uma sociedade crente, generosa e profundamente sentimental. Entre os seus mais valiosos depositos avulta, indiscutivelmente, o celebre *Oratorio*, offerecido a *Nossa Senhora da Oliveira* por D. João I. Construido de madeira exteriormente, reveste a fórma de um armario, servido por duas meias portas, da altura de 1m,34 sobre 1 a 2 metros de largura, segundo estiver fechado ou aberto pelos dois batentes. O corpo central representa a Virgem no leito com o Menino Jesus, o qual estende a mão direita sobre o collo de Maria, em acção de brincar. Aos pés da cama está São José assentado, como que dormitando, arrimado a um bordão. Por cima, alludindo ao drama de Bethlem, estão as cabeças do boi e da mullinha, em acção de entrar á mangedoura. Nos cabos lateraes, dois anjos, como que rompendo do fundo da camara, agitam dois incensorios em signal de adoração. O tecto de todo este recinto é constituido por uma especie de fachada gothica. As imagens da Virgem e de São José — diz o snr. Vilhena Barbosa [1] — têm uns 34 centimetros de altura, e são, bem como o menino Jesus, de vulto inteiro, tendo o rosto e a mão com encarnação de prata corada. As paredes da abobada da camara são vestidas de folha de prata, com seus lavores. A fachada gothica é toda dourada sobre prata, com esmaltes de differentes côres, e compõe-se de dois corpos distinctos. Na parte superior ao entablamento vêem-se dois anjos, tomando cada um nas mãos as armas de D. João I. No espaço comprehendido pelas duas meias portas estão duas capellinhas, no mesmo estylo, representando a *Annunciação* e a *Apresentação*, assim como a *Adoração dos pastores* e a *Adoração dos Reis*. As imagens são tambem de vulto inteiro e de prata dourada, esmaltada, como as figuras da Virgem e de São José.

---

[1] *Monum. de Portugal*, pag. 89.

Plus ancien et plus visité que ceux de Lorette, de Guadalupe et de Monserrate dans la Catalogne, il remonte au temps du roi wisigoth Wamba (fin du VIIe siècle), auquel on attribue la plantation du célèbre *olivier* qui, à travers douze siècles, devait perpétuer sa mémoire et devenir un symbole du culte.

Pendant le moyen-âge c'est un des sanctuaires les plus fréquentés et les plus renommés de toute la Péninsule. Le roi D. Alphonse IV (1340) s'y rendit après la bataille du Salado et y fit construire, en souvenir de ce glorieux fait d'armes, le baldaquin, qui est à côté du temple de la Vierge et renferme une remarquable croix normande, un des plus beaux modèles de l'architecture votive du XIVe siècle.

La construction de l'église actuelle de *Notre Dame de l'Olivier*, à laquelle est annexée une collégiale importante, est due á Jean I et procède d'un vœu de ce roi pour la victoire d'Aljubarrota. Le type primitif de cette bâtisse est entièrement enseveli sous les réparations, les restaurations et les mutilations successives, et présente les motifs architecturaux les plus variés, depuis le baldaquin ogival avec ses statues jusqu'au chapiteau corinthien, avec ses volutes caractéristiques, aussi monotone que denué de spontanéité.

Le *trésor de Notre Dame de l'Olivier* est une collection des dons les plus précieux que l'esprit chevaleresque et dévot du moyen âge a pu inspirer à une société croyante, généreuse et foncièrement sentimentale. Parmi ses joyaux les plus remarquables se trouve indiscutablement le célèbre *Oratoire* offert par D. Jean I. La partie extérieure est en bois et présente la forme d'une armoire à deux battants, de 1m,34 de hauteur sur 1m de large. Le corps central représente la Vierge dans son lit avec l'enfant Jésus, dont la main droite se joue dans la gorge de sa Ste. Mère; aux pieds du lit est assis St. Joseph sommeillant et appuyé sur un bourdon. Au dessus d'eux sont les têtes d'un bœuf et d'un âne à côté de la mangeoire, comme dans le drame de Bethléem; et aux extrémités latérales deux anges se détachent sur les parois de la chambre, agitant deux encensoirs en signe d'adoration. Les images de la Vierge et de St. Joseph — dit Mr. Vilhena Barbosa [1] — ont 0m,34 de hauteur; et sont comme celle du petit Jésus en pied, ayant la face et les mains en argent émaillé. Le plafond de la voûte qui les couvre est entièrement revêtu de feuilles d'argent ouvragé. La partie supérieure de la pièce est dorée sur fonds d'argent, avec des émaux diversement colorés; elle est conçue dans le style gothique, et porte dans la partie supérieure de l'entablement deux anges tenant dans les mains l'écusson aux armes de D. Jean I. Sur l'espace correspondant aux deux battants se trouvent deux petites chapelles du même style, figurant l'*Annonciation* et la *Présentation*, ainsi que l'*Adoration des pasteurs* et l'*Adoration des Rois*; les figures, de même que celles précédemment décrites, sont entières et en argent doré et emaillé.

Cet *Oratoire*, vrai joyau de l'art monumental et décoratif du XIVe siècle, provient d'après la tradition du butin de la bataille d'Aljubarrota et n'a souffert d'altération que celle de l'écusson armorié. Il était accompagné de douze statues d'anges dont plusieurs au chiffre d'Henri de Trastamare; comme elles étaient en argent, les chanoines de la collégiale les firent fondre plus tard pour en faire des chandeliers.

Le *château de Guimarães*, avec les restes de ses fortes tours, est sans doute une des plus belles et des plus complètes ruines des constructions féodales du XIIIe siècle en Portugal, et peut-être bien aussi en Espagne.

Monument seigneurial et militaire du moyen-âge; fort, vaste, et élégant, tel que l'a conçu l'imagination poétique et romanesque de A. Herculano qui, avec plus d'art que de rigueur, l'a choisi pour théâtre de plusieurs scènes de son roman «*Le Bouffon*»; c'est un témoin pétrifié d'une série de drames sanglants: depuis les luttes des gendres d'Alphonse VI d'Aragon et du comte de Trava, d'Alphonse Raymondes et de l'ambitieux Henri de Bourgogne, jusqu'à celles du XIVe siècle entre le bâtard de D. Pedro et le roi Jean I de Castille.

---

[1] *Monum. de Portugal*, pag. 89.

Este *Oratorio,* que é uma verdadeira preciosidade, um monumento mesmo da arte ornamental, decorativa, do seculo XIV, constitue, segundo a tradição, uma das prêzas de Aljubarrota, apenas modificada na parte em que estão patentes os escudos portuguezes. Com este *Oratorio* vieram tambem doze estatuas de anjos, de prata, mandadas derreter tempos depois pelos conegos, com o fim de as transformarem em castiçaes. Algumas d'essas estatuas traziam as divisas de Henrique de Trastamara.

O *Castello de Guimarães,* com os restos da sua bella torre-albarrãa, seguida e amparada pelas suas torres-de-segurança, vale por uma das mais formosas ruinas das instituições feudaes do seculo XIII em Portugal, e, porventura, um dos mais completos exemplares do seu genero em toda a peninsula.

Primitivo monumento militar e senhorial do seculo XII, forte, vasto e elegante, como nol-o avulta, no seu sonho ardente e romanesco, a poetica imaginação do nosso A. Herculano, e a dentro do qual, com mais arte que coherencia, faz o grande historiador passar algumas scenas do seu *Bôbo:* esta testemunha petrificada dos nossos dramas de sangue, que vão desde as dissenções entre os genros de Affonso VI de Aragão e o conde da Trava, entre Affonso Raymondes e o ambicioso Henrique da Bourgonha, até ás guerras do seculo XIV, entre o bastardo do rei D. Pedro e o rei D. João I de Castella, vale bem a gratidão da Historia, e, porventura, o culto da posteridade. E se os moradores da nobre, antiga e formosa villa de Guimarães, pelo respeito com que guardam e honram as suas tradições locaes, acompanhando-as ainda agora, quanto podem, com os seus exemplos, se tornam credores da estima de quantos versam a sua historia, a um tempo civica, artistica e romanesca, essa estima sobe de ponto ao medirmos os cuidados, os esforços, o zêlo espiritual, o culto da arte civica com que, no dobar de quasi oito seculos, vêm amparando e evitando a ruina absoluta do seu mais grandioso e illustre monumento. Porque ao passo que, lá fóra, n'uma nação culta e grande como a França, não resta do solar do Chanceller Miguel do Hospital, do stoico, do maior coração e da mais recta consciencia do seu seculo, mais que umas rôtas e descozidas escadas, que diziam para a vasta quadra da sua santa solidão do Vignay: — aqui, no Minho, no recanto de uma região laboriosa mas obscura, guarda-se ainda agora, como uma reliquia sagrada, o castello-roqueiro, cujas pedras broncas e tisnadas pelo sol de mais de sete seculos viram passar muitas vezes os inimigos de Fernando Peres, as esculcas do infante D. Affonso, os homens de São Mamede e de Val-de-Vez, os acontiados de Mem Rodrigues, os da hoste do Mestre-de-Aviz e os seus *contreytos,* com o honrado e desditoso Ayres Gomes — o que salvára no mosteiro de Leça a vida ao infante D. Diniz — á sua frente.

Durante os ultimos annos do seculo XIII, tanto nas differenças entre o infante D. Affonso e D. Diniz, como durante as guerras de successão do seculo XIV, entre o Mestre de Aviz e o filho do fratricida Henrique de Trastamara, o castello de Guimarães foi theatro das maiores heroicidades e, porventura, padrão dos mais altos exemplos.

Esse delicado e commoventissimo drama de amor, em que foi protogonista o lealissimo e esforçado cavalleiro D. Gonçalo Marinho, o qual depois de vêr rotas e desfeitas todas as suas esperanças, se vai, de Toledo até o Minho, a enterrar-se na sua cova de *Mirtili,* junto a Vianna — cova que elle abre com as suas proprias lagrimas, n'um longo e cruciante martyrio de quinze annos (1385-1400): — todo esse commovente e delicado drama de amor foi vivído, sentido e porventura chorado dentro d'aquellas pedras, hoje tôscas e fendidas, que as heras assaltam e investem, e sobre as quaes, á tarde, o sol poente, ou a lua, por noite placida e melancolica, deixa passar os seus ultimos clarões. E, todavia, para quê? Sómente para que tantas lagrimas, tantas esperanças e tantas dôres merecessem unicamente da Historia, gelida[1] ou egoista, fria ou implacavel, este epitaphio hirto e sêcco: — « . . . . Dona Vrraca foise para Castella, e seu irmão non quis nos esponsorios de sua sobrinha com Gonçalo Marinho por se delle non contentar: e quitoua delle dizendo que era menor de edade quando a esposára; e cazoua com outro: — e *Gonçalo Marinho com queyxume desto fez-se frade de São Francisco: e assi acabou sua vida.*»

José Caldas.

---

[1] Fernão Lopes, *Chron. Del-Rey D. João I,* cap. x.

Il mérite sans doute la gratitude de l'Histoire et les égards de la postérité; et les habitants de la noble et belle ville de Guimarães, si dignes, par leur respect des traditions locales et des anciennes vertus, de l'estime de ceux qui en connaissent l'histoire, à la fois civique, artistique et romanesque, ne sont pas moins redevables des plus grands éloges pour le zèle et les soins constants dont ils ont fait preuve pendant presque huit siècles pour la conservation de leur plus grandiose et illustre monument.

Car il est juste de rappeler que dans un pays d'une aussi large culture que la France, le château du stoïque chancelier de l'Hôpital, la plus droite conscience de son siècle, n'est représenté que par un escalier délabré donnant sur la vaste solitude du Vignay — tandis qu'ici, dans un coin d'une contrée laborieuse mais obscure, on garde encore comme une relique le château, dont les rudes pierres noircies par le soleil de plus de sept siècles ont maintes fois assisté au défilé des ennemis de Ferdinand Perez, des enguardes de l'infant D. Alphonse, des hommes de St. Mamede et de Val-de-Vez, des chevaliers de Mem Rodrigues, de ceux du Maître d'Aviz et de leurs prisonniers, dont le premier était cet honorable et malheureux Ayres Gomes qui dans le monastère de Leça avait sauvé la vie à l'infant D. Denis.

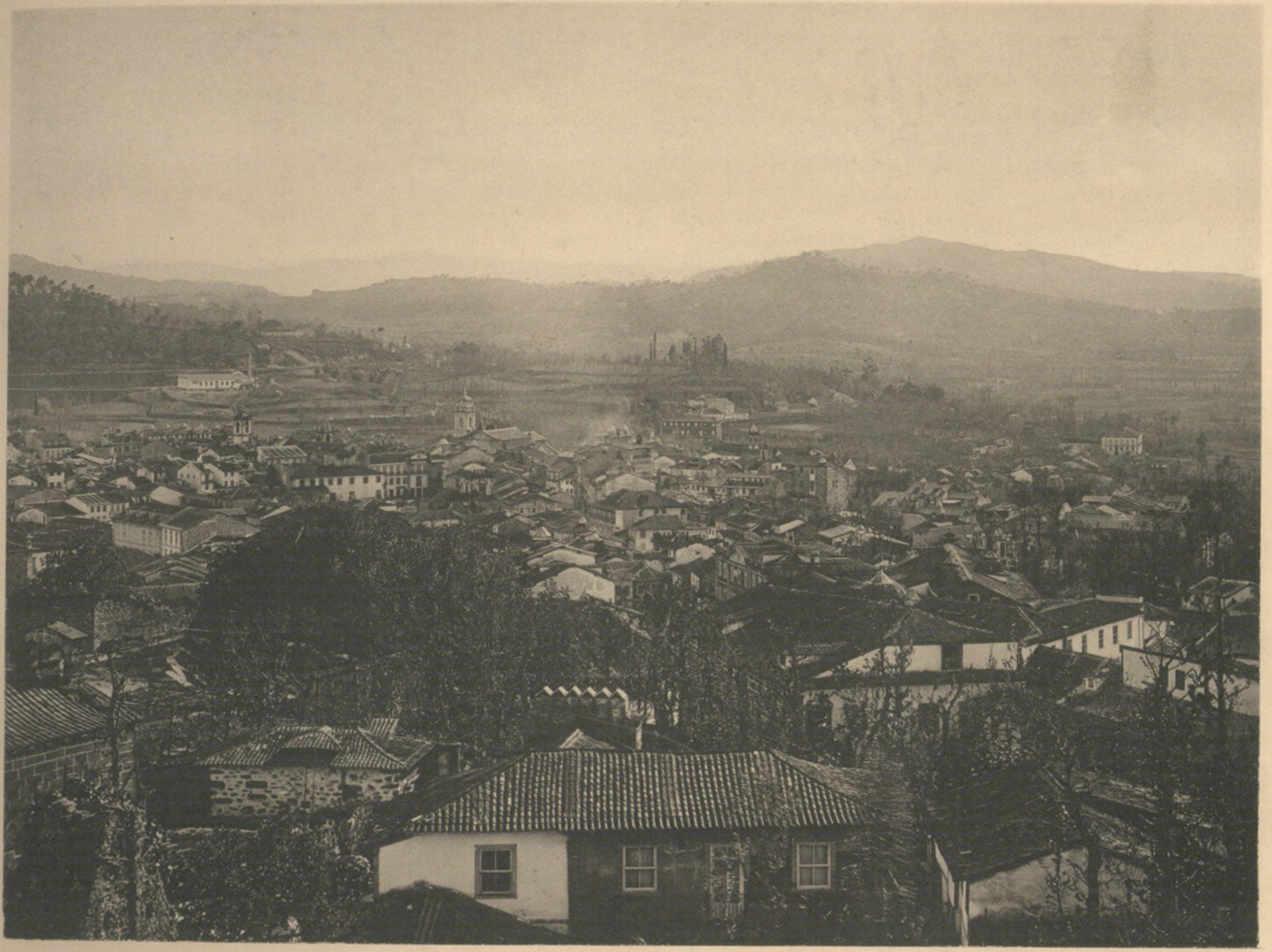
Pendant les dernières années du XIIIe siècle, dans les différends entre les infants D. Alphonse et D. Denis comme dans les guerres de succession du XIVe siècle, entre le Maître d'Aviz et le fils du fratricide Henri de Trastamare, le château de Guimarães fut le théâtre d'exploits héroïques et des plus nobles exemples.

Le tendre et touchant épisode d'amour, dont le héros a été le loyal et brave chevalier D. Gonçalo Marinho, qui après avoir perdu toute espérance, revint de Toledo au Minho s'ensevelir dans la fosse du Mirtili, près de Vianna, qu'il arrosa de ses larmes pendant un long martyre de quinze années (1385-1400) — tout ce drame émouvant a été vécu, et souffert entre ces pierres, rudes et fendues aujourd'hui, envahies par le lierre, que le soleil couchant et la lune dorent mélancoliquement de leurs dernières lueurs. Et au bout du compte, tant de larmes, tant d'espérances et de douleurs n'ont mérité de l'Histoire, glaciale[1] et impassible, que ce sec et dur épitaphe: — « . . . Dona Urraca s'en alla en Castille, et son frère, ne voulant pas de D. Gonçalo Marinho, rompit les fiançailles de sa nièce, sous prétexte de minorité, après quoi il la maria à un autre: — *et Gonçalo Marinho marri de douleur prit l'habit de Franciscain: et ainsi finit ses jours.*»

José Caldas.

---

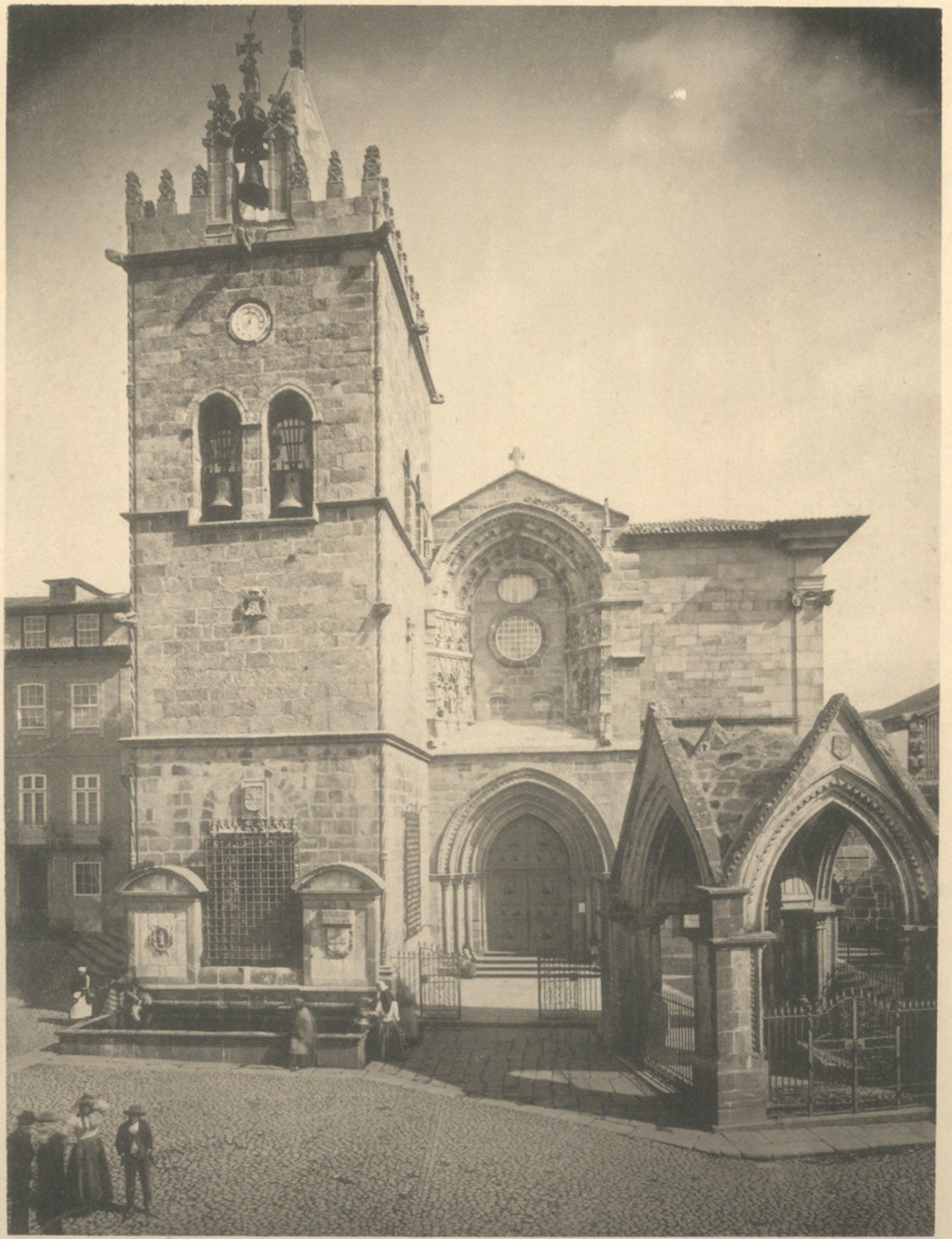
[1] Fernão Lopes, *Chron. Del-Rey D. João I,* cap. x.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral da cidade
GUIMARÃES

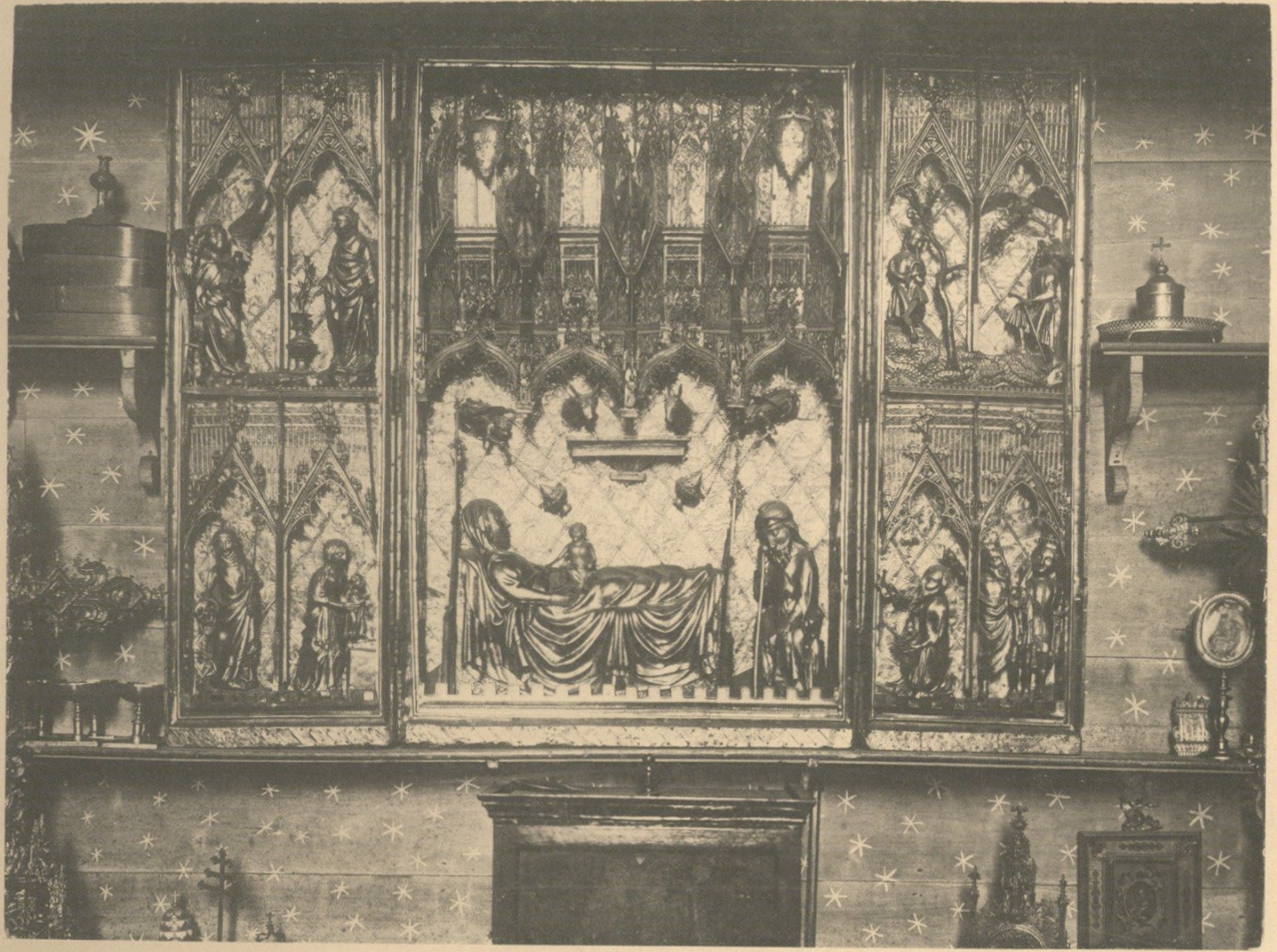


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Santuario de N. S. da Oliveira

GUIMARÃES

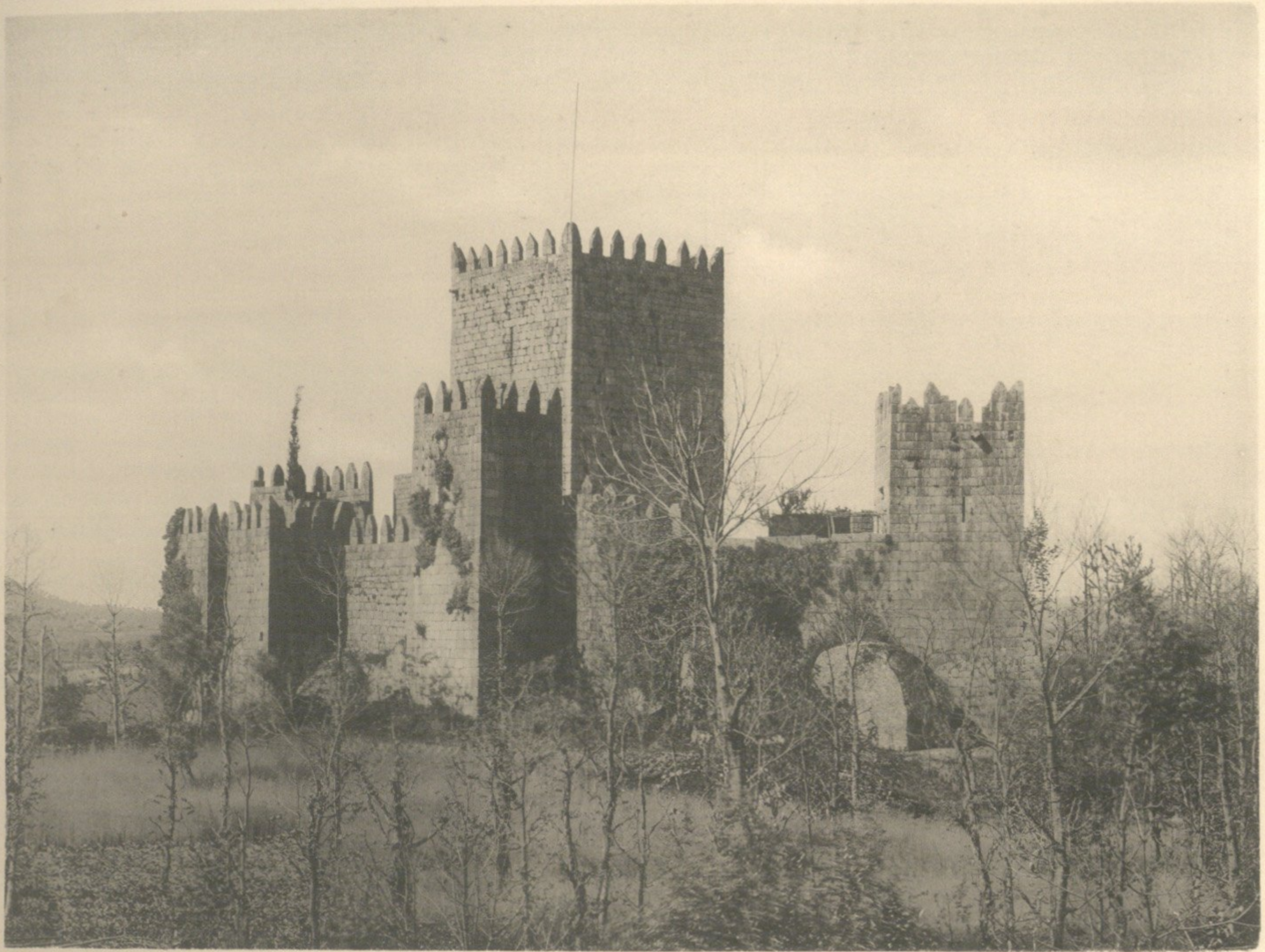


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Oratorio do Santuario de N. S. da Oliveira

GUIMARÃES



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Castello de Guimarães

S. Marcos

Capella-mór da egreja

Alguns kilometros de Coimbra, perto da aldeia de S. Silvestre e a poucos passos da bella estrada que conduz a Tentugal, encontra o viajante um monumento artistico de primeira ordem. Todavia, poucos o conhecem ainda. Faltaram até hoje os elementos de vulgarisação que deveriam ajudar o visitante e despertar a sua curiosidade: um guia artistico seguro e reproducções economicas, porque o estudo das nossas reliquias não póde nem deve ser privilegio dos abastados, mórmente se, como n'este caso, o monumento é um verdadeiro museu da arte nacional e um livro da historia patria, illuminado com as inspirações mais deliciosas do cinzel da Renascença portuguesa.

O que vamos expôr em breves linhas é o resumo de longos annos de estudo. Na *Revista de Guimarães* (1897) publicámos a primeira parte de uma monographia, que aguarda apenas o necessario complemento illustrativo para correr mundo. N'ella estão já todos os factos historicos e indicações seguras para o estudo artistico do templo. Comquanto não seja este o logar proprio para o estudo comparado dos monumentos, daremos noticia sufficiente a quem quiser seguir n'um exame mais aturado dos lavores contemporaneos de S. Marcos. Com effeito, d'este templo irradia com a gloria fulgente da arte e os louros immarcesciveis de uma geração de heroes — os Silvas da casa dos *Regedores da Justiça* — a benção fecunda de um ensinamento artistico; d'elle partilharam innumeros artifices de toda a Beira central, iamos dizer de toda uma provincia da arte. Coimbra é a sua capital. E bem mal andaram os que, despindo a Athenas portuguesa das suas joias d'arte, derrubando templos, ou mutilando-os, saqueando collecções, desfizeram um precioso diadema, quando tanto convinha dar á mocidade das escólas, alli concentrada, a noção mais clara e a mais elevada da arte em todas as suas manifestações.

S. Marcos pertenceu, como convento, á ordem de S. Jeronymo, que povoou Santa Maria de Belem, Penha Longa (Cintra), Nossa Senhora do Espinheiro (Evora), Santa Marinha da Costa (Guimarães), a casa de Nossa Senhora da Penha, na serra de Cintra, e outras. Citar estes nomes é acordar as visões de D. Manoel sobre as rochas escarpadas do Promontorio Magno, espreitando as naus do Gama; evocar as festas deslumbrantes do consorcio d'Evora (1490) e a tragedia na choça do pescador, oito meses depois... O escudo das quinas trocado pelo humilde camaroeiro!

O convento jaz em ruinas, incendiado em nossos dias, por vingança, o que devemos deplorar profundamente, porque as capellas do claustro e o refeitorio continham preciosas esculpturas, retavolos de altares e imagens, pulpitos sumptuosos, fontes e columnatas de que fallam com louvor os documentos ineditos, por nós compulsados. Começaram, porém, a apparecer nos ultimos annos, nos arredores de Coimbra, fragmentos notaveis de esculptura; creio haverem pertencido ao convento, se compararmos os assumptos n'elles visiveis com a descripção dos documentos, o estylo e a mão de obra com alguns dos grandes lavores conservados na egreja. Com alguns, dizemos, porque trabalharam alli differentes gerações de artistas, e em estylos divergentes, como as datas extremas (1510 e 1696) o indicam. A primeira está esculpida sobre a entrada principal; a ultima marca a feitura do grande arco da capella-mór, reformado talvez pela familia do segundo conde de Aveiras, cuja sepultura (primeira da Epistola) foi lavrada em 1672. Certamente esse grande arco triumphal substituiu o anterior, que devia ser manoelino, como é manoelina toda a capella-mór, artesoado da abobada, as duas janellas lateraes, a sepultura da fundadora do convento D. Brites de Menezes (primeira do Evangelho), e as duas seguintes.

Entre as datas extremas 1510 e 1696 intercallam-se umas oito, constituindo uma chronologia incomparavel, como não se encontrará talvez em outro monumento do paiz.

Advirta-se, porém, que a construcção inicial em 1452 por mestre Gil de Sousa, auctor da primitiva traça, continuada por elle até 1464 (anno da sua morte) deu logar a lavores que denunciam um plano primitivo puramente gothico, ao qual pertence, por exemplo, o esplendido cenotaphio de Fernão Telles de Menezes começado em 1471 por sua mulher D. Maria de Vilhena (Vid. adiante).

Ora nenhum dos outros tumulos, e a egreja ainda contém mais seis monumentaes e tres menores (ao todo dez), é anterior a 1510. Estamos pois em frente de um problema.

St Marc

Chapelle principale de l'église

Quelques kilomètres de Coimbra, tout près du village de St. Sylvestre et de la belle route qui mène à Tentugal, se dresse un monument artistique de premier ordre.

Il est presque inconnu, faute d'éléments de vulgarisation indispensables pour éveiller la curiosité des voyageurs; c'est-à-dire, d'un guide artistique sûr et de reproductions économiques, car l'étude de nos monuments ne saurait être l'apanage des classes aisées, surtout lorsqu'ils sont, comme celui-ci, des documents historiques remarquables, illustrés par le ciseau inspiré de la Renaissance portugaise.

Les lignes qui suivent résument les résultats de nos travaux de plusieurs années. Les faits historiques ainsi que les autres indications essentielles à l'étude artistique de ce temple ont été déjà détaillés par nous dans une monographie insérée dans la *Revista de Guimarães* (1897), qui ne manque, pour être complète, que d'un nombre suffisant d'illustrations. Nous nous astreindrons donc, pour le moment, aux seules notes indispensables pour bien marquer l'importance de ce temple qui rappelle les hauts exploits d'une glorieuse lignée de héros — les Silva, dont la maison jouissait de la charge de *Regedor da Justiça* (Grand Chancelier) — et en même temps l'évolution d'une vraie école d'art où se sont formés d'innombrables sculpteurs de la Beira Centrale. Nous allions dire de toute la région artistique dont Coimbra est la capitale, malheureusement mutilée et presque entièrement dépouillée de toutes ses richesses, au grand détriment de l'éducation artistique des nombreux élèves de la vieille Université.

Le couvent de St. Marc appartenait à l'ordre de St. Gérôme, qui peupla Ste. Marie de Belem, Penha Longa (Cintra), Notre Dame de l'Aubépine (Evora), Ste. Marinha da Costa (Guimarães), Notre Dame de la Rocha (Cintra), et d'autres encore. Ces noms évoquent les visions de D. Manuel sur les roches escarpées du grand Promotoire, épiant les navires du Gama; les fêtes somptueuses du mariage d'Evora (1490) et la tragédie dans la hutte du pêcheur, huit mois plus tard — l'écu des *quinas* échangé contre l'humble bonnet de pêcheur!

Le couvent est en ruines, brûlé il n'y a pas longtemps par vengeance, crime d'autant plus déplorable que les chapelles du cloître et le réfectoire contenaient des sculptures précieuses, de belles images et de jolis rétables, des chaires somptueuses, des fontaines et des colonnades dont parlent avec beaucoup d'éloges les documents inédits que nous avons examinés. On a trouvé dans les dernières années quelques morceaux remarquables près de Coimbra, que nous croyons provenir du couvent brûlé, car le style et la facture rappellent d'une manière frappante plusieurs sculptures conservées dans l'église. Cette analogie partielle n'a rien d'étonnant si l'on ne perd pas de vue que, depuis 1510 jusqu'à 1696, cette construction a passé par les mains de beaucoup d'artistes, à styles divergents. La première de ces dates est gravée sur l'entrée principale; la seconde marque la conclusion du grand arc de la chapelle principale, peut-être reconstruite par la famille du deuxième comte d'Aveiras, dont le tombeau (le premier, côté de l'Epître) a été fini en 1672. Ce grand arc triomphal a très probablement remplacé le premier, dont le style aurait dû être *manuelino*, de même que la chapelle principale tout entière, les nervures de la voûte, les deux fenêtres latérales, le tombeau de la fondatrice du couvent, D. Brites de Menezes (le premier, côté de l'Évangile), et les deux tombeaux suivants.

Entre ces deux dates extrêmes, 1510 et 1696, il y a près de huit autres à citer, toute une chronologie incomparable dont on trouverait difficilement un autre exemple dans les monuments de notre pays. Il faut encore remarquer que la construction initiale, dûe à maître Gil de Sousa qui dirigea les travaux, depuis 1452 jusqu'à la date de sa mort survenue en 1464, témoigne d'un devis purement gothique, auquel se rattache aussi le splendide cénotaphe de Ferdinand Telles de Menezes, commencé en 1471 par sa femme D. Maria de Vilhena. Cependant, des dix tombeaux restants de l'église, dont six grands et trois petits, aucun n'a été commencé avant 1510. Il y a là donc un curieux problème à résoudre.

Retavolo do altar-mór

Por uma descoberta em documentos ineditos, achámos o nome do artista, até hoje ignorado: *mestre Nicolau*, a que póde ajuntar-se afoutamente o appellido *Chatranez*, auctor do celebre retavolo de alabastro da capella do Castello Real da Penha, em Cintra. Antes da descoberta já haviamos indicado em 1884 a perfeita analogia das duas obras ao nosso amigo o snr. Antonio Augusto Gonçalves, director da Escóla Industrial de Coimbra, que se tem dedicado com bom proveito ao estudo da esculptura da Renascença na região de Coimbra. Levando a S. Marcos n'uma excursão de estudo a monographia de Schönfeld sobre Andrea Sansovino (Stuttgart, 1881), pois era tempo de acabar com os devaneios de Raczynski, tivemos occasião de demonstrar áquelle nosso amigo ser esteril e infundada a tradição que attribue ao celebre artista italiano, architecto e esculptor, qualquer ingerencia nos lavores esculpturaes da egreja. Renascença francesa é, nascida na extrema fronteira artistica em que os engenhos de França e Flandres se alliam sob a protecção dos Duques de Borgonha e Lorena, os principes mais opulentos e generosos do seculo xv, nas côrtes de Dijon e Nancy. Nem admira que elles nos emprestassem artistas no seculo xvi, quando o aragonês Juan de la Verta concorria victoriosamente na segunda metade do seculo xv (1444-1461) com os maiores artistas de Dijon, na obra dos tumulos da Cartuxa, jazigo dos Duques.

O conde de Raczynski, em viagem por Portugal, guiado pelo dr. Loureiro, medico e, nas horas vagas, director da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, pretendeu descobrir n'este retavolo o cinzel de Andrea Sansovino! n'uma batalha em relevo e n'uma estatua de S. Marcos. Aqui só nos importa o retavolo.

Pelas datas podia ser, pois Andrea viveu de 1460 a 1520; sob o ponto de vista do estylo, o dito não honra o criterio artistico dos dois amigos.

Os documentos confessam que a capella-mór foi construida de 1522-23, o que concorda com a data 1522, consignada n'uma tarja esculpida a um metro do pavimento, no *intrados* do arco da sepultura de Ayres da Silva (3.ª, lado do Evangelho).

Ha mais: no proprio altar figuram o Regedor Ayres (segundo do nome, quinto Senhor de Vagos) e sua mulher D. Guiomar de Castro, nomes confirmados nos respectivos escudos, collocados no friso inferior. O marido é apresentado por S. Jeronymo; a esposa por S. Lucas, ambos adorando o Senhor Morto, descido da cruz, e estendido no meio de um grupo pathetico que contrasta com o movimento pausado e indifferente dos cavalleiros.

Ora Ayres da Silva foi precisamente tambem o constructor da capella-mór, como provámos (*Revista de Guimarães*, pag. 66 e 105); os dois tramos da abobada abrangem tudo o que é manoelino, com as sepulturas n.^{os} 1-5 da nossa planta, e mais nove que desappareceram. A sua biographia está feita, o seu papel em S. Marcos perfeitamente definido pelos documentos.

Vejamos agora a impossibilidade da attribuição sob o ponto de vista artistico e technico.

Tudo, no retavolo, marca a perfeita identidade com o lavor de Cintra: traçado geral, architectonico, composição e schema das scenas; effeitos dos grupos em perspectiva puramente *pictorica*, diminuindo em planos successivos; o caracter das figuras em pleno relevo, módulo d'ellas, typos, trajes, toda a mimica: o *pathos*, emfim, da cruciante tragedia. Em ambos os casos, Cintra e S. Marcos, o artista inspirou-se de composições architectonicas que têm parallelo flagrante em quadros existentes no Museu Nacional, verdadeiras joias da escóla chamada *Grão Vasco*. O facto é eloquente em demasia, para o calarmos por mais tempo. O effeito decorativo é delicioso, apesar de uma estupida polychromia a oleo, moderna, que lhe dá o ar de um presepio de aldeia, á primeira vista.

Mestre Nicolau era um grande decorador, *virtuose* no seu genero, mas desigual na factura, zombando de todos os preceitos que a discrição — iamos dizendo a esthetica — da sua arte lhe impunham. A sua architectura é quasi um plagiato.

Rétable du maître-autel

Les renseignements que nous avons puisés dans quelques documents inédits nous permettent de proclamer le nom, jusqu'à présent ignoré, de l'artiste à qui on doit ce rétable. C'est maître Nicolas, auquel on peut ajouter en toute sureté le surnom de *Chatranais*, l'auteur du célèbre rétable d'albâtre de la chapelle du château royal de Pena, à Cintra.

Avant cette découverte nous avions déjà signalé vers 1884 l'analogie parfaite de ces deux œuvres à M. Antoine Auguste Gonçalves, directeur de l'École industrielle de Coimbra, qui s'est dédié avec beaucoup de succès à l'étude des sculptures de la Renaissance dans la région de Coimbra.

Dans une excursion d'étude à St. Marc, et à l'aide de la monographie de Schönfeld sur Andrea Sansovins (Stuttgart, 1881), nous avons eu l'occasion de montrer à cet ami combien était stérile et dénuée de fondement la tradition, reprise par Raczynski, qui accorde au célèbre artiste italien une part dans les sculptures de l'église. Elles ne relèvent, au contraire, que de la Renaissance française, née dans la frontière extrême où se sont harmonieusement fondus les esprits artistiques de la France et de la Flandre, sous la protection généreuse des ducs de Bourgogne et de Lorraine, dont les cours de Dijon et de Nancy comptaient parmi les plus fastueuses du xv^{e} siècle.

Il n'est donc pas surprenant que nous leur ayons emprunté des artistes au xvi^{e} siècle; et d'ailleurs il faut se rappeler que vers le milieu du xv^{e} (1444-1461) l'aragonais Juan de la Verta concourait victorieusement avec les plus grands artistes de Dijon dans la construction des tombeaux des ducs de Bourgogne, dans la Trappe.

Le comte de Raczynski, voyageant en Portugal guidé par le dr. Loureiro, médecin et, par intérim, directeur de l'Académie des Beaux-Arts à Lisbonne, a prétendu découvrir le ciseau de Andrea Sansovino dans une bataille en bas relief, dans une statue de St. Marc, et dans le rétable du maître-autel, le seul dont nous nous occuperons ici.

Pour ce qui concerne les dates, on peut certainement l'admettre, puisque Andrea a vécu de 1460 à 1520; mais, au point de vue du style, l'hypothèse des deux amis ne fait pas grand honneur à leur criterium artistique.

Les documents rapportent que la chapelle principale a été construite de 1522-1523, ce qui s'accorde avec la date de 1522 gravée à un mètre du sol, sur l'intrados de l'arc du tombeau de Ayres da Silva (le troisième, côté de l'Évangile).

Ce *Regedor* Ayres (2^{e} du nom, 5^{e} seigneur de Vagos) et sa femme D. Guiomar de Castro figurent dans le maître-autel, ainsi que l'attestent les noms inscrits dans les deux écus placés sur la frise inférieure. Le mari est présenté par St. Gerôme, la femme par St. Luc, les deux saints adorant le Seigneur descendu de la Croix et gisant au milieu d'un groupe pathétique, qui contraste avec le mouvement tranquille et indifférent des cavaliers.

Or nous avons démontré que c'est précisément à cet Ayres da Silva que l'on doit l'érection de la chapelle principale (*Revista de Guimarães*, pag. 66 et 105); les deux travées de la voûte contiennent tout ce qui rest de *manuelino*, avec les tombeaux n^{os} 1 à 5 de notre plan et neuf autres qui ont disparu. La biographie de ce personnage est faite et son rôle à St. Marc parfaitement établi par les documents.

Quant à l'impossibilité de l'hypothèse au point de vue technique et artistique, tout dans le rétable dénote l'identité complète avec l'œuvre de Cintra: le tracé général architectonique, et le schéma des scènes, la perspective purement picturale des groupes en plans graduellement éloignés, le caractère des figures en plein relief, leurs modules, les types et les vêtements, toute la mimique, le *pathos*, enfin, de la divine tragédie. Dans l'une comme dans l'autre des deux compositions, à Cintra et à St. Marc, l'artiste s'est inspiré de motifs architectoniques parallèles à ceux des tableaux du Musée National qui se classent dans l'école dite du Gran Vasco; cette analogie est trop visible pour pouvoir être contestée.

L'effet décoratif du rétable est délicieux, malgré une stupide polychromie récente, qui donne de prime abord à ce splendide morceau l'air d'une sainte-crèche villageoise. Maître Nicolas était un habile décorateur, un *virtuose* à facture inégale se souciant fort peu des règles admises — peut-être même de l'esthétique — de son art. Son architecture est presque un pastiche.

Capella dos Reis Magos

Um encanto! Talvez a mais formosa capella de pura Renascença que possuimos no reino. Proporções finamente sentidas, n'um lavor que desafia a mais escrupulosa critica; pureza absoluta de desenho em todos os pormenores e uma sciencia no calculo de todos os effeitos do relevo, de luz e de sombra que só um artista consummado era capaz de idear. Ahi temos um primor que o proprio Francisco de Hollanda applaudiria como a idealização peninsular de um pensamento nascido na sua Italia, tão amada. Esses cherubins, que povoam os frisos, os arcos, os pendiculos da cupula, entoam um harmonioso villancico ao divino acto da adoração dos Magos, traduzido n'um delicioso retavolo outr'ora posto no logar da pobrissima pintura do altar principal. Á entrada, sob o entablamento, S. Pedro e S. Paulo, debruçando-se pelos medalhões fóra, pararam no dialogo, para escutar, sorrindo, as argentinas vozes. Repare-se no gesto senhoril, nas mãos dos apostolos! — nos dois cherubins alados, contrapostos ás maleficas carrancas dos consolos dos pilares — o triumpho da gentileza, a graça suprema derramada por toda a fabrica. É indispensavel restituir a esculptura dos Reis Magos ao seu logar.

Conhecemos bem algumas bellas reminiscencias d'esta joia da arte nacional, se não é que o abençoado artista se multiplicou, creando outros primores na Merceana, junto de Alemquer, na matriz de Montemór-o-Velho (Nossa Senhora dos Anjos), em Coimbra (Collegio de S. Thomas, e nos retavolos dos claustros da Sé Velha, recentemente descobertos), etc., mas nenhum attinge os primores d'esta capella. A sobreposição das columnas menores nos estribos dos grandes pilares, em vez do apoio sobre o capitel supprimido, dá um ar de suprema elegancia e *sveltezza* a todo o portico. Os grandes pilares continuam para o segundo corpo por um artificio engenhoso: a base alteada das columnas corinthias, reduzidas de um terço na sua altura. Esta ideia constructiva foi copiada n'uma das capellas da matriz de Montemór, já citada; são tres e de mui fino escopro. O brasão dos Silvas, posto n'uma das tres joias, denuncía alli tambem a intervenção da poderosa e magnifica familia dos *Regedores da Justiça*.

Por esta porta triumphal penetra-se na capella, abrigo e ultima morada de dois heroes. Se a illustre viuva do fundador da Casa de Unhão podia affirmar a sua Real linhagem e louvar um egregio marido de quem a morte «houve enveia de seu crecimento pois no milhor da vida o levou», que dizer ou contar da outra viuva que mandou seis filhos á Mauritania, com ordem de não voltarem sem augmento da honra dos maiores e da patria? Quatro lá ficaram mortos...

D. Antonia de Vilhena é a austera dona. Jaz com seu marido Diogo da Silva (1511-1556), lado do Evangelho. Varonil e prudente educadora de seus filhos, rejeitou, apesar de nova, bella e rica, todos os projectos de segundo casamento, merecendo pelas suas virtudes o cognome: *Viuva da Observancia*, tão significativo n'esta egreja que resoa como um canto dos *Luziadas*, archivo heraldico onde abundam as mais bellas inscripções e se talharam letras na pedra com o gladio da Justiça! Sublime eloquencia essa, por ser a expressão da alma da patria: *Pela ley, pela grey.*

D. Antonia de Vilhena foi não só a promotora da sepultura do marido, mas da formosissima capella, depois da morte do esposo (1556). Talvez se lhe possa attribuir tambem a capella e o monumento não menos bello, do sogro João da Silva (terceiro do nome e sexto Senhor de Vagos) que se ufana com o formoso retavolo de Nossa Senhora da Assumpção (1559), outro concerto ao divino em que são musicos os cherubins da aureola.

Do lado da Epistola jaz o setimo Senhor de Vagos, Lourenço da Silva e sua mulher D. Ignes de Castro. Não tem inscripção. Cahiu morto em Alcacer-Quebir (1578) ao lado d'El-Rei, defendendo-o.

O celebre Duarte Nunes de Leão, dirigindo uma carta a este Lourenço, pinta a familia dos Silvas, *Regedores*, com singular eloquencia. Não ha melhor commentario para elucidar o visitante á entrada do extraordinario pantheon (J. Pedro Ribeiro, *Reflexões historicas*, vol. II, pag. 124-130). Leiam, descubram-se e ajoelhem perante uma geração de heroes a que está ligada a mais illustre nobreza de todo o reino e ainda a maior e melhor parte da hespanhola.

Chapelle des Rois Mages

C'est là peut-être la plus belle chapelle dans le style pur de la Renaissance qu'on trouve dans tout le royaume! Proportions finement senties qui défient la critique la plus exigeante, pureté absolue de dessin dans tous les détails, science consommée dans les effets de lumière, d'ombre et de relief que seul un artiste de premier ordre aurait pu concevoir et exécuter. Voilà certes un chef-d'œuvre que François de Hollande lui-même aurait applaudi comme l'idéalisation peninsulaire d'une idée originaire de son Italie adorée. Ces chérubins qui peuplent les frises, les arcs, les pendentifs de la coupole entonnent un chœur harmonieux à la scène sacrée de l'adoration des Mages, traduite dans un charmant rétable, autrefois placé sur le maître-autel et substitué plus tard par une peinture insignifiante. A l'entrée, sous l'entablement, St. Pierre et St. Paul, sortant de deux médaillons, se penchent souriants pour mieux écouter les voix argentines. Remarquez le geste noble, les mains de ces apôtres — les deux chérubins ailés qui font face aux mascarons maléfiques sortant des consoles des piliers! Quel charme dans cet ensemble, que de grâce répandue dans tout ce délicieux travail! Il est vraiment indispensable de remettre à sa place la sculpture des Rois Mages.

Nous connaissons bien quelques reminiscences de ce précieux joyau de l'art national — et peut-être sont elles aussi sorties des mains de cet admirable artiste — à Merceana, près d'Alemquer, à Montemór-o-Velho, dans l'église paroissiale (Notre Dame des Anges), à Coimbra (Collège de St. Thomas, et dans les rétables récemment découverts de la vieille Cathédrale); mais tout pâlit devant cette chapelle. La superposition des petites colonnes, non sur les chapiteaux, qui sont absents, mais sur les arcs-boutants des grands piliers, donne beaucoup d'élégance et de *sveltezza* à tout le portique. Les grands piliers se prolongent jusqu-au deuxième corps au moyen d'un artifice ingénieux, l'exhaussement de la base des colonnes corinthiennes, réduites d'un tiers dans leur hauteur. Cette idée constructive est reproduite dans une des chapelles de l'église paroissiale, citée plus haut, de Montemór. Elles sont au nombre de trois, et très finement travaillées; l'écusson des Silva, sculpté dans une de ces belles pièces, dénonce, là encore, l'intervention de la puissante et magnifique famille des *Regedores de Justiça.*

Ce portique triomphal donne accès à la chapelle où reposent les restes de deux héros. Si l'illustre veuve du fondateur de la maison d'Unhão peut être fière de son lignage royal et vanter, dans son mari, l'homme éminent dont «la Mort envia l'exaltation et l'emporta au plus fort de la vie», que dire de l'autre veuve qui envoya six de ses enfants aux guerres de la Mauritanie, les sommant de ne pas revenir avant d'avoir conquis de nouveaux honneurs aux aïeux et à la patrie? Quatre d'entre eux y laissèrent la vie...

Cette noble dame, à l'âme antique, portait le nom D. Antonia de Vilhena; elle gît près de son mari Diogo da Silva (1511-1536), côté de l'Évangile. Prudente et virile éducatrice de son illustre lignée, elle rejeta, quoique jeune, belle et riche, toutes les propositions de secondes noces, et mérita par ses vertus le surnom significatif de *Veuve de l'Observance*, qui résonne comme un texte des *Lusiades* dans cette église, archive héraldique pleine de belles inscriptions gravées avec le glaive de la Justice! Quelle éloquence sublime dans la devise, qui traduit l'âme d'un peuple: *Pela ley, pela grey!*

D. Antonia de Vilhena, qui ordonna la construction du tombeau de son mari, fit aussi ériger après sa mort (1556) la belle chapelle qui le contient. Peut-être lui peut-on attribuer la chapelle et le monument, également remarquable de son beau-père Jean da Silva (3e de ce nom, 6e seigneur de Vagos), où l'on admire le joli rétable de Notre Dame de l'Assomption (1559) — un autre concert celeste entonné par les chérubins de l'auréole.

Du côté de l'Épitre sont enterrés le 7e seigneur de Vagos, Laurent da Silva, et sa femme D. Inès de Castro. Il n'y a aucune inscription. Ce noble chevalier est tombé à Alcacer-Quebir (1578) à côté du Roi, dont il défendait la vie.

Le célèbre Duarte Nunes de Leão, dans une lettre adressée à ce Laurent da Silva, décrit la famille des Silva, les *Regedores*, avec une rare éloquence. Il n'y a pas de meilleur commentaire à l'extraordinaire panthéon qui nous occupe (J. Pedro Ribeiro, *Reflexões historicas*, vol. II, pag. 124-130). Lisez-le et découvrez-vous avec respect devant cette dynastie de héros à laquelle se rattache la haute noblesse du Portugal et les meilleures familles de l'Espagne.

Tumulos de Fernão Telles de Menezes e João da Silva

Na ordem chronologica deveria figurar antes do magnificente primeiro morgado de Unhão sua mãe, D. Brites, fundadora do convento, e seu irmão primogenito, o quarto Senhor de Vagos, ambos orando em ediculos manoelinos, muito posteriores em estylo. Dizem os documentos, como já contamos, que sua mulher mandára começar a sepultura em 1471. Morrendo o architecto mestre Gil em 1464 e a fundadora já em 1462, é natural perguntar o visitante: que faz este singular monumento archaico, severo e sobrio, no meio da florescencia da nova arte italiana, que triumpha até da morte?

Antes da fundação do convento existia em seu logar uma ermida da mesma invocação, cujo estylo só podemos conjecturar, e uma quinta com paços dos Silvas. O que sabemos, porém, é que a ermida estava de pé em 1454 e que nos falta um tumulo muito importante, um monumento mais antigo que nos poderia elucidar sobre o lavor do primitivo templo. Era o do segundo senhor de Vagos João Gomes da Silva, o proprio fundador da ermida (fallecido a 25 de março de 1444) «a qual sobre o seu tumulo estava levantada». O logar d'este está determinado por um documento de 1690 e confirmado por outro de 1832, que ambos lhe assignalam a mesma collocação defronte da sepultura de Ayres Gomes da Silva, terceiro Senhor de Vagos (1399 + 1454), casado com a fundadora em segundas nupcias. Esta ainda existe e é extremamente simples, com emblemas que recordam a geração do Duque Regente e divisas francesas. Comquanto perdida (roubada ou destruida) a sepultura de João Gomes, salvou-se a inscripção; ostenta tambem as tenções francesas e emblemas correspondentes.

De tudo isto devemos concluir: que em S. Marcos houve duas sepulturas que pertenceram á antiga ermida fundada em 1441 (1.° grupo); uma desappareceu; que o cenotaphio de Fernão Telles é talvez o unico vestigio denunciador da intenção artistica de mestre Gil; que este, morrendo em 1464 nada tem que vêr com a capella-mór manuelina, o nucleo mais antigo (1522-23) conservado hoje em S. Marcos; finalmente que havendo-se trabalhado com o maior engenho e concordancia de pensamento e estylo em outros tumulos, capellas, altares, retavolos e fontes durante todo o seculo XVI (ultima data: 1588) se lembravam de alterar o caracter da egreja em 1692, rasgando o grande arco triumphal e alteando a nave, com manifesto desequilibrio de todas as proporções. O atrio e o frontispicio do templo ainda são posteriores, isto é: francamente rocóco.

O mausoleu de Fernão Telles é de um typo conhecido em Hespanha e França. Em Portugal tem uma analogia em Evora, no ediculo heraldico collocado á entrada da Egreja dos Loyos, fundação de D. Rodrigo de Mello, primeiro conde de Olivença (6 de maio de 1485), genro da fundadora do convento de S. Marcos, por sua mulher D. Isabel de Menezes.

Faremos sómente algumas observações: os homens *hirsutos* que desviam as cortinas são um motivo bem conhecido na heraldica dos povos do norte, e mesmo na do vizinho reino (Burgos e Salamanca). A inscripção em letra gothica foi por nós publicada, assim como todas as do templo e as de umas dezeseis campas que desappareceram, sendo reintegradas na planta illustrativa do nosso estudo, á qual remettemos o leitor. A côr escura da inscripção resulta do carvão, que alguem applicou no intuito de lêr mais facilmente as abreviaturas intrincadas da letra gothica. Os escudos são: á direita o da esposa (Manoeis e Silvas); á esquerda o do marido (Silvas); no centro a combinação dos dois; a ornamentação é symbolica: *amoras entre silvas*. O vulto, de uma grandiosa severidade. É innegavel a analogia do estylo com monumentos sepulchraes ainda existentes em Santarem (D. Duarte de Menezes, no Museu municipal), em Abrantes (jazigo dos Almeidas em Santa Maria do Castello) e com os tumulos da Batalha, na capella do fundador. O ediculo á direita contém os restos e a inscripção do primeiro Senhor de Vagos, Gonçalo Gomes da Silva (fallecido em 1386), trasladado de Evora em 1572 por diligencia de Lourenço da Silva, setimo Senhor de Vagos. O material é calcareo, muito alvo, a chamada pedra de Ançã, que abrange differentes variedades.

João da Silva (segundo do nome, quarto Senhor de Vagos, filho primogenito de Ayres Gomes da Silva e D. Brites de Menezes), que morreu heroicamente em 1475, jaz entre seu filho Ayres da Silva e sua mãe. Está em sepultura irmã da do filho, de que se vê apenas um fragmento. Esta ultima não tem letreiro, nem sequer brasões, sendo aliás ultima morada do varão que mais dispendeu na egreja. São dois ediculos manoelinos, que differem apenas em detalhes da ornamentação, de resto muito caracteristica. A sua riqueza decorativa compensa a penuria das linhas constructivas.

Joaquim de Vasconcellos.

Tombeaux de Ferdinand Telles de Menezes et de Jean da Silva

Avant le magnifique Ferdinand Telles, fondateur du majorat de Unhão, se placent, dans l'ordre chronologique, son frère aîné, 4e seigneur de Vagos, et sa mère D. Brites de Menezes, fondatrice du couvent, qu'on peut voir, dans l'attitude de la prière, sous deux édicules de style *manuelino* très postérieur à leur époque. Les documents dont nous avons déjà parlé, assurent que la femme du premier seigneur de Unhão fit commencer son tombeau en 1471. Or l'architecte initial maître Gil de Sousa étant mort en 1464 et la fondatrice en 1462, le visiteur, perplexe se demande naturellement comment se trouve là ce singulier monument archaïque, sévère et sobre, en pleine floraison du nouvel art italien qui triomphe même de la mort.

Avant la fondation du couvent, il y avait à sa place un manoir des Silva et une chapelle, sous la même invocation, dont nous ne pouvons juger le style que par conjectures. Cette chapelle, encore debout en 1454, avait été érigée par Jean Gomes da Silva, 2e seigneur de Vagos (décédé le 15 mars 1444), et gardait son tombeau, à prèsent disparu. Un document daté de 1690, confirmé par un autre de 1832, le placent vis-à-vis du tombeau de Ayres Gomes da Silva, 3e seigneur de Vagos (1399-1454) marié en secondes noces avec la fondatrice du couvent. Ce dernier tombeau d'une facture extrêmement simple, existe encore; il porte des emblèmes qui rappellent la génération du Duc Régent, et des devises françaises. Quant à celui de Jean Gomes, quoique perdu, on en conserve encore l'inscription, avec des devises françaises et les emblèmes correspondants.

De tout cela on doit conclure: qu'il y avait à St. Marc deux tombeaux provenant de l'ancienne chapelle fondée en 1441 (1er groupe) et dont un a disparu; que le cénotophe de Ferdinand Telles est peut-être la seule trace de l'œuvre artistique de maître Gil; que celui-ci, mort en 1464, n'a rien à voir avec la chapelle principale, du style manuelino, la partie la plus ancienne (1522-23) de tout ce qu'on admire aujourd'hui à St. Marc; et en dernier lieu, qu'après une foule de tombeaux, de chapelles, de rétables, et de fontaines, exécutés dans une parfaite concordance de styles et d'idées pendant tout le XVIe siècle (dernière date 1588), on s'est avisé en 1692 d'altérer le caractère de l'église, en rompant le grand arc triomphal et en exhaussant la nef, au grand dommage de toutes les proportions. Le parvis et la façade du temple sont encore postérieurs; c'est-à-dire, franchement rococo.

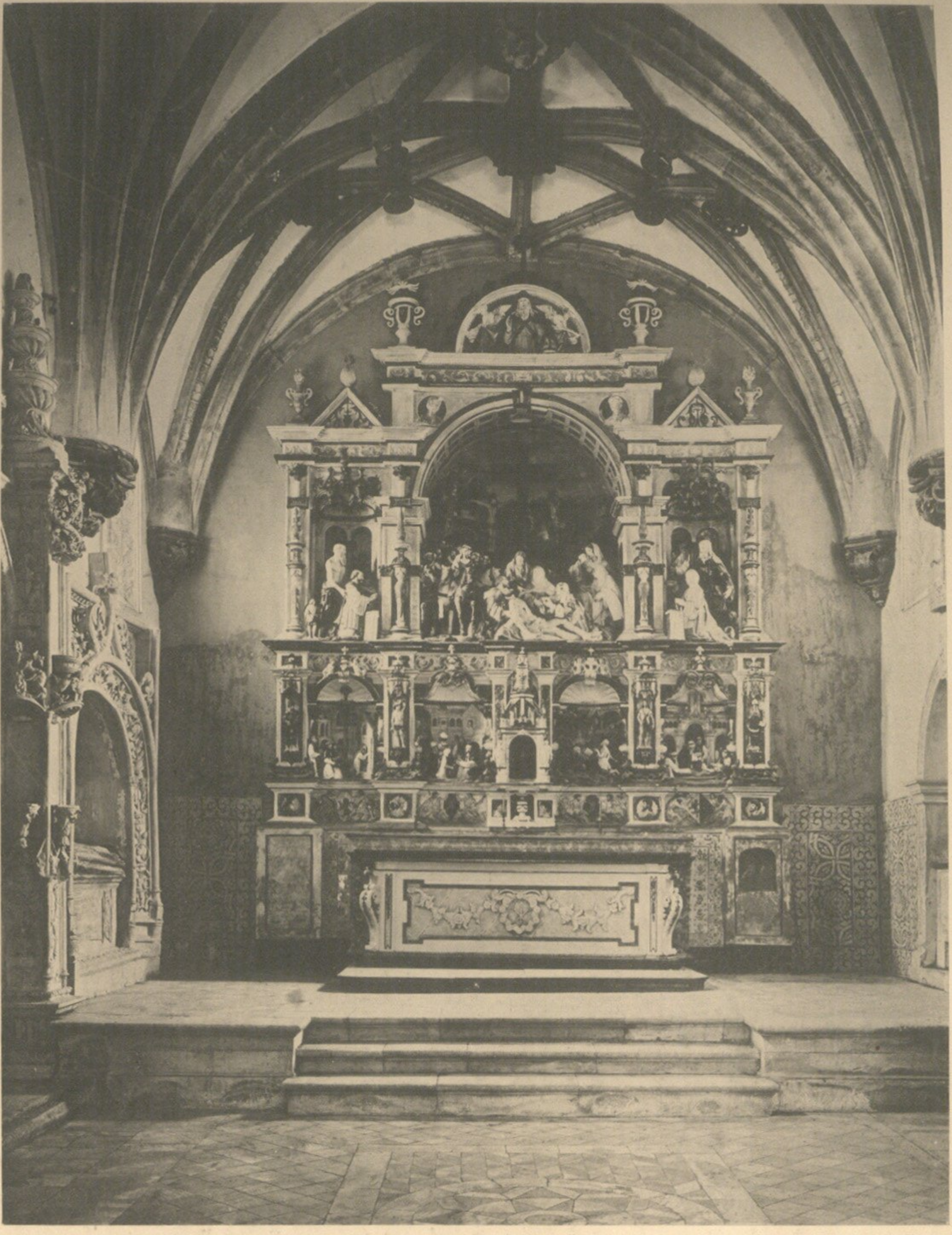
Le mausolée de Ferdinand Telles appartient à un genre assez connu en Espagne et en France. Nous en connaissons aussi l'analogue chez nous, à Evora, dans l'édicule héraldique placé à l'entrée de l'église des frères, fondation de D. Rodrigo de Mello, premier comte d'Olivença (6 mai 1485), beau-fils, par sa femme, D. Isabel de Menezes, de la fondatrice du couvent de St. Marc. Nous nous bornerons ici à quelques notes explicatives: les hommes *hirsutes* qui écartent les rideaux forment un motif bien connu dans le blason des peuples du nord, et aussi de l'Espagne (Burgos et Salamanque). L'inscription en lettres gothiques a été publiée par nous, ainsi que toutes celles du temple et de seize autres qui ont disparu mais que nous avons réintégrés dans le plan de notre étude, auquel nous renvoyons le lecteur.

La couleur sombre de l'inscription est due au charbon dont quelqu'un s'est servi pour mieux déchiffrer les abréviations de la lettre gothique. Les écussons sont: à droite celui de la femme (Manue et Silva), à gauche celui du mari (Silva), au centre la combinaison des deux; l'ornementation est symbolique: *mûres entre des ronces*. Le corps est taillé avec une sévère grandeur.

La ressemblance est évidente entre ce monument et d'autres tombeaux qui existent encore à Santarem (D. Duarte de Menezes, dans le Musée municipal), à Abrantes (mausolée des Almeida à Ste. Marie du Château), à Batalha, dans la chapelle du fondateur. L'édicule à droite contient les restes et l'inscription tumulaire du 1er seigneur de Vagos, Gonsalo Gomes da Silva (décédé en 1386), transporté d'Evora en 1572 par les soins de Lourenço da Silva, 7e seigneur de Vagos. Le matériel est du calcaire très blanc, connu sous le nom de pierre d'Ançan, qui comprend plusieurs variétés.

Jean da Silva (2e de ce nom, 4e seigneur de Vagos, fils aîné de Ayres Gomes da Silva et de D. Brites de Menezes), qui est mort héroïquement en 1475, gît entre son fils Ayres da Silva et sa mère. Le tombeau, dont il ne reste qu'un fragment, est pareil à celui de son fils. Celui-ci ne porte pas d'inscription, pas même d'écusson armorié; et cependant il contient les restes de celui qui a le plus dépensé dans la construction de l'église. Ce sont deux édicules de style *manuelino*, qui ne diffèrent que par quelques détails dans l'ornementation d'ailleurs très caractéristique. La richesse de cette décoration compense la pénurie des lignes constructives.

Joaquim de Vasconcellos.

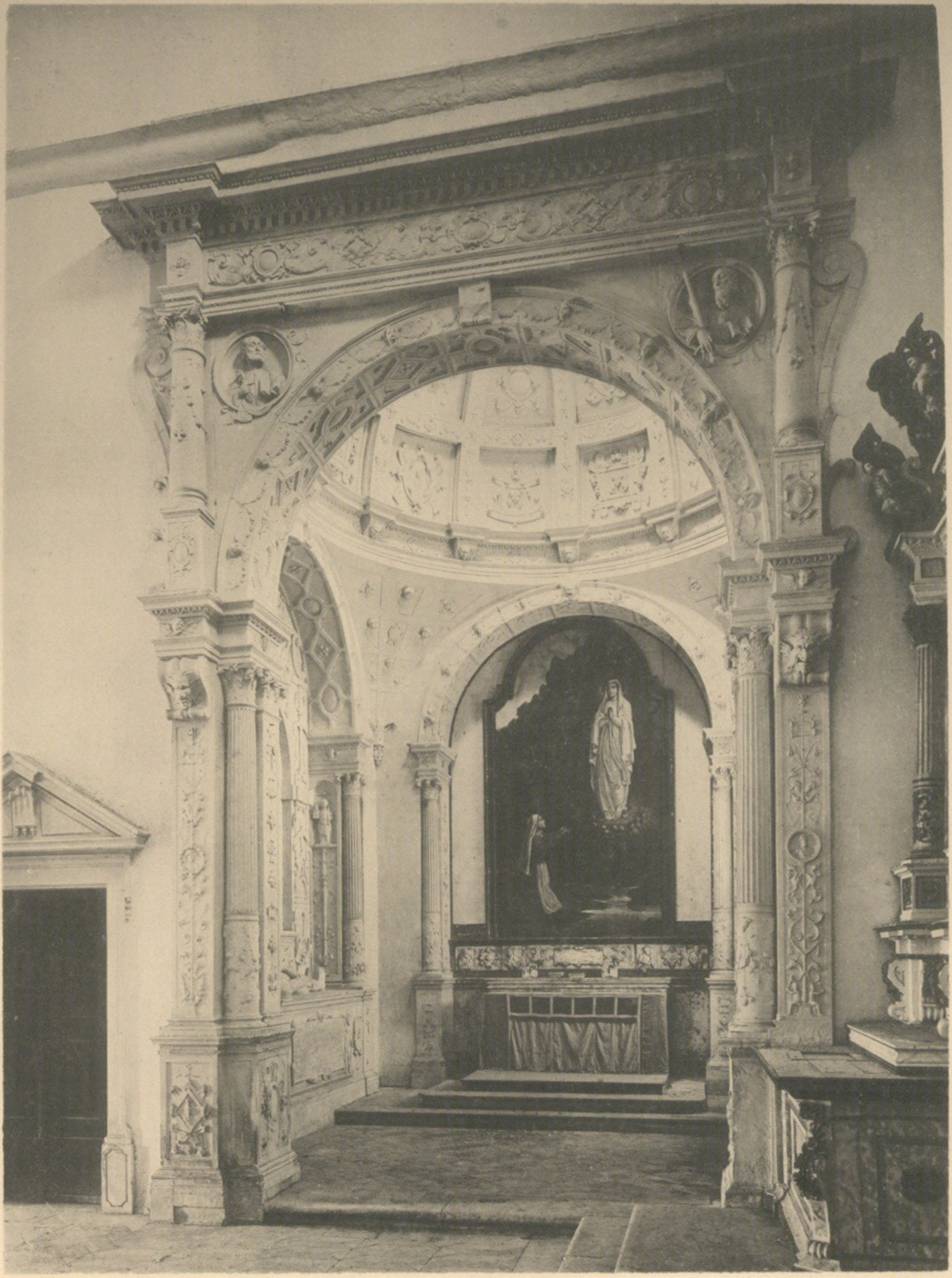


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Capella-Mór e Retabulo

S. MARCOS

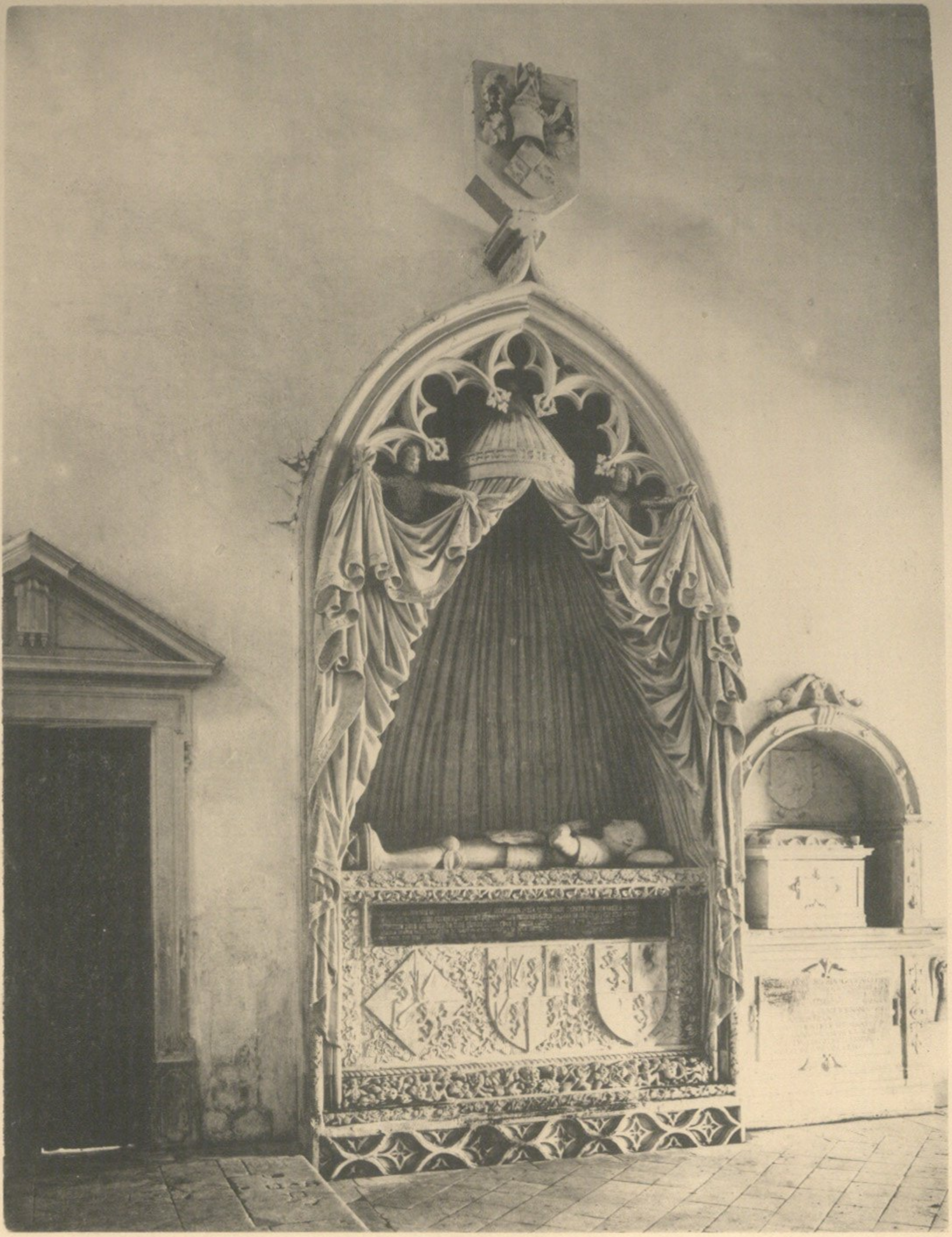


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Capella dos Reis Magos

S. MARCOS

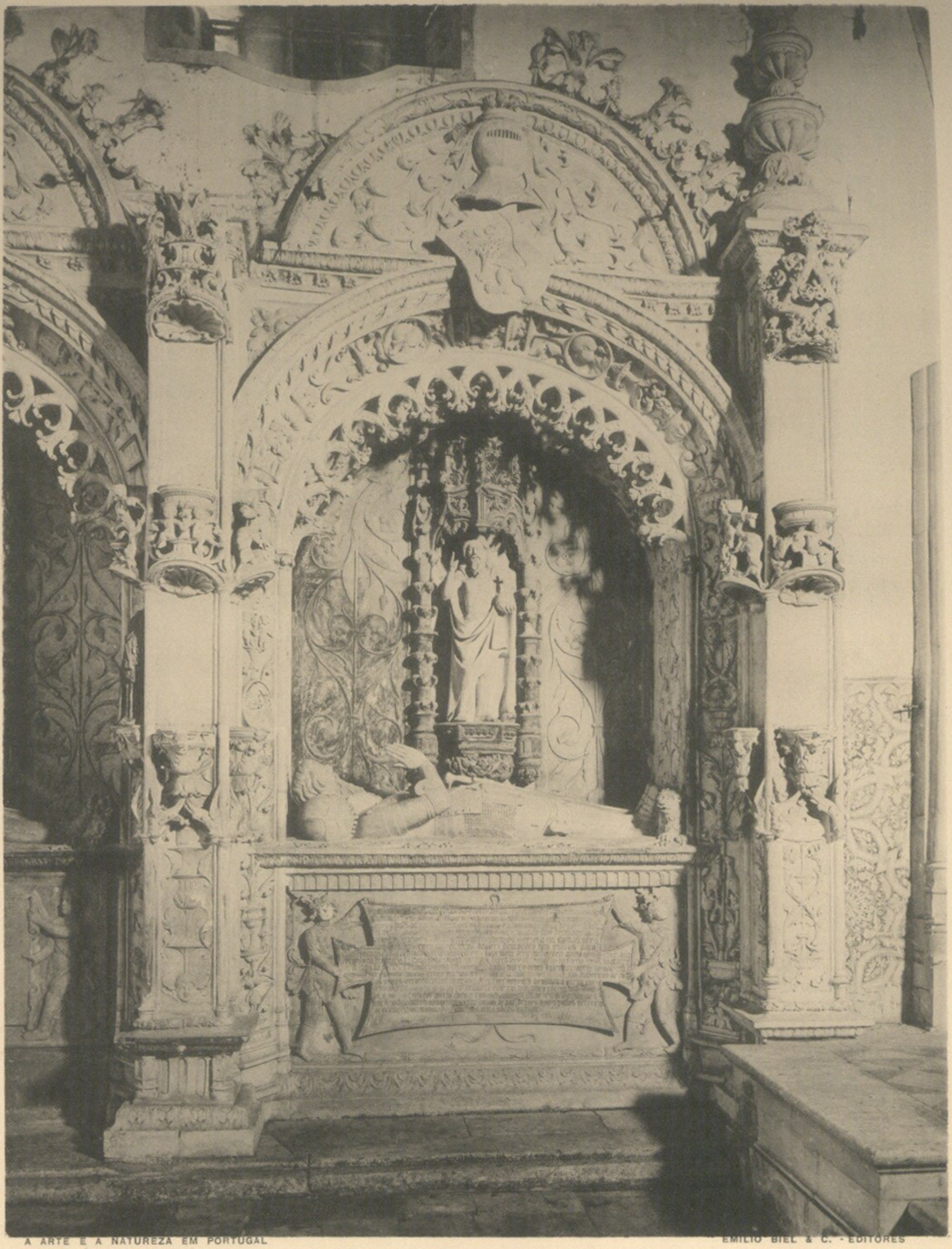


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Tumulo de Fernão Telles de Menezes

S. MARCOS



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C. - EDITORES

Tumulo de João da Silva
IV Senhor de Vagos

S. MARCOS

Barcellos

São tantas e tão variadas as opiniões emittidas pelos diversos escriptores que se têm occupado de Barcellos sobre sua origem e a de seu nome, sem que, no meio de tamanha differença d'alvitres, se possa assentar juizo seguro sobre um ou outro ponto, que por melhor tenho, até porque para isso me escasseia espaço, o não me espraiar sobre o caso dando apenas como assente, em que todos são accordes, que a fundação de Barcellos data de tempos antiquissimos, e, quando não de época anterior, da dos romanos em que já era povoação de vulto e séde até de bispado.

Na vida historica de Portugal figura Barcellos desde os primitivos tempos da monarchia, pois que D. Affonso Henriques lhe deu foral, confirmado por D. Manoel, com alargamento de honras e direitos, tendo seus procuradores assento em Côrtes no banco 14.

Sua importancia, porém, n'esta época, vem-lhe verdadeiramente do reinado de D. João I em que este monarcha, vago o condado de Barcellos (o primeiro que foi creado em Portugal, com feudo particular em uma terra, por el-rei D. Diniz em 1298 na pessoa de D. João Affonso de Menezes) pelo fallecimento de seu 7.º conde D. João Affonso Telles de Menezes, irmão da rainha D. Leonor, viuva de D. Fernando, o qual tendo tomado partido por Castella foi morto na batalha d'Aljubarrota, com elle premiou D. Nuno Alvares Pereira pelo vencimento da batalha de Valverde, continuando a mercê d'elle, a bel-prazer do heroico condestavel, em D. João seu proprio filho perfilhado, que se casára com D. Beatriz Pereira filha de D. Nuno e que, ao mesmo tempo que elevado a 9.º conde de Barcellos, era creado 1.º duque de Bragança; e data-lhe desde então a importancia, pois que este elegendo-a para solar de sua estirpe, rejuvenesce a velha povoação, refazendo-a de novo, cerca-a de fortissimas muralhas com alterosas torres, construe-lhe a excellente ponte sobre o Cávado, o antigo Celano, e levanta a seu cavalleiro magnifico e altaneiro paço em que por vezes fixa residencia, ligando-o com a egreja matriz, elevada a insigne Collegiada, com diversas dignidades e conegos e largas rendas, obra esta completada por seu filho D. Fernando I, e dá-lhe as armas que ainda hoje conserva como proprias e são: — em um escudo uma ponte, torre e ermida com um carvalho á porta e por cima, em facha, tres escudos pequenos, dois com as quinas do reino, e o do meio com uma aspa — divisa esta do proprio D. Affonso.

Seguidamente foi sempre Barcellos crescendo e augmentando em valia, sob tão poderosa egide, qual a de seus condes, elevados a duques por el-rei D. Sebastião na pessoa de D. João I, filho de D. Theodosio I, cuja casa a mais poderosa da peninsula e hombreando bem, nas honras, dignidades, riquezas, pragmatica e numero de fidalgos, dependentes e serviçaes com a real, e alargando seu termo a ponto tal que chegou este a contar 113:485 almas em cento e noventa e cinco freguezias, com muitas das quaes, desmembradas d'elle, se fez a importante comarca de Famalicão, e se augmentaram as de Braga, Guimarães, Ponte do Lima, Santo Thyrso, Vianna do Castello, Villa do Conde, e mais modernamente Povoa de Varzim e Espozende, e sua antiga comarca chegou a ser tão extensa e dilatada que teve uma rua em Lisboa, trocada posteriormente pelas villas do Eixo, Páos, Oys da Ribeira Villarinho do Bairro e seus annexos, estendendo-se desde o Vouga até Castro Laboreiro, comprehendendo, por sua ordem alphabetica, os concelhos, coutos e honras de Baltar, Castello de Paiva, Castro Laboreiro, Correlhã, Espozende, Farelães, Ferreiros de Tendaes, Gondufe, Landim, Larim, Louzada, Melgaço, Nogueira, Portella de Penella ou das Cabras, Tendaes, Villa Chã, Villa do Conde, Villa d'Eixo, Villa d'Oys da Ribeira, Villa de Páos, Villa de Rates e Villarinho do Bairro.

Hoje com as successivas desmembrações o concelho e comarca de Barcellos conta noventa e cinco freguezias, algumas d'ellas annexadas, e cerca de 50:000 almas.

Demora a villa de Barcellos na margem direita do Cávado, um dos formosos rios do Minho, onde todos o são, apenas contando ahi como emulos vencedores o Lima e o Minho, a que antigamente, testemunho d'essa affirmativa, era dado o nome de Celano — *Cœli amnis* «rio do céo», — em aprazivel e saudavel situação, lavada dos ventos, e circumdada de ferteis terrenos, bem cultivados e povoados de pittorescos casaes e de quintas, e acha-se ligada com Barcellinhos, sita fronteira, na margem esquerda do rio e que lhe é como que suburbios, ainda que, em sua immodestia aspirando a rival, pela antiga

---

Barcellos

Les origines et le nom de Barcellos ont été l'objet de nombreuses et longues controverses qui n'ont toutefois abouti qu'à une seule conclusion sûre: l'antiquité considérable de la ville, dont l'importance était même assez grande, au temps de la domination romaine, pour en faire le siége d'une évêché.

Dès les premiers temps de la constitution des États portugais elle commence à figurer dans ses fastes historiques. Le roi D. Alphonse Henriques, fondateur de la première dynastie, lui octroya une charte, confirmée quelques siècles plus tard par D. Manuel et agrandie de beaucoup d'honneurs et de franchises; les procureurs de la ville prenaient place dans les Cortès sur le banc nº 14.

Son importance, cependant, ne date que du règne de D. Jean I. Le comté de Barcellos, le premier érigé en Portugal vers 1298 par D. Denis et donné à D. Jean Alphonse de Menezes, ayant vaqué par la mort du 7e comte D. Jean Alphonse Telles de Menezes (frère de la reine D. Leonor, veuve du roi D. Ferdinand), tué dans le champ de bataille d'Aljubarrota, le roi D. Jean I en transféra le titre à D. Nuno Alvares Pereira, vainqueur de la bataille de Valverde et connétable du royaume. Le comté échut ensuite à D. Jean, bâtard adopté du roi, marié à une fille du connétable et plus tard 1er duc de Bragance.

Le nouveau comte se fixa à Barcellos où il bâtit un magnifique palais; il fit entourer la ville de fortes murailles et de tours élevées, jeter un beau pont sur le Cávado, et construire la remarquable Église Collégiale (terminée par son fils D. Ferdinand I), à laquelle étaient attachées beaucoup de dignités et de larges revenus; enfin il donna à la ville les armes qu'elle porte encore: un pont, une tour et une chapelle, avec un chêne à côté, et en haut sur bande, trois petits écussons dont les deux extrêmes portent les *quinas* royales et celui du milieu un sautoir — la devise adoptée par D. Alphonse.

Sous la protection des comtes — élevés par D. Sébastien à la dignité de ducs dans la personne de D. Jean I, fils de D. Théodose I, dont la maison, la plus puissante de la Péninsule, rivalisait en honneurs, richesses et dignités avec la maison royale — Barcellos redoubla d'importance et prit à la longue une telle extension qu'elle parvint à renfermer dans sa banlieve jusqu'à 113:485 âmes et 195 paroisses, dont beaucoup servirent plus tard à former la jurisdiction de Famalicão et à élargir celles de Braga, Guimarães, Ponte do Lima, Sto. Thyrso, Vianna do Castello, Villa do Conde, et plus récemment de Povoa de Varzim et Espozende. L'ancienne jurisdiction de Barcellos s'étendait depuis le Vouga jusqu'à Castro Laboreiro et comprenait les fiefs, domaines et communes de Baltar, Castello de Paiva, Castro Laboreiro, Correlhan, Espozende, Farelães, Ferreiros de Tendaes, Gondufe, Landim, Larim, Louzada, Melgaço, Nogueira, Portella de Penella, Tendaes, Villa Chan, Villa do Conde, Villa de Rates, Villa d'Eixo, Villa d'Oys da Ribeira, Villa de Páos, et Villarinho do Bairro; elle avait même d'abord une rue à Lisbonne, échangée plus tard contre les quatre derniers bourgs cités. Aujourd'hui la commune et la jurisdiction de Barcellos comptent 95 paroisses, dont plusieurs annexées, et près de 50:000 âmes.

La ville est gracieusement sise sur la rive droite du Cávado, l'ancien Celano (*Cœli amnis,* fleuve céleste), une des plus belles rivières du nord du Portugal, à peine surpassée par le Minho et le Lima; elle est éloignée de 10 kil. de l'embouchure, à Espozende, de 15 kil. de Braga, chef-lieu du département, de 25 kil. de Vianna do Castello, et de 40 kil. de Porto; en face, sur la rive gauche se lève Barcellinhos qui, en dépit de toutes ses prétentions, n'est somme toute qu'un joli faubourg, relié à la ville par le vieux pont, tout récemment embelli et amélioré. C'est justement au bout de ce pont qu'on peut voir encore, à gauche la chapelle de Notre Dame du Pont, et à droite un chêne qui figurent dans les armes de la ville.

L'emplacement en est pittoresque et salubre, et les environs sont charmants et pleins de riantes maisons de campagne et de terres très fertiles; dont plusieurs peuvent même être prises pour des modèles d'exploitation agricole; nous ne citerons que celle de Villar de Frades, près de l'ancien couvent e solidamente construida ponte, que ha poucos annos com os melhoramentos, que em seu piso e passeios lateraes foram feitos, ficou sendo uma das melhores e mais formosas de Portugal. No fim d'esta ao desembocar em Barcellinhos ficam, á esquerda a ermida de Nossa Senhora da Ponte e á direita um carvalho, fazendo ambos parte integrante das armas da villa.

Sendo assento d'esta a 10 kilometros da foz do Cávado, que a tem em Espozende, a 15 de Braga, capital do districto, a 25 de Vianna do Castello e a 40 do Porto, conta ella cerca de 5:000 habitantes, e tendo-lhe nos ultimos tempos sido introduzidos muitos melhoramentos, póde bem dizer-se uma das povoações mais consideraveis do reino, assim como é das mais pittorescas, tanto pelo que respeita ao seu numero de visinhos, como a suas ruas, largos, praças, edificios publicos e particulares, como ainda a sua riqueza e movimento commercial e sobretudo agricola.

Seus arrabaldes são encantadores, e offerecem passeios deliciosos ladeados aqui e acolá, como já atraz se disse, de excellentes vivendas e de magnificas quintas, algumas d'estas modelares de trabalhos agricolas, como a de Villar de Frades, junto do antigo convento d'este nome, na freguezia de Areias de Villar, e que d'esta era parte integrante, pertencente aos snrs. Cardosos do Porto e a da Granja, mesmo ao sahir de Barcellos pela estrada de Montalegre, do snr. José de Beça e Menezes.

Da velha e antiga Barcellos pouco resta, e esse pouco quasi que se reduz ás ruinas do palacio dos seus duques, á Collegiada, que interiormente tem sido vandalicamente desfeiada e deturpada com rebocos e outras superfetações que lhe têm alterado a primitiva feição e destruido testemunhos dignos de memoria, uma das torres das antigas muralhas, tornada cadeia e bem lugubre por signal, um verdadeiro antro, escassos restos d'essas muralhas, hoje comprehendidos em predios particulares, e o velho solar dos Pinheiros, pesado edificio, coevo d'aquellas ruinas, construido por Tristão Gomes Pinheiro, fidalgo sob cuja inspecção correram todas as obras mandadas fazer pelo 9.º conde de Barcellos D. Affonso, e a que a tradição deu a alcunha de *Barbadão*.

Os edificios publicos e obras publicas posteriormente construidos, a contar do seculo XVI, dignos de registo são: o templo do Bom Jesus da Cruz, em fórma octogona exteriormente, com quatro lados rectos e quatro convexos, e interiormente em fórma de cruz, obra de magnifica fabrica em pedra toda lavrada, levantado em honra e memoria da primeira cruz que no chão do Campo da Feira appareceu debuxada na sexta-feira 20 de dezembro de 1504, facto tido por milagroso, e reproduzido posteriormente em todos os annos, por todo o dito campo, e que deu logar não só ao levantamento do dito templo, mas a ruidosa festa em sua memoria no dia 3 de maio de cada anno [1]; a egreja dos Terceiros no mesmo Campo, vasto e elegante templo construido no seculo XVIII por esmolas e com subsidio do real d'agua; a egreja dos Frades, hoje da Misericordia, que data do seculo XVII e era cabeça do convento de Capuchos, levantado por esmolas do povo, e sita tambem no campo da Feira; o templo das Freiras, hoje da Senhora do Terço, por estar ao cuidado da Irmandade d'esta invocação, cabeça do convento de freiras, tomando toda a parte norte do dito campo, e o passeio chamado das Obras, que este limita pelo sul, fechando depois, em volta, o lado nascente do largo da Calçada. É obra de não pequeno merecimento e que parecia destinada a dar sahida para a avenida direita ao Cávado. Além dos edificios que ficam mencionados ha ainda da mesma época, construidos no seculo XVIII, por devoção e perseverante iniciativa de uma preta de nome Victoria, uma egreja e edificio annexo na rua hoje denominada de Manuel Paes, na sahida de Barcellos para a estrada de Vianna, até ha não muitos annos conhecidos pela denominação de Egreja e Recolhimento do Menino Deus, ou das Beatas.

Eram destinados a abrigar em si, na phrase do já citado Amaral Ribeiro, mediante um pequeno dote ou de graça «aquellas que por vocação ou desamparo, queriam evitar a miseria e os laços do mundo, servindo a Deus na clausura», e hoje acha-se transformado, com applauso geral e com mui superiores fructos, em Asylo de Infancia Desvalida, que se tem bem desempenhado dos encargos a que sua denominação o obriga, não só graças á protecção que tem merecido aos poderes publicos e á larga beneficencia particular, mas ainda ao zelo cuidadoso da sua commissão administrativa, a que tem presidido com inexcedivel solicitude o snr. dr. Sá Carneiro, distincto causidico da comarca.

---

[1] Todos os escriptores que têm tratado de Barcellos fallam longamente do apparecimento das cruzes no Campo da Feira, procurando Amaral Ribeiro na sua *Noticia Descriptiva* explical-o naturalmente.

de Areias de Villar, appartenant à MM. Cardosos, et celle de Granja, en sortant de Barcellos par la route de Montalegre, à Mr. Joseph de Beça e Menezes.

Les restes de l'ancienne Barcellos se réduisent aux ruines du palais ducal, à l'Église Collégiale dont l'intérieur a été affreusement barbouillé et enlaidi, à une des tours, convertie en prison, des anciennes murailles, dont quelques pans existent encore, enfouis dans des bâtiments modernes; et finalement au vieux manoir de Pinheiro, pesante construction, contemporaine du palais, dûe à Tristan Gomes Pinheiro, gentilhomme qui dirigea tous les ouvrages ordonnés par le 9e comte D. Alphonse, et que la tradition désigne du surnom de *Barbadão*.

Parmi les édifices, dignes de mention et postérieurs au XVe siècle, la première place revient au temple du Bon Jésus de la Croix, superbe bâtisse toute en pierres de taille, disposée intérieurement en croix et à l'extérieur en octogone dont quatre faces planes et les autres quatre convexes. Elle fut érigée en mémoire d'un fait miraculeux [1], célébré solennellement tous les 3 mai: l'apparition d'une croix nettement dessinée sur le sol du Champ de la Foire, constatée pour la première fois le 20 décembre 1504 et régulièrement reproduite tous les ans un peu partout sur ce Champ. Viennent ensuite l'église des Terciaires construite au XVIIIe siècle aux dépens des fidèles et d'un impôt indirect spécial; l'église de la Miséricorde, autrefois annexée au couvent supprimé des Capucins et construite aux frais des fidèles; le temple de Notre Dame du Terço, à la charge de la confrérie de cette invocation et qui appartenait auparavant à un couvent de nonnes; la promenade dite des Œuvres qui limite au sud le Champ de la Foire et le contourne jusqu'à la Place de la Chaussée, ouvrage assez considérable destiné à relier directement cette partie de la ville à la rivière.

Citons encore l'église et l'hospice, dits autrefois de l'Enfant Jésus ou des Dévotes, bâtis au XVIIIe siècle par la piété et l'initiative opiniâtre d'une négresse nommée Victoria.

Cette institution était primitivement destinée à loger, gratuitement ou moyennant une dot modique, les femmes qui, dans la phrase d'Amaral Ribeiro, «par vocation ou par délaissement, voudraient éviter la misère et les tentations du monde, en se consacrant à Dieu dans la solitude du cloître»; mais elle a été très avantageusement transformée en un Asyle d'Enfants abandonnés, qui a rendu d'excellents services, grâce à la protection bienfaisante des particuliers et des pouvoirs publics, ainsi qu'au zèle éclairé de ses directeurs, au nombre desquels Mr. Sá Carneiro, avocat distingué.

Parmi les édifices publics modernes de Barcellos il y a à remarquer l'Hôtel de Ville, qui renferme aussi le Tribunal et les bureaux de la sous préfecture, construit à la place de l'ancienne église de la Miséricorde; le marché D. Pierre V, rue Barjona de Freitas, suffisant pour l'endroit et l'Asyle de paralytiques dans l'aile droite de l'Hôpital de la Confrérie de la Miséricorde.

Barcellos a été le berceau de beaucoup d'hommes illustres dans les armes, dans les lettres et les beaux-arts. En laissant de côté, faute d'espace, le nom de tant de guerriers illustres, nous nous bornerons à citer, pour les temps anciens, l'artiste remarquable, quoique inconnu, auquel la tradition a constamment attribué un tableau précieux de l'église de St. François à Porto, et Manuel Luiz Pereira Barcellos, peintre de la première moitié du XIXe siècle dont il reste, aux églises du Bon Jésus et de l'Asyle d'Enfants délaissés, quelques tableaux plutôt remarquables par l'éxécution que par le style; et de nos jours, le jeune peintre si plein d'avenir Antonio Candido da Cunha (né en 1866) dont l'œuvre est si justement estimé, et l'insigne *maestro* Michel Angelo (né en 1843), auteur de l'excellent opéra *Eürico*, de la *Cantate à Camoens*, de la *Marche de la Haine* et de tant d'autres admirables compositions [2].

Pour ce qui est des lettres, et sans parler du génial Gil Vicente et de Antonio de Villas-Boas e Sampaio, il serait facile de faire une longue énumération de tous les fils de Barcellos qui se sont signalés dans ce domaine, surtout dans les lettres sacrées qui pendant plusieurs siècles firent presque tout le

---

[1] Tous les écrivains qui se sont occupés de Barcellos s'étendent largement sur ce curieux phénomène, que Amaral Ribeiro, dans sa *Notice Descriptive* tâche d'expliquer sans l'intervention de causes surnaturelles.

[2] Lire à ce sujet le *Mémoire Historique* de Barcellos, du R. P. Domingos Gonçalves Pereira, et la *Notice* de Mr. Pereira Caldas qui précède le *Rapport Historique* de Manuel da Rocha Freire.

Entre as edificações publicas modernas de Barcellos dignas de menção, contam-se os Paços do Concelho, que em si accommodam tambem o Tribunal Judiciario e a Administração do Concelho, construidos no local onde fôra outr'ora a casa e egreja da Misericordia, antes de mudadas para o convento dos Frades Capuchos, que são por certo uns dos primeiros da provincia; o mercado publico, denominado Praça de D. Pedro V na rua Barjona de Freitas, amplo e sufficiente para as necessidades de Barcellos, orientado do nascente ao poente, copiosamente arborisado, farto d'agua, correspondendo assim excellentemente ao seu fim, e o Asylo de Entrevados annexo ao Hospital da Santa Casa da Misericordia, sito no Campo da Feira, constituindo a sua ala direita, a do norte.

Tem sido Barcellos patria, quer antiga quer modernamente, de homens distinctos tanto na religião como na guerra e nas letras.

Dos filhos seus que se têm elevado na religião, ascendendo ao episcopado, grande é o numero, e pelo menos de 9 [1], a contar desde D. Godinho, arcebispo de Braga no seculo XII, até ao actual bispo do Porto, o snr. D. Antonio Barroso.

Pelas armas é grande, tambem, o numero de Barcellenses que se assignalaram e honraram Portugal, combatendo destemidamente seus inimigos quer dentro quer fóra do paiz, e é com verdadeira magoa, a isso forçado pelo estreito do espaço, que aqui deixo de registar seus nomes.

Pelo que respeita ás bellas-artes tambem Barcellos conta quem se lhe haja consagrado com fervor, e não fallando na tradição que attribue um quadro de grande merecimento existente na egreja de S. Francisco do Porto a pintor de Barcellos, cujo nome ignorado, nem em Manuel Luiz Pereira Barcellos, pintor da primeira metade do seculo passado que se não pela invenção pela execução se tornou notado, havendo d'elle alguns quadros estimaveis nos templos do Bom Jesus da Cruz e do Asylo de Infancia Desvalida, bastará em testemunho do meu asserto apontar os nomes do joven e talentoso snr. Antonio Candido da Cunha, nascido n'esta villa em 9 de fevereiro de 1866, um dos mais esperançosos trabalhadores e já laureados entre os nossos artistas-pintores da actualidade, e do insigne maestro, ainda não ha muito fallecido no Porto, Miguel Angelo, auctor da opera *Eurico,* um primôr, da *Cantata a Camões,* da *Marcha do Odio* e de tantas outras excellentes composições musicaes, nascido em 27 de janeiro de 1843, baptisado na Collegiada de Barcellos [2].

Finalmente nas letras desde longos tempos até á actualidade tem-se Barcellos illustrado por modo mui notavel, mesmo sem precisar de avocar a si a honra de ter sido patria de Gil Vicente e de Antonio de Villas-Boas e Sampaio, e longa seria a lista que aqui poderia dar, e daria se m'o consentira o espaço de que disponho, dos filhos seus que as opulentaram em mais do que um ramo dos conhecimentos humanos, mas especialmente pelo que respeita ás letras sagradas que durante muitos seculos quasi que constituiram todo o estofo da nossa litteratura [3].

Pelo que fica dito bem se vê que Barcellos não tem que invejar a quaesquer outras terras do paiz glorias que as illustrem, quer no campo das letras, quer no das bellas-artes, quer no das armas, que sobejas as conta em todas ellas.

É illuminado o presente fasciculo da *Arte e a Natureza em Portugal,* consagrado por sua benemerente empreza, a Barcellos, com quatro magnificas phototypias reproduzindo alguns de seus aspectos mais suggestivos e caracteristicos, e pena é que a indole d'esta publicação, que aliás dentro do seu programma foi prodiga para com Barcellos pois lhe concedeu as maiores ensanchas que podia, não consinta que maior fosse o numero de illustrações a assignalar aspectos e coisas suas e maior o numero de paginas em que mais de espaço registar seus predicados e dar noticia de factos e coisas quer da propria villa quer de seu concelho, merecedoras de memoria.

---

[1] Leia-se a tal respeito *Memoria Historica* da villa de Barcellos do rev. Domingos Gonçalves Pereira e a *Noticia* pelo snr. Pereira Caldas que precede a *Relação Historica* de Manuel da Rocha Freire.

[2] Por occasião do fallecimento de Miguel Angelo os jornaes que commemoraram a sua morte deram-o como natural do Porto, mas a verdade é a que fica exarada no texto, como acabo de o fazer verificar. Miguel Angelo era o proprio que confessava ser natural de Barcellos, e o certo é que, nos ultimos annos de sua existencia, todo o tempo que podia furtar á sua vida activa o ia passar alli.

[3] No aperto em que me vejo remetto os leitores curiosos dos homens de letras barcellenses dos seculos idos para os dois livros lembrados na nota 2 e na *Memoria Descriptiva de Barcellos* de Amaral Ribeiro.

fonds de notre littérature. On compte encore au moins 9 évêques [1] natifs de Barcellos, depuis D. Godinho, archévêque de Braga vers le XII^e siècle, jusqu'à D. Antonio Barroso, évêque actuel de Porto.

On voit bien que Barcellos n'a rien à envier, sous tous les points de vue aux autres villes du royaume, et il est vraiment dommage que la nature de cet ouvrage s'oppose à une exposition plus détaillée.

*

Cette livraison de l'*Art et la Nature en Portugal,* entièrement consacrée à Barcellos, reproduit plusieurs de ses aspects les plus caractéristiques et les plus suggestifs.

La première de ces quatre magnifiques phototypies nous donne le panorama de Barcellos, vu du côté sud. Au premier plan coule le Cávado, traversé par le pont élégant qui relie Barcellinhos à la ville; viennent ensuite les ruines de l'ancien palais des ducs de Barcellos, et parallèlement du côté nord, la vieille Église Collégiale. La tour à l'arrière de celle-ci et la partie crénelée de l'édifice qui est en dessous appartiennent à l'Hôtel de Ville; la maison qu'on voit, rive droite, en avant du pont est une usine meunière importante récemment construite.

Adossée à la dernière arche du pont, rive gauche, se trouve une autre usine considérable, destinée à la monture et au sciage du bois.

*

La deuxième phototypie montre la façade de l'Église Collégiale [2], construction contemporaine du palais des ducs de Barcellos, sauf la chapelle latérale, dédiée au St. Sacrement, et le petit édifice en face qui tient lieu de sacristie. C'est un temple à trois nefs qui méritait certes bien plus d'égards et de respect que ceux qu'on lui a accordés.

*

La troisième phototypie représente la vue de la partie supérieure du Champ de la Foire, côtés nord et est, un jour de marché. Au fond et à droite se détache l'église de la Confrérie de la Misécorde; l'aile de l'édifice à droite est l'Asyle des paralytiques dont l'administration relève de la confrérie. A gauche de l'église est l'Hôpital, un long quadrilatère entouré de deux côtés d'un vaste enclos, très bien entretenu.

Le mur à gauche du spectateur, ou côté sud, renferme les jardins de l'ancien couvent des nonnes; à la suite, jusqu'au Champ du Jardin, sont l'église et l'édifice monacal.

Tous les jeudis où il n'y a pas fête (à l'exception de la Fête-Dieu et du Jeudi Saint) il y a foire, et sans doute la plus importante de tout le nord du Portugal. L'illustration en montre la partie destinée à la vente des bestiaux et de la vaisselle commune, mais dans un jour d'affluence très restreinte. La vente des marchandises et denrées a lieu dans toute l'extension du vaste Champ de la Foire jus-

---

[1] A l'occasion de la mort de Michel Angelo les journaux l'ont faussement déclaré originaire de Porto; mais de son propre aveu, Barcellos était sa ville natale, et d'ailleurs, dans ces dernières années, il lui consacrait assidûment tous ses loisirs.

[2] Cette corporation, constituée par un prieur président, des chanoines et diverses dignités, est pour ainsi dire éteinte, puisque tous ses membres sont morts, le D. Prieur excepté qui est encore le curé de la paroisse.

*

A primeira d'essas phototypias constitue uma vista de Barcellos pelo seu lado e entrada do sul, e se não a representa em um de seus mais extensos aspectos e panoramas, fal-o por certo de um dos seus mais caracteristicos e suggestivos, como já dito fica. No seu primeiro plano vê-se correr o Cávado, galgado pela elegante ponte que une Barcellos a Barcellinhos, e que por esse lado do sul é a entrada para a villa. Superior a esta alteia-se o que resta dos antigos paços dos duques de Barcellos, correndo-lhe parallela pelo norte a velha Collegiada.

A torre que na phototypia se avista por detraz da Collegiada, e parte do edificio que lhe fica subjacente, com ameias, pertence aos Paços do Concelho, e a casa que se vê a jusante da ponte na margem direita do rio é uma importante fabrica de moagem, construida segundo os mais modernos processos.

No ultimo arco da margem esquerda, encostada á ponte acha-se estabelecida outra fabrica importante de moagem e ao mesmo tempo de serragem.

*

A segunda phototypia apresenta o frontispicio da Collegiada [1], coeva, como atraz já fica dito, dos Paços dos condes de Barcellos, a menos a capella lateral, consagrada ao S. Sacramento, e o pequeno edificio na frente d'esta, sua sacristia, que são modernos. É a Collegiada templo de tres naves, bem mais digno de respeito e veneração do que os que lhe têm sido consagrados.

*

A terceira phototypia é uma vista da parte superior do Campo da Feira, norte e nascente d'este, em dia de mercado semanal n'elle. Ao fundo, nascente do Campo, destaca-se a egreja da Santa Casa da Misericordia, constituindo a ala do edificio que lhe fica á direita o Asylo de Entrevados, cuja administração anda annexa á da Santa Casa. Do lado esquerdo da egreja, fica o hospital propriamente dito, formando um extenso quadrilatero, com uma magnifica e formosa cerca ao lado e fundo, tomando tambem o do Asylo.

O muro que se vê na phototypia ao lado esquerdo do espectador, pelo norte do campo, veda a antiga cêrca do convento de freiras, cuja egreja e edificio monacal ficam no seu seguimento, voltando para o Campo do Jardim.

Em todas as quintas-feiras, não sendo dias santos, a menos na do Corpo de Deus e na de Endoenças, faz-se um mercado em Barcellos, fartissimo de todos os generos, e o melhor sem duvida do norte do reino. A phototypia representa a parte d'esse mercado em que se vende louça e gado bovino, mas por certo foi tirada em dia de menos concorrencia d'este. A venda de todos os variadissimos generos e coisas que concorrem a estes mercados faz-se em todo o vastissimo Campo da Feira e largo da Calçada, em frente do Bom Jesus da Cruz, a menos a do gado suino que tem sua séde no Campo de D. Carlos. As feiras do dia do Corpo de Deus, de quinta-feira santa, e do dia 3 de maio, o da celebração da festa das Cruzes, são notabilissimas.

*

A quarta e ultima das phototypias que illumina este fasciculo é tirada no interior da egreja das freiras ou da Senhora do Terço, e destinada a dar ao leitor uma ideia do seu magnifico pulpito, trabalho dos começos do seculo xviii, em que o templo e convento foram erectos por diligencia e solicitude do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles. Além do pulpito que é obra magnifica de talha ou entalha vasada em madeira de castanho dourada, cujo artifice se ignora, apresenta esta egreja de notavel os azulejos que lhe revestem as paredes, representando em seus desenhos scenas da regra e vida de S. Bento, em verdade apreciaveis, e as pinturas a oleo do tecto referentes tambem á vida do Santo Patriarcha.

Lisboa, 14 de junho.

Rodrigo Velloso.

---

[1] A Collegiada, como tal, corporação constituida por um prior presidente, por diversas dignidades e por conegos, póde dizer-se extincta, pois fallecidos são todos os individuos que a constituiam, excepto o D. Prior que ao mesmo tempo é parocho da villa.

qu'à la Place de la Chaussée inclusivement, excepté la foire aux cochons qui occupe la Place D. Carlos.

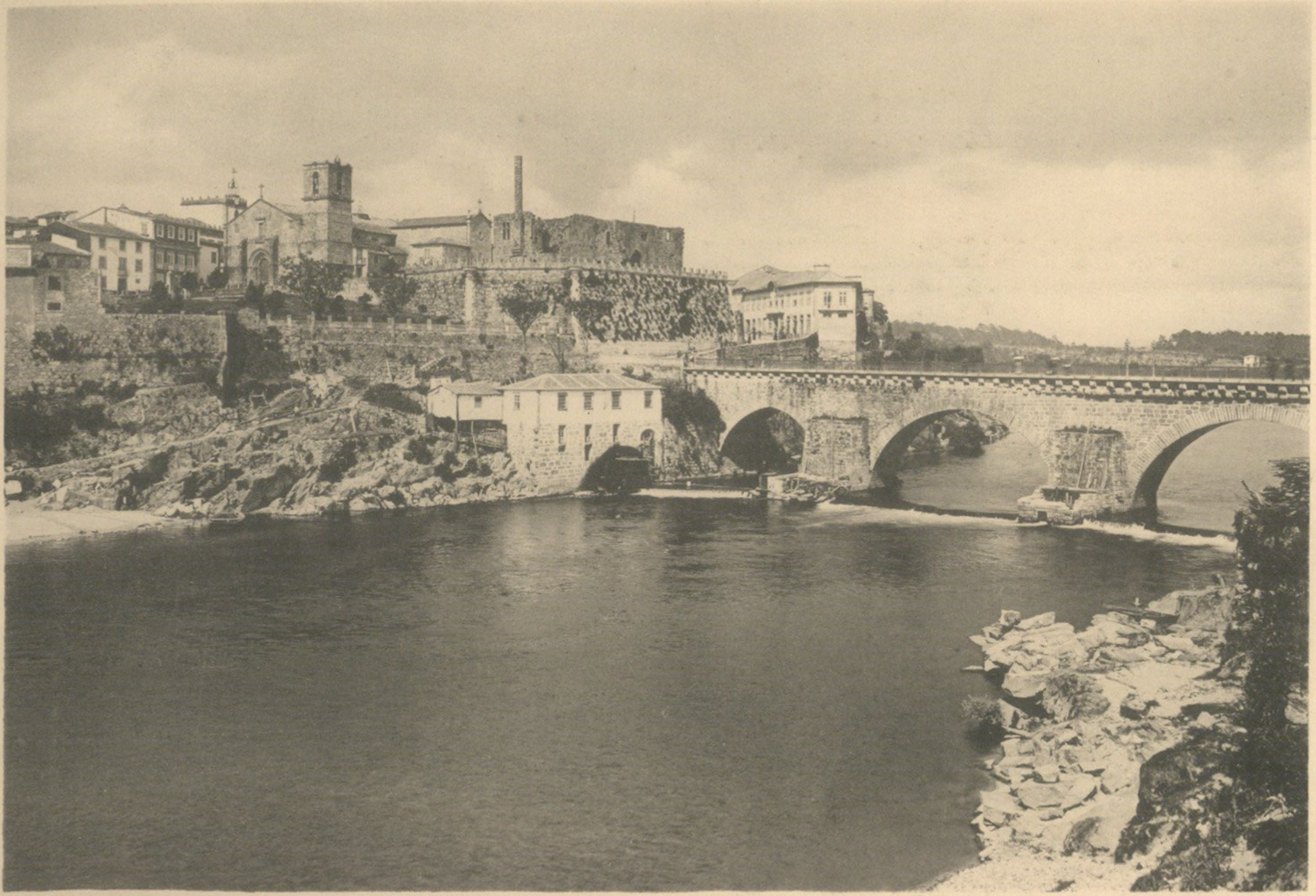
Les foires de la Fête-Dieu et du Jeudi Saint, ainsi que celle du 3 mai, consacrée à la Fête des Croix, sont d'une importance considérable.

*

Enfin la quatrième phototypie, prise à l'intérieur de l'église des nonnes ou de Notre Dame du Terço, est destinée à donner au lecteur une idée de la chaire, splendide sculpture en marronnier doré du commencement du xviiie siècle, époque où le temple et le couvent furent bâtis par les soins de l'archevêque D. Rodrigo de Moura Telles. Il y a encore à remarquer les jolis revêtements muraux en faïence, figurant des scènes de la vie de St. Benoît, et les peintures à l'huile du plafond qui ont trait encore à la vie du Saint Patriarche.

Lisbonne, le 14 juin.

Rodrigo Velloso.

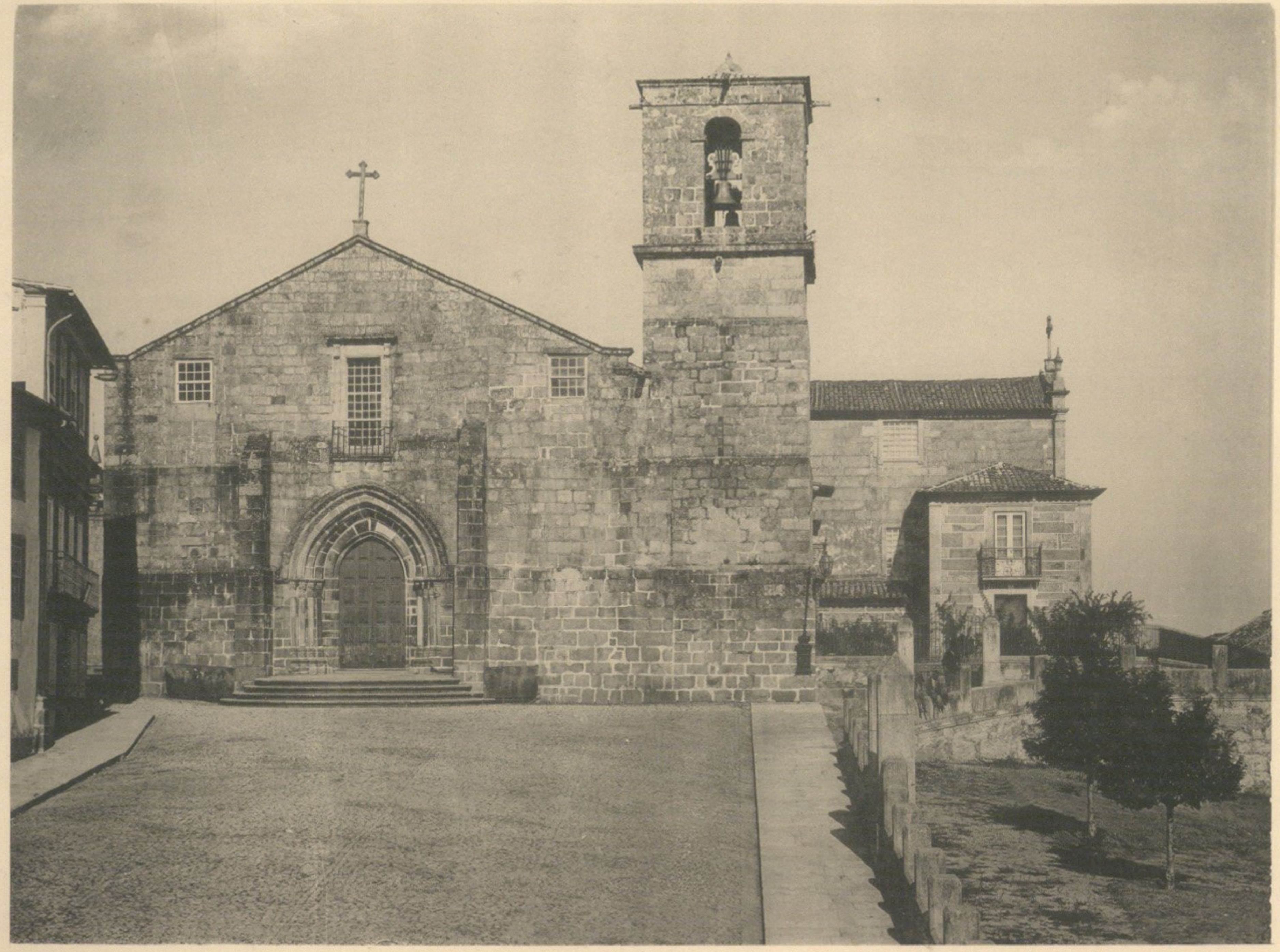


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Ponte sobre o rio Cavado

BARCELLOS

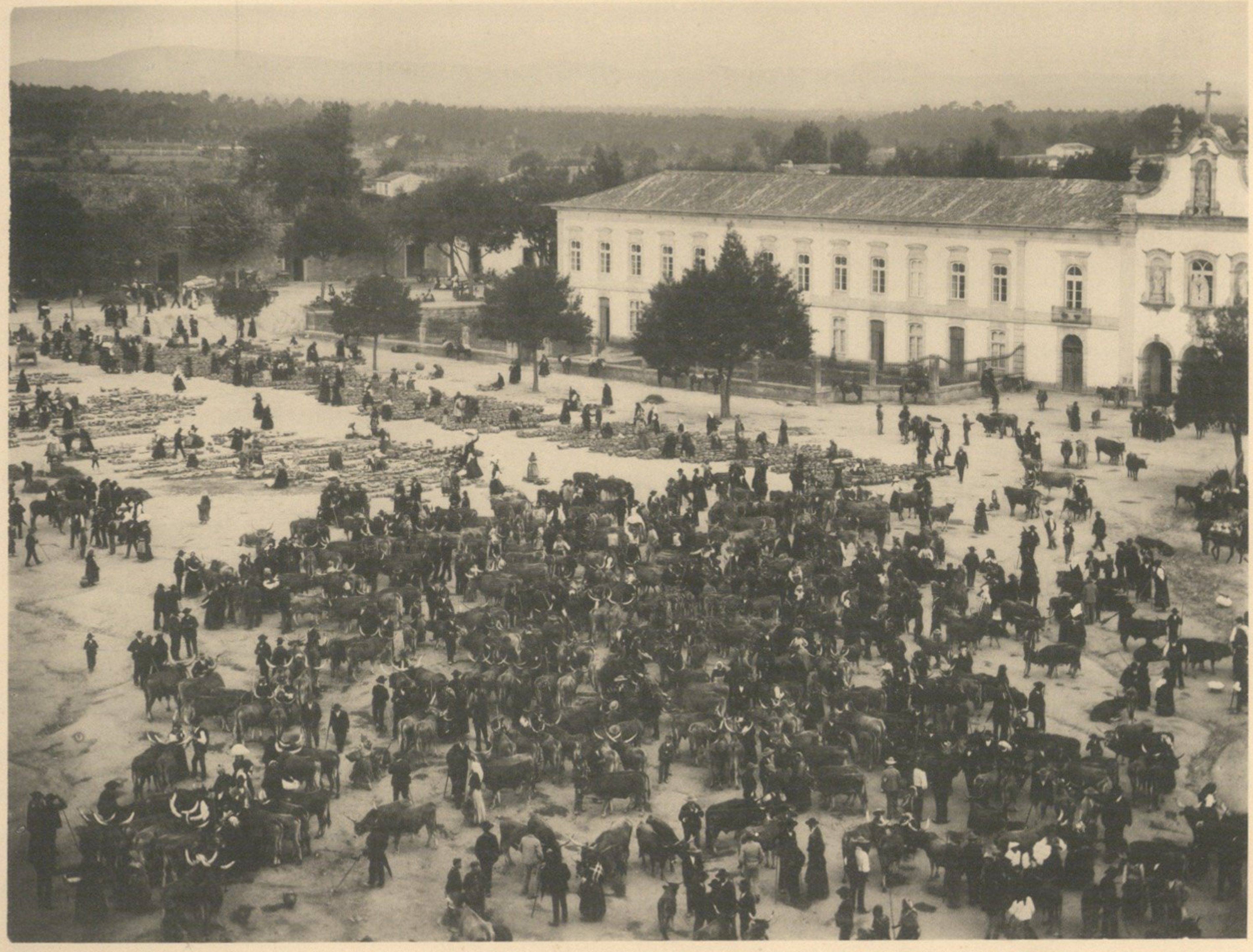


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Collegiada (Egreja Matriz)

BARCELLOS

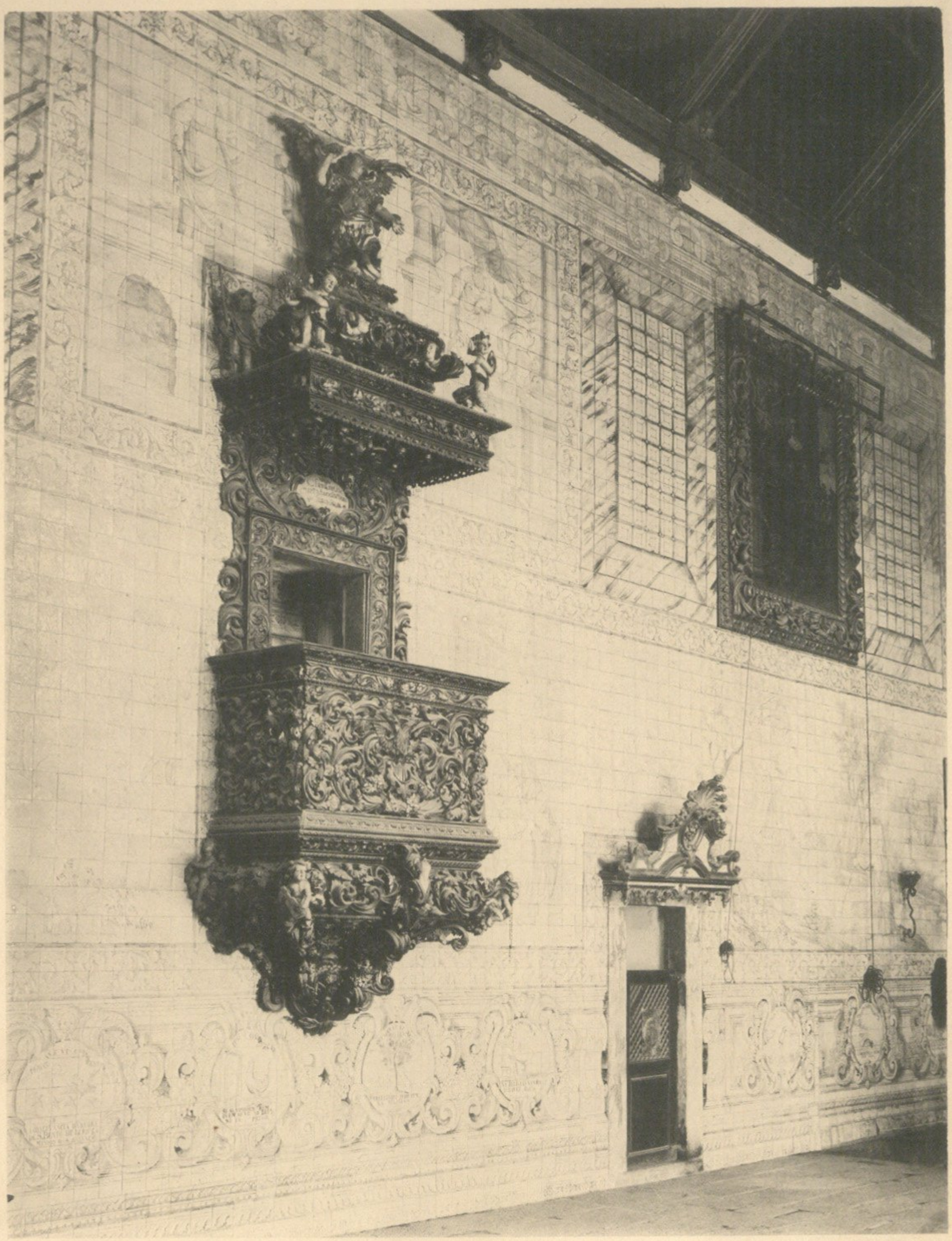


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Campo da Feira

BARCELLOS



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Pulpito na Egreja de Nossa Senhora do Terço

BARCELLOS

S. Francisco

Esta antiga egreja conventual deve confrontar-se com outros templos coevos da mesma ordem, existentes, por exemplo, em Guimarães, em Santarem, na Covilhã, etc. São exteriormente e interiormente eguaes. Basta comparar as absides do Porto e Guimarães. Pertencem esses templos a uma severa architectura gothica do reinado do mestre de Aviz, que á força de ser sobria em todos os ornatos, poupada em todas as molduras, cautelosa e avára na distribuição das portas e janellas, deu aos edificios o ar e o caracter de fortalezas de granito. E em certos casos serviram com effeito de baluartes, e tingiram-se de sangue.

Diz-se que el-rei D. João I, muito amigo dos frades franciscanos e compadecido dos estragos que as luctas da independencia haviam feito na antiga casa, fóra de muros, fundada em 1241, transferira a séde em 1425 para o logar onde hoje está. A egreja é de tres naves, sendo abobadada, além da capella-mór e collateraes, a nave central, pelo menos. O revestimento de talha encobre hoje quasi todo o esqueleto de granito com uma *vegetação* de talha que accentua visivel e intencionalmente os arcos e os artezões do systema gothico, em toda a grande nave e, de um modo ainda muito mais notavel, na capella-mór.

São tres arcos de cada lado, que abrem sobre as naves lateraes; o primeiro e terceiro de cada um dos lados não estão revestidos de talha. Ficaram livres os arcos de volta abatida em que assenta o côro; emfim permanece intacto e a descoberto, o artezoado das abobadas de ambas as capellas collateraes da abside. Porém, na capella-mór, o entalhador desforrou-se e fez prodigios para imitar fielmente as nervuras do systema gothico. Bellissimo, no seu genero.

Goza de grande fama este prodigioso trabalho (que abrange a segunda metade do seculo XVII e a primeira da centuria seguinte) desde que o conde de Raczynski exaltou a sua riqueza perante os estrangeiros. A capella-mór ostenta no alto do arco o grande brazão dos Sás, condes de Mattosinhos e de Penaguião (depois marquezes de Abrantes), alcaides-móres da cidade do Porto. É muito provavel que estes faustosos fidalgos, que viviam principescamente no Porto, n'uns paços celebres (rua Chã), recheados de riquezas artisticas, tivessem grande parte na obra que hoje admiramos, deplorando comtudo uma ostentação que encobriu e mutilou sem duvida certas feições antigas do severo templo.

Iriamos longe se houvessemos de fazer o inventario das riquezas de S. Francisco. Repare-se na grande capella do cruzeiro, lado da Epistola, o seu portal manoelino; ahi se vê sobre o altar uma pintura antiga portugueza, taboa muito valiosa do fim do seculo XV. Diz uma inscripção coeva, lá dentro, que mandou fazer a capella (hoje do SS.) Joam Carneiro, mestre escóla que foi na Sé de Braga; e a dotou e instituiu em morgado, deixando por administrador d'ella a Luiz Carneiro, seu irmão e a seus descendentes. Acabou-se no anno de 1500. A pintura representa o Baptismo de Christo por S. João, duas nobres figuras, finamente modeladas; á direita o fundador Joam Carneiro, apresentado por um anjo n'um gesto adoravel. Abençôa toda a scena o Padre Eterno, cercado de cherubins, que soltavam outr'ora harmonioso concerto; apenas se vêem as pontas de alguns instrumentos porque uns recortes da moldura (estylo rococo) encobrem os musicos infantis! Entremos depois na capella absidal do mesmo lado, onde em ediculo da Renascença jaz um fidalgo da illustre familia Brandão Pereira, em cuja casa artistica e hospitaleira, destruida ha poucos annos, Francisco de Hollanda se abrigou no Porto, traçando ahi uns dialogos celebres.

Essas esculpturas do portal e ediculo são de granito, pouco airosas, sem duvida, até pesadas, mas caracteristicas.

O convento pertencente á egreja de S. Francisco foi incendiado e destruido durante o cêrco do Porto (1832). Sobre as ruinas ergueu-se o edificio da Bolsa. Do claustro do seculo XV ainda se vê a porta de communicação, commum á egreja, hoje tapada. A sacristia é imitação de nossos dias, mas feita no estylo do templo.

A projecção horizontal da egreja é notavel, porém o seu melhor aspecto goza-se do lado da praça do Infante D. Henrique; d'ahi avista-se bem a abside monumental (capella-mór e collateraes) perfeitamente conservada.

St. François

Cette vieille église conventuelle doit être classée à côté d'autres temples contemporains du même Ordre, tels que ceux de Guimarães, Santarem, Covilhã, etc. A l'extérieur comme à l'intérieur, la ressemblance est manifeste; il suffit de comparer les absides de Porto et de Guimarães. Ils appartiennent tous à la sévère architecture gothique du règne du Maître d'Aviz, — sobre dans la décoration, avare dans les moulures, prudente et parcimonieuse dans la disposition des portes et fenêtres — ce qui donne à ces édifices l'air et le caractère de forteresses en pierre. Et vraiment ils ont été quelquefois théâtre de luttes sanglantes.

On raconte que D. Jean I, grand ami des Frères franciscains et sensible aux dégâts considérables que les guerres de l'indépendance avaient causés dans leur ancienne maison, fondée en 1241 hors l'enceinte de la ville, la fit transférer en 1425 là où elle est encore. L'église est à trois nefs; celle du centre, ainsi que les chapelles principale et collatérales sont recouvertes de voûtes en pierre. Presque tout le squelette de granit est aujourd'hui revêtu d'une *végétation* de bois sculpté qui, dans la nef principale et surtout dans la chapelle principale, accompagne intentionnellement les arcs et les nervures du tracé gothique.

Il y a trois arcs de chaque côté, qui donnent sur les nefs latérales; le deuxième seulement de chacun des groupes est revêtu de sculptures. Les arcs surbaissés sur lesquels repose le chœur en sont aussi dépourvus; et de même les voûtes en arêtes des deux chapelles collatérales de l'abside. Mais dans la chapelle principale, le sculpteur s'est rattrapé sur les nervures de la voûte gothique qu'il a revêtue d'une façon vraiment admirable.

Ce prodigieux travail (poursuivi pendant la seconde moitié du XVIIe siècle et la première du siècle suivant) jouit d'une grande réputation, depuis que le comte Raczynski en a exalté les mérites devant les étrangers. L'arc de la chapelle principale porte, à la partie supérieure, les armoiries des Sá, comtes de Mattozinhos et de Penaguião (plus tard marquis d'Abrantes), gouverneurs de la ville de Porto. Il est probable que ces gentilhommes magnifiques, dont la demeure princière à Porto était célèbre (rue Chã), eurent une grande part à l'ouvrage que nous admirons encore, quoiqu'il ait contribué à cacher et sans doute à mutiler certaines parties du vieil et sévère édifice.

Ce serait une tâche trop longue que de faire ici l'inventaire complet des richesses de St. François. Nous citerons, en premier lieu, dans la grande chapelle de la croisée (côté de l'Épître) le portail *manuelino*, et sur l'autel une belle peinture portugaise sur bois, datant des fins du XVe siècle. Une inscription intérieure contemporaine rapporte que cette chapelle (aujourd'hui du St. Sacrement) a été construite par l'ordre de Jean Carneiro, maître-école de la cathédrale de Braga, qui la dota, l'institua en majorat, et en laissa l'administration à son frère Louis Carneiro et à ses descendants.

Elle a été finie en 1500. Le tableau figure le Baptême du Christ par St. Jean, deux nobles figures, finement modelées; à droite le fondateur Jean Carneiro, présenté par un ange dans un geste adorable. Toute cette scène est bénie par le Père Éternel, environné de chérubins jouant et chantant en chœur; mais on ne voit que les extrêmes de quelques instruments, parceque quelques détails du cadre sculpté (style *rococo*) cachent les musiciens célestes! La chapelle absidale qui est adossée à celle-ci renferme, sous un édicule de la Renaissance, la tombe d'un gentilhomme de l'illustre famille Brandão Pereira, dont la maison hospitalière, démolie il n'y a pas longtemps, abrita François de Hollande, qui y écrivit ses célèbres Dialogues. Les sculptures du portail et de l'édicule sont en pierre, peu gracieuses, lourdes mêmes, mais caractéristiques en somme.

Le couvent annexé à l'église qui nous occupe a été détruit et brûlé pendant le siége de Porto (1832); et sur les ruines se dresse à présent le palais de la Bourse. On peut voir encore la porte murée qui autrefois établissait la communication de l'église et du cloître du XVe siècle. La sacristie est une imitation moderne dans le style du temple.

La projection horizontale de l'église est remarquable, mais le meilleur coup d'œil doit être pris de la Place de l'Infant D. Henrique; on voit alors l'abside monumentale (chapelles principale et collatérales) parfaitement conservée.

*

Descrever e caracterisar um templo ou qualquer monumento só pelo aspecto da fachada seria processo tão leviano e superficial como julgar da anatomia de um corpo humano pelo cliché tirado no photographo sobre a figura vestida. E, comtudo, foi este o processo seguido durante dezenas de annos nas revistas portuguezas illustradas.

A bella frontaria de S. Francisco devia accusar primitivamente um grande portal gothico, de arcaria seguida, reintrante, descançando sobre capiteis e columnas ornamentadas sobriamente, no estylo dos capiteis e arcos ainda visiveis na nave central, onde o decorador, que applicou a talha, não os mutilou.

Hoje temos em seu logar uma composição de fim do seculo XVII ou principio do seculo XVIII (1690 a 1710), desenhada em dois corpos sobre columnas salomonicas.

No frontão, cortado pelo emblema de S. Francisco (dois braços postos em cruz), denuncia-se já o seculo XVIII nas pyramides retorcidas, em logar das prismaticas. Mais tarde teremos as pyras ardentes, as chammas rompendo em turbilhão.

O novo portal, comquanto de boas proporções, bem desenhado e finamente lavrado no granito, destoa completamente da bellissima rosacea gothica. N'ella ha evidente reminiscencia do periodo de transição: do systema romanico para o ogival.

As linhas severas do frontão da egreja, o gigante simples, mas airoso e energico que accentua a estructura, acordam a saudade do que perdemos com a remodelação da porta principal. Era o testemunho de um seculo heroico; hoje resta-nos sómente uma miscellanea por dentro e por fóra. Senão vejamos:

A egreja da Ordem Terceira, ao lado, em estylo neo-classico, primorosamente lavrada n'um granito finissimo; e logo em seguida um portico de grande apparato em dois andares, do genero rococo, mas unicamente portico, posto que pareça entrada de outra egreja! Por cima um pequeno campanario com relogio e grande mostrador. O portico serve hoje de entrada para a repartição do telegrapho da Associação commercial. Tudo isto no espaço mais apertado, envolvido em escadarias sem fim, em terreno accidentado, ao lado da Bolsa, ella mesmo outra miscellanea de estylos.

Em frente da porta principal avista-se (invisivel na estampa) a fachada *rococo* da casa da administração da Ordem Terceira, onde ha algumas salas com retratos de bemfeitores. Comquanto de pouco valor artistico em geral, são documentos historicos e ethnicos para quem souber vêr. Por debaixo de todas estas construcções estende-se um extenso carneiro, cheio de ossadas humanas, umas catacumbas em ponto pequeno, que outr'ora foram muito visitadas. Não ostentam o requinte *decorativo* que o sacristão da egreja irmã, de S. Francisco de Evora, se compraz em recommendar á admiração do forasteiro, na cidade de Sertorio... frisos, molduras, pilares, arabescos, etc., formados de tibias, fémures, phalanges e caveiras! Mas sempre serve para lembrar que não é preciso ir a Roma para se dar uma volta pelo mundo dos finados.

Muitos casos ha, antigos, em que o mosaico de estylos se explica e até mesmo se justifica historicamente, na peninsula, quando a longa demora das obras ou até a interrupção durante uma ou mais gerações conduziam a uma evolução natural dos estylos. Assim, os filhos e netos já corrigiam e alteravam a seu modo a concepção inicial dos paes e avós. Os caprichos dos donatarios seculares e dos prelados faziam o resto; armavam e desarmavam o scenario interior e exterior. Chamamos *scenario*, n'este caso e em todos os analogos, os accidentes da ornamentação que, sendo do seculo XVII em diante raras vezes a expansão natural de um symbolismo profundo, historico e religioso, a poesia de uma ideia ethnica, surge em muitas circumstancias como uma mascara artificiosa que se tira e se põe á vontade, resultando d'ahi o inconveniente de todas as mascaras: illudir os incautos! Teremos mais de uma occasião de comprovar esta doutrina.

Joaquim de Vasconcellos.

---

*

Rien de plus léger et de plus illogique que de vouloir décrire et caractériser un monument quelconque d'après le seul examen de la façade. Ce procédé pernicieux, qui équivaut à juger de l'anatomie humaine par le cliché obtenu sur la figure vêtue, a eu cependant assez de vogue, pendant de longues années, dans plusieurs revues portugaises illustrées.

La belle façade de St. François a dû accuser primitivement un grand portail gothique, en arcs juxtaposés et rentrants, supportés par des chapiteaux et des fûts sobrement ornementés, dans le style de ceux qu'on voit encore dans la nef centrale, où les décorateurs, en les revêtant postérieurement de sculptures en bois, ne les ont pas toutefois mutilés.

Au lieu de cela, nous voyons devant nous une composition des fins du XVII^e^ ou des commencements du XVIII^e^ siècles (1690 à 1710), dessinée en deux corps sur des colonnes salomoniques. Dans le fronton, coupé par l'emblème de St. François (deux bras en croix), les pyramides torses, au lieu de prismatiques, dénoncent déjà le XVIII^e^ siècle; les flambeaux, les vases couronnés de flammes tourbillonantes viendront plus tard.

Le nouveau portail, quoique de belles proportions, bien dessiné et finement taillé dans le granit, est en désaccord complet avec la jolie rosace gothique, réminiscence évidente de la période de transition du style romanique à l'ogival. Les lignes sévères du fronton, le contrefort simple mais élégant qui rehausse vigoureusement la structure, éveillent le regret de tout ce que nous avons perdu avec le remaniement du portail.

De ce témoin d'un siècle héroïque, il ne reste, à l'intérieur comme à l'extérieur, qu'un melange disparate de styles.

Voyez, en effet: l'église du Tiers Ordre, à gauche, dans le style néoclassique, admirablement taillée dans un granit superbe; tout à côte un portique à proportions prétentieuses, en deux étages, dans le genre *rococo*, surmonté d'un petit clocher et d'une grande horloge. Quoique ce portique semble annoncer l'entrée d'une deuxième église, il n'en est rien; il dessert seulement le bureau télégraphique de l'Association Commerciale. Tout cela à l'étroit dans un petit espace, enveloppé d'interminables escaliers, à côté du palais de la Bourse qui exhibe encore une notable variété de styles.

En face de la porte principale s'étend la façade *rococo* (invisible dans la gravure) de l'Administration du Tiers Ordre, dont plusieurs salles sont remplies de portraits de bienfaiteurs. Quoique le mérite artistique de la plupart de ces tableaux soit bien mince on ne saurait toutefois les dédaigner tout-à-fait, car ce sont des documents à la fois historiques et ethniques.

Au dessous de toutes ces constructions s'étale un spacieux charnier, tout plein d'ossements; formant de petites catacombes autrefois très courues. On n'y admire pas, certes, comme à l'église congénère de St. François d'Evora, le *luxe décoratif* que le sacristain se complaît à détailler aux visiteurs de l'ancienne capitale de Sertorius: frises, moulures, piliers, arabesques, toute une architecture en somme, formée de fémurs, de tibias, de phalanges, et de têtes de morts! Les cryptes de Porto servent toutefois à prouver qu'il n'est pas besoin d'aller à Rome pour faire un tour dans le monde souterrain des trépassés.

Il y a sans doute, chez nous, beaucoup de ces où le pèle-mêle de styles s'explique aisément, et peut même être justifié en face de l'histoire, lorsque le retardement considérable des travaux ou leur interruption pendant quelques générations ont été accompagnés d'une évolution naturelle des styles. Les fils et les petit fils corrigeaient et altéraient à leur façon les plans primitifs de leurs pères et aïeuls; les caprices des donataires séculiers et des prélats achevaient l'œuvre de transformation; ils montaient et démontaient la mise-en-scène intérieure et extérieure. Nous comprenons sous ce nom, ici comme dans les cas analogues, les accidents de la décoration, qui à partir du XVII^e^ siècle cesse de traduire l'expansion spontanée d'un symbolisme profond, historique et religieux — la poésie d'une idée —, pour ne devenir le plus souvent qu'un masque artificiel qu'on ôte ou que l'on met à volonté.

De là s'ensuivent de fâcheuses méprises, ainsi que nous aurons plus d'une occasion de le prouver.

Joaquim de Vasconcellos.

S. Bento da Victoria

Este templo do Porto, interessante sob mais de um aspecto, é irmão pelo estylo e ainda mais pelo traçado, da egreja conventual dos eremitas Agostinhos (hoje S. João Novo) e da do Collegio dos Grillos, antiga dos Jesuitas, e depois de 1759 (anno da expulsão) comprada á universidade de Coimbra pelos Agostinhos descalços. As datas da fundação dos tres templos explicam a analogia do traçado e de todos os elementos decorativos, porque a construcção foi rapida.

Confrontámos com todo o cuidado ha bastantes annos os tres edificios, desenhando-os e medindo-os. Entendemos que se devem attribuir todos os tres e ainda mais dois, o de S. Bento da Saude de Lisboa (côrtes) e S. Bento de Coimbra (lyceú), a uma notavel familia de artistas: os architectos Alvares, occupados muito especialmente pela ordem benedictina.

Vejamos as datas e as attribuições tradicionaes: S. Bento da Victoria fundada em 1578, no logar da antiga synagoga dos judeus; S. João Novo em 1592; o Collegio em 1560; S. Bento de Lisboa em 1598; S. Bento de Coimbra em 1600.

O Bispo-conde frei Francisco de S. Luiz attribuiu a Affonso Alvares o traçado da egreja de Lisboa, para logo o passar a seu sobrinho Balthazar Alvares, a quem se deve tambem o risco do templo de Coimbra. Ambas as declarações fundam-se em passagens de chronistas da Ordem de S. Bento. Não soffre duvida que Affonso Alvares desempenhou funcções artisticas de grande responsabilidade no reinado de D. Sebastião, que o intitula *Mestre das minhas obras* (1571). Já em 1569 concorria com Francisco de Hollanda no grande projecto de S. Sebastião de Lisboa. Balthazar Alvares apparece nomeado pelos governadores do reino, mestre de obras da comarca do Alemtejo em 1580, cargo que já fôra de Affonso, então fallecido. O mesmo Balthazar figura como constructor do Collegio de Santo Antão o Novo (Jesuitas) de Lisboa. A 11 de maio de 1579 lançou-se a primeira pedra. Foi tambem o architecto de S. Vicente de Fóra, que ahi está para attestar o seu alto merecimento, e tinha a seu cargo as obras dos paços reaes de Santarem, Almeirim e Salvaterra, além dos trabalhos da Batalha. Suppõe-se fallecido em 1624.

Repare-se na coincidencia da fundação das casas de S. Bento em Lisboa e Porto, e na repetição do facto com relação aos dois Collegios de Jesus das mesmas cidades. O do Porto parece anterior (1560); a differença de dezanove annos, iguala-se notando que os jesuitas não entraram na sua casa do norte senão em 1577.

Em todos os cinco templos a semelhança de familia é evidente; a applicação das ordens obedece á mesma doutrina; um Vignola recebido em segunda mão, atravez dos tratados hespanhoes e de uma grande escóla profissional, creada por Juan de Toledo e Herrera. Um deu o signal com a grande construcção das Descalzas Reales e o palacio dos vice-reis em Napoles; o outro com a grandiosa fabrica do Escurial, typica para toda a peninsula.

A mão de obra nos templos graniticos do Porto é claro testemunho da excellencia de uma officina regida por mestres consummados. A solidez, o perfeito lavor correm parelhas com a discrição e o bom gosto, que só pretendem influir pela belleza das proporções e por uma extrema simplicidade decorativa (quasi sómente molduras) que mais realça a severa magestade das linhas do traçado.

Em Lisboa e em Coimbra o marmore e o calcareo prestaram-se a combinações decorativas que o granito do norte não admittia; mas essa differenciação é mais uma prova que abona o elevado criterio dos constructores.

Os frontispicios de S. João Novo e Collegio são apenas variantes da mesma ideia. S. Bento da Victoria differe só no alçado, reminiscencia de Serlio, vulgarisado pelo traductor hespanhol Villalpando e continuado até meado do seculo XVII pelo seu adepto Fray Lorenzo de San Nicolas, agostinho descalço e architecto notavel. No interior, na planta, são tres irmãos da mesma familia: cruz latina, com cruzeiro pouco saliente, excepto em S. Bento; uma só nave de grande envergadura, orlada de capellas fundas; abobada cylindrica, toda de granito, dividida em pequenos taboleiros por bellissimas molduras, muito simples, excepto na intersecção da nave e cruzeiro, onde artezões em fórma estrellada recordam ainda o systema gothico.

St. Benoît de la Victoire

Ce temple de Porto, intéressant à plus d'un titre, se rapproche beaucoup, par le style et le tracé, de l'église conventuelle des Augustins (aujourd'hui St. Jean Nouveau) et de celle du Collège des Grillos, autrefois des Jésuites et après 1751 (année de l'expulsion) achetée à l'Université de Coimbra par les Augustins déchaussés. Les dates des trois constructions, qui furent bientôt achevées, expliquent l'analogie des tracés ainsi que de tous les éléments décoratifs.

Il y a assez longtemps que nous en avons fait une confrontation soigneuse; et les croquis et mesures prises nous permettent d'attribuer les trois édifices et encore St. Benoît de la Santé, à Lisbonne (Cortès) et St. Benoît de Coimbra (Lycée), à une remarquable famille d'artistes: les architectes Alvares, fréquemment employés par les moines bénédictins.

Voyons, en effet, les dates et les références traditionnelles: l'église de St. Benoît de la Victoire fut fondée en 1578 à la place de l'ancienne synagogue judaïque; St. Jean Nouveau en 1592, le Collège en 1560, St. Benoît de Lisbonne en 1598, enfin St. Benoît de Coimbra en 1600. L'évêque-comte fr. François de St. Louis attribua d'abord à Alphonse Alvares le devis de l'église de Lisbonne, et ensuite à son neveu Balthasar Alvares, à qui on est aussi redevable du devis de l'église de Coimbra; les deux déclarations sont basées sur des passages des chroniqueurs de l'Ordre de St. Benoît. Il est hors de doute qu'Alphonse Alvares a exercé des fonctons artistiques de grande responsabilité pendant le règne de D. Sébastien, qui en 1571 l'appelle dans un document *Maître de mes ouvrages*. Deux années auparavant (1569) il concourrait avec François d'Hollande pour le grand projet de St. Sébastien de Lisbonne. Balthasar Alvares fut nommé en 1580 par les Gouverneurs du royaume Maître des ouvrages dans la jurisdiction d'Alemtejo, charge précédemment occupée par son oncle Alphonse, déjà décédé; c'est lui l'architecte de St. Vincent *extraurbem*, à Lisbonne, qui témoigne de son haut mérite; il avait aussi à sa charge les travaux du monastère de Batalha, ainsi que des palais royaux de Santarem, d'Almeirim et de Salvaterra. On le croit mort en 1624.

Remarquez la coïncidence dans la fondation des maisons de St. Benoît, à Porto et à Lisbonne, et des deux collèges des Jésuites. Celui de Porto paraît antérieur (1560); mais cette différence de dixneuf années s'évanouit si l'on tient compte de ce que les RR. Pères l'occupèrent seulement vers 1577.

Dans tous ces cinq temples l'air de famille saute aux yeux; partout l'application des ordres architectoniques obéit aux mêmes principes; un Vignola reçu en seconde main à travers les traités espagnols et une grande école professionnelle, établie par Juan de Toledo et Herrera. Le premier en donna le signal dans la grande construction de las *Descalzas Reales* et le palais des vice-rois, à Naples; le deuxième dans le grandiose monument de l'Escurial, typique pour toute la Péninsule.

La main d'œuvre dans le temple granitique de Porto témoigne, d'une façon indiscutable, de l'excellence des ateliers dirigés par des maîtres consommés. La solidité et la taille parfaite de la pierre marchent de pair avec la discrétion et le bon goût, qui ne prétendent agir que par l'harmonie des proportions, et par une sobriété de décoration (presque exclusivement des moulures), qui rehausse d'autant la sévère magesté des lignes du tracé. A Lisbonne et à Coimbra le marbre et le calcaire se sont prêtés à des effets décoratifs inabordables dans le granit du nord; mais ces différences sont encore une preuve du critérium artistique élevé des constructeurs.

Les façades de St. Jean Nouveau et du Collège ne sont que des variantes d'une seule idée. St. Benoît de la Victoire en diffère dans l'élévation, une réminiscence de Serlio, vulgarisé par le traducteur espagnol Villalpando et continué jusqu'à la moitié du XVI^e^ siècle par son adepte Fray Lorenzo de San Nicolas, augustin dechaussé et architecte remarquable. A l'intérieur, dans le plan, ce sont trois frères de la même famille: croix latine, à croisée peu saillante, excepté à St. Benoît; une seule nef à large envergure, creusée de chapelles profondes; voûte cylindrique toute en pierre, divisée en petits caissons par de très belles moulures, d'une grande simplicité, sauf à l'intersection de la nef et de la croisée, où les nervures étoilées rappellent encore les tracés gothiques.

O côro e orgão

Correspondem bem á magestade e riqueza da época em que foram delineados e contrastam de um modo flagrante com a severa simplicidade do interior granitico. Essa obra prodigiosa de talha está dizendo-nos, só pela sua opulencia, que nasceu na época em que a descoberta das minas de diamantes e de ouro do Brazil (1693) renovou o sonho de grandezas e de fausto imperial que o reinado de D. Manoel evocou para a geração do primeiro terço do seculo XVI.

Depois dos excessos do estylo manoelino, cuja degeneração está patente no portal da sacristia de Alcobaça, em porticos semelhantes de Evora e Villa Viçosa, e sobretudo em Thomar, era natural o que fizeram os decoradores do estylo *baroque,* que povoaram os arabescos de cherubins roliços e sorridentes, brincando com aves exoticas no meio de pampanos e succulentos cachos. Para ser uma bacchanal, faltam apenas os satyros e as ménadas. Na Sé de Braga sustentam oito enormes faunos, caracterisados com todo o rigor classico, as varandas de dois grandes orgãos, no seu genero tambem uma obra de talha deslumbrante, e além d'isso polychromica, no melhor gosto. Temos terceiro grande primor decorativo, no orgão da egreja de S. Gonçalo de Amarante, cuja varanda é sustentada por tres tritões nús, colossaes, de grandioso desenho.

Chegou-se a esta arte de incontestavel merito, arte grande, não pelas dimensões, mas porque calcula sabiamente os seus effeitos, porque sabe construir com uma solidez a toda a prova, esculpir, dourar, colorir e *estofar* com mestria — chegou-se a esta arte atravez de uma erudição de letras sagradas e profanas que nos conduz a um scenario novo o da — *Opera ao divino.*

Com effeito, quem folhear a *Vida do Principe dos patriarchas S. Bento* que escreveu o chronista-mór frei João dos Prazeres (Lisboa, 1683-90, II vol. fol.) encontra ahi vasta materia para o estudo e a interpretação dos symbolos da arte decorativa dos seculos XVII e XVIII. É uma mina desconhecida, esta obra, illustrada com profusão de gravuras portuguezas, recheada de erudição classica, lendas e mythos, de emblemas, e emprezas em que os Santos Padres, os ascetas e eremitas vivem em dôce alliança com Virgilio e Ovidio, Camões e Petrarcha, Propercio e Juvenal, Horacio e Lucrecio. Uma forte dóse de allegoria christã e uma não menos forte mistura de mythologia pagã explicam-nos os motivos d'arte e os assumptos inexgotaveis da prodigiosa talha do seculo XVII, que se combina admiravelmente com a grande pintura ceramica da mesma época e do seculo immediato, frequentes vezes erotica.

No côro de S. Bento as scenas da vida do Patriarcha estão emmolduradas, como se fossem pinturas; mas a tela e as côres pareceram pobres aos doutos frades. Queria-se maior esplendor plastico. Mas os artistas não excederam a justa medida e deram prova de fino criterio, conservando-se dentro do effeito decorativo que a natureza do material impunha; não entraram em detalhes nocivos, não imitaram nem o lavor brincado da pedra, nem as ondulações do couro, nem as arestas vivas do metal. É francamente talha do melhor feitio, dentro do estylo escolhido. Não só a douraram, mas realçaram os quadros em relevo com uma suave e discreta polychromia. Representam trinta passos da vida de S. Bento.

Ha dois orgãos, mas só o da nossa estampa (lado da Epistola) tem o apparelho musical; o seu irmão apresenta uma talha egualmente admiravel, só com alguma differença no desenho e nos escudos superiores. As aguias que coroam o cadeiral, alternando com anjinhos, são symbolo do patriarcha S. Bento e repetem-se na esplendida caixa do orgão. A ave maior do centro é, porém, um pelicano, symbolo do amor divino; por debaixo avista-se o escudo da Ordem sob a corôa real; á direita a cruz de Aviz, á esquerda a da milicia de Christo.

Depois, vem a talha descendo como um cortinado de renda, em arabesco magistral, adaptado com arte inexcedivel ao esqueleto metallico do magestoso instrumento, armado de quarenta e seis registos! Até os *passarinhos* alli têm voz, no meio de uma poderosa orchestra, colorida tambem á moda nacional, com um suave bucolismo de *dolçainas, violões, flautas,* e outros instrumentos.

Joaquim de Vasconcellos.

Chœur et orgue

Ces deux pièces superbes, qui traduisent fidèlement la splendeur de leur époque, contrastent d'une manière saisissante avec la sévère simplicité de l'intérieur. Toute cette sculpture prodigieuse nous rappelle, rien que par la magnificence, les mines d'or et de diamants du Brésil, dont la découverte (1693) était venue renouveler le rêve de grandeur et de faste impérial, que D. Manuel évoqua pour la génération des premières années du XVIe siècle.

Après les excès du style *manuelino,* dont la dégénération est visible dans le portail de la sacristie d'Alcobaça, dans les portiques semblables d'Evora et de Villa Viçosa et surtout à Thomar, on devrait naturellement s'attendre aux décorations du style *barocco,* qui peupla les arabesques de chérubins joufflus, et jòuant avec des oiseaux exotiques entre des pampres surchargés de grappes. Il ne manque pour une bacchanale que les satyres et les mènades. Dans la cathédrale de Braga ce sont huit faunes énormes, caracterisés en toute rigueur classique, qui supportent les balcons de deux grands orgues, dans son genre un splendide ouvrage de sculpture polychromique, du meilleur goût. Un troisième exemple remarquable est celui de l'orgue de St. Gonçalo d'Amarante, dont le balcon repose sur trois tritons nus, d'une grandeur colossale, très bien lancés.

Cet art d'un mérite incontestable, quoique dépourvu d'élévation, qui calcule savamment tous ses effets, qui sait construire avec une solidité à toute épreuve, sculpter, peindre et dorer avec un talent consommé, est né du mélange érudit des lettres sacrées et profanes, et aboutit à un genre nouveau qu'on peut appeler *l'Opera au bon Dieu.*

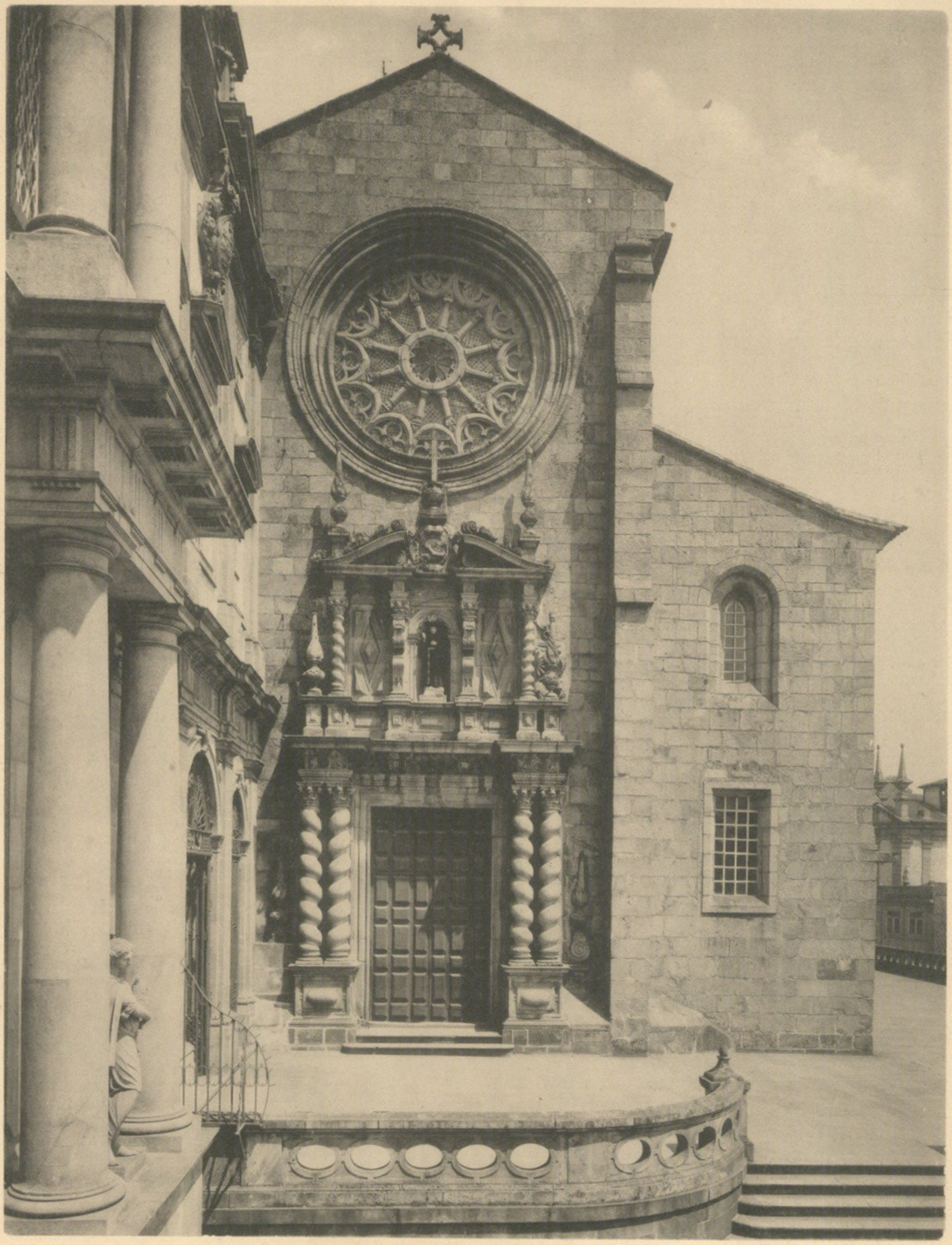
En effet, pour peu que l'on veuille se donner la peine de feuilleter la *Vie du Prince des Patriarches St. Benoît,* écrite par le chroniqueur fr. Jean dos Prazeres (Lisbonne, 1683-90, IIe vol. fol.), on y trouvera un vaste champ pour l'étude et l'interprétation des symboles de l'art décoratif du XVIIe et XVIIIe siècles. C'est une mine inconnue que cet ouvrage, illustré de nombreuses gravures portugaises, plein d'érudition classique, de légendes et de mythes, d'emblèmes et de figures allégoriques où les Saints Pères, les ermites et les ascètes coudoient, dans un accord parfait, Virgile et Ovide, Camoens et Pétrarque, Properce et Juvénal, Horace et Lucrèce. Une forte dose d'allégorie chrétienne melangée à une dose non moins respectable de mythologie païenne suffisent à expliquer les motifs artistiques et les sujets inépuisables de la prodigieuse sculpture en bois du XVIIe siècle, qui se marie admirablement à la grande peinture céramique de cette époque et à celle du siècle suivant, fréquemment érotique.

Dans le chœur de St. Benoît les scènes de la vie du Patriarque sont encadrées comme des tableaux, mais la toile et les couleurs ont paru trop maigres aux doctes moines; ils aspiraient à plus de splendeur plastique. Mais les artistes ne dépassèrent pas, heureusement, la juste mesure et firent preuve de bon goût en se maintenant strictement dans le genre que la nature des matériaux leur imposait; ils surent éviter la surabondance nuisible de détails et dédaignèrent d'imiter les effets speciaux de la ciselure des pierres, des cuirs et des métaux. C'est, dans le style adopté, de la sculpture de la meilleure manière, dont la dorure est rehaussée par une polychromie douce et discrète. Ces tableaux représentent trente passages de la vie de St. Benoît.

Il y a deux orgues, également belles, dont la sculpture ne diffère que par quelques détails du dessin et par les écussons supérieurs; mais celui que montre notre gravure (côté de l'Épître) est le seul qui contienne l'appareil musical.

Les aigles qui couronnent le siège, alternant avec des anges, sont le symbole du Patriarche St. Benoît, et se trouvent reproduits sur l'admirable caisse de l'instrument. L'oiseau au centre est un pélican, symbole de l'amour divin; au dessous sont les armes de l'Ordre sous la couronne royale; à droite la croix d'Aviz, à gauche celle du Christ. Ensuite la sculpture descend, comme un rideau de dentelle, en arabesques magistrales, qui s'adaptent merveilleusement au squelette métallique de l'instrument, armé de quarante six registres! Dans ce puissant orchestre il ne manque pas même le gazouillement des oiseaux mêlé, à la manière portugaise, aux notes bucoliques des *doçainas, violes, flûtes* et autres instruments.

Joaquim de Vasconcellos.

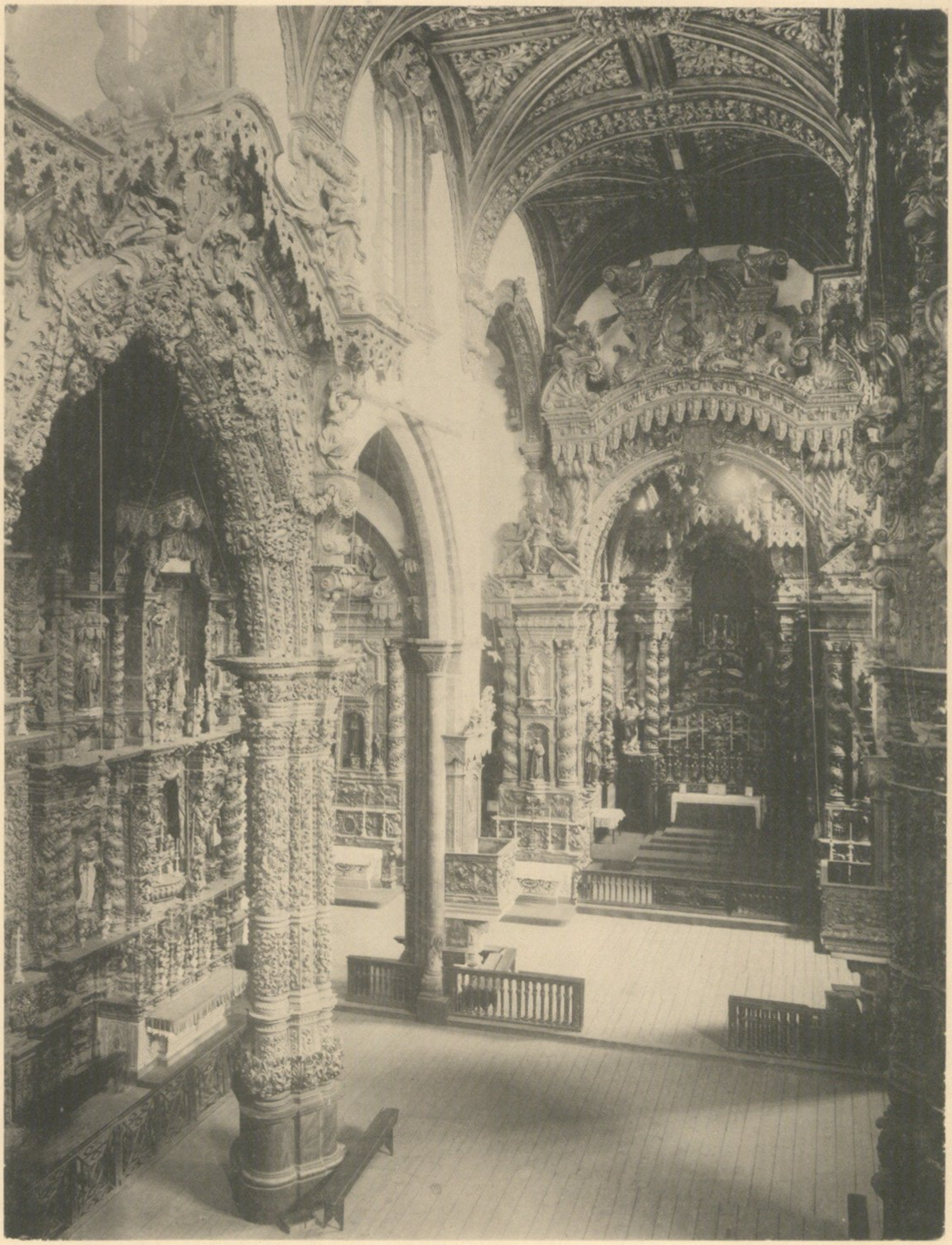


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Egreja de S. Francisco (exterior)

PORTO

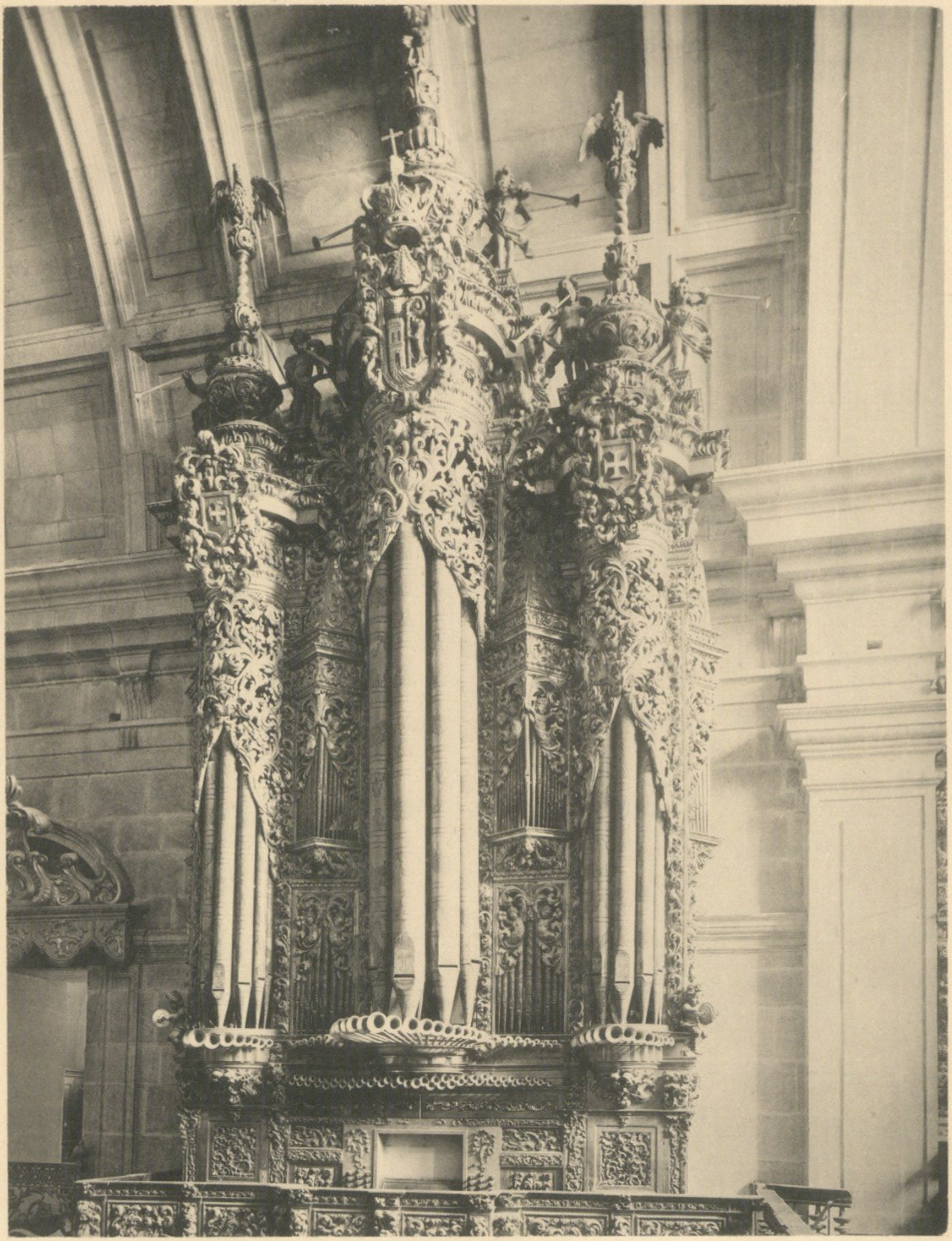


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Egreja de S. Francisco (interior)

PORTO

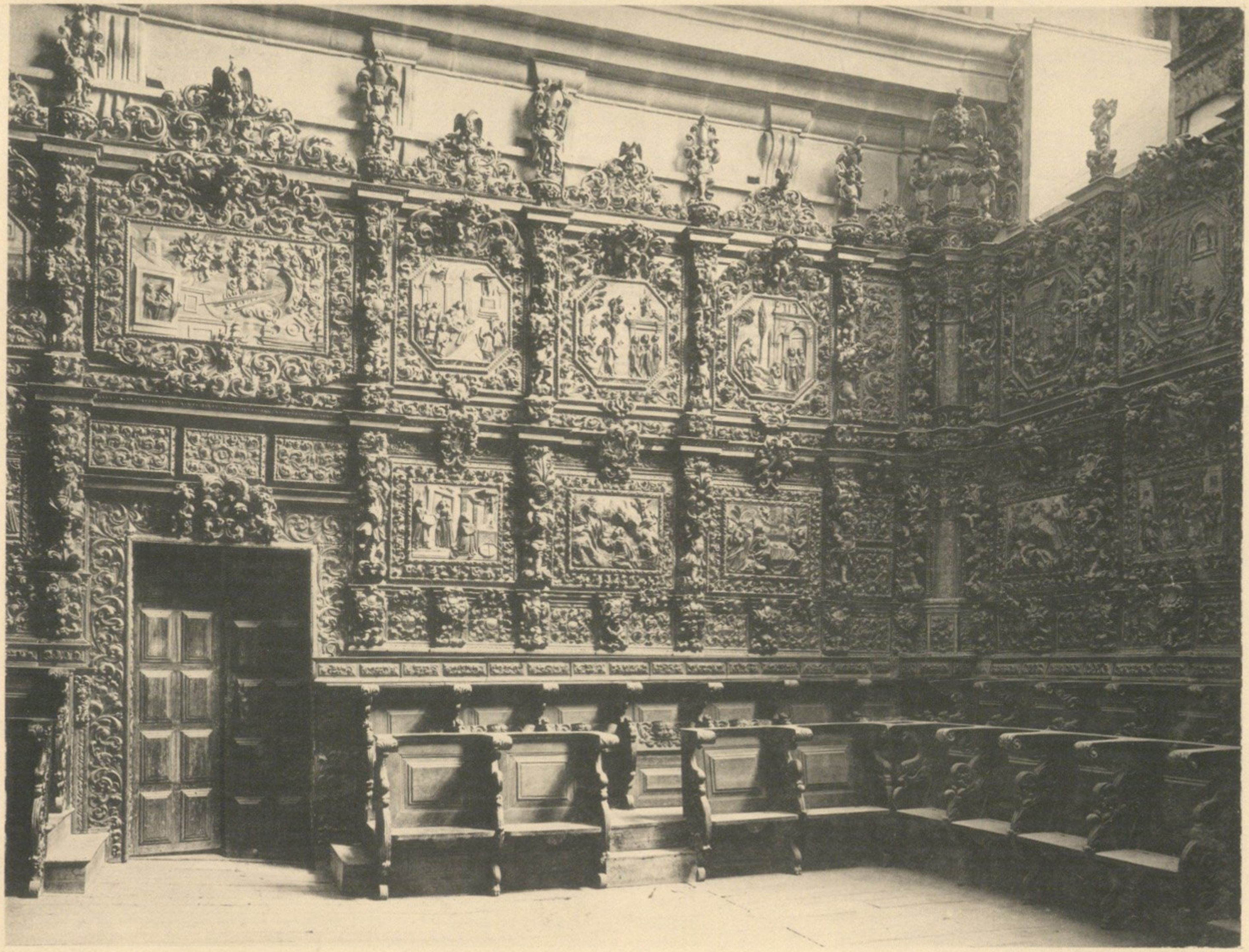


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Orgão na Egreja de S. Bento da Victoria

PORTO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Côro na Egreja de S. Bento da Victoria

PORTO

Evora

A CIDADE alastra-se em ampla collina de declives brandos, no planalto alemtejano. Terrenos de schistos rotos por formações graniticas elevam-se a 150 metros sobre o nivel do mar. A poucos kilometros a norte da cidade está a divisoria das aguas; diz-se que as aguas da chuva que cae no monte da Oliveirinha vão para o Divor que vae ao Tejo, para o Xarrama que afflue no Sado, para o Degebe que desagúa no Guadiana.

Evora, propriamente, pertence á bacia hydrographica do Sado. Como está alta, sem grandes montanhas proximas, tem largos horisontes. O clima é secco, ar puro, céo muito azul, com lindos dias de sol; ás vezes no verão o ar aquece extraordinariamente, sem humidade que minore o ardor, e em noites de outono e de primavera caem geadas tão rijas, que matam a vegetação menor.

Em roda da cidade ha farrejaes, uma zona de quintas e courellas, com oliveiras, vinhas, e depois os campos, as herdades onde se cultivam os cereaes, se criam gados, e crescem vastos montados de azinho e sobro, de um verde escuro, severo. O pinheiro e o castanheiro não se desenvolvem bem; a camellia, rodeada de cuidados, vive mal.

Como se vê, ha differença grande entre Minho e Alemtejo, n'este cantinho da peninsula, embora ambas as provincias estejam sobre terrenos analogos. Nos povos nota-se differença tambem, no aspecto, nos costumes, na falla, no vestuario. Na vida social a differença marca-se desde que ha documentos escriptos, porque a propriedade territorial e a alimentação nos primeiros tempos da monarchia no Minho e no Alemtejo correspondiam já ao estado actual.

As vicissitudes historicas e politicas não alteram o eido nem a herdade, nem as migas e o caldo verde. Em geral a casa é construida de alvenaria e tijolo, e o alvanéo sabe, sem simples, erguer a abobadilha de tijolo, que é muito poroso, e cal que é mui rija. Pedras de granito formam escadas, portaes, janellas, columnas; ás vezes emprega-se o marmore de Extremoz que é mui lindo e de extraordinaria resistencia ás injurias do tempo. Em geral a casa é asseiada, e a chaminé é ampla, de lareira baixa. O povo usa meias e sapatos; não ostenta objectos de ouro em profusão, e veste singelamente, de escuro. O gabão eborense é especial, feito de burel, não tinto. O homem do campo usa safões, e sobre a camisa e collete põe a pelliça e a çamarra de pelle ovina. Leva a comida n'um tarro de cortiça. O pastor toca uma flauta sem chaves, e sabe versos e contos; alguns fazem a quadra e a decima, cantam ao desafio, e têm uma certa tendencia para o jocoso e para a satyra. Em religião o povo alemtejano é pagão-catholico, venera certas imagens protectoras, gosta do culto brilhante, da festa ruidosa, e das grandes romarias entre as colheitas dos cereaes e as vindimas. É moral, respeita o casamento; os crimes são poucos, dominando porém o crime violento, de occasião. O roubo organisado, a falsificação, o abandono da familia são raros. A emigração quasi não existe.

Evora é uma cidade rica, isto é, ha ahi um cento de familias abastadas, e entre estas algumas das mais opulentas do paiz. A propriedade no Alemtejo, em geral, está muito accumulada. Já esteve menos; muito menos no seculo XVI; tem-se reunido de então para cá, e a tendencia actual parece ser para maior concentração ainda. A exportação da cortiça que augmentou extraordinariamente depois de 1860, explica a formação de algumas grandes fortunas alemtejanas.

Sobranceira aos seus olivaes e vinhedos, ás terras de pão, e aos montados de azinho e sobro, a cidade mostra a sua elegante linha coroada pela imponente cathedral, de altas torres quadradas, e alteroso zimborio, que parece um elmo. A estampa mostra bem a Sé eborense.

No primeiro plano a photographia apresenta-nos o rocio de S. Braz; o arvoredo da avenida que da estação do caminho de ferro conduz á porta do sul, onde começa a rua do Paço, agora chrismada em Marquez de Pombal.

Ao terminar o arvoredo da avenida sobresae o palacio Barahona, e os seus jardins. Á esquerda o arvoredo do passeio publico, em terraço sobre as muralhas dos baluartes feitos no seculo XVII. Sobre o arvoredo do passeio espreita a casa do asylo de infancia, construcção modernissima, e logo a grande parede sul da egreja de S. Francisco, com os seus coruchéos e ameias do seculo XVI. A torre que se vê isolada é moderna. Além do templo de S. Francisco, á esquerda, avista-se Santo Antão, construido pelo cardeal-rei, D. Henrique, quando era arcebispo de Evora.

Evora

LA VILLE s'étale sur les pentes faibles d'une large colline appartenant au plateau de l'Alemtejo, formé par des schistes, percés d'affleurements granitiques, qui s'élèvent à 150 mètres sur le niveau de la mer. À peu de kilomètres de la ville est la ligne de faîte de la formation; les eaux pluviales provenant de la montagne d'Oliveirinha se partagent entre le Divor qui se jette dans le Tage, le Xarrama qui afflue dans le Sado, et le Degebe qui débouche dans le Guadiana.

Evora appartient au bassin hydrographique du Sado. Comme elle est placée sur une éminence, sans le voisignage d'élévations considérables, elle jouit d'un large horizon; l'air y est pur et sec, le ciel d'un beau bleu, les jours de soleil. Quelquefois, pendant l'été, l'atmosphère, presque dépourvue d'humidité, s'échauffe à point extraordinaire; les nuits d'automne et de printemps les gelées sont parfois si fortes que la végétation en souffre beaucoup.

Il y a tout autour de la ville une zone de petites fermes, des prés à fourrage, des oliviers, des vignobles; puis, à perte de vue, de larges champs (*herdades*) destinés à la culture des céréales et à l'élévage du bétail, et de vastes chenaies d'yeuses et de liéges, d'un vert sombre et sévère. Le pin et le châtaignier se développent avec beaucoup de difficulté; les camélias, malgré tous les soins, y dépérissent.

La différence entre le Minho et l'Alemtejo est sensible au point de vue agricole, malgré que les deux provinces, reléguées dans un coin de la Péninsule, soient d'une constitution géologique très semblable; elle l'est encore plus dans les mœurs et le caractère, dans le langage et le costume. Dans la vie sociale cette dissemblance date d'un âge très reculé, car d'après les plus anciens documents historiques le régime foncier et l'alimentation se sont maintenus à peu près inaltérables jusqu'à nos jours. Les vicissitudes historiques et politiques n'ont pas fait disparaître le *eido* ni la *herdade*, non plus que les *migas* et le *caldo verde*.

Les maisons sont presque toujours bâties en briques et moellons; le maçon sait très bien élever, sans l'aide des cintres, de petites voûtes en briques, très poreuses, liées par un mortier très ferme. Les escaliers et les colonnes, les portes et les fenêtres sont en granit; quelquefois on emploie le marbre d'Estremoz, qui est très beau et d'une grande endurance. En général les maisons sont proprement tenues; la cheminée est ample, à âtre fort bas.

Les gens du peuple portent des chaussettes et des souliers; ils tiennent peu aux bijoux et préfèrent les étoffes sombres pour leurs vêtements, d'une coupe simple; le caban d'Evora est fait d'une bure spéciale, non teinte. Le campagnard porte de larges culottes, et sur la chemise et le gilet une pelisse en peau de brebis; il emporte sa nourriture dans une sorte de caisse en liége. Le berger joue de la flûte, sans clefs; il sait débiter des vers et des contes; plusieurs même composent des quatrains et des dixains, généralement satyriques ou facétieux, et les chantent en compétence.

En matière de religion le peuple d'Alemtejo est païen-catholique; il vénère les images et montre un gout prononcé pour les cérémonies fastueuses du culte; il aime les fêtes bruyantes et les grandes pèlerinages entre les récoltes et les vendanges. Il a des mœurs et respecte le mariage; les crimes, peu nombreux, sont des violences occasionnelles; le vol organisé, la falsification, l'abandon de la famille sont fort rares. L'émigration est presque nulle.

Evora est une ville riche; c'est-à-dire, on y connaît une centaine de familles riches, dont plusieurs comptent au nombre des plus opulentes du Portugal. La propriété foncière de l'Alemtejo est accumulée en peu de mains. Elle l'a été beaucoup moins dans le XVI^{e} siècle; mais à partir de cette époque la concentration s'est graduellement prononcée, sans que le mouvement tende à ralentir. L'exportation du liége, qui depuis 1860 a pris un grand essor, explique la formation de quelques grandes fortunes de l'Alemtejo.

Au dessus de sa verte ceinture de vignobles et d'oliviers, de champs et de chenaies, la ville découpe son élégante silhouette, couronnée par les hautes tours carrées de la majestueuse cathédrale et par son dôme qui ressemble à un casque. L'estampe en donne une idée assez parfaite. Au premier plan on voit la place St. Blaise, et les arbres de l'allée qui conduit de la gare à la Porte du Sud, où commence la rue du Palais, à présent du Marquis de Pombal.

Au bout de cette allée se détachent le palais Barahona et ces jardins; à gauche la Promenade publique, en terrasse sur les murailles des bastions du XVII^{e} siècle. Au dessus des arbres de ce jardin

Á direita do palacio Barahona avulta em tom escuro o edificio do convento da Graça, erguido em tempo de D. João III. Uma casa que alveja por sobre o telhado da Graça, é agora residencia particular e foi o palacio do bispo D. Affonso de Portugal. Perto vê-se um trecho do claustro da Sé (seculo XIV) e avulta logo dominando tudo a construcção robusta e altaneira da Sé (seculos XII-XIII), seguindo-se ao zimborio, lado do nascente, á direita da estampa, a capella-mór, primorosa obra do tempo de D. João V. A photographia está tão nitida que mostra bem a differença do claro marmore que reveste a capella-mór, e o tom pardo-escuro da silharia de granito. Entre a casaria miuda vê-se ainda a parte superior da Misericordia, e o começo do Carmo. De qualquer parte que se photographar a cidade apparecem palacios e conventos, de familias fidalgas que abandonaram a cidade ha muito, de ordens religiosas que se apagaram, para salvar as finanças do paiz.

Riqueza historica, archeologica e artistica abunda em Evora.

> ... Evora preclara e populosa
> Bem celebre por sua antiguidade.

como diz Francisco do Nascimento Silveira, no *Côro das Musas*.

> Eis a nobre cidade...

diz Camões nos *Lusiadas*, c. III, est. 63.

Nos arredores ha multidão de dolmens ou antas, sepulturas pre-historicas, monumentos a que os archeologos dão alto apreço, e muitos restos de construcções romanas, que mostram que este paiz foi em tempos pre-romanos e romanos muito povoado.

Solares medievaes existem ainda alguns bem interessantes no aro da cidade.

Dentro segue-se bem todo o circuito da muralha romana, conservando-se em bom estado lanços inteiros de grande apparelho. Torres wisigodas reforçam em pontos a muralha romana. A parte dos antigos fossos, hoje ruas, guarda o nome arabe: as *alcarcovas*.

Essa muralha é a *cerca velha* dos antigos documentos. Na parte mais alta da collina admiramos a columnata do templo romano, a par a cathedral, o paço dos arcebispos, a um lado os Loyos e o palacio da torre de cinco quinas (casa Cadaval), a outro lado o que resta do Santo Officio, proximo o pateo de S. Miguel (palacio curiosissimo).

É um monumento, esse conjuncto todo. Ha ahi coisas romanas, janellas arabes deliciosas (Cadaval), na cathedral ha ogival de todas as épocas e maravilhas do renascimento.

Recordações, santo Deus! quantos dramas e tragedias, quantas festas, quantas luctas, quantos soffrimentos por esses palacios e praças!

Será raro encontrar casa antiga em Evora que não tenha escondrijos. Não é preciso chegar á antiguidade, basta o seculo que ha pouco findou, para achar paginas historicas. A resistencia ás tropas de Napoleão que terminou em barbaro massacre, o final da guerra contra D. Miguel, a lucta contra os Cabraes, de que resultou o bombardeamento em 1846.

N'esse rocio que ahi se vê morreu muita gente queimada em *autos de fé;* ahi esteve formado o exercito de D. Sancho Manuel em dia de grande victoria.

O *templo romano* de Evora occupa a parte mais elevada da cidade; a pouca distancia a norte existe ainda um lanço completo da muralha primitiva. No tempo dos romanos quem viesse d'esse lado, já de muito longe, devia avistar a forte muralha, e sobre ella a esbelta columnata, muito destacada.

A estampa representa as faces norte e oriental, esta em plena luz.

Á direita parte do edificio que foi Santo Officio, hoje propriedade particular; ao fundo parte do paço archi-episcopal e os extremos das torres da Sé.

O templo assenta sobre rocha de schisto mui rijo; encheram alguns vãos de apparelho grosseiro, e assim formaram o taboleiro horizontal sobre que assentaram a primeira fiada de silharia. Os silhares dos cantos são os maiores. Como a photographia está mui nitida, vê-se bem o apparelho.

Sobre o solido envasamento de *opus incertum,* com moldura de grossas pedras faciadas formando

surgit l'Hospice des Enfants, construction toute récente, et la grande muraille de l'église St. François, couronnée de flèches et de créneaux, datant du XVI^e^ siècle; la tour isolée est moderne. A gauche du temple de St. François on voit encore St. Antoine, bâti par le cardinal-roi D. Henri, lorsqu'il était archevêque d'Evora.

A droite du palais Barahona se lève le sombre couvent de Graça, du temps de D. Jean III; l'hôtel qui en surpasse le toit a été autrefois la résidence de l'évêque D. Alphonse de Portugal. A côté un morceau du cloître de la cathédrale (XIV^e^ siècle); ensuite la bâtisse puissante et fière de cette vieille église (XII^e^ et XIII^e^ siècles) dont la chapelle principale, ouvrage précieux du temps de D. Jean V, est à droite du dôme. La photographie, assez nette, permet de distinguer le marbre clair qui revêt la chapelle d'avec le granit gris-sombre des murs de la cathédrale. On voit encore, dans le semis de maisons, la partie supérieure de l'édifice de la Miséricorde et le commencement de celui du Carmo. De quelque part qu'on examine la ville surgissent palais et convents, de vieilles familles nobles qui ont quitté la ville depuis longtemps, et d'ordres religieux disparus pour sauver les finances délabrées du pays.

Les richesses historiques, archéologiques et artistiques abondent à Evora.

> ... Evora preclara e populosa
> Bem celebre por sua antiguidade.

comme dit François do Nascimento Silveira, dans le *Coro de Musas*.

> Eis a nobre cidade...

dit Camoëns dans les *Lusiades*, c. III, est. 63.

Les environs sont pleins de dolmens, tombeaux préhistoriques auxquels les archéologues attachent beaucoup de prix, ainsi que de nombreux restes de constructions romaines qui montrent que cette région a été très peuplée dans les époques romaine et préromaine.

Dans les faubourgs subsistent encore quelques demeures seigneuriales du moyen-âge, assez intéressantes. On peut suivre assez bien, à l'intérieur de la ville, le contour de l'ancienne muraille romaine, dont de larges pans sont encore debout, en bon état. Quelques tours wisigothiques la renforcent çà là; les anciens fossés, convertis en rues, conservent le nom arabe d'*alcarcovas*.

Cette muraille est la *vieille enceinte* des anciens documents. Dans la partie la plus élevée de la colline on admire la colonnade du temple romain, à côté la cathédrale, le palais des archevêques, d'un côté les Loyos et le palais de la tour des quinas (hôtel de Cadaval), de l'autre les restes du Saint-Office; près de là la cour St. Michel (palais très curieux).

Il y a dans cet ensemble monumental des choses romaines, des fenêtres arabes délicieuses (Cadaval), de l'ogival de toutes les époques, des merveilles de la Renaissance. Et combien de souvenirs historiques! Que de drames et de luttes, que de fêtes et de souffrances se rattachent à ces palais et à ces places!

Il n'est pas besoin de remonter trop loin pour trouver des pages historiques; le siècle qui vient de finir nous en fournit plusieurs: la résistance à l'armée de Napoléon terminée par un effroyable massacre, la fin de la guerre de D. Michel, la lutte contre les Cabraes, d'où s'ensuivit le bombardement en 1846. Presque toutes les vieilles maisons d'Evora ont des cachettes. Dans cette place St. Blaise quelques milliers de personnes ont été brulés dans des *auto-da-fé;* c'est là que les troupes de D. Sancho Manuel ont fait la parade, le lendemain d'une victoire retentissante.

Le *temple romain* d'Evora est placé sur la partie plus élevée de la ville; à peu de distance, tout un pan de l'ancienne muraille est visible. Au temps des romains, elle aurait dû l'être de fort loin, ainsi que la colonnade qui se détache élégamment au dessus de la muraille. L'estampe en montre les faces nord et couchant, celle-ci en pleine lumière; à droite, la maison où était installée autrefois la Sainte Inquisition; au fond une partie du palais archiépiscopal et un bout des tours de la cathédrale.

Le temple est assis sur du schiste très dur, dont les vides furent comblés avec un appareil grossier, afin d'établir la plateforme de fondation sur laquelle repose la première assise, en pierre taillée. Comme la photographie est très nette, l'appareil est bien visible.

Sur le solide embasement construit en *opus incertum,* encadré de grosses pierres taillées formant sócco e cornija, ergue-se a columnata completa na face norte, incompleta nas de oriente e poente. Na oriental ha quatro columnas completas além da angular, na occidental restam duas completas, duas perderam os capiteis, da quinta só a base existe.

Os fustes são de granito, estriados de doze meias canas. Bases e capiteis de marmore branco, de Extremoz; sendo os capiteis corinthios, de opulenta decoração e bem lavrados.

É hexastylo, tem seis columnas na face menor.

É pyknostylo, quer dizer, o intercolumnio tem diametro e meio de columna; é o minimo consentido na grande arte romana.

As dimensões principaes são: altura do envasamento 3^{m},46; largura no sócco 15^{m},25; comprimento no sócco 25^{m},18; altura da columna, total 7^{m},68; maior diametro do fuste 1^{m},00. O intercolumnio varía de 1^{m},35 a 1^{m},68. Completo, a altura total seria proxima de 15 metros.

Em muitos pontos do envasamento ha restos da conhecida argamassa romana formada de cal e pequenos fragmentos de tijolo, de extrema rijeza, mostrando que todo o *opus incertum* foi assim revestido primitivamente. As duas columnas medias da face norte foram entalhadas para metter ahi uma porta ogival. A escadaria, com a ara, deitava para o sul. A disposição das columnas, as proporções, o estylo, estabelecem identidade com a conhecida *maison carrée* de Nimes, e o templo de Antonino e Faustina em Roma. Por isto os archeologos o attribuem ao fim do II seculo ou começo do III. É de notar que algumas pedras mostram ter sido aproveitadas de alguma construcção anterior. Em roda do templo descobriram-se tanques, e paredes de pequenos edificios de ha muito arrasados. Encontraram ahi um pedaço de base de estatua, um dedo de figura colossal, e pequenos fragmentos de folhagem dos bellos capiteis corinthios.

Infelizmente não podemos saber a que divindade foi este templo consagrado.

A meu vêr o templo foi destruido pela reacção religiosa; o christão victorioso depois das perseguições soffridas vingou-se nos templos pagãos e nas estatuas.

As estatuas que apparecem são quasi todas degoladas. Os wisigodos aproveitaram a ruina, encheram os vãos de alvenaria, coroaram o edificio com ameias, transformaram-no n'uma torre do castello.

Em tempo de Fernão Lopes já estava desligado do castello, e servia de açougue ou mercado da cidade. Depois foi aproveitado pelo Santo Officio, e rodeado de pequenas construcções.

Em 1836, Avila, administrador geral do districto, depois duque de Avila, baniu o açougue. Em 1841, por diligencia de Rivara isolou-se o edificio pela cedencia e demolição da chamada *inquisição velha.*

Eu ainda conheci o edificio, com as suas ameias, janellas de volta redonda, porta em ogiva, e sobre esta, na face norte, um campanario com a sineta do concelho, o *sino de correr,* que tocava espaçada e lamentosamente o recolher ás oito ou nove horas da noite, conforme a estação, ao mesmo tempo que o carcereiro martellava nos ferros da cadeia, antes de fechar as janellas.

Em 1870, por iniciativa da Camara Municipal, procedeu-se ao isolamento do romano puro, derribando-se tudo que era medieval, ou simples alvenaria moderna.

No Murphy, *Voyage en Portugal,* t. II, estampa 18; no *Panorama,* 1844, pag. 407; no *Archivo Pittoresco,* t. VIII, pag. 313, podem estudar-se os differentes estados do edificio. Antes da demolição de 1870, a casa Laurent photographou o templo, apanhando grande parte das faces norte e poente.

Falta uma coisa importante para o estudo. O templo deve ter subterraneos ou cisterna. Nunca foi explorada.

A ermida de S. Braz. — Indo da estação do caminho de ferro para a porta do Rocio, a meio caminho, á direita, dá logo nas vistas a singular ermida de S. Braz, com o seu altivo ar guerreiro.

Foi construida em 1480; chamavam então á pequenina elevação onde a edificaram o *Outeiro da Corredoura;* em 1479 tinham improvisado ahi um hospital de madeira para os pestosos.

No alpendre destacam-se bem as ogivas, mas a porta de entrada e as duas janellas que a ladeiam são do seculo XVIII.

Os grandes gigantes que fortalecem as paredes são posteriores á primeira construcção, porque em parte cobrem ou tapam frestas ogivaes ainda faceis de reconhecer. Mas tal modificação deve datar do começo do seculo XVI, porque aquelles coruchéos e ameias encontram-se em Evora n'esse tempo, por exemplo na ermida de Garcia de Rezende, na cerca do Espinheiro, provavelmente por elle mesmo de-

socle et corniche, se dresse la colonnade qui n'est complète que du côté nord. Dans la face tournée à l'orient il y a quatre colonnes complètes, outre celle qui fait l'angle; au couchant, il y en a deux complètes, deux autres dépourvues de chapiteaux et la base seulement de la cinquième. Les fûts sont en granit, striés de douze demi-cannelures; les bases et les chapiteaux, de l'ordre corinthien, sont en marbre blanc d'Estremoz, ceux-ci richement décorés et sculptés avec soin.

Il est hexastyle et pycnostyle, c'est-à-dire, à six colonnes sur le devant, dont les intervalles n'excèdent pas un diamètre et demi; le minimum admis dans le grand art romain.

Voici les dimensions principales: hauteur de l'embasement 3^{m},46; largeur dans le socle 15^{m},25; longueur dans le socle 25^{m},18; hauteur totale des colonnes 7^{m},68; plus grand diamètre des fûts 1^{m},00; intervalle entre deux colonnes de 1^{m},35 à 1^{m},68. L'hauteur totale du temple complet aurait dû approcher de 15^{m}.

En plusieurs points de l'embasement il y a des restes du célèbre mortier romain formé de chaux et de petits morceaux de briques d'une dureté extrême, ce qui montre que tout l'*opus incertum* en a été revêtu à l'extérieur. Les deux colonnes moyennes du côté nord ont été découpées pour y encastrer une porte ogivale; l'escalier et l'*area* donnaient sur le sud. La disposition des colonnes, leur proportions et le style rangent ce temple à côté de la bien connue Maison carrée de Nîmes et du temple d'Antonin et Faustine à Rome; c'est pourquoi les archéologues le croient construit à la fin du II^{e} ou vers le commencement du III^{e} siècle. Il faut remarquer que plusieurs pierres semblent avoir appartenu à d'autres constructions antérieures. Autour du temple des bassins ont été découverts, ainsi que des murs de petits édifices il y a longtemps démolis. Ces fouilles ont mis à jour un fragment de base d'une statue, un doigt de figure colossale et de petits morceaux de feuillage de beaux chapiteaux corinthiens.

On ignore malheureusement la divinité à laquelle ce temple était dédié. Je pense qu'il a été détruit par suite d'une réaction religieuse; le chrétien victorieux s'est vengé des persécutions subies sur les temples païens et sur les statues. En effet, presque toutes celles qui sont parvenues jusqu'à nous sont mutilées et manquent de tête.

Les wisigoths se sont utilisés des ruines pour en faire une tour du château de la ville, les intervalles des colonnes ayant été comblés de maçonnerie, garnie en haut d'une rangée de créneaux. Au temps de Ferdinand Lopes le temple était séparé du château et tenait lieu de boucherie et de marché de la ville. Le Saint-Office s'en empara plus tard, et l'entoura d'un tas de petites constructions. En 1836, le préfet du district, le futur duc d'Avila, en chassa la boucherie; enfin vers 1841, grâce aux soins de Rivara, la démolition de l'*Inquisition vieille* permit d'isoler l'antique édifice.

Je me le rappelle encore fort bien, les créneaux, les fenêtres en plein cintre, la porte en ogive, et sur celle-ci, tourné au nord, le clocher où la cloche municipale (*sino de correr*) sonnait lentement et lugubrement le couvrefeu à huit ou neuf heures du soir, selon la saison, cependant que le geôlier martelait sur les barreaux des fenêtres avant de les fermer.

En 1870, à la demande du conseil municipal, on a procédé à l'isolement de tout ce qui était romain pur, en l'affranchissant de tout ce qui était moderne ou du moyen-âge.

On peut examiner les divers états de l'édifice dans Murphy, *Voyage en Portugal,* t. II, est. 18^{e}; dans le *Panorame,* 1844, pag. 407; dans l'*Archive Pittoresque,* t. VIII, pag. 313. Avant la démolition de 1870, la maison Laurent a photographié les faces nord et couchant du temple.

Il manque toutefois une chose à l'étude complète de ce monument. Il y a dû avoir des souterrains ou des cîternes, mais on ne les a pas encore explorés.

La chapelle de St. Blaise. — Cette singulière chapelle, à l'air fier et martial, se trouve à mi-chemin de la gare à la porte du Rocio. Elle a été érigée en 1480 sur la petite élévation appelée *Coteau du Carrousel,* à la place d'un l'hôpital de pestiférés improvisé l'année antérieure.

Les ogives se détachent bien dans le porche, mais la porte d'entrée et les deux fenêtres à côté sont du XVIII^{e} siècle. Les grands contreforts qui soutiennent les murs sont postérieurs à la construction primitive, parce qu'ils couvrent partiellement des lucarnes ogivales faciles à reconnaître. Cette modification doit dater du commencement du XVI^{e} siècle, parce que les flèches et créneaux se rencontrent reproduits ailleurs en Evora, par exemple dans la chapelle de Garcia de Rezende, bâtie vers 1520 dans l'enclos d'Espinheiro, et probablement dessinée par lui-même. A l'intérieur il y a eu aussi des altérations contemsenhada, e que data de 1520. No interior houve tambem modificação, antiga, porque tapadas as pequenas frestas, correram as paredes, e azulejaram-nas a branco e verde, em xadrez, com seus caprichos engenhosos.

Cahindo ha annos, em 1885 ou 1886, fragmentos de reboco com os azulejos, viu-se que isso assentava em parede lisa, apenas mal ponteada, e com vestigios de pintura, folhagens, flôres, de largo desenho, ainda com as côres frescas. Em 1889 por occasião da visita official d'el-rei D. Luiz a vereação julgou... pouco decente que logo á entrada da cidade el-rei visse aquelle edificio tão negro, de aspecto torvo, como uma mesnada de guerreiros perfilados, com os seus elmos erectos. E mandou caiar; alguem fallou, e então mandaram caiar outra vez deitando na cal pós de sapatos, e S. Braz appareceu pardo a S. M., que não gostou do caso.

Agora está quasi no tom antigo. Mas os esgrafitos finos, á maneira de renda, que frisavam o alpendre sob as ameias, acompanhando escudos de Portugal, tudo levantado na rija cal eborense, sumiram-se quasi totalmente. E ha dias, em setembro, passei por lá, vi a porta aberta; e lá andava um alvanéo a rebocar boa parte das paredes interiores, que eu conheci ainda azulejadas; e não me soube dizer o destino que tinham tido os lindos azulejos de esmalte verde.

Que admira que isto succeda na provincia, quando eu estou a vêr agora (20 de outubro) as vetustas e gloriosas muralhas e torres do castello de S. Jorge, nos lados que olham para o norte, que tinham um tão lindo tom antigo, tão veneravel, todas rebocadinhas de fresco.

O *lyceu* eborense occupa uma parte da antiga Universidade de Evora.

O edificio onde agora se alojam a Casa Pia, o Governo Civil, a repartição de fazenda do districto, e o lyceu, foi construido pelo cardeal infante D. Henrique para collegio da Companhia de Jesus. Era o collegio do Espirito Santo. É um edificio de architectura jesuitica, feito para durar, regulado como uma grammatica.

Esse enorme edificio foi fundado em 1551, e já em 1554 estavam os padres ahi residindo. A construcção foi rapida. Em 1559 funccionava a Universidade. Houve depois algumas alterações importantes. A egreja, a actual, foi começada em 1567, terminada em 1574. A sacristia, que é muito interessante, foi reformada em 1599. Os azulejos polychromos da capella-mór têm a data 1631. O encruzamento dos dois grandes corredores, casa oitavada com alto zimborio, é de 1726. As aulas e casas de claustra têm bellos quadros em azulejo datados de 1746-1747. O grande corredor norte-sul agora em secções, tem 140 metros de comprido, e o de poente a nascente mais de 100 metros.

O refeitorio tem 37^{m},4 de comprido por 8^{m},7 de largo, com oito columnas magnificas no eixo medio da abobada. Ponho aqui estes numeros para dar idéa da grandeza do edificio.

Essa mole de alvenaria e marmore é rota por tres claustros; o maior era o geral da Universidade; a estampa representa o lado sul onde avulta a frontaria da sala dos actos grandes; infelizmente o interior da sala, de grande importancia artistica, está em ruina. A frente está intacta. A bella photographia que tenho presente dá bem nitidamente a impressão da alvura d'esses marmores. É um primor d'arte, muito especial, do meiado do seculo XVI, bem marcado. Dois cunhaes singelos e tres arcos, a que correspondem as portas da sala, e sobre os arcos tres largas janellas. Superiormente, a meio, as do cardeal, o escudo de Portugal com o chapeu e as borlas cardinalicias e armas; aos lados, rematando os cunhaes, duas estatuas de marmore, de amplas roupagens bem tratadas; duas bellas figuras feminis, uma com o sceptro e o sol, em bronze, representando a Universidade Real, outra com a lua e o baculo, indicando a Pontificia. Em cima, sobre as armas do cardeal, dois anjos sustentando um medalhão com as letras I H S.

Aos lados do frontispicio corre a galeria do geral com a sua columnata sobria, classica e firme, no primeiro pavimento; e no segundo a varanda, de grande pé direito, as grades de ferro nos intervallos de bases altas, com suas columnatas.

A quadra ou geral do lyceu, as suas aulas, a sala dos actos, a egreja e a sacristia, a capella particular do cardeal, o refeitorio e a sua monumental fonte ou lavatorio, constituem um grupo mui digno de attenção. Por essas luminosas arcadas passaram figuras historicas: D. Henrique e D. Sebastião, Francisco de Borja e Luiz de Mollina, e quantos mais!

G. Pereira.

poraines, car après la fermeture des lucarnes, les murs ont été couverts d'un revêtement de plaques en faïence verte et blanche, disposées en échiquier avec d'ingénieuses broderies.

Plusieurs de ces plaques ayant tombé en 1885 ou 1886, on vit qu'elles étaient posées sur un mur uni où étaient peints des feuillages et des fleurs, d'un dessin large, les couleurs encore fraîches. Lors de la visite officielle du roi D. Louis, en 1889, le conseil municipal crût peu convenable qu'au seuil même de la ville les yeux du monarque fussent désagréablement frappés par ce vieil édifice si noir, à l'air sévère, comme une compagnie de sombres guerriers aux casques menaçants. Il s'avisa d'abord de le rajeunir à la chaux, puis, de méchants bruits ayant couru, un second badigeonnage sel et poivre fut appliqué; mais il semble que le roi le prit fort mal.

Aujourd'hui le ton primitif s'est à peu pres rétabli; mais les sgrafittes, délicatement dentelés sur la chaux si dure d'Evora, qui ornaient le porche entre les écussons aux armes du Portugal, sont presque totalement disparus. Il y a peu de jours, en septembre, comme je passais par là et la porte était ouverte, je vis un maçon récrepir une bonne partie des murs intérieurs, naguère recouverts de faïences; il n'a pu me dire quelle a été la destinée de ces jolis plaques en émail vert.

Mais pourquoi s'étonner de ces petites misères de province, lorsque à Lisbonne même, on voit (20 octobre) les antiques et glorieuses murailles et tours du château St. George, dont la vénérable patine était si belle, fraîchement blanchies à la chaux!

Le *lycée* d'Evora occupe une partie de l'ancienne Université.

Le bâtiment où logent à présent la Casa Pia, la préfecture, le bureau fiscal du district et le lycée fut construit par le cardinal-infant D. Henri pour le collége du Saint-Esprit, de la compagnie de Jésus. C'est un édifice à architecture jésuitique, solide et reglé comme une grammaire.

Fondé en 1551, les R. R. Pères y résidaient déjà trois années plus tard, malgré ses grandes dimensions, et en 1559 l'Université y fonctionnait déjà. Quelques altérations importantes ont eu lieu dans la suite. L'église actuelle, commencée en 1567, a été finie en 1574; la sacristie, très intéressante, a subi une réforme en 1599. Les faïences polychromiques de la chapelle principale sont datées 1631. La salle octogonale, à dôme élevé, où se croisent les deux grands corridors, est de 1726. Les classes et les salles du cloître ont de beaux tableaux en faïence datés 1746-1747.

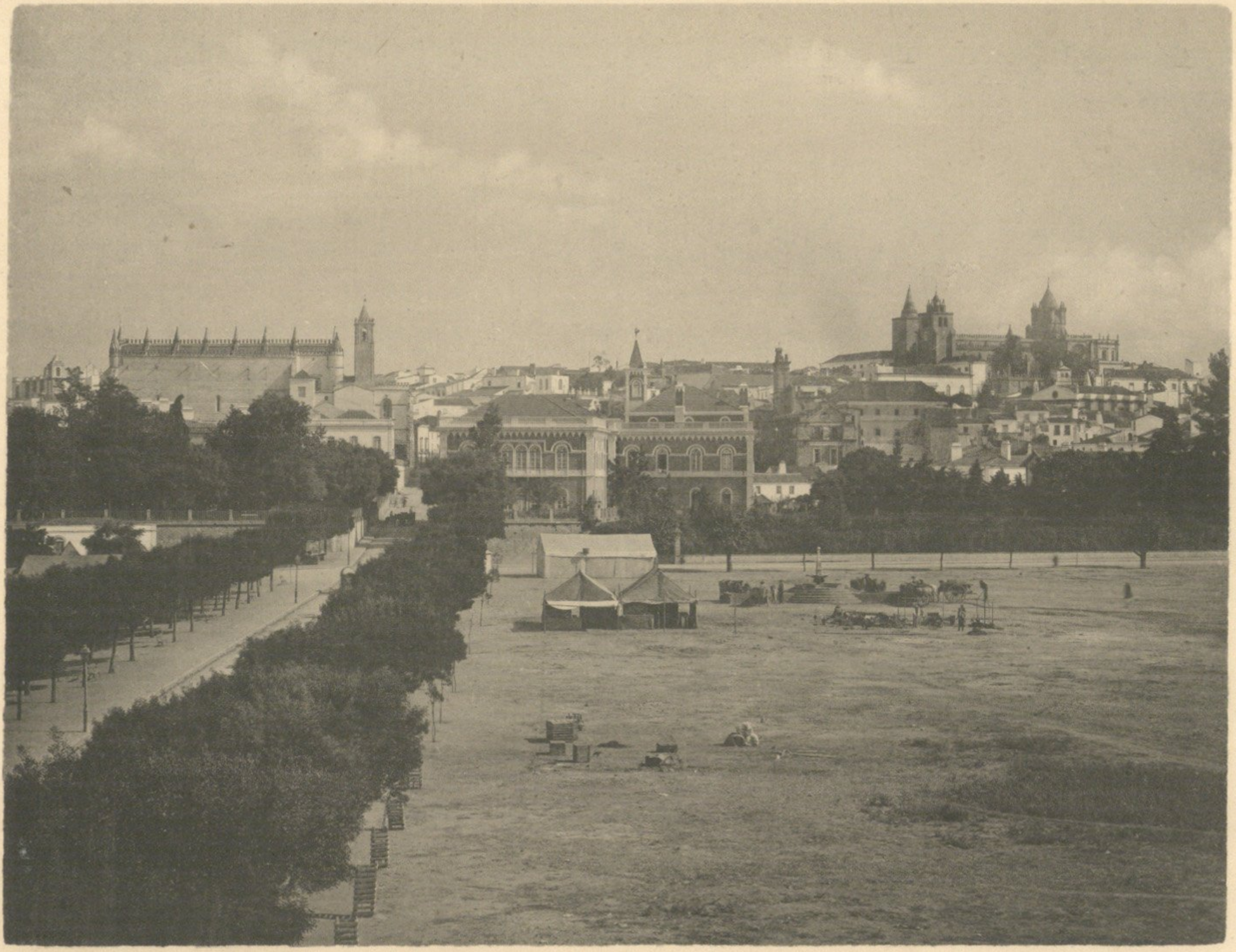
Le grand corridor nord-sud, à présent sectionné, a 140 mètres de longueur; celui qui le coupe perpendiculairement a plus de 100 mètres. Le réfectoire est long de 37^{m},4, large de 8^{m},7, avec huit magnifiques colonnes dans l'axe moyen de la voûte. Je rapporte ces dimensions pour donner une idée de la grandeur de l'édifice.

Cette masse énorme de pierre et de marbre est percée de trois cloîtres, dont le plus grand était celui de l'Université; l'estampe en montre le côté sud où se détache le frontispice de la salle des thèses. Malheureusement l'intérieur de cette salle, qui aurait dû avoir une grande valeur artistique, est en ruines; la façade seulement est intacte. La belle photographie que j'ai sous les yeux donne l'impression nette de la beauté de ces marbres et de ce chef d'œuvre bien caractérisé du milieu du XVI^{e} siècle. Deux encoignures, d'une ligne sobre, et trois arcs correspondant aux portes de la salle, et sur les arcs trois larges fenêtres; au milieu et en haut les armes du fondateur, l'écusson du Portugal couvert du chapeau et des pendants de cardinal; aux deux côtés dans la partie supérieure des encoignures, des statues en marbre, aux draperies bien lancées. Ce sont deux belles figures féminines, représentant les Universités royale et pontificale; la première porte le soleil et le sceptre en bronze, la seconde la lune et la crosse. Au dessus des armes du cardinal, deux anges supportent un médaillon enchâssant la divise I H S.

Aux deux côtés de ce frontispice court la galerie de la cour, une colonnade sobre, classique et solide, dans le premier étage; au deuxième, le balcon, très élevé, ceint de grilles en fer dans les intervalles des hautes bases des colonnes.

La cour du lycée, les classes, la grande salle, l'église et la sacristie, la chapelle particulière du cardinal, le réfectoire et son monumental lavabo, forment un ensemble digne d'intérêt. Ces arches lumineuses ont été maintes fois traversées par des figures historiques: D. Henri et D. Sébastien, François de Borja et Louis de Molina, et combien d'autres!

G. Pereira.

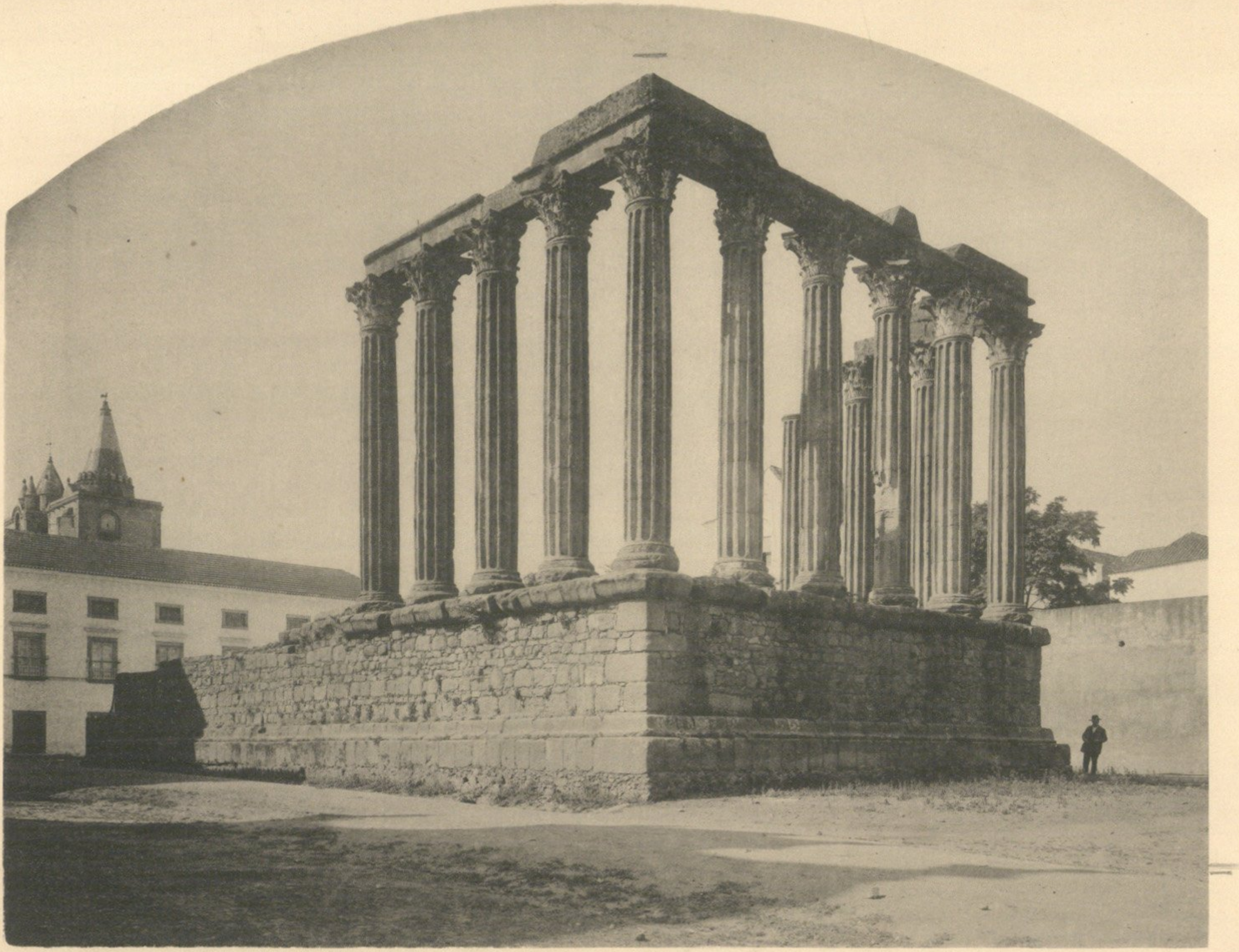


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista parcial da cidade

EVORA

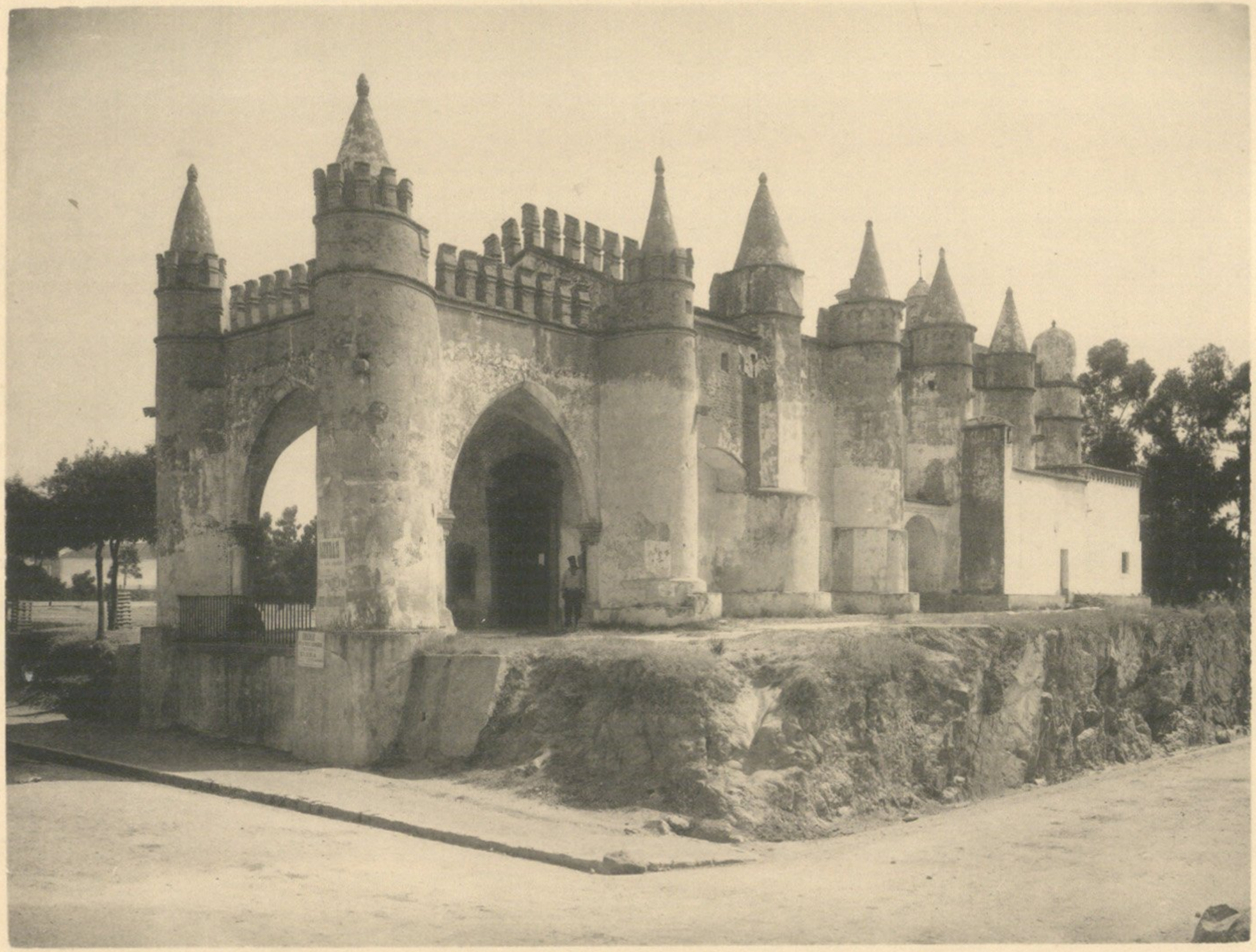


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Templo romano

EVORA

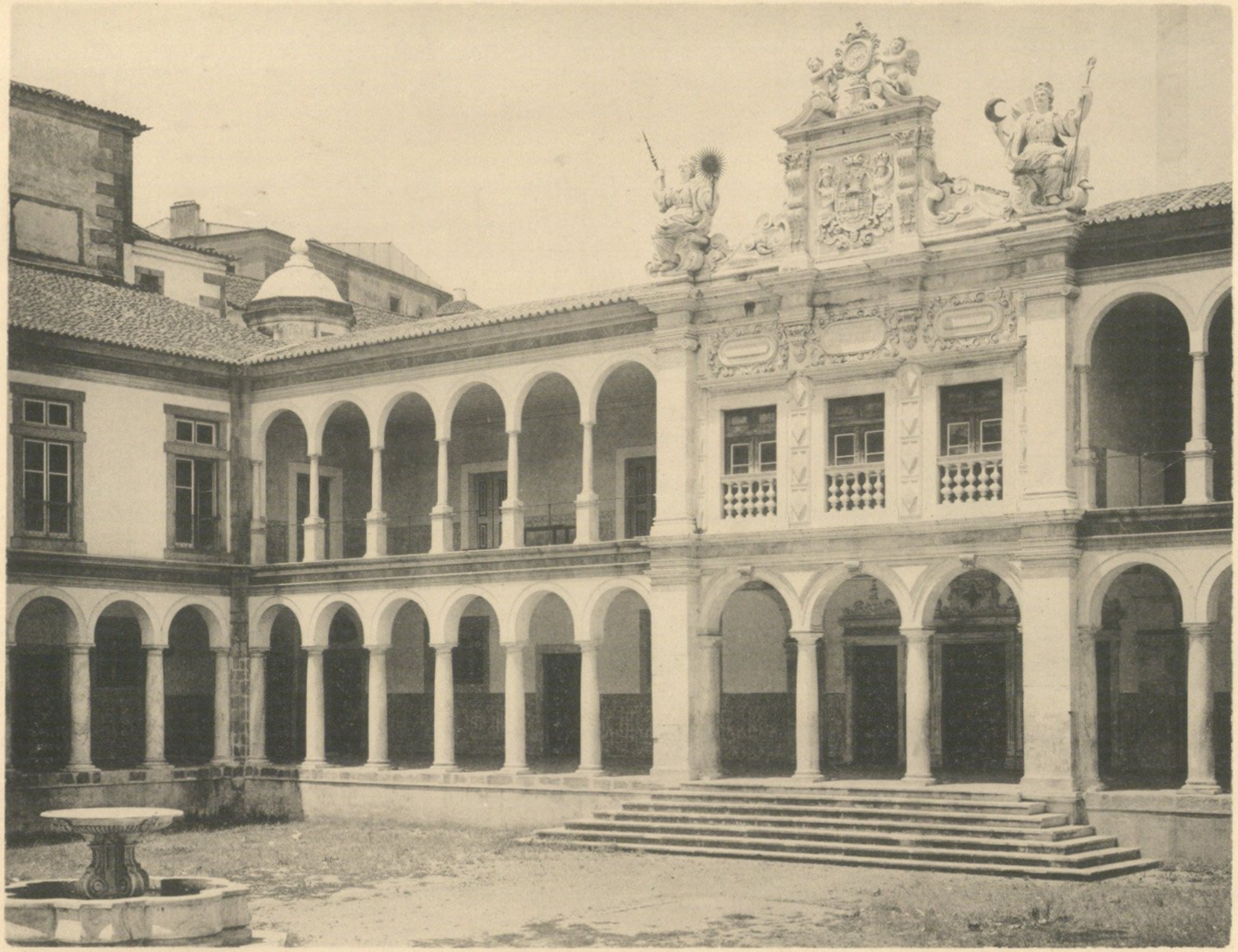


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Ermida de S. Braz

EVORA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Lyceu

EVORA

Lisboa

vista do castello de S. Jorge

Poucas vezes no mundo verá o viajante, como em Lisboa, tanta magnificencia de espectaculos naturaes, e tamanha variedade de scenario!

Lisboa observada da Penha de França, da Senhora do Monte, da Graça, do Castello (na praça Nova ou na esplanada da praça de armas), Lisboa contemplada do jardim de S. Pedro de Alcantara, da quinta da Torrinha em Valle de Pereiro, dos altos de Buenos-Ayres, ou do varandim do zimborio da Estrella, apresenta panoramas estonteadores, pela grandeza das linhas, e pelo variegado das minucias.

Tudo falla, tudo diz alguma coisa, tudo recorda historia ou lenda.

Temos ahi uma vista tomada da beira da esplanada sudoeste do castello de S. Jorge, e inundada do nosso formosissimo sol peninsular. Que vasto quadro!

Ao fundo, a linha uniforme da Outra-Banda (ou Banda-d'além, como diziam os antigos). Á esquerda o pontal de Cacilhas, Almada lá na cumieira do monte, e, muito por longe, o dorso azulado das serras de Cezimbra e Azeitão.

Nos primeiros e segundos planos uma parte da cidade baixa, creação pombalina do lapis de Reynaldo Manoel, orlada pelas ultimas casas do empinado morro de S. Jorge, e, no extremo occidental, pelas primeiras casas do monte de S. Francisco.

Vê-se á beira do Tejo o Terreiro do Paço (barbaramente chrismado em praça do Commercio), com o torreão do ministerio da guerra, reproducção quasi exacta do torreão filippino do antigo paço da Ribeira.

Vê-se o telhado do edificio do solar municipal, e a torre de S. Julião; e lá no fim o palacio, hoje muito mudado, dos Camaras, condes de Villa-Franca, tão bem estudado por Anselmo Braamcamp Freire no seu interessantissimo livro *O conde de Villa-Franca e a Inquisição.*

Basta um quadro assim, para justificar os enthusiasmos insuspeitos, com que os estrangeiros saudaram sempre a nossa capital.

«Parece-me extraordinario — escrevia em 1826 um viajante inglez — como se póde contemplar a magestade do Tejo, desde as janellas da hospedaria de Reeve, sem ficar assombrado com a magnificencia de tal quadro!» [1]

E vinte annos andados, exclamava Hughes:

«Lindissima se ostenta a formosa capital, como um amontoado de palacios de marmore levantado na orla d'aquelle glorioso rio! Só depois de um conhecimento intimo do interior da cidade é que a illusão se dissipa.» [2]

Se hoje voltasse o auctor a percorrer Lisboa, limpa, banhada de agua, enfeitada de jardins, cortada de avenidas, e melhorada em todo o genero de viação, veria todo o caminho andado na estrada do progresso material.

Honra e gloria a quem promove e fomenta os progressos sensatos, que têm transformado a inclyta Ulyssêa de Luiz Mendes e Marinho de Azevedo n'uma hospitaleira caravançára entre o antigo e o novo mundo.

O seculo XIX proseguiu na obra regeneradora do Marquez de Pombal. Ha de completal-a o seculo XX.

---

[1] *Sketches of Portuguese life*, by A. P. D. G., 1826, pag. 90.

[2] *Revelations of Portugal, and narrative of an overland journey to Lisbon at the close of 1846,* tom. II, pag. 287.

Lisbonne

vue du château St. George

Peu de fois est-il donné aux voyageurs de voir une telle splendeur et variété de spectacles naturels comme à Lisbonne!

Soit qu'on l'observe de Penha da França, de Notre Dame de la Montagne, de Notre Dame de la Grâce ou du Château (place Nouvelle, esplanade de la place d'Armes) — soit qu'on la contemple du jardin de St. Pierre d'Alcantara, de la ferme de Torrinha dans la Vallée de Pereiro, des éminences de Buenos-Ayres ou de la galerie extérieure du dôme de l'Étoile, toujours le panorama est superbe et plein de détails charmants.

Tout y parle, tout y rappelle des souvenirs du domaine de l'histoire ou de la légende.

Voici une vue, prise du bord de l'esplanade sud-ouest du château St. George, et dorée du beau soleil péninsulaire. Quel vaste tableau!

Au fond la ligne uniforme de Outra-Banda (ou Banda d'Alem, comme disaient les anciens); à gauche le débarcadère de Cacilhas, Almada au sommet de la colline, et dans l'extrême horizon le dos bleuté des monts de Cezimbra et d'Azeitão.

Dans le premier et le second plans une partie de la ville basse, reconstruite par le marquis de Pombal sur les plans de Reynaldo Manuel, bordée par les dernières maisons du tertre escarpé du chateau St. George; et dans l'extrême occidental les premières maisons de celui de St. François.

On voit, au bord du Tage, le Terreiro do Paço (dont le nom a été sottement changé contre celui de place du Commerce), où se dresse la tour du Ministère de la Guerre, reproduction presque exacte de celle de l'ancien Palais de Ribeira, construite sous les Philippes. On voit aussi le toit de l'Hôtel de Ville et la tour St. Julien; et tout au loin le palais, aujourd'hui très changé, des Camaras, comtes de Villa-Franca, si bien étudié par Anselme Braamcamp Freire dans un livre très intéressant, *Le comte de Villa-Franca et l'Inquisition.*

Il suffit d'un tableau pareil pour justifier l'enthousiasme insuspect de tant d'étrangers.

«Il me semble extraordinaire — disait en 1826 un voyageur anglais — qu'on puisse contempler la majesté du Tage, des fenêtres de l'hôtellerie Reeve, sans être étourdi par la magnificence de ce spectacle!» [1]

Et, vingt ans plus tard, s'écriait Hughes:

«La belle capitale s'étale splendidement, comme un amas de palais de marbre dressés sur la rive de cette glorieuse rivière! Ce n'est qu'après une connaissance plus approfondie de l'intérieur de la ville que l'illusion s'évanouit.» [2]

Si l'auteur parcourait la Lisbonne d'aujourd'hui, propre, baignée d'eau, embellie de jardins, coupée d'avenues, il aurait constaté combien elle s'est avancée dans la voie des progrès matériels. C'est une vraie gloire pour ceux qui ont encouragé et provoqué ces réformes que d'avoir changé l'Ulyssée de Luiz Mendes et de Marinho d'Azevedo dans un caravansérail hospitalier, placé à mi chemin de l'Ancien et du Nouveau Monde.

Le XIX^e siècle a poursuivi la tâche régénératrice du Marquis de Pombal; c'est au siècle actuel de la compléter.

---

[1] *Sketches of Portuguese life*, by A. P. D. G., 1826, pag. 90.

[2] *Revelations of Portugal, and narrative of an overland journey to Lisbon at the close of 1846,* tom. II, pag. 287.

Mosteiro do Coração de Jesus

Ahi temos o mosteiro da Estrella; é uma das bellas obras de Lisboa; direi de relance alguma coisa do pouco que sei.

Deu nome ao sitio Nossa Senhora da Estrella, orago do templo do proximo convento benedictino chamado vulgarmente «a Estrellinha», fundado em 1672 (hoje hospital militar). Eram por ahi terras de semeadura a perder de vista. Lisboa acabava, a bem dizer, no grande e magnifico cenobio de S. Bento (hoje as Côrtes e a Torre do Tombo).

Foi n'esses chãos da Estrella que em 1775 se estabeleceu uma praça de touros, de que existe vestigio documental.

Uma piedosa rainha, a snr.ª D. Maria I, intentou ahi em 1779 a edificação de um mosteiro dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, uma das suas maiores devoções. Delineou-o Matheus Vicente, architecto de uma parte do paço de Queluz, fallecido velho em 1786.

Ao edificio chama Cyrillo Wolkmar Machado «obra sumptuosa, apesar de que transluz, por entre a magnificencia da Soberana que a mandou fazer, o espirito mesquinho do homem que a desenhou»; apreciação severa em demasia, me parece, e pareceria tambem a certo viajante inglez, que em 1826 escreveu:

«O *convento novo,* edificado pela fallecida rainha, é o trecho mais nobre de architectura emprehendido depois do terremoto.» [1]

O conde Raczynski não pecca por indulgente; pois esse severo critico diz:

«Esta egreja, imitação de S. Pedro de Roma, é o edificio lisbonense que offerece no seu todo melhor aspecto.»

Fallecido Matheus Vicente, assumiu a direcção das obras o major Reynaldo Manoel dos Santos, a quem Lisboa tanto deve.

Consta o edificio de uma nobilissima egreja e de um vasto mosteiro, com larga cêrca. Ninguem deixará de reconhecer n'esta fabrica imponente o melhor estylo italiano do seculo XVIII, uma especie de Mafra em ponto reduzido. Elegancia de fórmas, preciosidade de materiaes, sábia adaptação do classico ao culto christão, e um todo esbelto, que na affirmação esthetica das suas prumadas, no erguido dos seus campanarios apontando ao céo, e no vulto extraordinario do seu zimborio colossal, ponto de mira de toda a cidade, revela o sentimento fastuoso da fórma, respira um pensamento catholico, por assim dizer, communicativo, e falla em Deus.

Apontam-se imperfeições no desenho? talvez, a começar pelo acanhado dos portões da frontaria; mas qual é a obra humana que não as tem?

La critique est facile, et l'art est difficile.

No seu conjuncto, a Real Basilica da Estrella é um dos brazões de Lisboa, e faz honra a Portugal.

Levantar um monumento d'esta ordem é crear uma escóla. A Batalha ensinou. Mafra ensinou. A Estrella ensinou e vulgarisou.

A augusta fundadora assistiu em pessoa ao lançamento solemne da primeira pedra em 1779, e á collocação da ultima em 1790; e conseguiu do Santo Padre, por intermedio do nosso ministro em Roma, D. João de Almeida de Mello e Castro, entre outras graças, a de se celebrar annualmente em todo o reino e dominios missa e officio no anniversario da dedicação da Basilica.

Em carta de 8 de agosto de 1786 doou a rainha ás suas religiosas este mosteiro, a egreja, e o rendimento dos moinhos salgados de Tavira.

Muitos artistas notaveis ahi trabalharam, o que torna este edificio um museu de arte nacional. Exemplos:

No frontispicio e no atrio são de Joaquim Machado de Castro varias estatuas em nichos, por elle assignadas, e executadas por elle e outros artistas, os melhores que tinhamos.

O interior do templo é todo marmores nacionaes; a luz que jorra do alto realça as preciosidades de architectura e esculptura. A Rainha jaz na capella-mór, em sumptuoso mausoleo.

---

[1] *Sketches of Portuguese life,* 1826, pag. 110.

Couvent du Cœur de Jésus

Voici le couvent de l'Étoile, un des plus beaux monuments de Lisbonne, sur lequel cependant je me bornerai à de courtes notes.

Le nom du quartier provient de Notre Dame de l'Étoile, patronne du temple bénédictin qui est tout près, fondé en 1672 et connu sous le nom de «Estrellinha» (à présent Hôpital Militaire). C'étaient autrefois, à perte de vue, des terres labourées, car Lisbonne, à vrai dire, finissait dans le grand et magnifique monastère de St. Benoît (aujourd'hui le Parlement et la Tour des Archives).

C'est sur ces terrains de l'Étoile qu'en 1775 on bâtit une place de taureaux, dont il reste des vestiges écrits. Plus tard, en 1779, la pieuse reine D. Maria I y ordonna la construction d'un couvent, dédié au Sacré Cœur de Jésus, dont elle était fort dévote. Le plan en fut tracé par Mathieu Vincent, architecte à qui l'on doit une partie du palais de Queluz, et qui est mort en 1786 dans un âge avancé.

Cyrille Wolkmar Machado, en apréciant l'édifice, le déclare «un ouvrage somptueux qui montre toutefois, à travers la magnificence de la Souveraine qui en ordonna la construction, l'esprit mesquin de celui qui l'a projetée»; jugement trop sévère qui est en parfaite opposition à celui d'un voyageur anglais déjà cité:

«Le *nouveau couvent,* bâti par la feue reine, est le plus beau morceau d'architecture entrepris après le tremblement de terre.»

Le comte Raczynski, peu enclin à l'indulgence, se prononce dans les termes suivants:

«Cette église, imitation de St. Pierre de Rome, est de tous les édifices de Lisbonne celui dont l'ensemble offre le meilleur aspect.»

Après la mort de Mathieu Vincent, la direction de l'ouvrage fut confiée au major Reynault Manuel dos Santos, à qui Lisbonne est redevable de beaucoup de choses.

L'édifice est formé par une belle église et un vaste couvent, auquel est annexé un large enclos. Tout le monde y reconnaît aisément le meilleur style italien du XVIIIe siècle, rappelant, sauf pour les dimensions, le célèbre couvent de Mafra. L'élégance des formes, la richesse des matériaux, l'adaptation savante du classique au culte chrétien, donnent un cachet artistique indéniable à l'ensemble, dont les tours dressées vers le ciel et le dôme colossal, point de mire pour toute la ville, révèlent, à côté du sentiment de la forme, une profonde pensée catholique qui élève les esprits vers Dieu.

Des imperfections se sont-elles glissées dans le dessin? Sans doute; les proportions mesquines des portes de la façade en offrent le premier exemple. Mais quel est l'ouvrage humaine qui en est exempt?

La critique est facile, et l'art est difficile.

Malgré ces défauts, la Royale Basilique de l'Étoile est un des plus beaux édifices dont Lisbonne et le Portugal puissent s'enorgueillir.

Ériger un monument de cet ordre équivaut à créer une école. Les couvents de Batalha et de Mafra ont enseigné; celui de l'Étoile a enseigné et vulgarisé.

L'auguste fondatrice a presidé elle-même à la pose de la première pierre en 1779 et à celle de la dernière en 1790; par l'entremise de D. Jean d'Almeida de Mello et Castro elle a obtenu du St. Père, entre autres grâces, celle de faire dire messe et office à l'anniversaire de la dédicace de la Basilique, dans toute l'étendue du royaume et des colonies.

La charte du 8 août 1786 avait déjà fait aux religieuses la donation de l'église et du couvent, ainsi que des rentes des moulins salés de Tavira.

Beaucoup d'artistes remarquables y ont travaillé, ce qui rend cet édifice un musée d'art national. Dans la façade et les parois il y a plusieurs statues dans des niches, signées de Joachim Machado de Castro et executées par lui et par ses meilleurs élèves. L'intérieur du temple est en marbre portugais; la lumière qui tombe d'en haut en rehausse les richesses d'architecture et de sculpture. La Reine gît dans la chapelle principale, dans un superbe mausolée.

La Sainte Famille est de François Pinto Pereira. Le tableau du Sacré Cœur de Marie est dû au

---

[1] *Sketches of Portuguese life,* 1826, pag. 110.

O quadro de Jesus Maria José é de Francisco Pinto Pereira.

Da Princeza D. Maria Benedicta, caridosa fundadora do Asylo de Runa, é o quadro do Coração de Maria. Raczynski, sempre meticuloso, acha-o pouco digno do logar.

O notabilissimo retabulo do altar-mór é do celebre Pompeu Jeronymo Batoni, e foi trazido em 1785, pelo artista gravador Eleutherio Manoel de Barros, de Roma, onde estudava gravura. A composição é digna da execução.

Em 1790 transferiram-se para a sua nova habitação as religiosas Carmelitas de Santa Thereza, e ahi permaneceram exemplarmente até ha poucos annos. Pelo fallecimento da ultima professa foi secularisado o mosteiro, e para o templo passou a séde da parochia da Lapa, sendo o mosteiro occupado pela commissão geodesica.

Os sinos da Estrella são bellissimos, e ouvem-se de muito longe. Aquelles sons graves e solemnes lembravam a meu pae as campas de Santa Cruz de Coimbra no tempo d'elle. Todos nos recordamos de ouvir correr o grande sino das nove horas no inverno, e das oito no verão, chamando as freiras ao côro. Esse longo e demorado bradar religioso era caracteristico; ia acordar muita gente ainda nos intermundios do sonho, e fazia companhia ao viver profano da cidade. Tudo isso acabou: as freiras e o toque do côro; resta que britem a cantaria do convento para avenidas de nullidades.

Aqueducto das Aguas-livres

Tem o leitor diante dos olhos uma parte do aqueducto chamado das *Aguas-livres*, em Lisboa. Obra romana pela grandeza, pelo porte, pelo acabado; verdadeira maravilha de construcção, que o terremoto respeitou, e que admiram as successivas gerações, estrangeiras e nacionaes; colossal emprehendimento que dá gloria ao nome portuguez.

Correspondeu á mais urgente das exigencias de uma cidade populosa: o seu abastecimento de agua pura. Sem agua não ha vida, não ha frescura, não ha alamedas, não ha jardins, não ha salubridade, não ha civilisação. Comquanto abundassem aqui as nascentes, ou pertenciam a particulares, ou não eram de boa agua, ou, pela sua situação, tinham pouca utilidade. Pensou-se pois, desde seculos, em dar á cidade o regalo de um liquido, que não é (como ainda pensam alguns) só uma bebida refrigerante.

Coube a el-rei D. João v, o nosso Luiz xiv, a honra e a gloria de vincular o seu nome á obra monumental da canalisação. Teve defeitos esse gentil soberano? talvez; mas a agua tudo lava.

Delineou e executou a obra, com o seu talento e a sua pericia, o grande engenheiro Manoel da Maia.

Maia era brigadeiro, guarda-mór da Torre do Tombo, chronista da casa de Bragança, e mestre de mathematica do principe D. José, depois rei. Dos seus estudos academicos, ninguem falla; o seu generalato foi uma grandeza balôfa; a mathematica do principe ficou de certo muito mediocre; as chronicas da casa de Bragança jazem no tinteiro. Os verdadeiros titulos de Manoel da Maia á nossa gratidão são, pelo menos, dois; mas que titulos! a admiravel e zelosa administração no archivo real, e a obra do aqueducto.

Vinte e um annos, apenas, consumiu o trabalho herculeo d'esta construcção estupenda, que mede de extensão tres leguas (nove mil toezas) desde Bellas até ás Amoreiras, com cento e vinte e sete arcos, e respiradouros adequados. Quasi ninguem dá valor á tarefa, porque no seu maior percurso as galerias vão modestamente escondidas debaixo da terra; todos porém percebem o que é, e o que vale, a obra de Manoel da Maia, quando ella sae a descoberto no alto de uma serra em Campolide, quando a vêem desembocar lá de cima, e atravessar em linha grandiosa para o lado opposto do valle sobre a ribeira de Alcantara, desenrolando com incrivel magestade os seus enfileirados trinta e cinco arcos, e dezaseis torres de arejamento, n'uma recta quebrada de quatrocentas toezas (ou dois mil quatrocentos e sessenta e quatro pés), e erguendo o arco grande, de ominosa memoria, a uma altura de trezentos e quinze palmos (ou duzentos e trinta pés inglezes), com uma largura de cento e cincoenta e oito palmos (ou cento e sete pés). Quatorze d'esses arcos são ogivaes; o resto é de volta inteira.

Chamei de *ominosa memoria* ao arco grande; todos me entendem; foi o alto d'aquella ogiva o theatro lugubre das façanhas de Diogo Alves, o assassino. O ecco d'essa abobada, que repete varias vezes cada palavra, ainda se lembrará talvez dos ais angustiosos das victimas arrojadas lá de cima, e volteando no ar até se espalmarem no lagedo natural do chão.

pinceau de la princesse D. Marie Benoîte, charitable fondatrice de l'Asyle de Runa; Raczynski, toujours méticuleux, le trouve peu digne du lieu.

Le très remarquable rétable du maître-autel est du célèbre Pompée Gérôme Batoni, et fut apporté en 1785 de Rome, par l'artiste Eleuthère Manuel de Barros qui y étudiait la gravure. L'éxécution est digne de la composition.

C'est en 1790 que les religieuses carmélites de Ste. Thérèse prirent possession de leur nouvelle habitation, qu'elles gardèrent jusqu'à peu d'années. Après la mort de la dernière religieuse professe le couvent fut sécularisé; il est occupé à présent par le Comité Géodesique, et la Basilique est devenue l'église paroissiale de Lapa.

Les cloches de l'Étoile sont excellentes et se font entendre de fort loin; leurs sons graves et harmonieux rappelaient à mon père ceux du monastère de la Sainte Croix, à Coïmbra. Je me souviens d'avoir maintes fois entendu la grande cloche sonner les matines, à neuf heures l'hiver, à huit heures l'été. Cette longue sonnerie religieuse, très caractéristique, qui réveillait beaucoup de gens encore plongés dans le sommeil, se mêlait d'une manière étrange à la vie profane de la ville. Tout cela est disparu, nonnes et sonneries; ce sera bientôt le tour du reste, pour la gloire de nos plus authentiques nullités.

Aqueduc d'Aguas-livres

Le lecteur est en face d'une partie de l'aqueduc d'*Aguas-livres* (eaux-libres) à Lisbonne, ouvrage romain dans la grandeur, le fini et les proportions; une vraie merveille de construction respectée par le grand tremblement de terre et admirée par plusieurs générations.

Cette colossale entreprise, qui fait l'honneur du nom portugais, est née du besoin le plus impérieux d'une ville populeuse: l'approvisionnement de bonne eau. Sans eau point de vie et de fraîcheur, point de jardins et d'avenues, point de salubrité et de civilisation. Il semble que les sources étaient assez nombreuses à Lisbonne, mais celles destinées au public étaient mauvaises ou d'un débit insuffisant. Toujours est-il que, il y a des siècles, ce problème d'une gravité exceptionelle manquait d'une solution acceptable.

C'est au roi D. Jean v, notre Louis xiv, qu'appartient l'honneur d'attacher son nom à l'ouvrage monumental de la canalisation. L'eau qui lave tout fera sans doute disparaître, de ce fait, beaucoup de défauts de ce roi fastueux.

L'ouvrage a été projeté et éxécuté par le grand ingénieur Manuel da Maia. Il était général de brigade, grand-archiviste, chroniqueur de la Maison de Bragance, et montrait les mathématiques au prince D. Joseph, couronné plus tard sous ce nom. Ses études académiques sont entièrement oubliés; son généralat n'a été qu'une vaine grandeur; les connaissances mathématiques du prince n'ont pas atteint certainement une grande profondeur; les chroniques de la maison de Bragance ne sont jamais parues. Malgré tout cela, Manuel da Maia a conquis deux titres indiscutables à notre gratitude: son admirable administration de l'Archive Royal et la construction de l'Aqueduc.

Ce fut l'affaire de vingt et une années, l'achèvement de cet extraordinaire ouvrage qui ne mesure pas moins de trois lieues (neuf mille toises) de Bellas jusqu'à Amoreiras, et s'avance sur cent vingt sept arcs garnis des soupirails correspondants. Il y a peu de personnes qui sachent estimer à son juste prix la tâche que Maia a si bien menée à bout, car la galerie de conduction des eaux est souterraine dans la plus grande partie de son trajet. Lorsque, toutefois, en débouchant des hauteurs de Campolide, elle franchit toute la vallée d'Alcantara jusqu'à la côté opposée, on est émerveillé du spectacle grandiose des trente cinq arcs, surmontés de seize tours soupirails, qui se développent majestueusement dans une extension de quatre cents toises (deux mille quatre cent soixante quatre pieds anglais).

Vingt et un de ces arcs sont en plein cintre; le reste est ogival, y compris le grand arc, haut de trois cent quinze palmes (deux cent trente pieds) et large de cent cinquante huit palmes (cent sept pieds). D'éxécrables souvenirs sont attachés à cette ogive gigantesque, le théâtre des exploits du fameux assassin Diogo Alves. L'écho de cette voûte, qui répète un mot plusieurs fois, résonne encore des cris de tant de malheureuses victimes precipitées d'en haut, et tournoyant dans l'espace jusqu'à s'aplatir dans les dalles naturelles du sol. Laissons de côté ces sinistres souvenirs, et venons à notre sujet.

Il est fréquent d'entendre dire que cet aqueduc est une erreur de physique, qui témoigne de

Mas deixemos essas recordações sinistras; com aguas passadas não moem moinhos; e vamos ao que mais importa.

Costuma dizer-se que este aqueducto é um erro de physica, e mostra a ignorancia de nossos avós sobre a subida da agua até quasi á altura d'onde desce. Parece-me engano. Elles conheciam essa lei hydraulica; o que não tinham eram tubos, que resistissem ao peso enorme de tantos milhares de quintaladas. Conduziram por isso a agua em caminho quasi horizontal.

A entrada da agua em Lisboa é triumphal. Cae em enorme cascata dentro do recinto da *mãe d'agua,* ou castello d'agua, das Amoreiras, junto ao sitio onde foi a celebre fabrica de ceramica, cujos productos, cada vez mais raros, tão apreciados são dos colleccionadores.

A mãe d'agua é uma torre monumental, ou fortaleza quadrangular, elevadissima, toda de cantaria (como o Colliseu ou o Pantheon de Agrippa). A agua, cançada da sua carreira de tres leguas, precipita-se lá dentro n'um vastissimo tanque de cento e vinte e cinco pés de comprido, cento e sete de largo, e trinta e sete de profundidade. O estrondo da catadupa é bello n'aquella abobada sonora. Em volta corre uma varanda larga onde se passeia, e d'onde se sente, na presença de tão ampla massa de aguas, a attracção do abysmo. O academico Estevão Cabral publicou nas *Memorias economicas* uma memoria sobre este edificio, bisarma cujas paredes têm de grossura vinte e cinco palmos, contendo onze mil pipas de liquido.

Vida piscatoria do Aterro da Boa-Vista

A photographia reuniu de relance n'essa chapa uma porção de typos populares lisbonenses pertencentes á classe amphybia dos ovarinos pescadores e vendilhões.

É o *cormorão* uma ave engenhosa, que os naturalistas chamam *pelicanus sinensis;* aprende a pescar, como a caçar aprende o perdigueiro; mergulha, e traz sempre peixe. Ora os ovarinos são os cormorões de Lisboa. Voltam das suas excursões de cabotagem com os cabazes cheios... para as nossas mesas.

Laboriosa raça esta, que, desde seculos, aninhada por ahi nos bairros proletarios, se dá intimamente com as aguas, se atreve com as furias do mar alto, e d'elle consegue viver; vida atarefada, cheia de lucta e miserias, mas nobre porque é independente.

Vem quasi toda esta boa gente de Aveiro, Ilhavo e Ovar; por aqui se demoram, elles e ellas, n'uma povoação esplendida como esta, de que não gozam, casando entre si, e habitando exclusivamente as empinadas e vetustas viellas do Mocambo, que são uma especie de Alfama de Buenos-Ayres; ahi formam numerosa colonia, que enxameia, se zanga, ralha, e restruge n'uma algaravia de atroar o mundo; mas, afinal de contas, são gente pacifica e boa, como toda a raça laboriosa. Arroyos tem outro retalho da colonia.

Lisboa hospedava antigamente os ovarinos (termo generico) por Alfama; hoje são raros lá. A margem do Tejo ampliou-se, comeu muitas braças ao mar, e perdeu a feição velha, altamente pittoresca, encanto dos pintores de genero. O Aterro da Boa-Vista e o seu seguimento foram assassinos; mataram preciosos quadros cheios de côr e originalidade, verdadeira galeria de costumes, onde os pintores, os caricaturistas, os philologos, os archeologos, e os poetas, tinha muito e muito que respigar.

A photographia que apresentamos mostra-nos retalhos, que ainda restam, da buliçosa vida da praia, e o marulhar d'aquelle pequeno commercio de sardinhas, linguados e carapaus, que em poucas horas abastece a grande cidade. Apparece o mercado, o quarteirão que pelo sul enquadra o largo de S. Paulo, no alto a egreja das Chagas, ligada por uma lenda sem fundamento com a historia dos amores de Camões, e sobre a esquerda o pittoresco alto de Santa Catharina.

Ha muita vida n'esse quadrinho. Aqui, alli, passam as esculpturaes varinas (o *o* etymologico perdeu-se na pronuncia). As fórmas garbosas d'essas mulheres são proverbiaes. As varinas caminham como estatuas; e com o seu andar firme, a sua linha elegante, e o braço erguido até ao cabaz, lembram as *canéphoras* athenienses de Minerva. Personificam a belleza do trabalho do mar; e o mar é sempre bemvindo aos portuguezes.

Lumiar, 26 de outubro de 1901.

Julio de Castilho.

l'ignorance de nos aïeux en matière de lois hydrostatiques. Je crois, pourtant, qu'ils savaient fort bien que l'eau remonte jusqu'à peu près l'hauteur d'où elle était tombée; mais ils manquaient de tubes assez solides pour résister à des pressions de tant de milliers de quintaux. C'est pourquoi ils ont frayé à l'eau un chemin presque horizontal.

L'entrée de l'eau à Lisboa est triomphale. Elle tombe en belle cascade dans l'enceinte du Château d'eau de Amoreiras (*Mãe d'agua*), près de l'emplacement de la fabrique disparue de faïences de Rato dont les produits, de plus en plus rares, font la joie des collectioneurs.

Le Château d'eau est une tour monumentale très élevée, à section rectangulaire, bâtie en pierres de taille (comme le Colosséum ou le Panthéon d'Agrippa). L'eau, fatiguée d'une course de trois lieues, s'y précipite dans un énorme bassin, long de cent vingt cinq pieds, large de cent sept et profond de trente sept; le fracas de la cascade, grossi par la sonorité de la voûte, est étourdissant. Il y a tout autour du bassin un promenoir assez large pour les visiteurs. Étienne Cabral, membre de l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne, a publié, dans les *Mémoires économiques,* un mémoire sur cet édifice massif, dont les murs ont vingt cinq palmes de grosseur et qui contient onze mille pipes d'eau.

Marchandes de marée au quai de Boa-Vista

La photographie a fixé dans ce cliché plusieurs types populaires de Lisbonne, appartenant à la classe amphibie des pêcheurs et marchands *ovarinos.*

Le *cormoran* est un oiseau ingénieux que les naturalistes nomment *pelicanus sinensis;* il apprend à pêcher de même que les chiens apprenent à chasser; il plonge dans les flots et en apporte toujours du poisson. Les ovarinos sont les cormorans de Lisbonne; ils reviennent de leurs excursions de cabotage les paniers pleins de poisson pour nos tables.

Race laborieuse qui, depuis des siècles, est casé dans les quartiers de prolétaires et n'en sort que pour braver la furie des flots, en y menant une vie pénible, pleine de luttes et de misères, non exempte toutefois de la noblesse que seule peut donner une parfaite indépendance.

Presque tout ce monde provient d'Aveiro, d'Ilhavo et d'Ovar, et forme à Lisboa une colonie à part; ils se marient entre eux sans se mélanger guère au reste de la population. Indifférents aux beautés et aux plaisirs de la capitale, on les trouve presque exclusivement à Arroyos, ou bien dans les vieilles ruelles abruptes de Mocambo, une sorte d'Alfama du quartier de Buenos-Ayres; ils y grouillent et se démènent, se querellent et s'injurient dans un jargon spécial, au milieu d'un vacarme étourdissant. Au fond ce sont de braves gens pacifiques, comme d'ailleurs toutes les races laborieuses.

Autrefois c'était Alfama le quartier préféré des *ovarinos* (terme générique); mais on les y trouve déjá fort rarement. La rive droite s'est avancée de plusieurs brasses sur le Tage en perdant l'aspect hautement pittoresque d'autrefois, qui faisait le charme des peintres de genre. Le quai de Boa-Vista, ainsi que ceux qui suivent, ont détruit une foule de tableaux précieux, pleins de couleur et d'originalité, où les peintres, les caricaturistes, les philologues, les archéologues et les poètes auraient beaucoup à glaner.

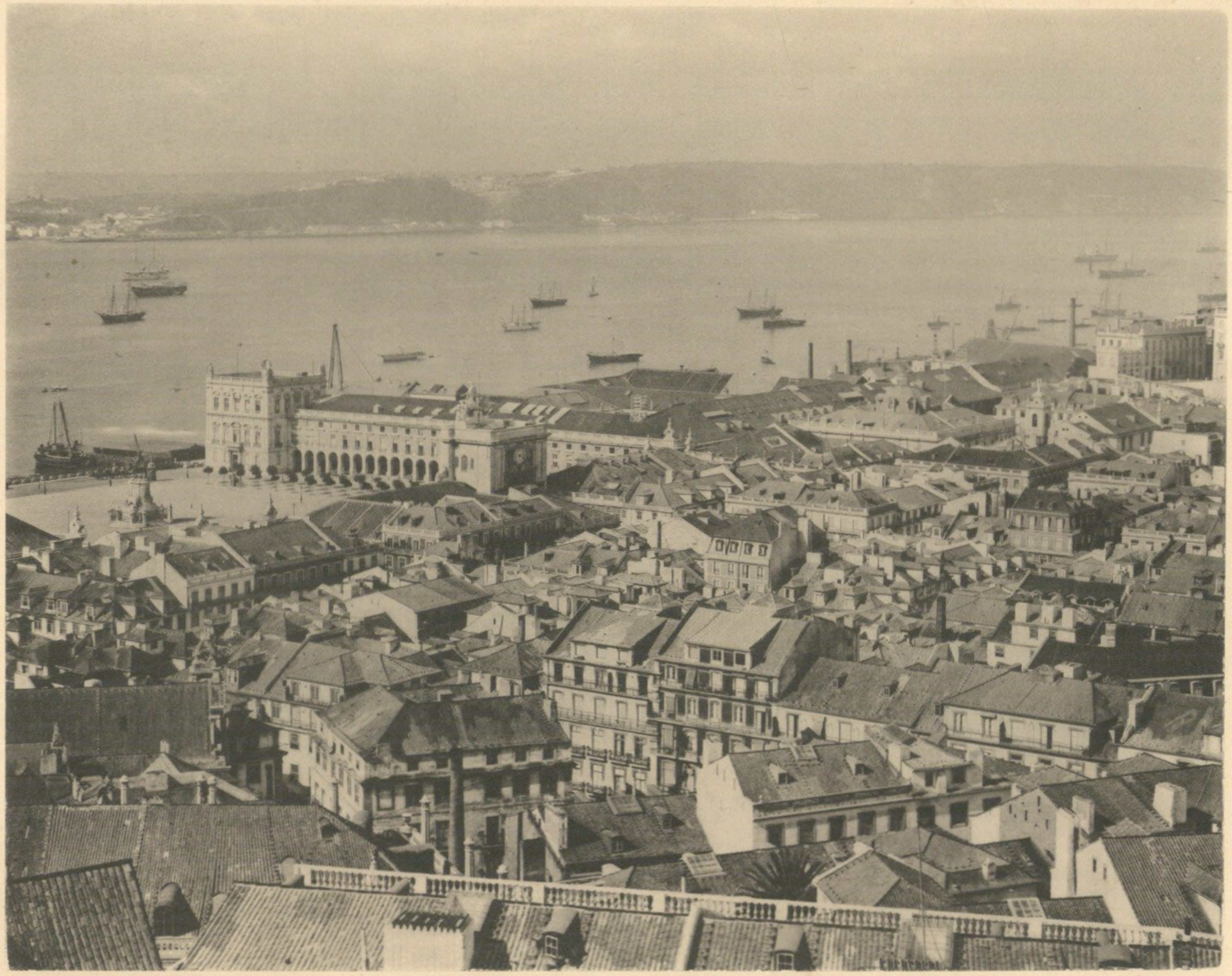
La photographie ci-jointe nous montre un coin remuant du quai, et nous permet d'apprécier le frétillement du petit commerce de sardines, de soles et d'épinoches qui en peu d'heures approvisionne la grande ville. On voit le marché, le carré de maisons qui fait le côté sud de place St. Paul; en haut l'église des Chagas, à laquelle se rattache une légende, dénuée de fondement, sur les amours de Camoëns; enfin, à gauche, le pittoresque côteau de Ste. Catherine.

Il y a beaucoup de vie dans ce petit tableau. Çà et là des *varinas* (l'*o* étymologique est disparu dans la prononciation), dont les formes sculpturales sont justement renommées. Elles marchent comme des statues; l'allure ferme, la ligne élégante, le bras relevé contre la manne posée sur la tête rappellent les *canéphores* athéniennes de Minerve.

Elles personnifient la beauté des luttes de l'Océan, pour lequel les portugais ont toujours senti d'irrésistibles attraits.

Lumiar, le 26 octobre 1901.

Julio de Castilho.

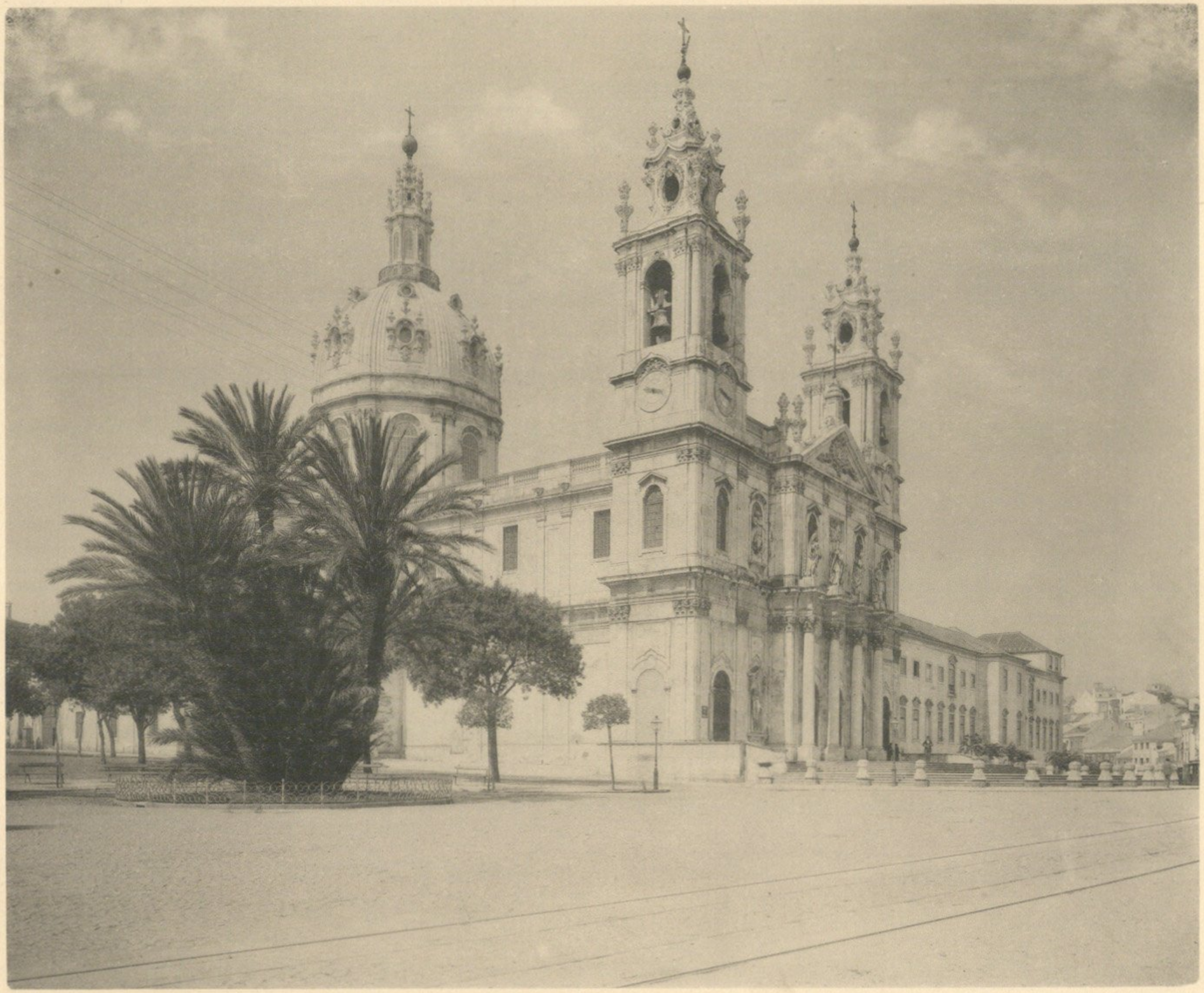


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista parcial da cidade

LISBOA

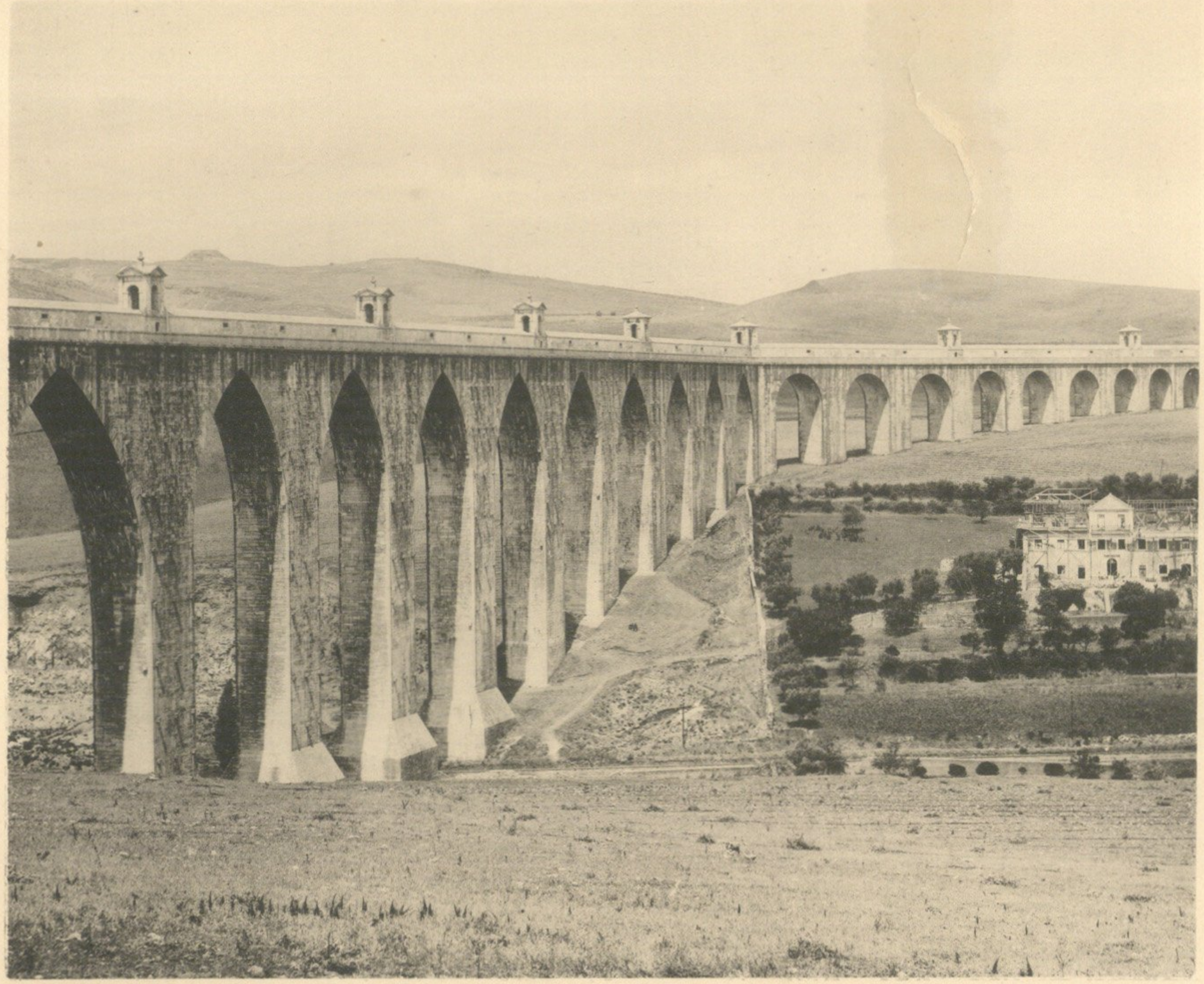


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Mosteiro da Estrella

LISBOA

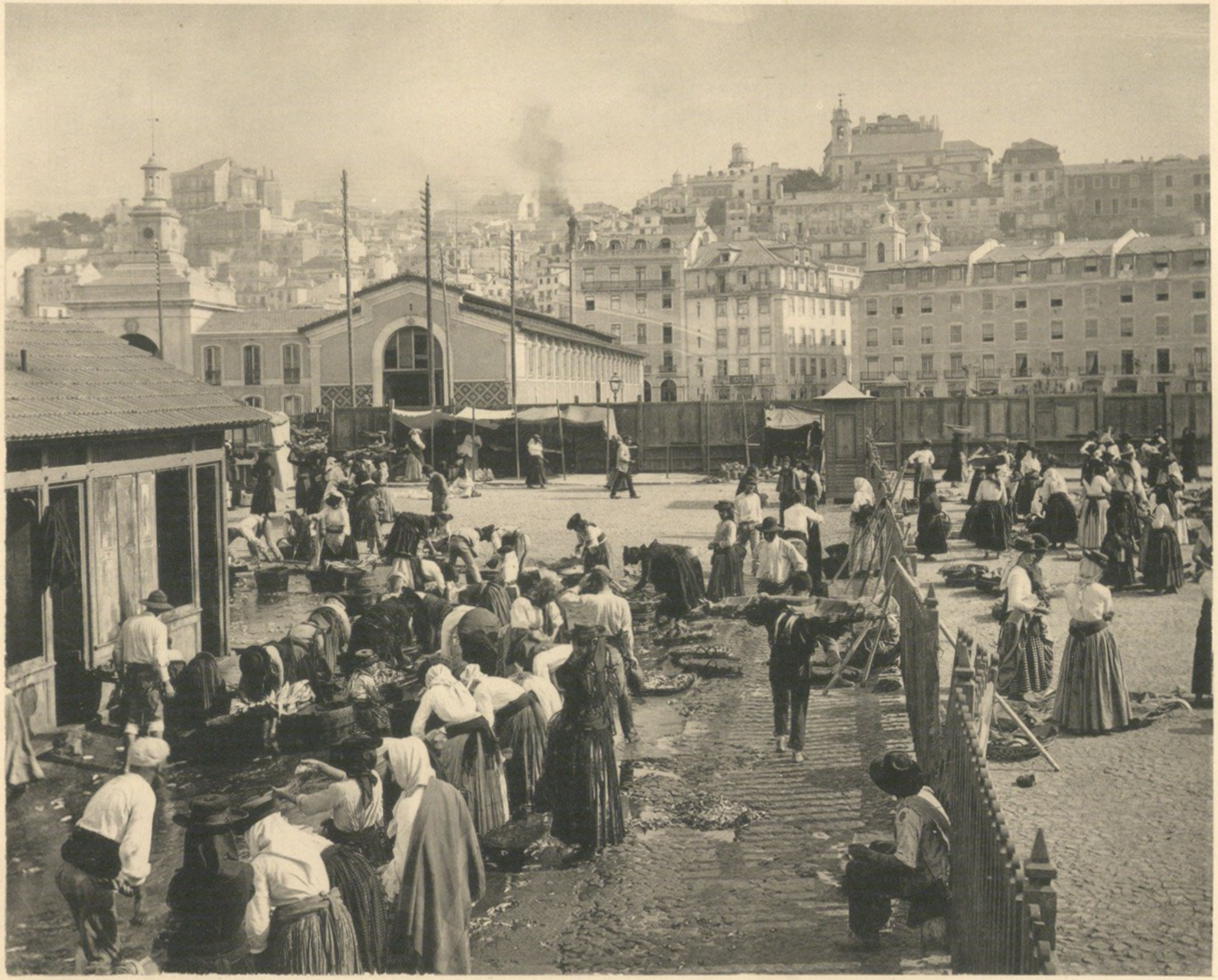


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Aqueducto das Aguas livres

LISBOA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Mercado do peixe

LISBOA

Coimbra

NA margem direita do Mondego, sete leguas acima da sua foz, no meio de um paiz fertillissimo, mimoso e pittoresco, surge garbosa e gentil a cidade de Coimbra, a antiga *Eminium* dos romanos, parte edificada no planalto e nas encostas de um elevado monte, parte na planicie ao longo do decantado rio.

De qualquer ponto que se contempla esta cidade, agradabilissimo é o seu aspecto; vista porém da collina que a defronta pelo occidente, d'onde é tirada a photographia junta, a sua perspectiva offerece o maximo encanto.

Fecham ao longe o horisonte, formando magestoso fundo ao esplendido quadro, as serras do Dianteiro e do Bussaco; d'ellas vêm seguindo multidão de ondulantes collinas até encontrarem o Mondego, das quaes, se bem todas engalanadas de verdura, ostentam maior pompa e maior variedade de arvoredos as que mais se approximam de Coimbra.

A seus pés, realçando encantadoramente a formosura da paizagem, deslisa o Mondego sobre areias douradas, orlado de choupos, salgueiros, alamos e chorões reflectindo a intensa verdura da sua opulenta folhagem nas aguas crystallinas; e logo começam a dilatar-se os ferteis e vastos campos e mimosas insuas, tão ricas de perennes verdores, onde se salientam os pomares de laranjeiras, que na primavera embalsamam o ambiente com o suavissimo aroma do seu prateado florir, ao mesmo tempo que os rouxinoes n'elles acolhidos nos deliciam com os seus maviosos trinados e modilhos.

É na verdade encantador o panorama de Coimbra. Com fundada razão muitos escriptores que d'ella se têm occupado a denominaram *cidade ridente* ou *cidade risonha*.

Os attractivos, bellezas e encantos da feliz situação e pittoresco aspecto de Coimbra, o ser a séde de uma antiga e veneranda universidade, unica em Portugal, os factos importantissimos da nossa historia a que tem servido de theatro, os seus ricos monumentos, o formoso Mondego que a beija, os deleitosos passeios e amenas paragens que a circumdam, e outras notáveis circumstancias que a adornam ou nobilitam, fazem esta cidade famosa entre as demais cidades de Portugal. Tudo isso tem dado assumpto a um grande numero de artigos, descripções e pensamentos, quer em prosa, quer em verso por parte de uma grande pleiade de escriptores distinctos, tanto nacionaes, como estrangeiros.

Fallando do Mondego quando passa em frente de Coimbra, diz Luiz de Campos:

Eil-o manso outra vez, brando e sereno
Por entre as ferteis insuas e pomares,
Regando o val' mais rico e mais ameno
Que a nossa patria tem. Ditosos lares
Esses que a propria imagem na corrente,
Por noites de luar puro e esplendente,
Retratam toda a vida. Aventurados
Os que gozam as noites de poesia
D'aquelles verdes bosques encantados.

João d'Andrade Corvo elogía assim a formosura da cidade do Mondego:

«Coimbra é uma cidade graciosamente cinzelada n'um monte, e que se retrata nas aguas limpidissimas do mais ameno rio que a imaginação póde sonhar nas horas risonhas de suas fragrantes e suaves phantasias. Entre as cidades de Portugal... distingue-se Coimbra pela belleza dos seus contornos, pela largueza das suas fórmas, pelos esplendores da natureza em que se acha primorosamente engastada. Coimbra é uma cidade esculptural . . . .

«N'aquella harmonia de luz, de côres, de linhas e de fórmas, o rio e a cidade não podem separar-se. A cidade revê-se nas aguas crystallinas do rio: o rio beija amoroso a fimbria do manto á cidade que o domina.

«Coimbra eleva-se entre duas poesias: a poesia da mocidade, impetuosa e fremente, aspirando a uma vaga e indefinida grandeza, á liberdade sem limites, á expansibilidade indefinida; preludiando, em aspirações insoffridas e em hymnos de amor, á aspera lucta do bem e do mal a que se chama a vida: a poesia da natureza, placida e melodiosa; que murmura com as aguas correndo sobre as areias douradas; que canta com as aves amorosas sobre os ramos dos salgueiros; que desabrocha em flôres e se

Coimbra

A sept lieues de l'embouchure du Mondego, au milieu d'une région fertile et pittoresque, se lève la ville de Coimbra, l'ancienne *Æminium* des Romains, bâtie sur le sommet et sur le penchant d'une colline élevée et au long de la rive droite de ce fleuve si célèbre.

Quoique, de quelque part qu'on le prenne, le coup d'œil en soit ravissant, il faut se placer sur l'éminence qui est en face, au couchant, pour mieux jouir du splendide panorama, reproduit dans la phototypie ci-jointe. Dans le dernier plan, fermant l'horison, se voient les montagnes majestueuses du Dianteiro et du Bussaco; de là se déploie, en ondulations graduées, une série de collines jusqu'à la riche vallée dominée par le vieux bourg historique.

À ses pieds coulent doucement, sur le sable doré, les eaux limpides du Mondego, reflétant le feuillage touffu des saules et des peupliers qui en cachent les bords; de là s'étendent des champs fertiles, des prés coupés d'îlots verdoyants et peuplés d'innombrables orangers, dont le parfum délicieux, dans la saison fleurie, se marie doucement au chant du rossignol.

Ce paysage inoubliable qui a valu, à Coimbra, l'épithète de *ville riante*, les nombreux monuments qu'on y admire encore et qui témoignent du rôle considérable qu'elle a joué dans l'histoire du Portugal, l'ont rendue fameuse entre toutes les villes du royaume. La littérature portugaise, tant ancienne que moderne, est riche de ses louanges; car la jeunesse qui, au cours de plusieurs siècles, a passé par la vénérable Université, n'a jamais cessé d'en exalter les attraits incomparables.

Mentionnons ici seulement les vers connus de Luiz de Campos, qui chantent les beautés du Mondego:

Eil-o manso outra vez, brando e sereno
Por entre as ferteis insuas e pomares,
Regando o val' mais rico e mais ameno
Que a nossa patria tem. Ditosos lares
Esses que a propria imagem na corrente,
Por noites de luar puro e esplendente,
Retratam toda a vida. Aventurados
Os que gozam as noites de poesia
D'aquelles verdes bosques encantados:

et la description enthousiaste de Jean d'Andrade Corvo:

«Coimbra est une ville gracieusement ciselée dans une montagne, qui se reflète dans les eaux transparentes de la plus charmante rivière que puisse concevoir la fantaisie fertile et ardente d'un poète. Parmi toutes les villes du Portugal... Coimbra se détache par la beauté de ses contours, l'ampleur de ses formes, les splendeurs naturelles qui l'enchâssent splendidement. C'est une ville sculpturale.......

«Dans ce concert harmonieux de lumière, de couleurs, de lignes et de formes la ville et la rivière ne peuvent être separées. La ville se mire avec complaisance dans le cristal de la rivière; la rivière enlace, dans une étreinte caressante, la ville qui la domine.

«Coimbra se lève entre deux poésies: celle de la jeunesse, impétueuse et frémissante, qui aspire à de vagues grandeurs indéfinies, à l'expansion et à la liberté sans bornes, préludant, en hymnes d'amour, à l'âpre lutte du bien et du mal qui s'appele la Vie; et celle de la Nature, placide et mélodieuse, qui murmure avec les eaux bruissant sur les sables dorés, qui chante avec les oiseaux amoureux sur les branches des saules, qui s'épanouit en fleurs et s'exhale en aromes dans les montagnes et les prairies, qui se baigne dans la lumière et la couleur, qui travaille sans défaillance dans les prodigieuses transformations de la matière, créant et détruisant sans cesse pour créer à nouveau.»

Les origines de Coimbra, qui remontent certainement à une époque très reculée, sont encore pleines d'incertitude. Quelques auteurs ont voulu en attribuer la fondation à Hercules Égyptien, ou à Brigo, ancien roi d'Espagne; d'autres aux peuples colimbriens qui auraient émigré dans la Péninsule en compagnie des turdules, gallo-celtes et andalous, 308 av. Chr.; enfin, en omettant d'autres opinions encore, on a voulu l'attribuer à Atacès, roi des Alanes, qui l'aurait fondée vers 409. Toutes ces hypothèses sont aujourd'hui reléguées dans le domaine de la fable.

exhala em aromas nos prados e nas serras; que se envolve de luz e de côres; que trabalha sem descanço e sem fadiga nas prodigiosas metamorphoses da materia, creando, ou destruindo para crear de novo.»

Quanto á fundação de Coimbra nada pudémos averiguar através dos remotissimos tempos que a escondem. Querem alguns auctores que ella fosse edificada por Hercules, o egypcio; attribuem-na outros a Brigo, antigo rei de Hespanha; outros aos povos colimbrios, que se diz terem vindo para a peninsula em companhia dos turdulos, gallos-celtas e andaluzes, 308 annos antes do nascimento de Christo; finalmente, omittindo outros pareceres, diz-se ainda que Ataces, rei dos Alanos, a fundára no anno de 409 da nossa éra. A moderna critica rejeita por infundadas estas origens.

Apesar d'isso, a opinião de que Ataces a edificára tem sido seguida por um grande numero de auctores. Simão José da Luz Soriano chegou a dizer nas suas *Revelações da minha vida,* impressas no anno de 1860: «Cidade gothica, como é Coimbra de Ataces, já se vê que os seus monumentos e antiguidades não podem ir além da época da sua fundação, e portanto exceder o seculo v da éra de Christo. *Nem uma só inscripção lapidar alli se tem encontrado coeva dos romanos, nem coisa alguma que indique terem alli residido os altivos conquistadores do mundo.*»

Estas affirmações, já no tempo em que foi publicada a obra referida, eram completamente inadmissiveis, pois quanto á fundação de Coimbra attribuida ao rei Ataces já a critica a tinha reputado uma das muitas invenções fabulosas com que o famigerado chronista cisterciense fr. Bernardo de Brito recheou os seus escriptos; e pelo que respeita a vestigios romanos, no seculo xviii haviam sido descobertos aqui alguns muito importantes.

No anno de 1773 appareceram junto do castello, que então se demolia, tres lapides com inscripções romanas, e no anno de 1774 encontraram-se mais duas na Couraça de Lisboa.

Posteriormente, no seculo xix, novas descobertas de letreiros romanos se realisaram. Em julho de 1878, demolindo-se umas casas que eram, em parte, edificadas sobre a muralha da cidade, no ponto onde termina a Couraça de Lisboa e começa a rua dos Militares, foram encontradas como material de construcção da mesma muralha, duas lapides com inscripções romanas mortuarias [1].

Baseado n'estes e n'outros vestigios, elaborou o fallecido dr. A. Filippe Simões uma erudita memoria [2], na qual demonstra que no sitio da actual Coimbra houvera uma povoação romana, e inclina-se a que tal povoação era a que no Itinerario de Antonino Pio figura com o nome de Eminio.

Não ha duvida de que a povoação que no mesmo Itinerario apparece com o nome Conembriga era situada duas leguas ao sul do Mondego onde hoje é Condeixa Velha.

No tempo de D. Affonso iii de Leão, cujo governo parece ter começado em 866, coexistiam as duas povoações Conembriga e Eminio. A *Chronica Gothorum,* narrando varias conquistas de D. Affonso iii, particularmente menciona a de *Conimbrica;* e da mesma *Chronica* se vê tambem que, entre as cidades pelo mesmo D. Affonso povoadas novamente de christãos, se contava a cidade de *Eminio.*

O facto de haver perdido a cidade de Eminio o seu nome tomando o de Coimbra que hoje tem, explica-o assim o dr. A. Filippe Simões:

«Se a mudança de nome e a decadencia de uma das cidades se seguiu, como parece provavel, a um cataclismo social, este seria de certo a conquista de D. Affonso iii pelos annos de 878. A antiga Conimbriga não pudera recuperar-se dos estragos que por esse tempo soffreria, e a mudança da Sé para Eminio perpetuaria n'esta cidade o nome d'aquella onde antecedentemente estivera.»

Se o valioso estudo do dr. A. Filippe Simões podia offerecer algumas duvidas na parte em que o erudito escriptor opina corresponder á cidade de Eminio o local da hodierna Coimbra, essas duvidas desvaneceram-se á vista de uma inscripção romana apparecida n'esta cidade em 1888. Essa inscripção, suppridas poucas lacunas que tem, e desdobradas as abreviaturas, reza assim:

AT AVCMENTVM REI PVBLICAE NATO DILECTOQVE PRINCIPI DOMINO FLAVIO VALERIO CONSTANTIO PIO FELICI INVICTO AVGVSTO PONTIFICI MAXIMO TRIBVNITIA POTESTATE PATRI PATRIAE PROCONSVLI CIVITAS AEMINIENSIS.

---

[1] Estas sete inscripções guardam-se no rico museu de antiguidades do Instituto de Coimbra.

[2] Intitula-se *Alguns passos n'um labyrintho, se Coimbra foi povoação romana e que nome tere.*

Cette dernière opinion a eu, cependant, des défenseurs dans une époque assez récente. Simon Joseph da Luz Soriano, dans les *Révélations de ma vie* (1860), dit: «Ville gothique, comme est la Coimbra d'Atacès, il est évident que ses monuments et antiquités ne peuvent dépasser l'époque de sa fondation, c'est-à-dire le v^e^ siècle de notre ère. *Pas une seule inscription lapidaire romaine y a été trouvée, ou quelque autre chose qui témoigne du passage des altiers conquérants du monde.*»

Ces assertions étaient entièrement inadmissibles au temps de l'impression de cet ouvrage; car la fable d'Atacès n'est qu'une des nombreuses extravagances dont le célèbre moine cistercien Fr. Bernardo de Brito s'est complu à farcir ses écrits historiques; et, pour ce qui est des vestiges romains, on en connaissait déjà plusieurs très remarquables dès le xviii^e^ siècle.

En 1773 lors de la démolition du Château on trouva trois pierres portant des inscriptions romaines, et en 1774 deux autres encore dans la Couraça de Lisbonne. Plus tard, au xix^e^ siècle, de nouvelles découvertes furent signalées. En 1878, lors de la démolition de quelques maisons bâties en partie sur l'ancienne muraille de la ville, au coin de la Couraça de Lisbonne et de la rue des Militaires, on trouva, enchassées dans un pan de muraille, deux pierres portant deux inscriptions funéraires [1].

En se basant sur ces trouvailles, ainsi que sur d'autres données, le dr. A. Philippe Simões publia un mémoire remarquable [2] où il tâche de démontrer que l'emplacement de la Coimbra actuelle correspond à celui d'une cité romaine, qui figurait dans l'Itinéraire d'Antonin Pie sous le nom de *Aeminium.*

Il est avéré que la cité désignée dans cet Itinéraire par *Conembriga* était bâtie deux lieues au sud du Mondego, sur l'emplacement de l'actuelle Condeixa-Velha. Au temps d'Alphonse iii de Léon, dont le règne semble avoir commencé vers 866, les deux cités Conembriga et Aeminium coexistaient encore. La *Chronica Gothorum* mentionne spécialement *Conimbrica* parmi les villes conquises par ce roi et *Eminium* dans le nombre de celles qu'Alphonse fit nouvellement peupler de chrétiens.

Quant à l'échange du nom d'Aeminium contre celui de Coimbra qu'elle garde encore, voici l'explication donnée par le dr. A. Philippe Simões: «Si le changement de nom et la décadence d'une des deux anciennes villes ont été, comme c'est probable, les suites d'un bouleversement social, il faudra sans doute le chercher dans la conquête d'Alphonse iii vers 878. L'antique Conimbriga aurait été impuissante à réparer les ravages soufferts pendant la guerre, et le déplacement du siège episcopal aurait naturellement entraîné le changement de nom.»

Si, après le savant étude que nous venons de citer, quelques doutes subsistèrent encore sur l'emplacement de l'ancien Aeminium, ils s'évanouirent promptement en face de l'inscription romaine découverte en 1888. En voici le texte, en tenant compte des abréviations et de quelques lacunes sans importance et faciles à combler:

AT AVCMENTVM REI PVBLICAE NATO DILECTOQVE PRINCIPI DOMINO FLAVIO VALERIO CONSTANTIO PIO FELICI INVICTO AVGVSTO PONTIFICI MAXIMO TRIBVNITIA POTESTATE PATRI PATRIAE PROCONSVLI CIVITAS AEMINIENSIS.

Il s'agit évidemment d'un monument votif érigé et dédié par les citoyens d'Aeminium à Constance Chlore (père de Constantin le Grand), après qu'il ait été proclamé Auguste, c'est-à-dire dans l'intervalle compris entre l'abdication de Dioclétien, le 1^er^ mai 305 de notre ère, et la mort de Constance, survenue le 25 juillet 306 [3].

Ce précieux et vénérable monument, qui a versé tant de lumière sur un point intéressant et débattu de la géographie de la Lusitanie, se conserve aujourd'hui dans le riche Musée d'antiquités de la section archéologique de l'Institut de Coimbra [4].

……

---

[1] Ces sept inscriptions sont visibles dans le beau musée d'antiquités de l'Institut de Coimbra.

[2] Le titre en est *Alguns passos n'um labyrintho, se Coimbra foi povoação romana e que nome teve* (*Quelques pas dans un labyrinthe, si Coimbra a été ville romaine et sous quel nom*).

[3] On peut voir dans le xl^e^ volume de l'*Institut,* pag. 221, la phototypie de cette inscription, suivie d'une intéressante notice dûe à M. le dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, sous le titre *Aeminium* (Coimbra).

[4] Il est regrettable que notre ami le dr. A. Philippe Simões, décédé le 1^er^ février 1884, quatre années avant la précieuse trouvaille, n'ait pas assisté à la confirmation éclatante de son hypothèse.

Como se vê, esta lapide é um monumento votivo erigido e dedicado pelos cidadãos de Eminio a Constancio Chloro (pae de Constantino Magno) já depois de ser augusto, isto é, no tempo decorrido desde a abdicação de Diocleciano, em 1 de maio de 305 da éra christã, até á morte do referido Constancio, succedida em 25 de julho de 306 [1].

Este precioso e venerando monumento, que tão brilhante luz veio derramar n'um ponto tão interessante e controvertido da geographia antiga da Lusitania, guarda-se hoje no rico museu de antiguidades da secção de Archeologia do Instituto de Coimbra [2].

Visto como temos de nos occupar ainda dos assumptos de mais tres estampas, não nos permitte a estreiteza do espaço o referir desenvolvidamente os successos mais notaveis da historia de Coimbra. Temos pois de limitar-nos a sómente tocar n'alguns e por modo mui succinto.

Ao finalisar o seculo x a historia d'esta cidade começa a apparecer mais desanuviada d'obscuridades. No anno de 987 Al-manssor Iben Namer apodera-se da cidade que, como dissemos, D. Affonso III havia povoado de christãos.

Depois d'esta conquista jazeu abandonada e em ruinas por espaço de sete annos, passados os quaes foi reedificada e repovoada pelos ismaelitas. No dominio d'estes permaneceu setenta annos, até que no de 1064, depois de um cerco de sete mezes, a conquistou para os christãos el-rei de Castella D. Fernando Magno.

No segundo quartel do seculo XII, constituido o reino de Portugal por el-rei D. Affonso Henriques, Coimbra assumiu grande importancia tornando-se a côrte da nova monarchia, mas esta honrosa vantagem teve de a ceder posteriormente á cidade de Lisboa. Em compensação ficou sendo a côrte das letras depois que el-rei D. Diniz para aqui mudou a Universidade.

A creação da Universidade foi pedida a el-rei por alguns prelados, abbades e reitores, os quaes *lhe rogaram encarecidamente se dignasse de fazer, e ordenar um geral estudo na sua nobilissima cidade de Lisboa.* O monarcha attendeu-os benignamente, e os mesmos ecclesiasticos, consentindo elle como padroeiro das respectivas egrejas e mosteiros, assentaram em que os salarios dos mestres se pagassem das rendas dos mesmos mosteiros e egrejas. Foi pois instituida em Lisboa a Universidade com aprazimento do monarcha, e quiçá teria elle encaminhado as coisas para este desideratum, como parece deduzir-se do que diz Ruy de Pina na *Chronica* d'este rei, cap. XIII.

Não consta precisamente o anno em que a Universidade começou a funccionar, mas no de 1290 já tinha existencia, segundo se deprehende da bulla *De statu regni* pela qual a confirmou o papa Nicolau IV em 9 de agosto do mesmo anno.

Pouco tempo permaneceu em Lisboa a Universidade depois da sua instituição, trasladando-a el-rei para Coimbra (1306 ou 1307?). El-Rei D. Affonso IV a transferiu para Lisboa no anno de 1338, e outra vez a fez voltar para Coimbra por provisão de 6 de Novembro de 1354. Nova mudança para Lisboa se realisou no tempo de el-rei D. Fernando, no anno de 1377. No anno de 1537 effectuou el-rei D. João III sua ultima trasladação para Coimbra.

N'esta mudança as aulas funccionaram no mosteiro de Santa Cruz e nas casas do Conde de Portalegre, mas, pouco depois, el-rei, muito dedicado á Universidade, cedeu-lhe o seu paço real, edificio vasto, que el-rei D. Manoel havia reformado.

Assenta este palacio n'um dos pontos mais eminentes de Coimbra. Em virtude das successivas modificações que tem soffrido no decorrer dos tempos, raros caracteres apresenta já da época manoelina. N'elle predomina o gosto das construcções usadas nos seculos XVII e XVIII.

A fachada principal, que uma das estampas juntas representa, crêmo-la do seculo XVIII.

Da galeria de columnas que n'ella se salienta, denominada *via latina*, passa-se para a *sala grande*, tambem denominada *sala dos capellos*, por ser n'ella que se realisa a solemnidade dos doutoramentos.

---

[1] A phototypia d'esta inscripção, acompanhada de uma erudita e interessante noticia pelo snr. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, com o titulo *Aeminium* (*Coimbra*), póde vêr-se a pag. 221 do vol. 43.º do *Instituto*.

[2] Lamentamos que o nosso saudoso amigo dr. A. Filippe Simões, fallecido no 1.º de fevereiro de 1884, annos antes do achado d'esta lapide, não podesse gozar o prazer que de certo lhe devia causar uma descoberta que veiu confirmar triumphantemente a doutrina da sua dissertação.

Quoique l'histoire de Coimbra soit assez intéressante pour mériter d'amples développements, nous nous bornerons ici, faute d'espace, à un court résumé des événements plus importants.

Vers la fin du x^e siècle, l'histoire de la ville émerge de l'obscurité des légendes. En 987 Al-manssor Iben Namer s'empare de la ville qu'Alphonse III avait peuplée de chrétiens. Après cette conquête, elle resta abandonée et en ruines pendant sept années, au bout desquels elle fut rebâtie et repeuplée par les ismaélites. Ceux-ci la gardèrent pendant soixante dix années, jusqu'à ce que en 1064, après un siège de sept mois, le roi de Castille, Ferdinand le Grand, la restitua au joug des chrétiens.

Dans le deuxième quartier du XII^e siècle, Coimbra prit une importance considérable comme cour de la nouvelle monarchie portugaise, récemment fondée par le roi D. Alphonse Henriques; elle dut toutefois céder à Lisbonne ce glorieux avantage. Mais elle eut plus tard une compensation et devint la cour des lettres, lorsque le roi D. Denis y transféra l'Université.

La création de cette Université est dûe aux efforts de quelques prélats, abbés et prieurs, qui s'adressèrent à D. Denis, *en le priant instamment d'ordonner des études générales dans sa très noble ville de Lisbonne.* Le monarque acceuillit favorablement cette démarche, et consentit à ce que les honoraires des maîtres fussent payés par les revenus des églises et monastères à la charge des ecclésiastiques pétitionnaires. L'Université fut donc fondée à Lisbonne, grâce à la protection du roi dont l'intervention dans cette affaire fut décisive, ainsi qu'il ressort du chap. XIII de la *Chronique* de Ruy de Pina.

On ignore la date précise de l'ouverture de l'Université, mais on sait qu'elle fonctionnait déjà en 1290, par la bulle *De statu regni* du pape Nicolas IV, datée du 9 août de cette année. Peu de temps après sa fondation, l'Université fut transférée à Coimbra par ordre du roi (1306 ou 1307?); son fils et successeur D. Alphonse IV la fit nouvellement transporter à Lisbonne en 1338, puis une deuxième fois à Coimbra, par ordonnance royale du 6 novembre 1354. Le roi D. Ferdinand la transféra encore une fois à Lisbonne en 1377; enfin, en 1537, D. Jean III l'installa définitivement à Coimbra.

Après ce dernier déplacement, les classes fonctionnaient d'abord dans le monastère de la Sainte Croix et dans l'hôtel du Comte de Portalegre; mais le roi, très dévoué à l'Université, lui céda le palais royal, vaste édifice que son prédécesseur D. Manuel avait fait restaurer.

Ce palais, assis sur un des points plus élevés de la ville, a été si souvent remanié et restauré, que les caractères de l'époque dite *manuelina* sont presque entièrement disparus. C'est le style des constructions du XVII^e et XVIII^e siècle qui prévaut; la façade principale, figurée dans une des illustrations, peut être attribuée au XVIII^e siècle. La colonnade qui se détache sur la façade, est connue sous le nom de *Voie Latine;* elle donne sur la *Grande Salle* ou *Salle des Capellos,* ainsi nommée parce que c'est là qu'on confère le bonnet doctoral (*capello*).

Cette salle grandiose, reproduite dans la troisième de nos phototypies, a été construite dans la seconde moitié du XVII^e siècle, par les soins du recteur Manuel de Saldanha. Elle a 26 mètres de long sur 12 de large, et l'hauteur proportionnée. Le plafond en bois, daté de 1655, est entièrement en caissons peints, décorés de ramages, de mascarons et d'oiseaux fantastiques dans le goût de l'époque. Les murs de la salle sont granis de jolis carreaux en faïence jusqu'à mi-hauteur; au dessus sont les portraits de tous les rois portugais. En bas, tout au long de la salle et à un mètre du parquet, court une galerie, garnie d'un balustrade en palissandre, où prennent place les docteurs dans les grandes solennités universitaires.

Nous sommes forcés de passer sous silence les autres pièces remarquables de l'édifice de l'Université, ainsi que les établissement annexes, dont la presque totalité a été bâtie du temps du Marquis de Pombal, le grand ministre auquel on doit, entre autres services également signalés, la réforme de l'Université en 1772, qui la releva à un degré remarquable de splendeur. Nous nous bornerons à quelques mots sur la bibliothèque, représentée dans la dernière des phototypies ci-jointes.

La magnificence de l'édifice, et la richesse de la décoration intérieure font de cette bibliothèque une des plus remarquables de l'Europe. Le comte Raczynski, expert dans la matière, et qui avait beaucoup voyagé, résume ses impressions dans les lignes suivantes, extraites de son livre *Les arts en Portugal:* «*Ce fut Jean V* (*1706-1750*) *qui fonda la bibliothèque de l'université, la plus belle, la plus richement ornée que j'aie jamais visitée.*»

La partie principale de la bibliothèque est constituée par trois salles magnifiques, reliées par deux

Esta grandiosa sala, reproduzida n'uma das estampas juntas, foi edificada pelo reitor Manoel de Saldanha depois do meado do seculo xvii. Tem 26 metros de comprimento, 12 de largura e altura proporcionada. O seu tecto é de madeira, pintado de ramagens, laçarias, aves, carrancas e outras figuras de phantasia, tudo n'um gosto muito em voga n'aquelle tempo. N'elle se vê a data 1655. Adornam esta casa os retratos dos reis portuguezes, de pintura em tela, representados de corpo inteiro. Ao longo das paredes, que são forradas de finos azulejos até meia altura, corre uma galeria, com vistosos balaustres de pau preto, levantada pouco mais de um metro acima do pavimento, na qual tomam logar os doutores por occasião dos actos solemnes que n'esta casa se celebram.

Faltos de espaço, não podemos referir-nos a outras partes do grande edificio universitario, nem aos ricos estabelecimentos que lhe são annexos, na maior parte construidos no tempo do Marquez de Pombal em virtude da importantissima reforma de 1772 com que o grande estadista, a quem o paiz deve tão assignalados e relevantes serviços, conseguiu elevar a Universidade a um notavel grau de esplendor. Apenas diremos poucas palavras ácerca da sua livraria, que outra das estampas juntas representa.

Na magnificencia do edificio, na riqueza e luxo da ornamentação, a bibliotheca da Universidade de Coimbra é das mais notaveis que se conhecem. O Conde Raczynski, apreciador competente, e que em muitos paizes viajou, testemunha por estas palavras, na sua obra *Les Arts en Portugal*, a excellencia e riqueza d'este soberbo edificio: «*Ce fut Jean V (1706-1750) qui fonda la bibliothèque de l'université, la plus belle, lá plus richement ornée que j'aie jamais visitée.*»

A parte nobre e principal da bibliotheca é constituida por tres salas esplendidas. Da primeira se passa para a segunda e d'esta para a ultima sob dois arcos de grande altura, adornados de vistosos lavores de talha dourada, superiormente aos quaes se salientam grandes brazões coroados, compostos de emblemas scientificos.

No topo da terceira sala, entre um apparatoso cortinado de talha dourada, e outros ornatos de vistosa esculptura, avulta o retrato de el-rei D. João v, pintura a oleo do apreciado pintor lisbonense José Carlos Binheti.

Guarnecem a bibliotheca duas ordens de estantes, das quaes a superior é acompanhada de um varandim de elegantes balaustres assente sobre esbeltas columnas que se enfileiram no pavimento geral. Estantes, columnata e varandim ostentam notavel elegancia e apparato, não só quanto aos seus adornos esculpturaes, mas tambem quanto á sua pintura. É esta no gosto chinez, formada por grande variedade de figuras e ornatos dourados sobre fundo de côr verde na primeira e na terceira sala, e sobre fundo de côr encarnada na segunda. Estes trabalhos de pintura e douradoura foram ajustados com Manoel da Silva, de Coimbra, a razão de 1:280$000 reis por cada sala.

São de boa execução, e muito concorrem para a formosura do aspecto geral d'este edificio, as pinturas a fresco das cimalhas e tectos. O Conde Raczynski, na sua já citada obra, faz d'ellas esta apreciação: «*La peinture du plafond est une vaste composition, trés riche comme plusieurs peintures de la même époque qui j'ai vue à Lisbonne. Son exécution dénote beaucoup de savoir-faire, plus encore dans la partie architecturale que dans les figures.*» Este trabalho foi arrematado pelos dois mestres Antonio Simões Ribeiro, pintor, e Vicente Nunes, dourador, ambos de Lisboa, a razão de 600$000 reis cada uma das tres divisões, e as despezas da jornada á custa da Universidade.

Distribuidas pelas salas da bibliotheca, ha seis grandes mesas de preciosas madeiras, esmerado trabalho de marcenaria. Quatro são de ebano e duas de gandarú, todas com embutidos e com ornatos resaldados de petiá de muita perfeição. Importou a madeira, feitio e conducção d'estes ricos moveis em 4:410$115 reis.

O numero de volumes da bibliotheca é superior a 100:000.

Caberia bem aqui o indicar algumas das suas raridades, mas, porque o espaço nos falta, forçoso nos é terminar.

Coimbra, Setembro de 1901.

A. M. Simões de Castro.

---

arcs d'une élévation considérable, décorés de riches sculptures dorées, et couronnés d'armoiries composées d'emblèmes scientifiques. Au fond de la dernière salle se détache, dans un décor vraiment somptueux, le portrait du roi D. Jean v, dû au princeau de Joseph Charles Binheti.

Les salles sont garnies d'une double série de rayons, dont la supérieure est séparée par une jolie balustrade qui repose sur d'élégantes colonnes. Toutes ces pièces, d'une facture remarquable, sont entièrement peintes dans le goût des laques chinoises, en arabesques dorés sur fond vert, dans la première et dernière salles, et sur fond rouge dans la deuxième. L'ouvrage de peinture et dorure a été éxécuté par un artiste de Coimbra, Manuel da Silva, au prix de 1:280$000 chaque salle.

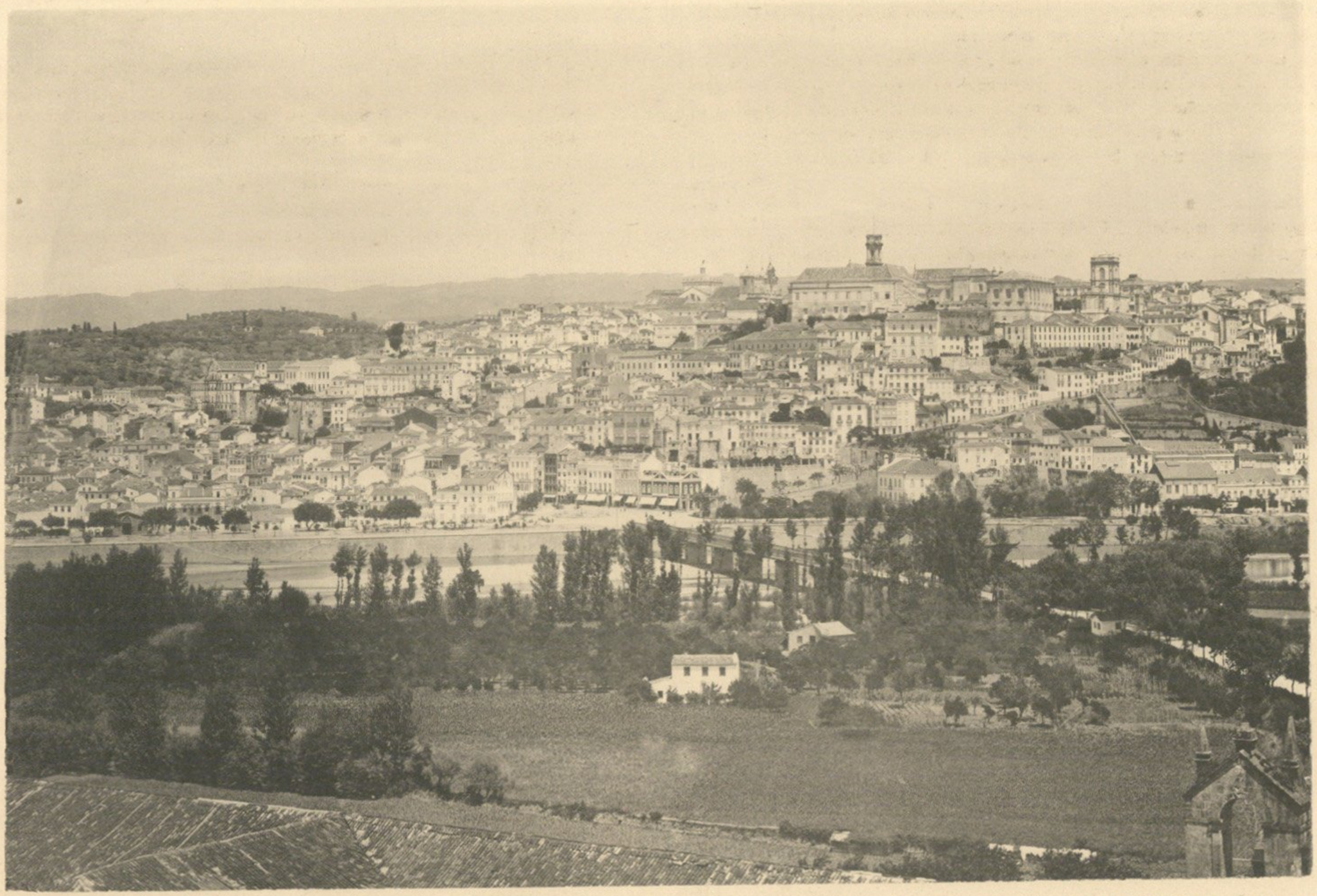
Les peintures des plafonds et des corniches ne sont pas moins dignes de l'attention des visiteurs. Voici l'appréciation que, dans l'ouvrage cité, en fait le comte Raczynski: «La peinture du plafond est une vaste composition, très riche comme plusieurs peintures de la même époque que j'ai vues à Lisbonne. Son éxécution dénote beaucoup de savoir faire, plus encore dans la partie architecturale que dans les figures.» Cet ouvrage fut adjugé à deux artistes de Lisbonne, maître Antoine Simões Ribeiro, peintre, et à maître Vincent Nunes, doreur, au prix de 600$000 chaque salle, et les frais du voyage.

Il y a dans les salles de la bibliothèque six grandes tables en bois précieux, d'une éxécution parfaite. Quatre sont en ébène, les deux autres en gandarú, ornées de belles marqueteries en petiá. Ces riches meubles n'ont pas coûté moins de 4:410$115 rs.

Le nombre des volumes de la bibliothèque excède 100.000. Il renferme beaucoup de pièces rares et curieuses, que le cadre trop étroit de cet article me défend de détailler.

Coimbra, Septembre 1901.

A. M. Simões de Castro.

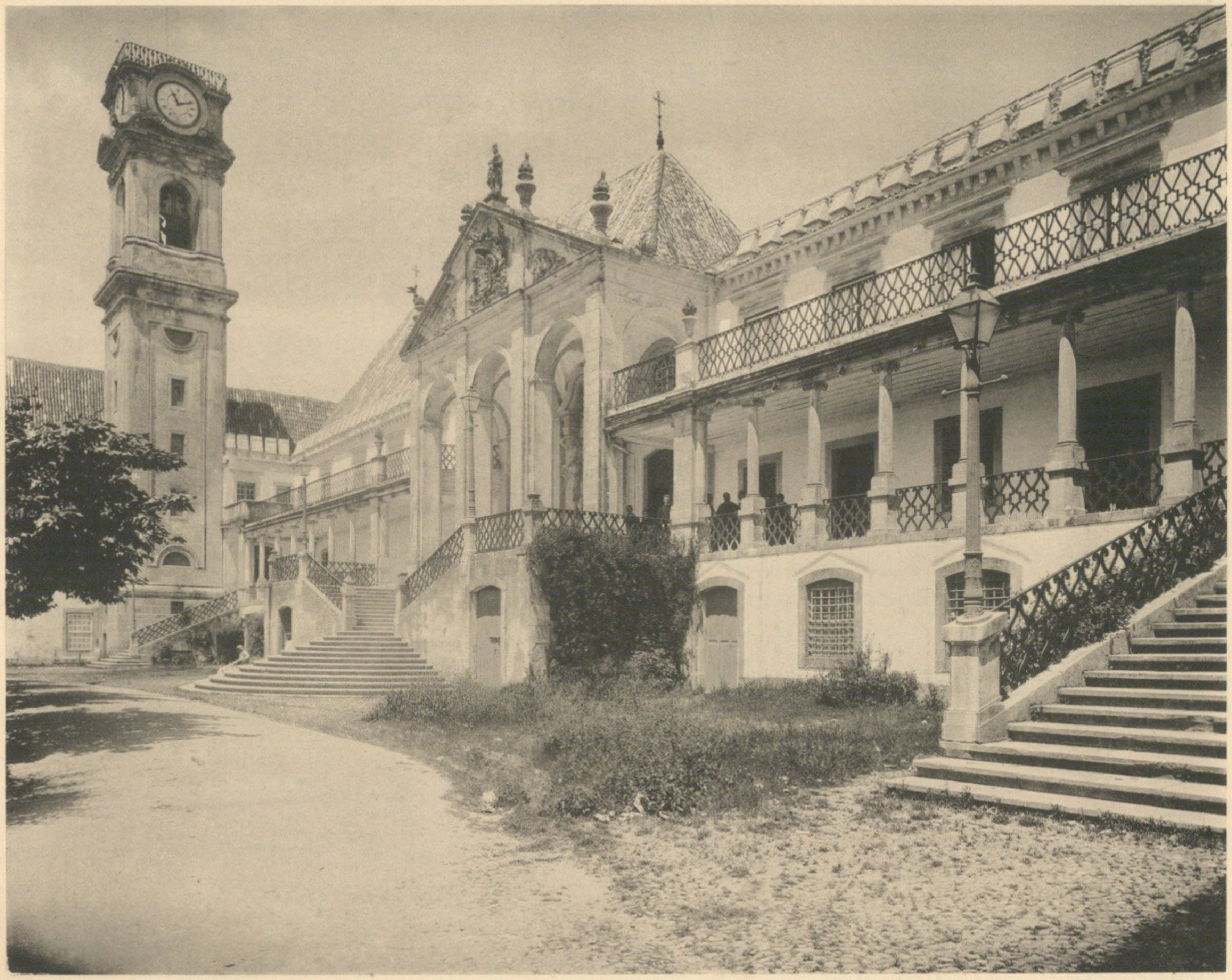


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral da cidade

COIMBRA

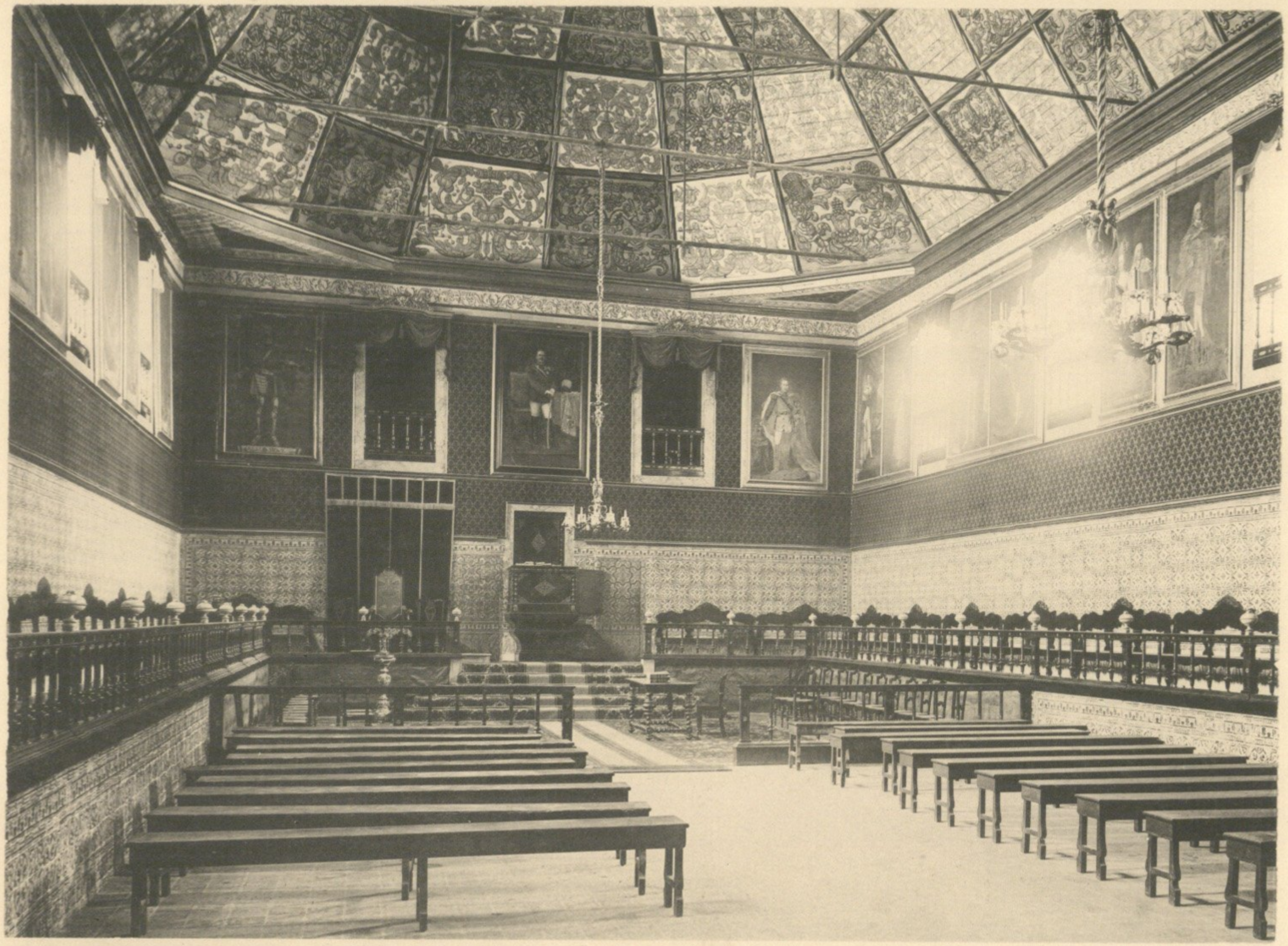


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Universidade—Via latina

COIMBRA

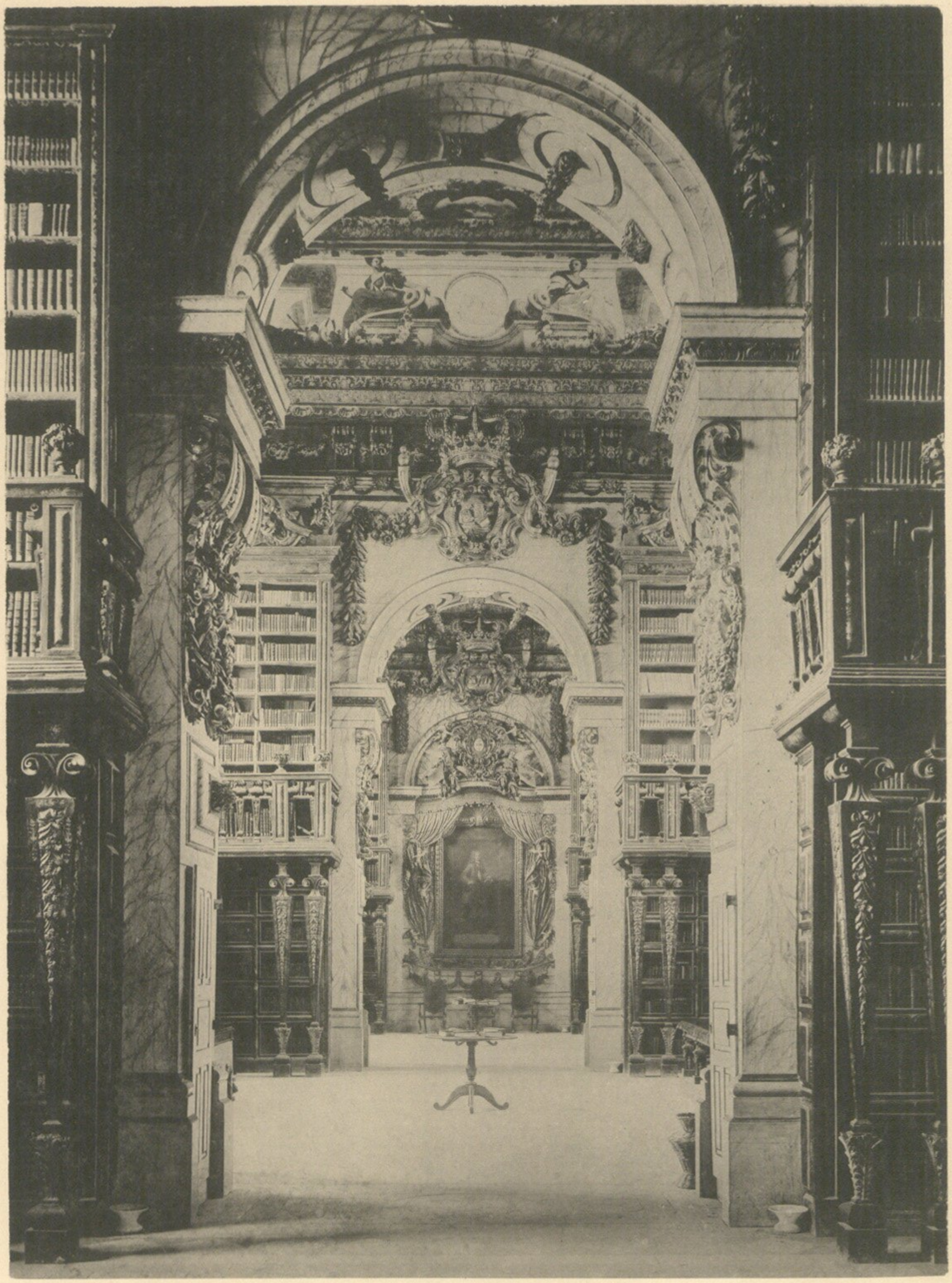


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Universidade—Sala dos Capellos

COIMBRA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Bibliotheca da Universidade

COIMBRA

Sé Velha de Coïmbra

A egreja

A velha cathedral de Coimbra é o templo romanico sobrevivente mais notavel de Portugal.

Ella deve a sua notoriedade á magnificente imponencia do seu aspecto, cheia de sobriedade, austera e solemne, producto d'uma arte admiravel, expressão definitiva de uma época, a mais completa exposição da sciencia de construir attingida pelos architectos nos meiados do seculo xii.

Sob o ponto de vista mecanico, é por certo uma das demonstrações mais completas dos progressos conquistados, depois d'um tão longo periodo de tentativas e desastres imprevistos.

Pelo traçado geral da planta, pela disposição dos seus membros integrantes, pela sua estructura estatica e até no canon das suas proporções essenciaes fundado sobre o triangulo gerador, com tanta exactidão seguido, que apenas a differença de alguns centimetros se nota, ha motivos de sobra para reconhecer a sua genealogia franceza.

Escusado será repetir, pela millesima vez, citações vulgarisadas, comprovando as relações internacionaes que facilitariam o ingresso dos mais habeis artistas constructores.

No reinado de Affonso Henriques grande numero de sacerdotes e cavalleiros, pertencentes á nobreza d'além dos Pyreneus, fazendo parte das ordens militares, ou tentando fortuna, alistados nos exercitos expedicionarios das cruzadas, aqui vieram permanecer, principalmente depois da empreza de Lisboa, desempenhando altas dignidades. Da classe sacerdotal, alguns foram elevados ás primeiras sédes da hierarchia ecclesiastica.

A projecção cruciforme, com lanterna central, tres naves e correspondentes capellas absydaes abertas sobre o transeptum, é o schema completo e preciso das egrejas hespanholas do seculo xii — de origem indubitavelmente franceza [1].

Pelas dimensões materiaes não será a Sé Velha comparavel ás grandes cathedraes, suas irmãs, que assignalam essa época; mas a tranquillidade e equilibrio de toda a construcção, a ineffavel perspectiva das suas naves é tudo que possa imaginar-se de mais impressivo e commovente.

E, a realçar a magestosa grandeza d'esta soberba fabrica, a augmentar naturalmente a amplidão interior do templo, abrem-se as arcadas do triphorium, elegantes e graves, ponderadas e alterosas.

A abobada da nave central, de cinto pleno realçado, é consolidada pelo engenhoso artificio dos arcos duplos, de tão notavel alcance subsequentemente na architectura gothica, apoiados em columnas adossadas, até á cornija, aos pilares assaz resistentes á progressão das forças.

Nas naves lateraes, divididas por arcos transversaes, são enquadradas as abobadas de aresta, construidas de brita e argamassa, ligadas como um só bloco, em concreção homogenea, ao modo romano.

Uma das mais notaveis soluções d'esta architectura reside, talvez, na fórma como se acha contrabotada a abobada central pelas abobadas lateraes do triphorium, quasi subidas á mesma altura. E tanto mais admiravel a audacia, quanto os gigantes exteriores são de exigua saliencia.

Fiel aos preceitos do estylo, as exigencias da construcção convertem-se quasi sempre em motivos de decoração. Nos faciaes do transeptum e na lanterna, por sobre os arcos triumphaes, a applicação das arcaturas circumdantes é d'uma impressão e formosura tocantes.

Ha effeitos imprevistos e contrastes tão arriscados, como bem succedidos: nas pequenas galerias do transeptum foi alterada a horisontalidade; ao fundo, rompendo as normas da symetria, foi lançada uma galeria de passagem esbelta e d'uma discordancia tão agradavel e original.

E, como recommendação a maior apreço, é de notar ainda um facto. As grandes fabricas, produ-

---

[1] Street, *Gothic architecture in Spain*.

Vieille cathédrale de Coïmbre

L'église

La vieille cathédrale de Coïmbre (Sé Velha) est sans doute le plus remarquable des temples romains qui subsistent encore en Portugal.

Produit d'un art admirable qui traduit fidèlement l'esprit de son époque, elle charme et impose en même temps par l'apparence à la fois sobre et magnifique, sévère et solemnelle, qui lui a valu dans tout le pays une juste renommée.

C'est un modèle parfait de l'architectonique de la seconde moitié du xii^{e} siècle, et, à ce titre, la démonstration d'un véritable progrès accompli à travers une longue période d'essais et de désastres imprévus.

Tout y dénonce, d'une manière incontestable, l'origine française: le tracé général du plan, l'arrangement des parties intégrantes, la structure statique, et jusque le canon des proportions essentielles, basé sur le triangle générateur et si exactement observé que les écarts constatés atteignent à peine quelques centimètres.

Nous nous abstiendrons de répéter à ce propos des citations trop fatiguées, qui attestent l'immigration en Portugal d'habiles artistes constructeurs originaires de l'Europe.

Il suffira de rappeler que, pendant le règne de D. Alphonse Henriques et surtout après la prise de Lisbonne, un nombre considérable de seigneurs français, appartenant au clergé ou aux ordres militaires, ainsi que beaucoup de nobles aventuriers engagés dans les croisades, se sont établis chez nous, en occupant de hautes dignités; parmi les ecclésiastiques, plusieurs sont même parvenus aux premiers rangs dans l'hiérarchie de l'Église portugaise.

La projection cruciforme, avec lanterne centrale, et trois nefs à chapelles absidales donnant sur le transept, reproduit exactement le schéma complet des églises espagnoles du xii^{e} siècle dont l'origine française est parfaitement avérée [1].

La Sé Velha n'est pas comparable, au point de vue des dimensions, aux grandes cathédrales congénères qui caractérisent cette époque; mais elle ne leur cède en rien pour le saisissant effet artistique qui se dégage du majestueux vaisseau. La sérénité et l'équilibre de l'ensemble, l'innéffable perspective de ses nefs, rehaussée par les hautes arcades, élégantes et graves, du triphorium, défient toute description.

La voûte de la nef centrale, en plein cintre surhaussé, est renforcée au moyen de l'artifice ingénieux, plus tard si fréquent dans l'architecture gothique, des arcs doubles, appuyés sur des colonnes adossées jusqu'à la corniche à des piliers suffisamment résistants à la poussée. Dans les nefs latérales, des arcs transversaux séparent des voûtes d'arêtes, bâties en menus moellons et mortier formant une concrétion homogène, à la manière romaine.

À noter, la façon hardie dont la voûte centrale est arc-boutée par les voûtes latérales du triphorium, qui montent presque à la même hauteur; solution d'autant plus remarquable que les contre-boutants extérieurs n'offrent qu'une faible saillie.

D'après les préceptes du style, les besoins de la construction se transforment presque toujours en motifs de décoration. Ainsi l'application, sur les faces du transept et de la lanterne, d'arcatures couronnant les arcs triomphaux est d'une grande beauté.

Il y a des effets imprévus, des contrastes aussi risqués que réussis: dans les petites galeries du transept l'horizontalité a été violée; et, au fond, une élégante galerie de passage coupe la symétrie d'un trait dissonant, mais heureux et original.

Signalons encore, dans tout l'ouvrage, une circonstance particulière qui en exhausse le prix. Les grandes fabriques, péniblement élevées par l'effort poursuivi de plusieurs générations, subissent toucto do trabalho humano, longo e penoso, por uma lei natural, vão-se erguendo e adaptando ás transformações ideaes da arte, desenvolvendo-se e acompanhando a evolução esthetica de novos estylos, em elaboração constante.

---

[1] Street, *Gothic architecture in Spain*.

Na Sé Velha o estylo, em toda a construcção, é uniforme, definido e completo. Parece edificado d'um só jacto. Apenas nos capiteis dos columnellos da lanterna se divisam, levemente esboçados, os primeiros symptomas da transição.

A descripção da Sé Velha é impossivel de contêr-se nos summarios moldes d'um pequeno artigo desalinhado.

Tudo alli é digno de contemplação. Debaixo das suas naves abrigam-se sob campas brazonadas as ossadas de numerosos bispos e magnates. E seis monumentos funerarios, cobertos por estatuas jacentes, offerecem uma importante lição ao estudo da iconographia dos seculos XIII e XIV.

No exterior: a fachada principal, que olha ao occidente, é d'uma triumphante e energica singeleza.

Compõe-se d'um corpo medio saliente, onde se abre o grande portico, em archivoltas concentricas, apoiadas em columnas, de capiteis e fustes lavrados; por cima a alterosa janella, de traça identica, — tão intimamente ligados, como partes componentes d'um pensamento unico.

Aos lados, nas superficies terminaes da egreja, janellas geminadas e frestas estreitas [1].

Do lado norte, ao meio dos muros antigos, contrafortados de gigantes espaçados, destaca-se uma composição renascença, d'um bello desenho, que alli foi addidata nos principios do seculo XVI.

No seu genero seria um exemplar digno de admiração, se, em vez de voltada ao norte, fosse collocada com diversa orientação, exposta ao sol, no pleno effeito do claro-escuro, das longas sombras projectadas.

Assim, condemnada á frouxidão da luz diffusa, escassamente illuminada, sem toques fundos á marcação dos planos, os relevos achatam e os destaques diluem-se e perdem-se em esbatidos uniformes.

Além d'isso o progresso dos estragos é tal, que lhe não assegura um longo praso de conservação, pelas mutilações soffridas e pela inconsistencia material da pedra.

É averiguado, porém, que por debaixo d'essa architectura existe, de construcção romanica, intacta, uma repetição do frontispicio occidental, constando de porta e janella sobreposta. Com a differença de que as columnas são substituidas por pés direitos de secção recta, e as archivoltas molduradas por arcos simples de faces planas.

Toda a obra renascença quasi coincide e se adapta ás fórmas romanicas; e, não obstante, parece gisada na mais ampla liberdade de escolha, de proporção e de elegancia!

A observação d'este facto notavel dá um novo titulo de apreço á obra, porque prova a fertilidade de recursos creadores, nas estrictas condições impostas á elaboração do projecto, com tanta arte e criterio concebida, e com tanta perfeição realisada.

Retabulos dos absydiolos

O retabulo de S. Pedro, bem como o hemicyclo do Sacramento, ambos de pedra de Ançã, são productos d'essa escóla de *imaginarios* da renascença, que teve em Coimbra a sua implantação e pujante florescencia e cujo labor se estende por todo o seculo XVI até aos primeiros decennios do seculo seguinte.

São dois documentos preciosos que terão de ser citados, como demonstração do alto valor e da exuberancia de talento d'essa laboriosa pleiade de artistas, cuja actividade se expande brilhantemente e cujas obras se acham espalhadas por grande parte do paiz.

Distanciados um do outro por quarenta annos talvez, são como dois marcos chronologicos a aferir duas maneiras predominantes, no percurso d'essa arte tão fertil, tão opulenta de imaginação e de intelligencia.

O retabulo de S. Pedro, de pequenas dimensões, obedece a uma concepção mais apparatosa, accumulando lavores de ostentação e minucias de cinzel que, mais que a fragilidade do calcareo, lhe comprometteram a duração.

É o primeiro periodo, sob a influencia directa dos mestres estrangeiros.

---

[1] O campanario é um additamento de moderna data e de facilima suppressão.

jours l'influence de leur évolution esthétique; elles s'adaptent, par suite d'une tendance naturelle, à l'incessante élaboration des nouveaux styles.

La Sé Velha, au contraire, semble bâtie d'un seul trait, tellement le style y est uniforme, complet et défini. Ce n'est que dans les chapiteaux des colonnettes de la lanterne qu'on surprend, légèrement ébauchés, les premiers symptômes d'une transition.

Malgré cela, la description du temple ne saurait tenir dans le cadre étroit de cet article, car tout y est digne d'un examen attentif.

Sous ses nefs, des tombes armoriées abritent les ossements de nombreux évêques et seigneurs; et six monuments funéraires, aux statues gisantes, offrent des textes importants pour l'iconographie du XIIIe et XIVe siècles.

La façade principale, tournée au couchant, est d'une énergique et victorieuse simplicité. Elle se compose d'un corps central en saillie, où s'ouvre le grand portail surmonté d'une vaste fenêtre, tous les deux en archivoltes concentriques appuyées sur des colonnes à chapiteaux et à fûts sculptés; sur les surfaces latérales de la façade sont percées d'étroites fentes et des fenêtres géminées [1].

Au milieu du vieux mur noirci, qui forme la façade nord, se détache entre deux contre-boutants une belle composition de la Renaissance, ajoutée vers le commencement du XVIe siècle. C'est vraiment dommage que cette pièce, d'un dessin admirable, ne soit pas exposée au midi, qui en aurait fait ressortir, dans un clair-obscur avantageux, l'extrême finesse de décoration.

Telle qu'elle est à présent, voilée d'un demi-jour diffus, les plans s'accusent mollement, les bosses manquent de vigueur, les détails s'effacent et s'estompent d'une teinte uniforme et plate. D'ailleurs, les mutilations subies, ainsi que les altérations opérées par le temps sur la pierre trop tendre, lui assurent une assez courte durée.

Les recherches entreprises ont montré que sous cette architecture renaissance se maintient encore intacte la construction romane primitive qui reproduit le corps central de la façade principale, à cela près que les colonnes sont remplacées par des pieds-droits carrés et les archivoltes à moulures par des arcs simples à faces planes.

Tout l'ouvrage renaissance s'adapte merveilleusement aux formes romaines; cependant, il semble conçu et exécuté dans une parfaite liberté de tracé et de proportions! Ce n'est pas là, certes, le moindre mérite de ce chef-d'œuvre, car il témoigne d'une remarquable fertilité de ressources artistiques, développées dans les bornes étroites imposées à l'elaboration du projet.

Rétables des chapelles du transept

Le rétable de St. Pierre et l'hémicycle du St. Sacrement, faits en pierre d'Ançan, procèdent d'une école d'*imagiers* de la Renaissance qui a fleuri à Coïmbre, et dont la brillante activité s'est prolongée jusqu'aux commencements du siècle suivant.

Ce sont deux documents importants pour l'histoire de ce laborieux groupe d'artistes dont les ouvrages, disséminés presque dans tout le pays, font preuve d'une puissance d'imagination et d'un savoir-faire au dessus de tout éloge.

Les deux rétables, separés par un intervalle d'environ quarantaine d'années, relèvent de deux manières différentes et caractéristiques de l'évolution esthétique de l'école.

Celui de St. Pierre, de petites dimensions, est plutôt décoratif; il étale des richesses sculpturales, des détails d'une délicatesse excessive qui a nui à la conservation autant que la fragilité de la pierre. Il appartient à la première période et trahit l'influence directe des maîtres étrangers.

L'hémicycle du St. Sacrement, dont la texture est plus grave et plus équilibrée, appartient à une époque postérieure; la coupole qui le surmonte porte la date de 1566.

Des colonnes intercalaires séparent, dans la série supérieure, les statues des dix apôtres, et plus bas, les quatre evangélistes et deux images complémentaires; dans la partie centrale, au dessus du taber-

---

[1] Le clocher est une addition de fraiche date, très facile à supprimer.

O do Sacramento, mais grave e ponderado, representa um estadio caracteristico do percurso d'essa esthetica, cujos periodos successivos se podem destrinçar e seguir com segurança, atravez a abundancia de obras existentes.

Na cupula lê-se a data de 1566.

A composição é toda dominada por um alto pensamento de serenidade e harmonia.

Columnas intercalares marcam o encasamento de cada uma das figuras dos dez apostolos, que occupam a serie superior; e, inferiormente, os quatro evangelistas e duas imagens complementares. Ao centro, por sobre o sacrario, o vulto cheio de nobreza do Salvador, sustentando o globo, em acção de perorar.

Todos estes personagens, assim dispostos, constituem uma assembleia imponente, em que as physionomias accentuadamente semitas, e as attitudes calmas, mas energicas pelo movimento das cabeças, que se trocam mutuamente impressões em olhares perscrutadores, são animados d'uma grande intensidade de vida e d'uma extraordinaria attracção de sympathia e de belleza.

Adivinha-se que o accordo das opiniões não é intimo e profundo; e n'esse venerando conciliabulo vai talvez travar-se a discussão, que deve preceder as deliberações definitivas e eternas, para salvação da humanidade.

O retabulo de S. Pedro pertence a outro genero, d'uma funcção exclusivamente decorativa. O do Sacramento, porém, é, e será sempre, uma peça de legitima superioridade, pela suggestão das ideias que inspira e pela exhalação de intellectualidade que nos seus personagens palpita, dando alma á pedra e fazendo-a vibrar de sentimento.

Retabulo da capella-mór

Obra magistral, o mais grandioso especimen de talha gothica, que o paiz encerra.

É um retabulo digno de ser marcado com o brazão, tres vezes repetido, do bispo D. Jorge d'Almeida, que para elle concorreu com largueza, em cooperação com o seu cabido.

Uma descoberta recente veiu confirmar uma attribuição vaga, pondo em evidencia a data e os nomes dos auctores [1].

Pelos dizeres de dois documentos, instrumentos de recibo e quitação, explicitamente se affirma, que os artistas que executaram este retabulo singular foram: — *Mestre Vliner framengo, ora estante nesta cidade e seu parceiro João Dipri*. Com a data de 1508.

As affinidades germanicas eram denunciadas pelo caracter da estatuaria e ainda da ornamentação vegetal, em ondulações apertadas.

A estructura architectonica, que organicamente se desenvolve e reparte em linhas definidas, não obstante a copiosa accumulação de minudencias, é extremamente simples na sua traça geral.

Um arco trilobado sustido por nervuras, formando ediculo, corta toda a composição horisontalmente em duas partes.

O corpo inferior assentando sobre predella de compartimentos occupados por diversas imagens, é dividido verticalmente por pilastras complexas fenestradas, em quadros decorados com riqueza e profusão. Sobre as estatuas, baldaquinos sobrepujantes que se elevam sobre motivos ornamentaes recamados, d'uma excessiva prodigalidade de effeito e d'uma preciosa tenuidade de execução.

As cercaduras ornadas de pequenas chimeras, dragões, luctas, perseguições de caça, envoltas em meandros vegetaes, que se estendem caprichosamente.

O quadro central, que occupa o logar de honra, representa a Assumpção da Virgem, cercada de anjos, de azas desferidas, que dôcemente a amparam. O agrupamento compacto dos apostolos, tomados de surpreza, manifesta o seu espanto ante um tal prodigio, pelas mais persuasivas indicações das attitudes e dos gestos.

É na verdade bem flamenga toda a disposição d'esta scena. A variedade das physionomias tratadas com uma liberdade de realismo, que vai até á jovialidade e ao grutesco; e a psychologia da mimica são dadas com uma vehemencia de energia, a mais expressiva e penetrante.

nacle, se lève la figure pleine de noblesse du Sauveur, tenant le monde dans la main, d'un beau geste oratoire.

Tous les personnages, aux attitudes calmes mais décidées, sont animés d'un mouvement intense qui se traduit dans l'expression énergique de leurs visages, aux traits franchements sémites. On devine que l'accord n'est pas intime ni profond entre les membres vénérables de l'imposante assemblée; ils semblent échanger des coups d'œil scrutateurs, dans l'attente des graves débats qui devront précéder les arrêts définitifs et essentiels au salut éternel de l'humanité.

La haute suggestion intellectuelle qui se dégage de toute la composition et l'extraordinaire souffle de vie qui l'agite font de ce rétable une pièce à tous les égards admirable, d'un charme pénétrant et d'une indéniable supériorité.

Rétable de la chapelle principale

Cet ouvrage magistral, le plus beau spécimen de sculpture gothique en bois qui soit dans le pays, est vraiment digne du blason, trois fois répété, de l'évêque D. George d'Almeida, qui a largement subvenu aux frais de l'exécution.

Une découverte récente [1] est venue confirmer les vagues conjectures formulées sur la date et les auteurs de l'ouvrage. D'après le texte de deux quittances, datées de 1508, les artistes chargés de ce rétable étaient: *Maistre Vliner flamand, ores demeurant en ceste ville, et son compaignon Jehan d'Ypres*.

Le caractère de la statuaire, de même que l'ornementation végétale, aux ondulations serrées, faisait d'ailleurs prévoir des affinités germaniques.

Malgré la prodigalité des détails, la structure architecturale, qui se développe en lignes bien définies, est d'un tracé extrêmement simple.

Un arc trilobé, supporté par des nervures formant édicule, coupe horizontalement en deux parties toute la composition. Le corps inférieur, assis sur une série de divisions occupées par des images, est divisé verticalement en tableaux richement décorés par des pilastres complexes percés à jour; les statues sont surmontées de baldaquins qui s'élèvent sur des motifs décoratifs répandus à profusion, d'un fini précieux.

Toutes les bordures sont ornées de petites chimères, de dragons, de luttes, de scènes de chasse, enveloppées de méandres végétaux capricieusement entortillés.

Le tableau qui occupe la place d'honneur figure l'Assomption de la Vierge, entourée d'anges aux ailes déployées qui la soutiennent tendrement. En bas, le groupe tassé des apôtres témoigne, par leurs poses et leurs gestes expressifs, du saisissement que leur cause ce miracle inattendu.

L'ordonnance de cette scène est vraiment flamande; la variété de physionomies et la psychologie des personnages sont rendues avec une mimique véhémente et un réalisme poussé jusqu'à la jovialité et au grotesque. Les draperies sont traitées avec assurance, en plis rigides et profonds.

Au dessus de l'arc trilobé se dresse le Christ crucifié, ayant à ses pieds la Vierge et le Disciple aimé, dans un accès de douleur mal contenue; à côté les deux larrons se tordent dans les affres de l'agonie. Ce sont là deux sculptures des plus intéressantes, dans leur anatomie originale, les membres lacérés de blessures horribles, d'où s'échappent les apophyses des os, — vision de cauchemar d'une effroyable et sanguinaire férocité.

Toute la décoration est finement travaillée et brodée de filigranes d'une extrême délicatesse.

Nous mettrons ici un point à cette description sommaire, en renvoyant les lecteurs aux phototypies ci-jointes, dont l'examen leur donnera sans doute une idée plus avantageuse de la haute valeur de cet inestimable monument.

Dans la suite des siècles, des mutilations, de grossières additions, des profanations de toute espèce ont été commises sur le vénérable temple, qui remonte aux débuts de la monarchie.

---

[1] Ao solicito investigador conimbricense, snr. conego Prudencio Garcia, se deve a ventura d'esta preciosa informação.

---

[1] Nous en sommes redevables aux infatigables recherches de M. le chanoine Prudence Garcia.

As roupagens abundantes, em quebraduras angulosas e fundas, conduzem-se com segurança e logica na sua complexidade rigida.

Por cima do trilobulo divisorio eleva-se o Christo na cruz, e, completando o drama do calvario, a Virgem e o discipulo, agitando-se em accessos mal contidos de dôr. Aos lados os dois ladrões, companheiros do martyrio, estorcionando-se nos paroxismos do desespero.

E não são das menos interessantes esculpturas estes dois exemplares, d'uma anatomia tão original, com os membros dilacerados de golpes horriveis, por onde se escapam as apophyses dos ossos, n'um atroz pesadelo de ferocidade e de sangue.

Emfim todo o trabalho de decoração é finamente lavrado, em bordaduras superabundantes e subtis, em delicadezas de filigrana.

Depois d'esta incompleta resenha, é mister terminar. E, a supprir as deficiencias da brevidade, as phototypias juntas darão a ideia apparente do que representa e vale este grande e inestimavel monumento.

Com o decorrer dos tempos mutilações e superposições grosseiras, desacatos e degradações de toda a ordem foram perpetradas sobre o monumento gemeo da monarchia. Porém sob a protecção fervorosa do esclarecido sentimento artistico do illustre prelado, que, n'este momento, com tão gloriosa iniciativa honra a mitra conimbricense, a Sé Velha vai sendo restituida á pureza primitiva; e encontra-se quasi despojada das superfectações infamantes, que sobre ella foram lançadas por mãos barbaras.

Finalmente não é com os olhos de hoje, de homens cultos e livres-pensadores, cercados da segurança e das commodidades da civilisação moderna, que se póde avaliar da impressão do velho templo sobre o espirito das populações.

Será necessario, n'um alheamento de sonho, regressar mentalmente aos tempos medievaes, de ha cinco ou setecentos annos; reconstituir o viver e as ideias dos homens mergulhados na ignorancia, dominados e opprimidos pelo despotismo das castas, pela perseguição de leis barbaras e pelo terror das crenças e da miseria geral.

Pensar que o decrepito monumento se erguia, altaneiro e magnifico, em toda a magestade da imponencia e do contraste, d'entre casebres infectos, d'onde sahiam homens, embora superiores á classe infima dos escravos, de andrajos sordidos, minados de privações e de fome, d'entre ruas immundas, onde germinava a peste e a lepra.

Será necessario imaginar os episodios, em que a multidão apavorada e em grita irrompia no templo a invocar o favor do Deus, nos transes tantas vezes repetidos dos estragos das epidemias, das ameaças e das catastrophes da guerra, que a atrocidade dos costumes acompanhava das mais calamitosas consequencias: os massacres, os incendios, os roubos e toda a série de crimes odiosos!

Junto do portico o alpendre, onde os juizes administravam justiça severa e summaria; a dois passos a picóta infamante, na qual os criminosos de pequenos delictos expiavam as suas culpas por entre as chufas e os sarcasmos vingadores da plebe.

Seria necessario vêr as gentes prostradas em adoração, cheias de confiança e de fé, e, na vehemência da sua prece, appellar para o unico poder que sorria ás almas combalidas e supersticiosas de terrores imaginarios, porque de toda a parte os cercam demonios e bruxas malfeitoras, lugubres abusões de cerebros escurecidos.

E, depois de ter evocado estas scenas da rudeza dos tempos, procurar uma compensação consoladora nos espectaculos solemnes de magnificencia e de grandeza: as acções de graça e os hymnos guerreiros da victoria; as pompas liturgicas da egreja e os canticos do jubilo publico.

É considerada, como centro d'esta agitação e d'este scenario, que ella apparece ao nosso espirito grande, austera e sobrehumana; que nos impressiona e subjuga, na sua inflexibilidade sacerdotal e theocratica, como um bispo que revestido das vestes prelaticias, sustentando com a esquerda o baculo symbolico, com a direita nos lança paternalmente a benção, ou nos despede os raios do anathema e da maldição.

A. Gonçalves.

Ces dégradantes superfétations sont toutefois en train de disparaître et la Sé Velha revient lentement à la pureté originale, grâce à la protection dévouée de l'illustre prélat qui honore en ce moment le siége épiscopal de Coïmbre de sa glorieuse initiative artistique.

Remarquons encore, en dernier lieu, qu'il est difficile à des hommes eclairés et libres penseurs, entourés de la sûreté et du confort des civilisations modernes, de se faire une idée exacte de l'impression produite par le temple sur l'esprit des populations.

Il faudrait revenir mentalement en arrière de six ou sept siècles, et reconstruire la vie et les idées des hommes plongés dans l'ignorance, dominés et opprimés par le despotisme des castes, par la pression de lois barbares, de la misère et de la superstition.

Il faudrait s'imaginer la foule saisie d'effroi se précipitant dans le temple pour invoquer à hauts cris la faveur céleste, lors des transes si fréquentes des épidémies, des menaces et des catastrophes de la guerre, que l'atrocité des mœurs accompagnait de terrifiants ravages: massacres, incendies, pillages, toute une série de crimes épouvantables.

Il faudrait se rappeler le vieux monument se dressant fièrement, dans toute la majesté du contraste, parmi d'infects taudis, d'où sortaient des hommes à peine supérieurs à des esclaves, couverts de haillons, consumés par la faim et les privations, grouillant dans d'immondes ruelles où germinaient la peste et la lèpre.

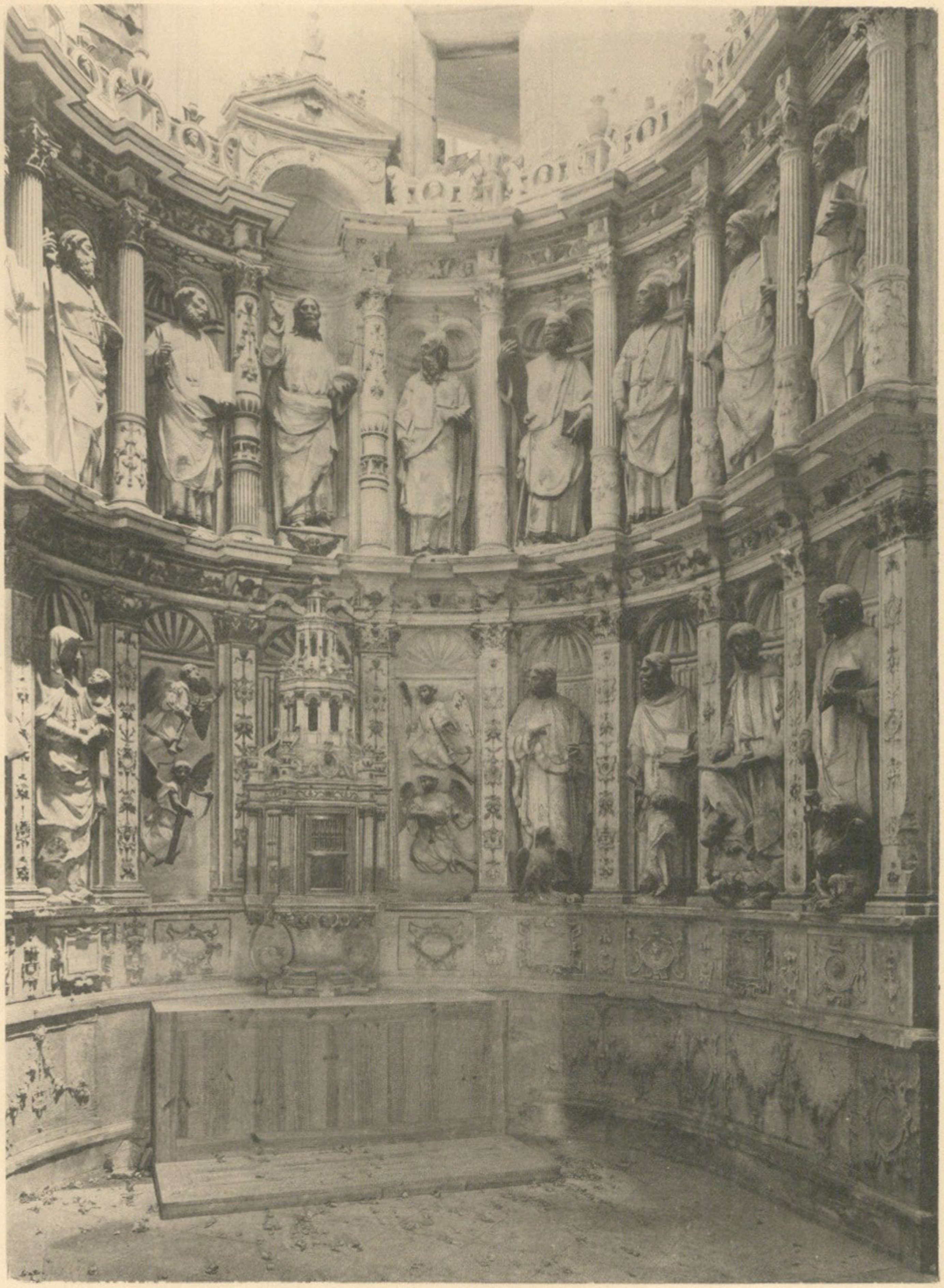
Dans le porche, le tribunal où les juges administraient une justice sommaire et sévère; à deux pas, le pilori infamant, où les coupables expiaient leurs peines entre les moqueries et les sarcasmes vengeurs de la plèbe.

Il faudrait encore voir le peuple prosterné, dans toute la véhémence de la foi, devant le seul pouvoir qui souriait encore aux âmes saisies de terreurs imaginaires, obsédées de démons et de sorcières malveillantes, lugubres superstitions de cerveaux obscurcis.

Et, après l'évocation de ces scènes empreintes de toute la rudesse des temps, en chercher le revers consolant dans les spectacles solemnels et grandioses du culte, dans les actions de grâce et les hymnes guerriers de victoire, dans les pompes liturgiques de l'église et les chants publics d'allégresse.

C'est sous ce point de vue, comme centre de cette agitation et de cette mise en scène que l'église nous paraît grande, austère et surhumaine; qu'elle nous impressione et nous domine de son inflexibilité sacerdotale et théocratique; — comme un évêque qui, revêtu d'habits somptueux, la crosse symbolique dans la main gauche, nous donne de la droite sa bénédiction paternelle ou bien nous frappe de la foudre de l'anathème et de formidables malédictions.

A. Gonçalves.

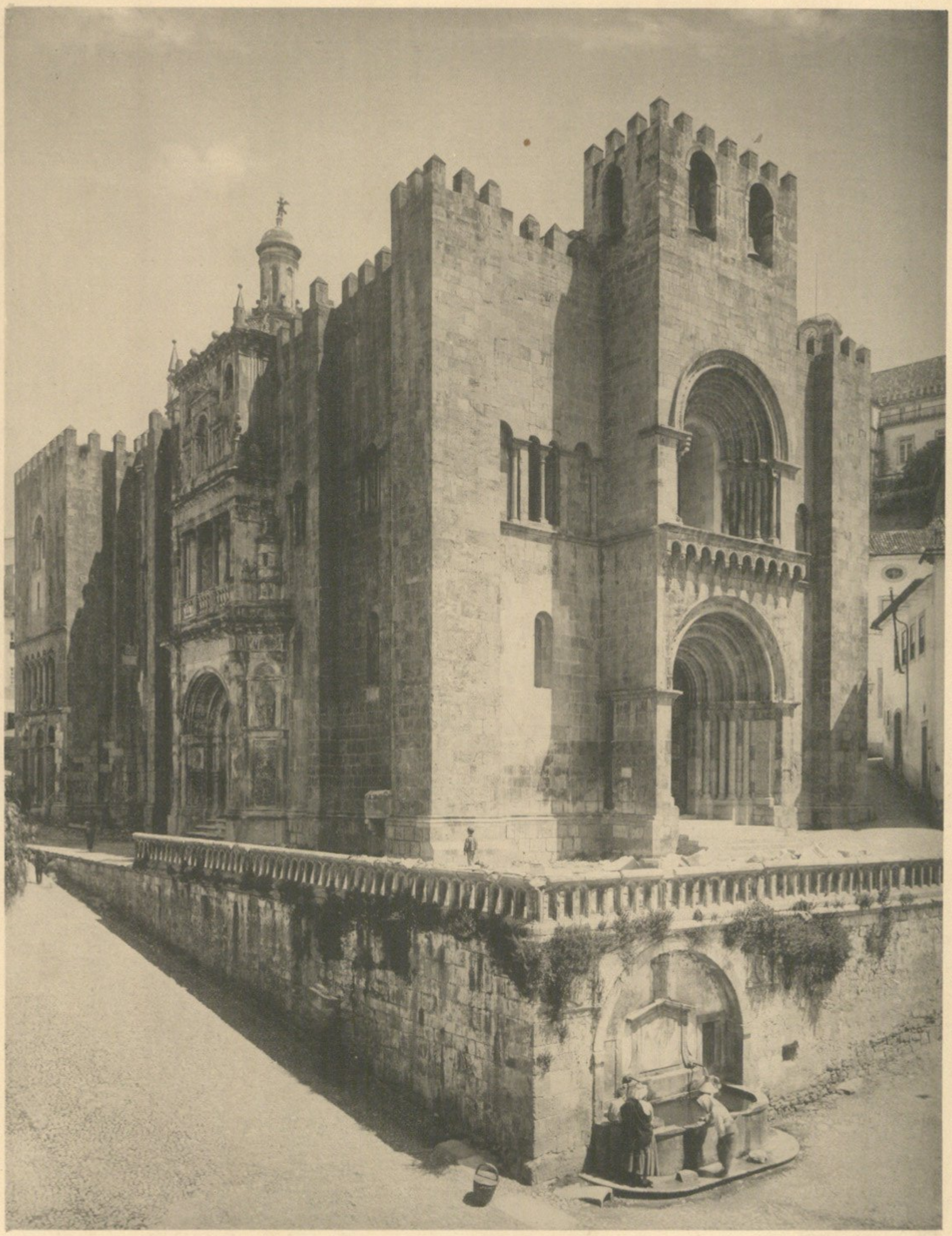


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Capella do Sacramento na Sé Velha

COIMBRA

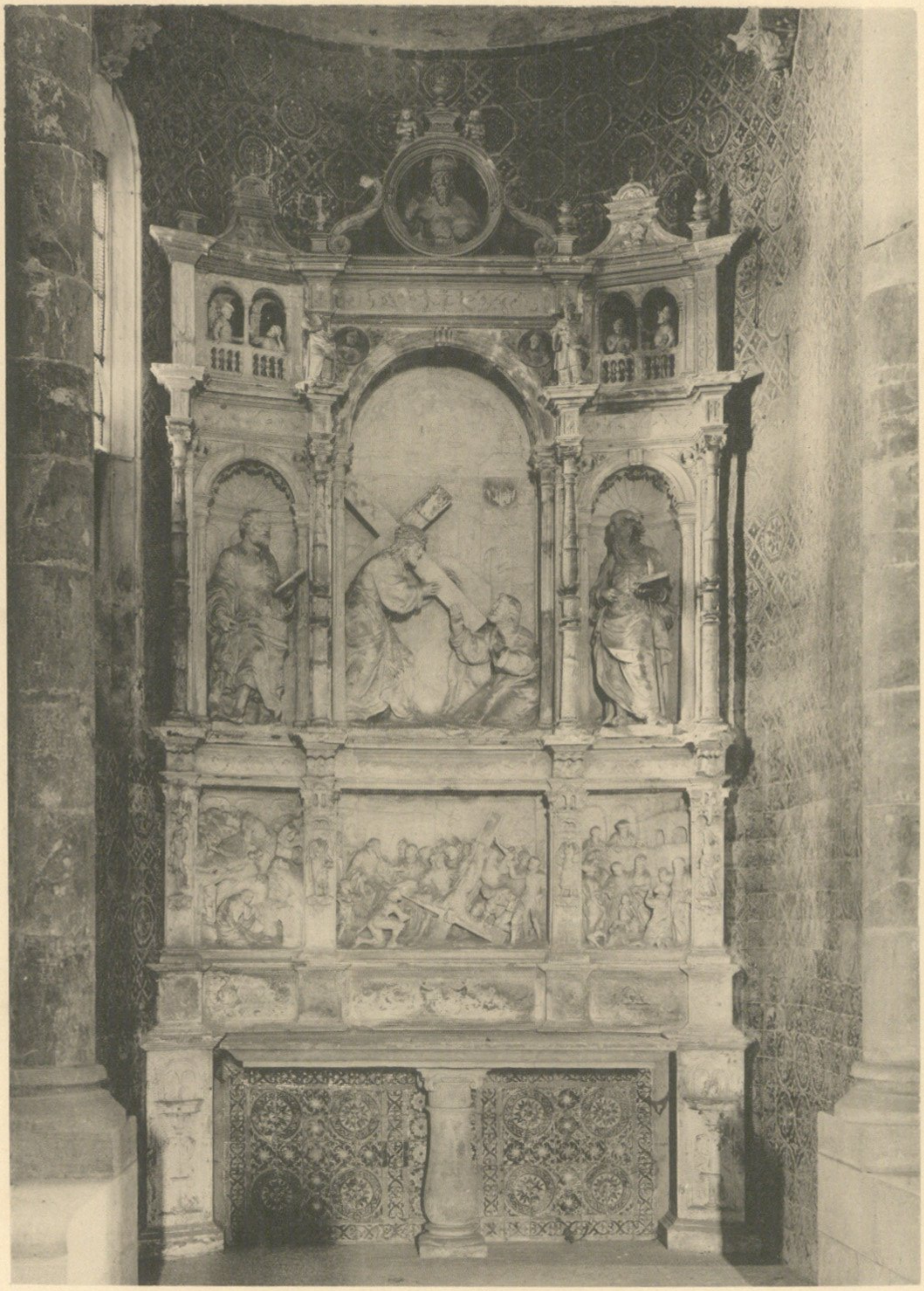


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Sé Velha

COIMBRA

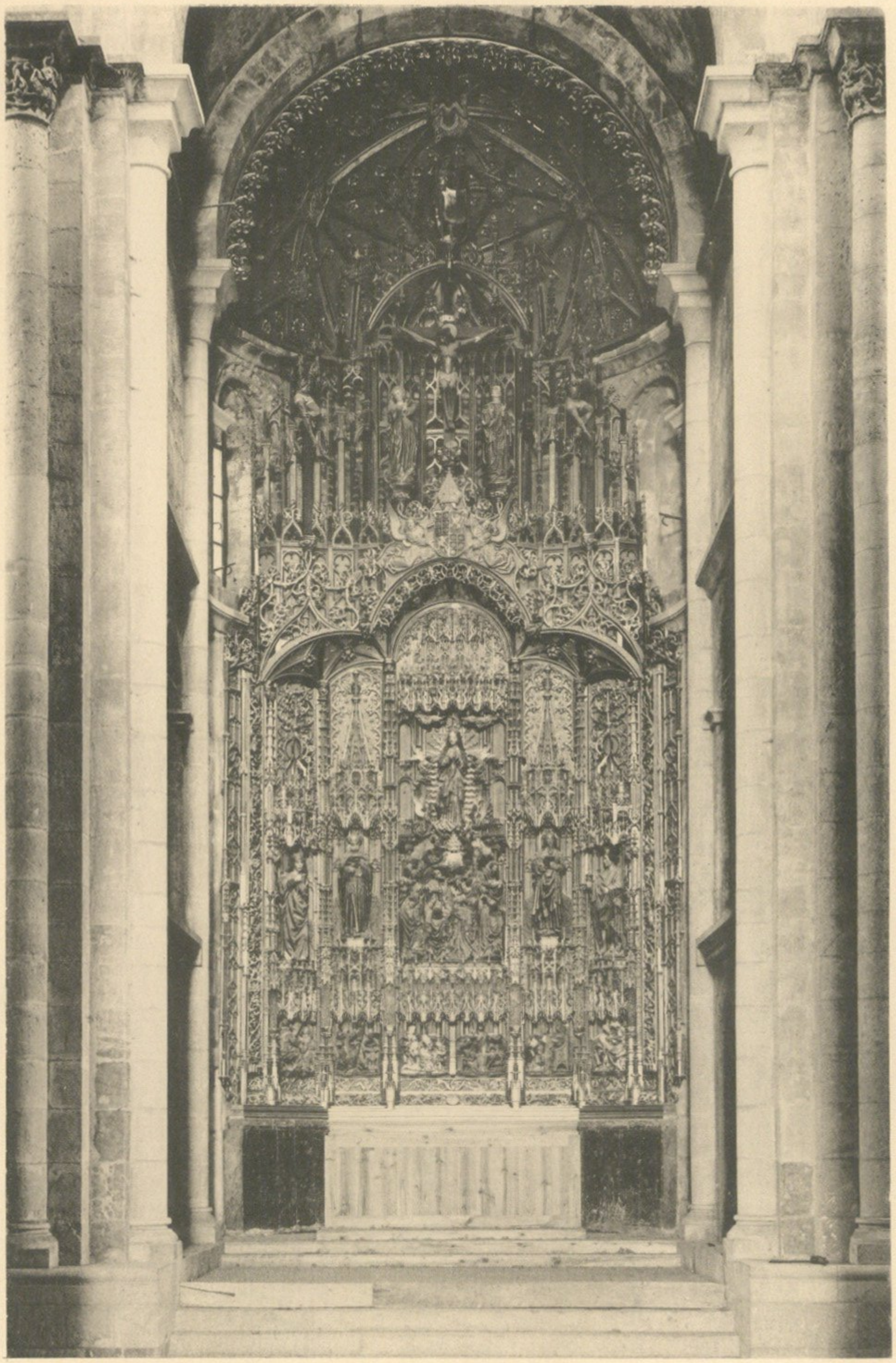


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Retabulo de S. Pedro na Sé Velha

COIMBRA

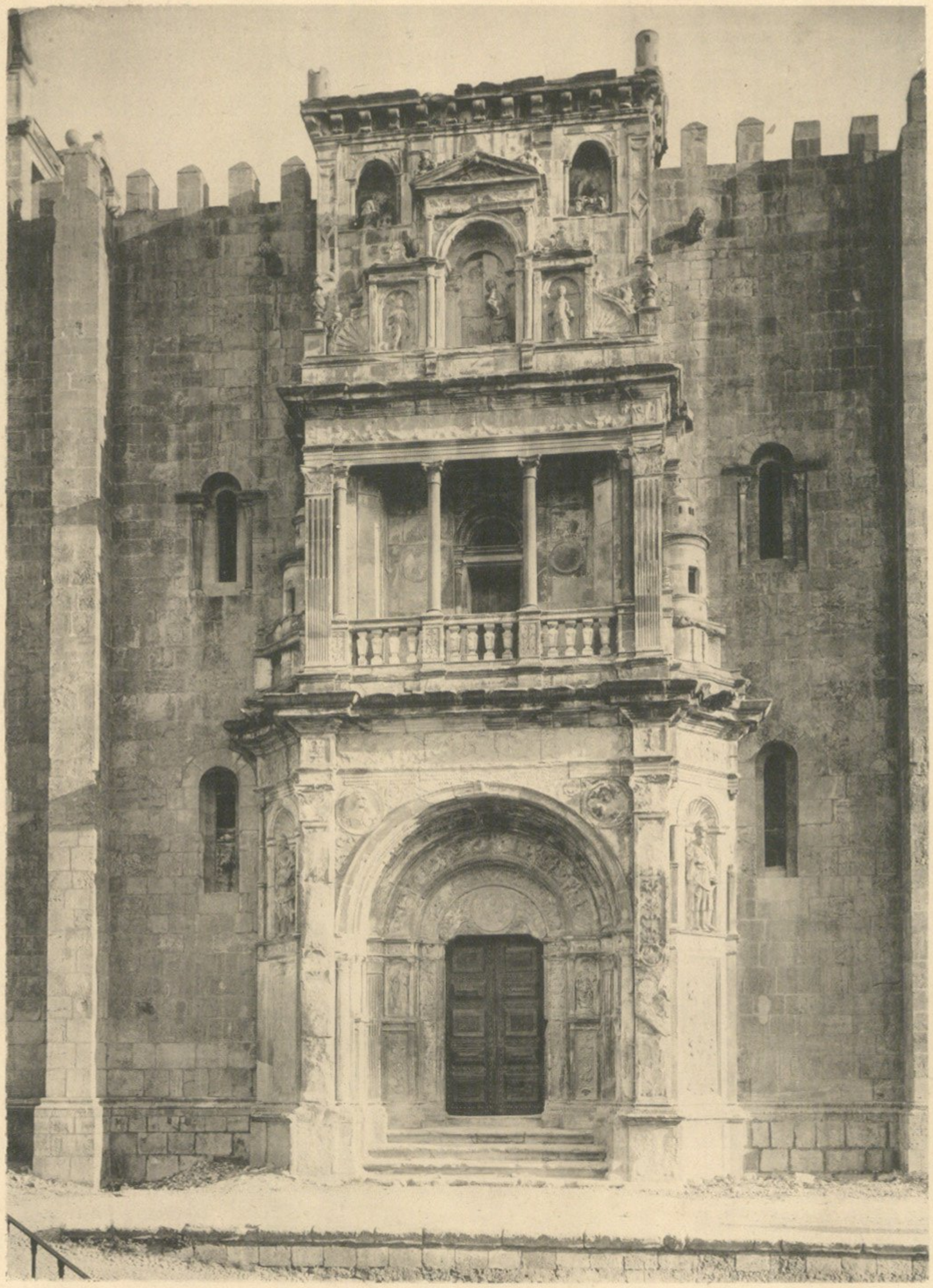


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Retabulo da Capella-Mór na Sé Velha

COIMBRA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Porta lateral da Sé Velha

COIMBRA

Arredores de Coimbra

De braço dado com um cicerone illustre, o visitante de Coimbra já admirou o esplendido panorama que a mui antiga, mui nobre e sempre leal cidade apresenta, vista da margem esquerda: linda nympha fluvial que, depois de banhar os pés, trepa com graciosa agilidade pela ladeira ingreme da montanha, para afinal se reclinar risonha no seu cume achatado, retratando-se no rio, cujas aguas serenas, cantadas ha quatro seculos pelo principe dos poetas lusitanos, *vão descendo, e mansamente até o mar não param.*

Em frente de alguns dos seus preciosos monumentos teve occasião de se orientar sobre as origens da velha Conimbrica, as paginas mais brilhantes da sua historia, o seu papel notavel na civilisação portugueza como antiga côrte, esboçado magistralmente por Sá de Miranda em uma das suas *Satiras.*

Sabe que, graças ao seu clima benigno, foi, durante seculos, abrigo saudavel e ameno onde os reinantes e seus cortezãos se refugiavam quando a peste os acossava da soberba capital de marmore e granito, á qual Coimbra tivera de ceder o passo. Mas principalmente ella é familiar e cara a todos como Lusa-Athenas, *formosa e nobre cidade, onde se formam doutores,* conforme rezam singelas trovas populares; centro intellectual para onde convergem os espiritos mais bem dotados; um dos fócos vivos da elaboração poetica, no qual se crystallisam lendas, contos, cantigas, romances nacionaes que a mocidade academica, affluindo das diversas provincias, fez e faz ainda brotar do sólo fertil da tradição, irradiando-os novamente para todos os recantos de Portugal.

Peregrino da arte, o curioso já contemplou, em rapida excursão pela estrada da Figueira até ao logar de S. Silvestre, uma serie de fragmentos architectonicos e de esculpturas formosissimas, da escóla coimbrã. E entrou tambem na vetusta cathedral romanica, elucidado ácerca do Pantheon dos Silvas de S. Marcos e a respeito da Sé por guias seguros, doutos, enthusiastas.

Hoje convidamol-o a um simples divagar e devanear poetico, de dilettante, pelas cercanias da cidade. Sem preoccupações eruditas gozemos, passeando, as justamente celebres bellezas naturaes d'esta terra de encantos, *torrão de geito para searas de amor,* querida e cantada por todos os patriotas que um fado venturoso distinguiu com o dom da lyra. Por isso mesmo, a cada passo versos dos mais illustres vates que tentaram fixar traços caracteristicos da paizagem coimbrã, e versos que respiram entranhado amor, terna commoção e saudade profunda, como os de Silva Gaio, e Alberto d'Oliveira Correia acodem sem querer á nossa memoria, exteriorisando as suaves impressões que vamos colhendo. O proprio povo, enlevado pelo meio aprazivel, e adestrado pelo longo convivio com moços de talento, toma parte n'esse festim de poesia, pois foi elle quem forjou o tantas vezes repetido proloquio: *Quem não viu Coimbra não viu coisa linda,* dando assim a replica aos lisboetas que gabam, não sem motivo, a rainha do Tejo.

Situados no centro do paiz, os campos de Hercules são a sua parte mais temperada. Abrigada dos ventos leste e norte pela forte barreira das serras da Estrella, do Caramulo, Bussaco, Dianteiro, a planicie do Mondego é humedecida a miudo pelas brisas maritimas. Copiosas chuvas dão á vegetação um viço deslumbrante. Unico entre os rios caudalosos do reino que é genuinamente portuguez, desde a sua nascente no Herminio até á foz, o Mondego corre no fim do seu percurso, placido e lentamente — *tanto a seu sabor que não se sente* — minguado na força do estio a ponto de descobrir os seus areaes de ouro em largas extensões. Na primavera porém, engrossado com as neves e chuvas do inverno, transforma-se em corrente impetuosa e mesmo devastadora. Então inunda os terrenos marginaes abaixo de Coimbra e deposita ahi nateiros que os tornam uberrimos. Para os suster orlaram as ribas de espessas plantações de cannaviaes, salgueiros, amieiros, choupos e freixos, de tons e fórmas variadissimas. N'essas verduras fazem ninho legiões de aves que enchem a atmosphera ora de sons melodicos, ora de um chilreio inquietador e vivaz.

A pequena distancia, além dos mouchões, ha faixas de terreno plano, as afamadas *insuas* productivas de milho, com pomares viridentes, vinhas, laranjaes, cujas niveas flôres embalsamam o ar e evocam visões virginaes. Mais ao longe nas oliveiras de troncos esgarçados e folhagem argentea pousa a

Environs de Coïmbre

Accompagné d'un cicerone illustre, le touriste a eu l'occasion d'admirer le panorama splendide que présente, vue de la rive gauche, la très ancienne, très noble et toujours loyale ville de Coïmbre: belle nymphe fluviale, qui grimpe gracieusement le long de la côte abrupte de la montagne et s'incline souriante sur son faîte aplati, se mirant dans le fleuve, dont les eaux sereines, chantées il y a quatre siècles par le prince des poètes portugais, *vão descendo, e mansamente até ao mar não param.*

Il a pu, en présence de quelques monuments précieux, s'édifier sur les origines de la vieille Conimbrica, sur les pages les plus brillantes de son histoire, ainsi que sur le rôle important qu'elle a joué, comme ancienne cour, dans la civilisation portugaise, si magistralement esquissé dans une des *Satyres* de Sá de Miranda.

Il n'ignore pas que, grâces à son doux climat, elle fut pendant des siècles un abri sain et agréable où les princes régnants et leurs courtisans avaient pris l'habitude de se réfugier lorsque la peste les éloignait de la superbe capitale de marbre et de granit, à laquelle Coïmbre avait dû céder le pas. Mais c'est surtout comme *Athènes portugaise* qu'elle est devenue familière et chère à tous, *belle et noble cité, où se forment les docteurs,* comme le peuple la définit dans son simple et naïf langage; centre intellectuel vers lequel convergent les esprits les mieux doués; foyer vivant d'élaboration poétique, dans lequel se cristallisent les légendes, les contes, les chansons, les romans nationaux que la jeunesse académique a fait et continue à faire jaillir du sol fertile de la tradition.

Épris de l'art, il a sans doute contemplé, dans une rapide excursion par la route qui mène de Figueira à Saint-Sylvestre, toute une série de fragments architectoniques et de très belles sculptures de l'école de Coïmbre. Il n'est pas sans être entré dans la vénérable cathédrale romane, suffisamment éclairé sur le Panthéon des Silva de Saint-Marc, aussi bien que sur le monument même, par de savants et doctes guides.

Nous l'invitons aujourd'hui à une simple flânerie poétique, de dilettante, aux environs de la ville. Jouïssons donc, sans arrière-pensée d'érudition, tout en nous provenant, des beautés naturelles si célèbres de ce pays plein d'enchantements, *torrão de geito para searas de amor,* chanté avec tant de chaleur par tous les patriotes qu'un heureux destin a favorisés du don divin de la poésie. Les vers des poètes les plus illustres qui ont voulu fixer les traits caractéristiques de ces paysages ravissants et qui respirent l'amour et l'émotion, comme ceux de Silva Gaio et Alberto d'Oliveira Correia, nous viennent spontanément à la mémoire, donnant comme une forme aux suaves impressions que nous cueillons à chaque pas. Le peuple, épris de ce charmant pays, et formé par un contact ininterrompu avec des jeunes gens de talent, prend lui aussi sa part dans ce festin de poésie. C'est lui qui a conçu l'adage si souvent répété: *Quem não viu Coimbra não viu coisa linda,* ripostant de cette façon aux lisbonnais qui louent, non sans raison, la reine du Tage.

Situés au centre du pays, les champs d'Hercule forment la partie la plus tempérée du pays. A l'abri des vents de l'est et du nord, arrêtés par la forte barrière des chaînes d'Estrella, de Caramullo, Bussaco et de Dianteiro, la plaine du Mondego est fréquemment humectée par les brises maritimes; d'abondantes pluies donnent à la végétation une richesse éblouïssante. De tous les grands fleuves du royaume, le Mondego, depuis sa source à l'Herminio jusqu'à son embouchure, est le seul qui ne traverse que du territoire portugais. Vers la fin de son trajet il coule paisiblement et lentement, *tanto a seu sabor que não se sente,* et pendant les fortes chaleurs son cours devient tellement faible, qu'il laisse largement à découvert son lit aux sables d'or. Au printemps, cependant, grossi par les neiges et les pluies de l'hiver il se transforme en torrent impétueux, dévastateur même. Il inonde alors les champs riverains près de Coïmbre et y dépose des couches de limon qui leur assurent une fertilité exceptionnelle. On a, pour les retenir, ourlé les bords d'épaisses plantations de cannaies, de saules, d'aunes, de peupliers, et de frênes, aux tons et aux formes les plus variées. De vraies légions d'oiseaux profitent de cette verdure pour y faire leurs nids, et l'atmosphère se remplit de sons mélodieux ou d'un gazouillis inquiet et vif.

cigarra de Anacreonte e faz ouvir em julho e agosto o seu cantar tremulo, estridente e monotono. No limite extremo erguem-se montanhas, em ondulações caprichosas de côres esfumadas, azul e violeta.

A impressão produzida por esta deliciosa paizagem sobre genios sentimentaes não é todavia — como seria de esperar — a de uma Arcadia alegre. Risonha — *undique ridentem* — a chamam apenas alguns estrangeiros e certos optimistas que ahi têm berço, lar e jazigo. A *saudade* é quem em geral reina e governa nos campos do Mondego. A ave que os povoa e caracteriza não é a cotovia matutina — *the skylark* — que cheia de jubilo gorgeia hymnos de amor, mas antes o rouxinol nocturno que chora queixumes desesperados até se finar de paixão. A pleiada numerosa dos que lá passam apenas um lustro da vida, e têm de apartar-se afinal d'esse paiz do Senhor, dizendo adeus ao mesmo tempo á época descuidosa e abençoada da candura juvenil em que amaram e cantaram, gozaram e luctaram, essa mira os campos com olhos rasos de lagrimas, e quando os revê entre sonhos,

> a alma que de lá os acompanha,
> nas azas do ligeiro pensamento,
> para vós, aguas, voa e em vós se banha.

Ora, se os auctores de elegias e eglogas nostalgicas são de facto, como pensam certos criticos atilados, os interpretes mais fieis da alma portugueza, essencialmente lyrica; se a sensação que melhor lhes quadra e melhor os inspira é a *saudade* — dôr aprazivel e alegria triste, tão bem definida por Almeida Garrett, longe da patria querida — comparavel e já comparada a um rio

> que da *lembrança* nasce, e vem passando,
> aqui ameno e dôce, alli sombrio —

então um *Cancioneiro de Coimbra,* contendo todas as obras litterarias, architectadas em honra da cidade, do rio e das nymphas do Mondego, por successivas gerações de artistas, de mais ou menos alentado vôo, desde o primitivo desabrochar lyrico nos dias do trovador coroado que

> fez primeiro em Coimbra exercitar-se
> o valeroso officio de Minerva
> e de Helicona as Musas fez passar-se
> a pisar do Mondego a fertil herva,

até aos nossos dias, havia de ser não sómente lindo como um dos mais lindos volumes de rimas portuguezas, mas de importancia typica. Vale a pena reunil-o, a bem de todos os visitantes de Coimbra!

Dos multiplos reflexos ahi enfeixados que se espelharam nos espiritos vibrateis dos poetas, e nos podiam illuminar o nosso passeio, urge todavia passarmos á realidade. Dos contornos de Coimbra em geral, a alguns pontos salientes.

A difficuldade consiste apenas na escolha. Tal é a abundancia de sitios deliciosos que a rainha da Beira encerra e de logares tentadores que a cercam, de perto e de longe.

O nosso passeio de hoje está todavia prescripto. Havemos de fazer tres estações, todas ellas muito perto do rio: *em frente de Santa Clara;* — no *Choupal;* — na *Quinta das Lagrimas.*

*
* *

Desçamos. Do rio sóbe cada vez mais distincto o som de vozes feminis.

São aguadeiras e lavadeiras que mourejam cantando e conversando, para assim tornar menos pesada a faina diaria. Espectaculo rustico, não isento de graça. Lá estão, isoladas ou aos pares, em longa carreira tortuosa, flôres vivas que marcam os meandros do Mondego. Conto uma, duas, tres, quatro duzias: parte a lavar, parte a torcer; outras que estendem; algumas a encher os canecos e cantaros; descalças todas, com as saias arregaçadas, as velhas protegidas contra o ardor do sol pelo chapéo de feltro, emquanto ás moças airosas basta-lhes o lenço branco ou de côr sobre o cabello farto.

Enxotando o enxame de cantigas com suas voltas e glosas camonianas e modernas, que de novo

A peu de distance, au delà des javeaux, il y a des bandes de terrains plats — les célèbres *insuas* fertiles en maïs, garnies de vergers verdoyants, de vignes et d'orangeries, dont les fleurs de neige embaument l'air et évoquent des visions virginales. Plus loin, sur les oliviers aux troncs effilés et aux feuilles argentées, la cigale d'Anacréon fait entendre en juillet et août son chant tremblant, strident et monotone. Au dernier plan, les montagnes se lèvent en de capricieuses ondulations aux couleurs estompées — bleu et violet.

Cependant, l'impression produite par ce paysage délicieux sur les tempéraments sentimentaux, n'est pas, comme on pourrait le croire, celle d'une Arcadie heureuse. Souriante — *undique ridentem* — il n'y a que quelques étrangers et certains optimistes y ayant berceau, foyer et caveau, qui peuvent la joger ainsi. C'est la *saudade* qui règne en souveraine sur les champs du Mondego. L'oiseau qui de préférence vient les peupler n'est point l'alouette matinale — *the skylark* — qui, toute à la joie, emplit l'air de son ramage amoureux, mais plutôt le rossignol nocturne qui s'exténue en plaintes passionnées. La foule nombreuse de ceux qui y passent seulement un lustre de leur vie et qui au bout de ce temps se voient forcés de quitter cette terre promise tout en disant un dernier adieu aux jours bénis et exempts de soucis où ils ont aimé, chanté, joui et lutté, — ceux là contemplent les champs, les yeux inondés de larmes, et quand ils les revoient dans leurs songes,

> a alma que de lá os acompanha,
> nas azas do ligeiro pensamento,
> para vós, aguas, vôa e em vós se banha.

Or, si les auteurs d'élégies et d'églogues nostalgiques sont vraiment, comme l'assurent certains critiques avisés, les interprètes les plus fidèles de l'âme portugaise, essentiellement lyrique; si la sensation qui leur va et les inspire le mieux est cette *saudade — dôr aprazivel e alegria triste,* comme l'a si heureusement définie Almeida Garrett, loin de la patrie bien-aimée — et que l'on a déjà comparée a un fleuve

> que da *lembrança* nasce, e vem passando,
> aqui ameno e dôce, alli sombrio —

alors, un *Chansonnier de Coïmbre,* réunissant toutes les œuvres littéraires, faites en l'honneur de la ville, du fleuve et des nymphes du Mondego, par tant de générations d'artistes au vol plus ou moins sublime, depuis les premiers essais lyriques alors que le trouvère couronné

> fez primeiro em Coimbra exercitar-se
> o valeroso officio de Minerva
> e de Helicona as Musas fez passar-se
> a pisar do Mondego a fertil herva,

jusqu'à nos jours, formerait un des plus beaux recueils de vers portugais, d'une contexture tout-à-fait caractéristique. Il serait à désirer que l'on entreprît un tel ouvrage, ne fût-ce qu'à l'usage de tous les visiteurs de Coïmbre. Il est temps cependant que nous laissions là les poètes pour rentrer dans la réalité. Passons donc des contours de Coïmbre, en général, à quelques points saillants.

On n'a que l'embarras du choix, telle est l'abondance de sites agréables que l'on peut visiter dedans et hors des murs de la reine de Beira. Cependant le but de notre promenade est arrêté pour aujourd'hui.

Nous ferons trois stations, toutes très près du fleuve: en face de *Santa Clara;* — dans le *Choupal;* — dans la *Quinta das Lagrimas.*

*
* *

Descendons. On entend monter du fleuve de plus en plus distinctement le son de voix féminines.

Ce sont des porteuses d'eau et des blanchisseuses qui chantent et causent tout en travaillant, afin de rendre plus léger leur lourde tâche journalière. Spectacle rustique non sans charme. Les voilà, seules ou deux à deux, fleurs vivantes marquant les méandres du Mondego. J'en compte une, deux, trois, quatre douzaines; les unes blanchissent et tordent le linge, d'autres l'étendent; quelques-unes sont occupées à emplir leurs cruches; toutes ont les pieds nus et les jupes retroussées, les vieilles coifacodem á nossa mente, e olhando para os manteis, mais brancos que a neve, que córam sobre o areal, recordemos apenas a fama secular «que só com as aguas do Mondego a roupa se faz tão alva como nas mais partes com sabão ou outro artificio», fama tão inveterada como a de «fino, resistente e bom para enredos» ganha pelo fio de linho portuguez, de Coimbra a Guimarães, e como o renome da agua do Mondego. Coada pelo filtro natural das areias ella passa não só por limpida e delgada, mas por saborosissima, e ainda hoje é preferida á das fontes por grande parte dos habitantes. Se houvesse perto um dos esteiros privilegiados onde as moças de cantaro se surtem, haviamos de proval-a n'um pucarinho de barro, pois já em tempo do velho Strabão os lusitanos eram grandes bebedores de agua e preferiam vasos de *«terra», para que sempre lhes pareça que bebem na propria fonte.*

Uma curva lancha vae rio abaixo, tão devagar como se o homem que a move á vara, obedecesse ás raparigas que o provocam, cantando estancias quinhentistas: *Ir-me quero, madre, Com o marinheiro,* ou

Deixa, deixa, oh barqueiro
ir o barco lentamente!
Deixa! deixa! que a saudade
ir mais longe não consente.

Na margem opposta o monte de Santa Clara sóbe, tambem sem pressa, dividido em muitas parcellas, como indicam os casaes espalhados entre verduras. Rente á borda da agua ergue-se, no meio da usual estacaria de cannas, salgueiros e choupos, um bello grupo de robinias, cujos cachos pendentes rescendem deliciosamente. Dos ferteis milharaes, meio occultos, nas *insuas do Almegue,* erguem-se esbeltos eucaliptos, cujo verde tenue e azulado está em admiravel contraste com a fronde espessa e escura, de tons metallicos, das laranjeiras salpicadas de pomos de oiro, e com as latadas de vinha. Estas e as oliveiras do fundo dão ao pequeno quadro certo aspecto de fartura meridional: cereaes e legumes, hortaliças e fructas, vinho e azeite, que se criam em tanta abundancia nos ferteis campos conimbricenses.

Um pouco ao occidente da cidade, temos o *Choupal.* Entre todos os passeios lindos é sem contestação o que sobresahe pela sua amplidão e pelo seu caracter de verdadeiro e bem tratado bosque. Assoriamentos constantes haviam alteado o nivel do rio de sorte que, em fins do seculo xvii, o governo teve de proceder a novo aleitamento.

Fizeram-se então, sobre uma parte do antigo leito e areaes, até então incultos, mas fertilizados pelos sedimentos arrastados pelas cheias, largas plantações de choupos, que deram o nome á nova matta nacional. Crescendo a capricho n'um estado quasi virginal, recortado por fundos valleiros por onde se escoavam as aguas das enchentes, não comportadas pelo rio, o Choupal ficou durante longo tempo quasi intransitavel. Hoje porém, graças ao trabalho intelligente dos directores das obras do Mondego, a pequena floresta, cobrindo mais de cem hectares, está transformada em um parque ameno, com numerosas estradas e ruas, vallas regularisadas, pontes rusticas e magnificos exemplares de arvores de exuberante vegetação: copadas faias, amoreiras corpulentas, platanos e nogueiras, alamos, acacias, loureiros, medronhos, eucaliptos altivos cujo rapido desenvolvimento surprehende os que, vindos de longe, estão acostumados ao lento crescer do arvoredo septentrional. Como typo da arborisação em terrenos baixos e ferteis, servindo de campo de experiencias na cultura de plantas exoticas e indigenas, e de viveiro-modelo de onde já sahiram milhares de boas arvores que dão sombra e frescura ás estradas e aformoseiam povoações outr'ora pobres de verdura, a matta tem muita importancia scientifica e agricola. Se lhe falta o tom pittoresco communicado por grandes accidentes no terreno, se não ha grutas, belvederes, lagos, taboleiros de flôres, relvados de seiva, temos em troca a vista do rio e da cidade.

Em todas as estações é uma delicia passear ahi, sobretudo nos mezes em que a natureza resurge do lethargo annual

quando os choupos nodosos
a um ai de leve nortada
sacodem frouxeis sedosos
que a terra deixam nevada;

quer procuremos o allivio da sombra em dias de intenso calor; quer observemos atravez da minguada folhagem outoniça a phantastica silueta da cidade, envolta em nevoeiro; e mesmo no inverno quando

fées d'un feutre qui les protége contre le soleil, tandis que les jeunes se contentent du foulard blanc ou en couleur sur leurs abondantes chevelures.

Chassons le flot de chansons anciennes et modernes qui de nouveau nous assaillit la mémoire, et, les yeux fixés sur le linge éblouissant étendu sur la grève, rappelons-nous que l'eau du Mondego est renommée pour le blanchissage autant que le lin de Guimaraens pour la finesse et la résistance. Le filtre naturel des sables qu'elle traverse la rend non seulement limpide et légère, mais, à ce que l'on dit, d'une saveur exquise, ce qui fait qu'aujourd'hui encore elle est préférée à celle des fontaines par la plupart des habitants. Les porteuses d'eau, qui desservent encore la ville, la puisent dans des vases en terre cuite, vieil usage dont parle déjà Strabon; car les lusitaniens, grands buveurs d'eau, la conservaient dans la *«terre», pour lui garder le fraîcheur de la fontaine.*

Une grosse barque descend paresseusement la rivière, comme si l'homme qui la conduit à la perche obéissait aux filles qui le provoquent de leurs vieilles chansons: *Ir-me quero, madre, Com o marinheiro,* ou bien

Deixa, deixa, oh barqueiro
ir o barco lentamente!
Deixa! deixa! que a saudade
ir mais longe não consente.

De l'autre côté la colline de Santa Clara monte en pente douce, mouchetée de petites fermes et de maisonnettes visibles entre la verdure. Tout près de l'eau, se lève, au milieu du pilotis usuel de cannes, de saules et de peupliers, un beau groupe de robiniers dont les grappes pendantes exhalent un parfum délicieux. Au dessus des fertiles champs de maïs, presque cachés, dans les îlots de Almegue, se dressent de sveltes eucalyptus dont le tendre vert-bleuâtre contraste admirablement avec les massifs épais et sombres, aux tons métalliques, des orangers aux fruits d'or et des vignobles. Ce mélange de cultures — la vigne et l'olivier, les céréales, les légumes et les fruits — donne à ce petit tableau un cachet d'abondance toute méridionale.

Un peu plus loin, à l'ouest de la ville, se trouve le *Choupal,* vaste bois très bien tenu qui forme sans contredit la promenade la plus attrayante des environs. De constants envahissements de sable avaient rehaussé le niveau du fleuve, en sorte que, vers le milieu du xviie siècle, le gouvernement se vit dans la nécessité de faire creuser un nouveau canal. On procéda alors, sur une partie de l'ancien lit du fleuve et sur des terrains sablonneux annexes, incultes jusqu'à cette époque, quoique fertilisés par les sédiments déposés par les crues, à de grandes plantations de peupliers, auxquels le nouveau bois doit son nom. Abandonné aux caprices d'un état pour ainsi dire vierge, coupé par des tranchées profondes par où s'écoulait l'eau des crues, le Choupal demeura pendant longtemps à peu près impraticable. Aujourd'hui, cependant, grâce aux mesures intelligentes des directeurs des travaux du Mondego, la petite forêt, couvrant une surface de plus de cent hectares, se trouve transformée en un parc agréable, silloné de nombreuses allées, de fossés réguliers aux ponts rustiques, et plein de magnifiques exemplaires d'arbres d'une végétation exubérante: hêtres, mûriers énormes, platanes, noyers, peupliers, acacias, lauriers, arbousiers, eucalyptus dont le rapide développement provoque l'admiration de ceux qui, venant du nord, sont habitués à la lente croissance des arbres septentrionaux. Comme type d'arborisation sur des terrains bas et fertiles, servant en même temps de champ d'essai pour la culture des plantes exotiques et indigènes et de pépinière-modèle d'où sont déjà sortis par milliers de beaux arbres qui donnent de l'ombre et de la fraîcheur aux routes et embellissent des régions autrefois presque sans verdure, le *Choupal* a une grande importance scientifique et agricole. Si le ton pittoresque des grands accidents de terrain lui manque, si on n'y voit point de grottes, de belvédères, de lacs, de carreaux de fleurs et de parterres de gazon, il y a pour suppléer à tout cela la vue du fleuve et de la ville.

Il est agréable de s'y promener en toute saison, surtout au printemps

quando os choupos nodosos
a um ai de leve nortada
sacodem frouxeis sedosos
que a terra deixam nevada;

soit que l'on y aille chercher le soulagement de l'ombre dans les jours de chaleur intense; soit que l'on observe à travers le feuillage devenu plus rare de l'automne la silhouette fantastique de la ville, o vento sacode, contorce e quebra ramas e troncos, juncando o chão de folhas mortas. Como em toda a parte, a occasião mais bella é o crepusculo,

a hora em que o sol desmaia
e a voz das aguas se espraia
como uma prece a subir.

Com os trechos do rio e o do bosque irmana perfeitamente o ultimo quadro, a romantica *Fonte dos Amores* na *Quinta das Lagrimas* (outr'ora *do Pombal*) que alcançamos atravessando a ponte e subindo a ladeira até ao rocio de Santa Clara. Se aquelles primam exclusivamente por bellezas naturaes, como em geral as paizagens portuguezas, a este deram realce, valia superior e renome universal recordações romanticas. Quem desconhece a historia da *misera e mesquinha que depois de ser morta foi rainha?* Impressionando desde logo os coevos, conforme se vê dos relatos dos chronistas, não só pela formosura de Inês, pelo desespero e a vingança do infante D. Pedro, transformado em justiceiro feroz, mas tambem pelo juramento por meio do qual tentou rehabilitar a amada, seguido da lugubre exhumação e trasladação do cadaver, de Santa Clara a Alcobaça, e principalmente pelo duplo monumento funebre ahi erigido, que é uma maravilha da arte medieval portugueza, *o caso triste e digno de memoria* foi posteriormente idealisado em romances, dramas e composições lyricas, a ponto de se tornar o exemplo mais commovente do amor á portugueza. Eternizada pelo cantor dos *Lusiadas*, no episodio delicado da sua epopeia nacional, Inês attrahe constantemente ao sitio que agora visitamos, e ao seu jazigo, romeiros sentimentaes, avidos de sensações, que desejam comparar os sepulchros alcobacenses aos de Heloisa e Abélard no Père-Lachaise; e a Fonte das Lagrimas não só á do Sorga provençal, onde Petrarca cantou a sua Laura, mas tambem ao ribeiro da gentil Ophelia, ou ao jardim de Julieta em Verona — pois foi ao pé d'ella que, *segundo a lenda*, se passaram os principios idyllicos e o desfecho sangrento do drama.

O scenario, sombrio e solitario, lembra quadros suggestivos de Boeklin. Um vasto tanque quadrangular recebe por um pequeno canal de pedra a lympha crystallina da nascente que brota de musgosas rochas graniticas, não impetuosa e silvestre como a de Vaucluse, mas brandamente com um murmurio quasi imperceptivel. Altivos cedros formam um denso toldo verde-escuro, impenetravel aos raios do sol, e estendem languidamente os seus ramos sobre a superficie da agua.

Estes cedros, que, embora gigantescos, nem de longe podem contar cinco a seis seculos, foram na imaginação popular testemunhas primeiro de scenas intimas entre os amantes, e depois, da degolação da Nise lastimosa. Ahi retumbaram os choros das innocentes creanças, os gritos da victima, as ameaças dos algozes, os brados do vingador. Com estas aguas misturaram as nymphas do Mondego as suas lagrimas de dôr e de compaixão. Nas manchas avermelhadas de algumas das lagens que pisamos (musgos microscopicos) quer o vulgo reconhecer gottas de sangue. As ruivas radiculas filamentosas de certas plantas aquaticas que ondulam no tanque, são cabellos louros. O cano que conduz atravez da quinta a agua da fonte, serviu de vehiculo para as mensagens trocadas entre Pedro e Inês.

No tronco de um dos cedros, derrubado em 1841 por um vendaval, estavam insculpidas as palavras: *eu dei sombra a Inês formosa*. N'uma lapide tosca lê-se a estancia final do episodio camoniano na qual o magno poeta condensou a lenda que creára.

O espaço limitado e o caracter ligeiro d'estas notas não admittem que fallemos do processo instaurado pela critica contra a veracidade d'esses elementos poeticos, fecundados posteriormente tanto pelo engenho de doutos commentadores como pela imaginativa de outros poetas, e consagrados pelo applauso da nação inteira.

Para quê? — Pois, embora ella decida que as scenas, localisadas por Luiz de Camões ao pé de uma *Fonte de lagrimas* ou *de amores*, se desenrolaram em realidade n'um recanto diverso, (do outro lado do Rocio, no paço real de Santa Clara que servira de residencia a D. Inês de Castro), a visão sentimental da pungente tragedia renova-se dia a dia no sitio reproduzido pela nossa estampa.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

plongée dans le brouillard; et même pendant l'hiver, lorsque le vent secoue et brise les branches et les troncs, jonchant le sol de feuilles mortes. Comme partout ailleurs, le crépuscule est le meilleur moment,

á hora em que o sol desmaia
e a voz das aguas se espraia
como uma prece a subir.

Le dernier tableau, la romantique Fontaine des Amours dans la *Quinta das Lagrimas* (autrefois du *Pombal*), que nous atteignons après avoir passé le pont, s'harmonise parfaitement avec les précédents. Si ceux-là doivent leur beauté exclusivement à la nature, comme il arrive d'ordinaire dans les paysages portugais, celui-ci doit sa célébrité universelle à des souvenirs romantiques. Personne n'ignore l'histoire de la malheureuse Inès de Castro, *a misera e mesquinha que depois de morta foi rainha.* Ce douloureux et mémorable épisode, idéalisé en des romans, des drames et des compositions lyriques émut fortement les contemporains, comme on peut s'en rendre compte en lisant les descriptions des chroniqueurs, non seulement à cause de la beauté de Inès, du désespoir et de la vengeance de l'infant D. Pedro, transformé en justicier féroce, mais encore par les formidables cérémonies ordonnées pour la réhabilitation de la bien-aimée: l'exhumation, le couronnement posthume, et le transfèrement du cadavre de Santa Clara à Alcobaça. Le double monument funèbre erigé dans le monastère de cette ville, vraie merveille de l'art portugais du moyen-âge, rappelle le *caso triste e digno de memoria*, chanté par l'auteur des *Lusiades* dans quelques stances célèbres et éternelles. Inès attire sans cesse au lieu que nous venons de visiter, ainsi qu'à son tombeau, les voyageurs sentimentaux, avides de sensations, qui désirent établir la comparaison des tombeaux d'Alcobaça avec ceux d'Héloïse et Abélard, au Père-Lachaise, et la *Fontaine des Larmes* non seulement à celle du Sorgue provençal, où Pétrarque chanta sa Laure, mais encore au ruisseau d'Ophélie, ou bien au jardin de Juliette à Vérone car, d'après la légende, auprès de cette fontaine se déroula l'idylle auquel le destin donna un si sanglant dénouement.

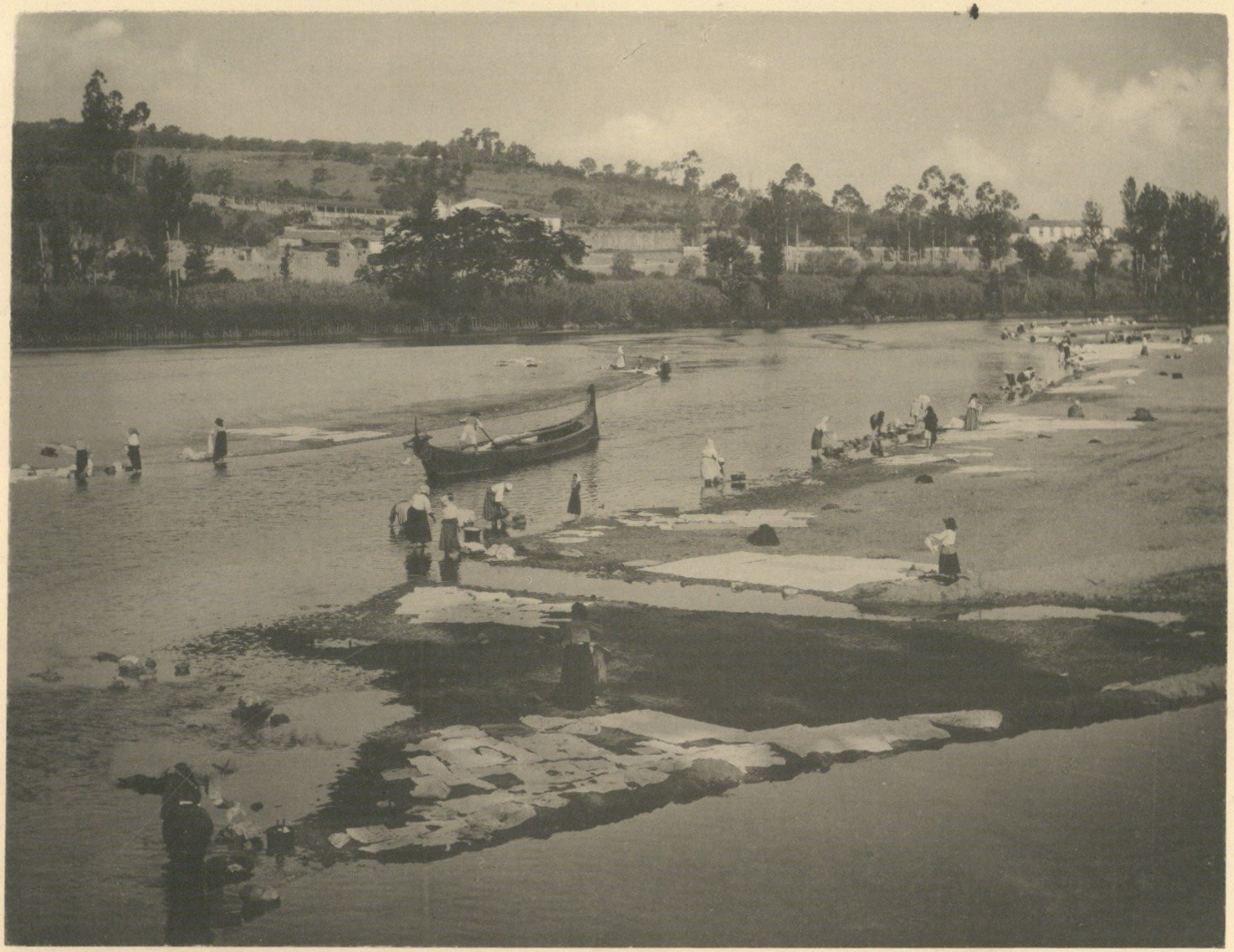
L'aspect sombre et solitaire du lieu évoque certains tableaux suggestifs de Bocklin. Un vaste bassin quadrangulaire reçoit, par un petit canal en pierre, l'eau cristalline qui jaillit de la roche couverte de mousse, non pas impétueuse et sauvage comme celle de Vaucluse, mais doucement avec un presque imperceptible murmure. De majestueux cèdres au feuillage vert-foncé, impénétrable aux rayons du soleil, étendent avec langueur leurs rameaux sur la surface de l'eau.

Ces cèdres, qui, quoique gigantesques, sont loin d'avoir de cinq à six siècles, furent dans l'imagination populaire les témoins, d'abord des scènes intimes entre les amants, puis du meurtre de la pitoyable Nise. C'est là que résonnèrent les pleurs des petits innocents, les cris de la victime, les menaces des bourreaux, les éclats de voix du vengeur. Les nymphes du Mondego mêlèrent à cette eau leurs larmes de douleur et de compassion. Le peuple s'obstine à vouloir reconnaître dans quelques tâches rougeâtres (mousses microscopiques) des pierres que nous foulons des taches de sang; — et des cheveux blonds dans les radicules filamenteuses de certaines plantes aquatiques qui ondulent au dessus du bassin. Le canal qui conduit l'eau de la fontaine à travers la *Quinta* fut le porteur des messages échangés entre Pedro et Inès. Sur le tronc d'un des cèdres, terrassé en 1841 par l'orage, on pouvait voir sculptés les mots suivants: *eu dei sombra a Inês formosa.* Sur une pierre grossière on lit la dernière stance de l'épisode où Camoëns résuma la légende populaire.

L'espace limité dont nous disposons et le caractère de ces notes nous empêchent de parler du procès instauré par la critique contre la véracité de ces éléments poétiques, fécondés postérieurement autant par le talent de doctes commentateurs que par l'imagination des poètes, et consacrés par les applaudissements de toute la nation.

A quoi bon d'ailleurs? — Qu'elle décide, si cela lui plaît, que les scènes, localisées par Luiz de Camoëns, auprès de la *Fontaine des larmes* ou *des amours*, eurent en réalité lieu ailleurs, (de l'autre côté du *Rocio*, dans le palais royal de Santa Clara où Inès de Castro avait résidé); la vision sentimentale de la touchante tragédie ne s'en renouvelle pas moins tous les jours à l'endroit reproduit par notre estampe.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

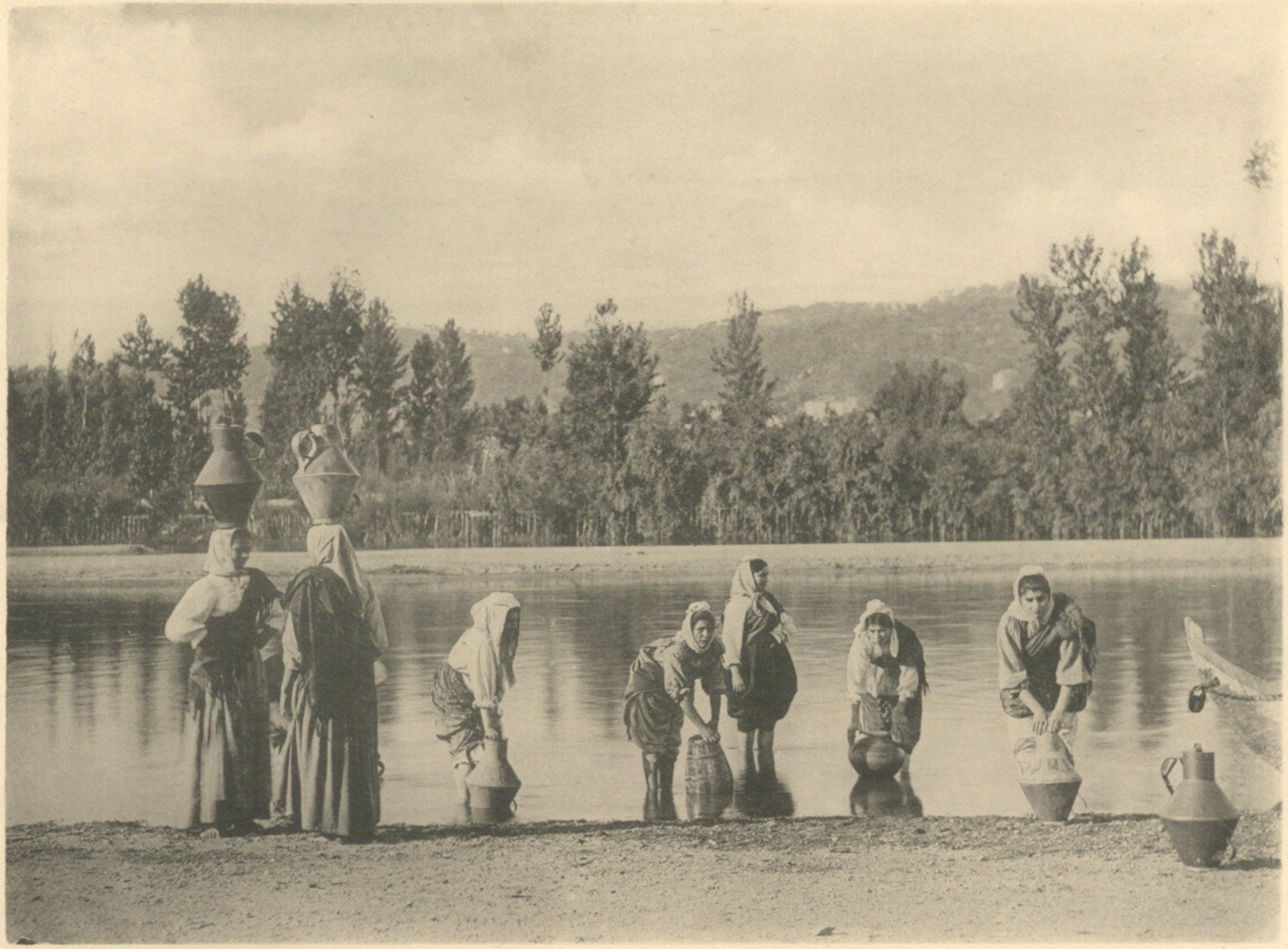


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Lavadeiras no rio Mondego

COIMBRA

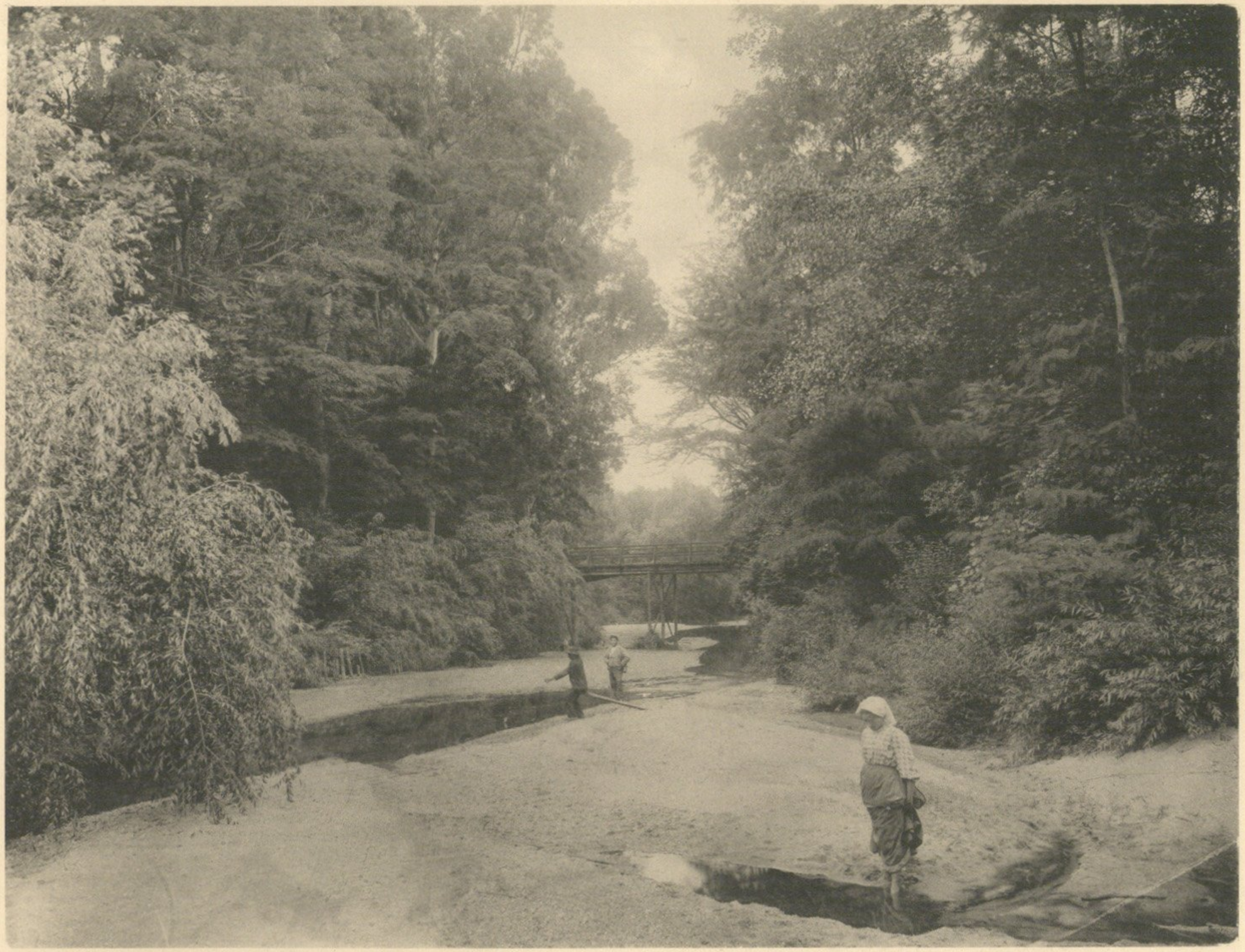


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Enchendo os cantaros no rio Mondego

COIMBRA

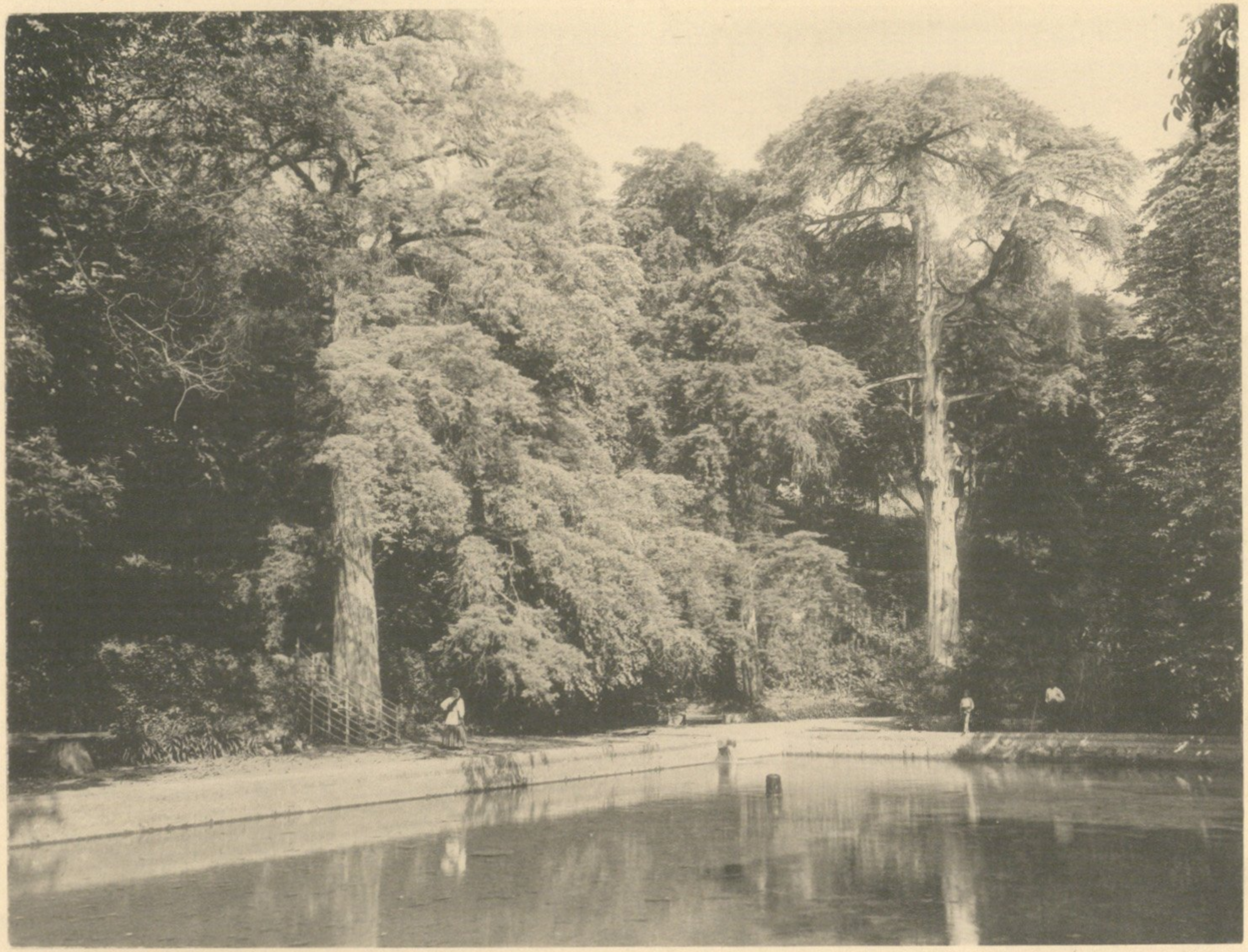


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Paisagem no Choupal

COIMBRA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Fonte dos Amores na Quinta das Lagrimas

COIMBRA

Cintra

A pequena villa de Cintra, com a sua casaria compacta e unida, concentra-se em volta ao velho Paço Real e preguiçosamente se estende em ruas ingremes e estreitas, n'uma limitada facha, até á estrada que da Sabuga segue para os Pisões. Depois e para todos os lados, succedem-se as formosas quintas de S. Sebastião, Douche, Vigia, Vallada, Vianna, Ramalhão, Saldanha, Regaleira, Relogio, Murtas, Seteaes, Penha Verde, Vianninha, Monserrate, e todas ellas e tantas outras com a moderna Villa Estephania, o famoso Castello da Pena, a Cruz Alta, os Capuchos, as chamadas serras do Vianninha e das Romas, Penha Longa, a Peninha e Collares constituem a bella serra de Cintra, massiço de granito de 5 kilometros de largura por 10 de comprimento que nos mais graciosos corcovos se eleva em S. Pedro, a 22 kilometros N. W. de Lisboa e termina abruptamente no Cabo da Roca junto ao mar.

O distincto engenheiro o snr. P. Chauffat que, melhor que ninguem, estudou geologicamente a serra, affirma que o massiço granitico é cercado d'uma cintura de malm, profundamente metamorphoseado em muitos pontos, em que os calcareos primitivamente negros se transformaram em marmore branco. N'outros pontos os filões de granito atravessam o calcario e os schistos que lhe são sobrepostos.

Quanto á sua flora, ella é simplesmente admiravel, pois se vêem ao lado umas das outras, arvores e plantas das latitudes mais oppostas. A força da vegetação é extraordinaria, mal se chegando a comprehender que arvores tamanhas tenham as suas raizes em terreno tão eriçado de agreste penedia. A agua corre e brota por toda a parte fazendo da serra, não raro coberta de nevoa, a mais deliciosa estação de verão que possa sonhar-se. E como de toda a parte se descortinam lindos panoramas, as bellezas de Cintra têm uma reputação universal.

Tomada aos mouros por El-Rei D. Affonso Henriques no anno de 1147 ainda hoje, por toda a parte e a cada passo, se encontram vestigios da sua velha historia. O seu primeiro foral de villa data de 1154, foral que El-Rei D. Sancho confirmou em 1189, sendo reformado por El-Rei D. Manoel em 1514.

A villa de Cintra, que tem por armas um castello com tres torres, foi sempre residencia predilecta dos Reis de Portugal, que se não cansavam em lhe augmentar os privilegios. Os proprios Filippes seguiram esta tradição. Doada por D. Diniz á Rainha Santa, andou quasi sempre na casa das Senhoras Rainhas.

Das suas mais remotas éras restam as pittorescas ruinas do Castello dos Mouros, cortina ameiada, com as suas torres quadradas, que se ergue, por entre os rudes penhascos, ao longo d'uma das cristas caprichosas da serra. Quem hoje visita essas ruinas, apenas amparadas pela hera viçosa, fica extasiado diante da deliciosa vista que os seus olhos alcançam descendo pela copa das arvores, que cobrem as rudes encostas, até se perder na larga planicie de vastos campos e charnecas, que se estendem até ao mar. E não se lembra talvez que, como alguns pretendem, esse castello fôra edificado pelos Turdulos no anno do mundo 3382, e mais tarde reedificado pelos mouros no anno 713 da nossa éra, depois da batalha que perdeu D. Rodrigo, o derradeiro Rei dos Godos, contra Tarifa Abenzaca, nos ferteis campos da Andaluzia. Nem tão pouco que depois de ser terra portugueza El-Rei D. Sancho I o reformára, e que ainda D. Fernando I em 1373 completamente o guarneceu, conservando-se assim até 1383, sendo seu governador D. Henrique Manoel de Vilhena, conde de Cêa e Cintra, que tinha o castello por parte da rainha D. Leonor, viuva de El-Rei D. Fernando I. A partir d'essa data

Cintra

La petite ville de Cintra se réduit à un amas peu considérable de maisons separées par des ruelles raides et tortueuses, qui se pressent autour du vieux Palais Royal, sans dépasser guère la route qui de Sabuga mène aux Pisões. Tout autour du bourg se succèdent, dans toutes les directions, les jolis villas St. Sébastien, Douche, Vigia, Vallada, Vianna, Ramalhão, Saldanha, Regaleira, Relogio, Murtas, Seteaes, Penha Verde, Vianninha, Monserrate, Stéphanie et tant d'autres encore; en leur joignant le fameux Château de Pena, Cruz Alta, Capuchos, les hauteurs de Vianninha et de Romas, Penha Longa, Peninha et Collares, on aura à peu près tout ce qui forme la chaîne de Cintra, — massif granitique de 10 kil. de long sur 5 kil. de large qui s'élève en gracieuses ondulations jusqu'à St. Pierre à 22 kil. N. W. de Lisbonne, et finit abruptement au Cap Roca, sur la mer.

D'après M. Paul Choffat, l'ingénieur distingué auquel nous sommes redevables des meilleures études géologiques de cette contrée, le massif granitique serait entouré d'une ceinture de malm profondément métamorphosé en plusieurs points, le calcaire primitivement noir s'étant changé en marbre blanc; quelquefois les filons granitiques affleurent ou percent les couches calcaires et schisteuses qui leur sont superposées.

Rien n'égale l'opulence de la flore de cette région, où poussent avec une égale vigueur les plantes des latitudes les plus éloignées; cela dans un terrain herissé de rochers, où tiennent cependant des arbres d'une grosseur considérable. L'eau jaillit de toutes parts et coule abondamment, ce qui fait de la montagne, souvent enveloppée de brouillards, la plus délicieuse station d'été qu'on puisse rêver; et comme d'ailleurs les vues en sont de partout admirables, les beautés de Cintra jouissent d'une réputation universelle.

Le bourg de Cintra, dont l'écusson porte un château à trois tours, a été toujours la résidence favorie des rois du Portugal, même sous la domination espagnole. Par suite de donation faite par le roi D. Denis à sa femme, il a presque toujours appartenu à la maison de la Reine.

Le premier roi portugais, D. Alphonse Henriques, le prit aux sarrasins en 1147, et sept ans plus tard lui octroya une charte, confirmée par D. Sancho en 1189 et réformée en 1514 par D. Manuel.

Les traces visibles de cet âge reculé se bornent aux ruines pittoresques du château des maures, courtine crénelée et tapissée de lierre, à tours carrées, qui se dresse entre des blocs énormes au long de la crête capricieuse de la montagne. Le touriste qui la parcourt, non sans fatigue, en est amplement dédommagé par un coup d'œil superbe, qui descend sur la cime des arbres les flancs escarpés de la montagne et embrasse la vaste plaine, qui déroule en bas ses champs et ses landes jusqu'aux bords lointains de la mer.

La légende veut que ce vieux château ait été bâti par les Turdules, l'an 3382 du monde, et rebâti en 713 par les maures, après la bataille tristement célèbre que le dernier roi goth D. Rodrigo perdit contre Tarifa Abenzaca, dans les plaines fertiles de l'Andalousie. Tombé en 1147 au pouvoir des portugais, il fut réformé par D. Sancho I et complètement garni en 1373 par D. Ferdinand I; lors des troubles révolutionnaires de 1383 le comte de Cêa et de Cintra, D. Henri Manuel de Vilhena, le tenait pour la reine D. Léonore, veuve du roi D. Ferdinand. A partir de cette époque le silence se fait dans les chroniques jusqu'à 1842, date à laquelle le conseil municipal de la ville le céda par bail emphytéotique au roi D. Ferdinand II, qui ne put qu'arrêter l'effondrement total du château. En effet, outre les tours, calam-se as chronicas, e o decorrer dos seculos não fez d'esse monumento senão ruinas até que em 1842 entrou, por aforamento á camara da villa, na posse de El-Rei D. Fernando II, que não fez mais que sustar-lhe o completo desmoronamento.

Hoje, na visita ao Castello, além das torres, pouco mais se descobre que duas pequenas portas abertas na espessa muralha e as ruinas da mesquita, que El-Rei D. Affonso Henriques transformou em capella, dando-lhe como orago o Apostolo S. Pedro; logo depois a chamada «cisterna dos mouros», onde existe agua nascente apesar da grande altura a que está situada. Ainda, perto d'uma das torres, uma tulha d'onde affirmam que partia um caminho subterraneo que ia dar a Rio de Mouro. Á mais alta das torres onde, no dizer do abbade de Castro, se arvorava a Sina (bandeira real), ainda hoje se chama a torre real.

Perto e n'outra cumiada fica o pittoresco Castello da Pena, castello edificado por el-rei D. Fernando II nas ruinas do velho convento, aproveitando-lhe o graciosissimo claustro, as cellas que encontrou ainda de pé e a formosissima capella. Sem uma architectura definida e caracteristica, é porém d'uma grande belleza pela feliz disposição do seu conjuncto. Situado n'um dos pontos mais elevados do parque encantador, com a sua ameiada torre quadrada, onde nos mezes de verão fluctua o vermelho pavilhão Real, como a successão irregular dos seus eirados, o seu grande zimborio, as suas cupulas e arcarias, os seus azulejos brilhantes, as suas cantarias hypertrabalhadas, as vastas escadas a céo aberto, a sua pequena ponte levadiça e tunnel sombrio que se lhe segue, — o airoso castello corôa bem o formosissimo parque onde cada recanto constitue uma paizagem deliciosa. E seguramente na obra do Rei, que o povo cognominou de artista, o parque da Pena é com certeza o que mais lhe justifica esse titulo.

Apesar do forte accidentado do terreno, as ruas são traçadas por fórma, e a vegetação disposta por maneira, que ninguem se cança em percorrel-o. Bellos cedros abrigam aqui lindas hortensias, para além dar logar a bravios pinhaes e logo a pequenos bosques de altas camelias, que separam massiços de rhododendros, azaleas formosas, araucarias esveltas, carvalhos, castanheiros, alamos frondosos e logo fetos arboreos em ravinas mais estreitas, e por toda a parte penedos que a hera e os musgos esmaltam de verde, e lençoes de relva, e sempre flôres e poeticas fontes e aguas cantantes e os lindos lagos onde os cysnes deslisam — todo um poema sonhado, que não realisado, por um grande poeta.

É este Paço a residencia favorita de Sua Magestade a Rainha que lhe sabe de cór todos os recantos, que lhe conhece todas as arvores, todas as flôres. De qualquer dos seus eirados a vista que se disfructa é maravilhosa. O mar vai cingindo a terra; primeiro vê-se a praia das Maçãs, abertura de areia, onde as ondas constantemente rolam em branca espuma, depois a Ericeira preguiçosamente estendida, mais distante as Berlengas, mais á terra o grandioso edificio de Mafra, para além eleva-se o Monte Junto, o Monte Redondo, depois todo esse terreno que se estende até Lisboa mosqueado de casaes e logarejos. A seguir a fita do Tejo destacando-se entre as margens, depois o Bugio, o cabo de Espichel e outra vez o mar e mais perto no proprio parque a cruz alta emergindo da penedia e sobre outros rochedos a estatua, a que o povo chama de Vasco da Gama, e que não é mais que a figura do barão Eschwege, amigo e collaborador de El-Rei D. Fernando, que ataviado de guerreiro assim teve a phantasia de se representar alli. Conta-se, e é certo, que Pradilla, o grande pintor hespanhol, maravilhado ao visitar a Pena, fizera d'um d'estes eirados a unica paizagem que jámais sahiu da sua luminosa palheta.

Duas palavras agora sobre o antigo mosteiro de Nossa Senhora da Pena, que os eruditos affirmam ter sido edificado no proprio sitio, que a tradição aponta como tendo apparecido uma imagem de Nossa Senhora, e onde logo lhe levantaram uma pequena ermida. Foi El-Rei D. Manoel quem mandou construir o primeiro mosteiro de madeira, doando-o aos monges Jeronymos. Como, porém mais tarde, andando á caça n'aquellas serras, avistasse d'alli parte da expedição, composta de quinze velas, que em 1502 havia enviado pela segunda vez á India, capitaneada por Vasco da Gama, resolveu, para commemorar tão feliz como inesperado regresso, erigir a Nossa Senhora da Pena novo mosteiro, do qual foi architecto o italiano João Potassi, fazendo-lhe, como diz o abbade de Castro, egreja, claustro, dormitorio, officinas, campanario, etc., tudo de laçaria de pedra, sendo uma de rocha e outra de Ançã, com todo o primor de arte de architectura ao gosto usado n'aquella época.

A egreja e o claustro de que já fallamos são d'este tempo. Mais uma capella que uma egreja pelas suas pequenas dimensões, é d'uma só nave em fórma de cotovello. As paredes são revestidas de azule-

il ne reste rien à mentionner que deux petites portes percées dans l'épaisseur de la muraille, les ruines de la mosquée convertie par D. Alphonse Henriques en chapelle sous l'invocation de l'Apôtre St. Pierre, et la «citerne des maures» où, malgré une cote très élevée, jaillit de l'eau de source. On voit encore, près d'une des tours, une espèce de grenier d'où partait, à ce que l'on rapporte, un chemin souterrain jusqu'à Rio de Mouro. Sur la plus haute des tours on arborait autrefois la Sina (drapeau royal), d'après le témoignage du docte curé de Castro; ce qui explique le nom, qu'elle porte encore, de tour royale.

Tout près, mais sur un autre sommet de la montagne, se lève le pittoresque château de Pena, bâti par D. Ferdinand II sur les restes d'un vieux couvent délabré, dont il conserva la chapelle, le cloître et quelques cellules qui étaient encore debout.

Dans cette pièce originale, entièrement conçue en dehors des styles définis, tout est fait pour frapper l'attention des visiteurs: la grosse tour carrée, à tourelles et créneaux, ou pendant l'été flotte le rouge drapeau royal, les terrasses irrégulièrement échelonnées, le grand dôme, les coupoles et les arcades, la ciselure si riche de la pierre, les revêtements polychromes en faïence émaillée, les larges escaliers à ciel ouvert, le petit pont-levis et le sombre passage voûté qui le suit; — autant de détails charmants, harmonieusement fondus dans un ensemble vraiment monumental.

Le parc qui l'enchâsse splendidement est à coup sûr le plus bel ouvrage de celui que le peuple a justement surnommé le Roi-artiste. Malgré les accidents du terrain, les sentiers y sont tracés si habilement et la végétation est si heureusement disposée qu'on ne se lasse jamais de le parcourir. Des cèdres majestueux abritent les corymbes touffus des hortensias, côtoyant des pins sauvages, aux quels se succèdent des bosquets de hauts camellias, separés par des massifs de rosages et d'élégantes azalées, des chênes et des peupliers feuillus, des auraucaires élancées, des marroniers, partout le lierre et la mousse tapissant les rochers, des parterres de gazon diaprés de fleurs, dont le parfum se mêle aux bruissement des sources et des ruisseaux, de belles nappes d'eau dont le tranquille miroir est à peine troublé par le sillage des cygnes: — un vrai paysage de rêve enfanté dans l'imagination d'un grand poète.

Ce palais est la résidence préférée de Sa Majesté la Reine, qui en connaît tous les coins, tous les arbres et les fleurs, et pour qui le merveilleux panorama, qu'on jouit des terrasses, offre un attrait toujours nouveau. La mer, à l'horizon, ceint la terre d'une écharpe bleuâtre; on voit d'abord la petite baie de Maçans, toujours blanche d'écume, puis la plage d'Ericeira, mollement étendue, un peu plus loin les îles Berlengas; à l'intérieur la bâtisse puissante de Mafra, ensuite les monts Redondo et Junto et le vaste terrain, moucheté de granges et de hameaux, qui se déploie jusqu'à Lisbonne. Puis le ruban miroitant du Tage, la tour de Bugio, le cap Espichel et encore la mer; plus près, dans le parc, Croix Alta, surgissant d'entre les rochers, et la statue, généralement acceptée comme de Vasco da Gama, mais qui n'est autre que le baron Eschwege, ami et collaborateur de D. Ferdinand II, qui a eu la fantaisie de se faire répresenter en armure du moyen âge. Lorsque Pradilla, le grand peintre espagnol, visita la Pena, il fut tellement émerveillée de ce spectacle qu'il en fit le seul paysage qui soit jamais sorti de sa palette lumineuse.

Deux mots sur l'ancien couvent de Notre Dame de Pena que les érudits affirment avoir été bâti dans l'endroit où la tradition fixait l'apparition miraculeuse de la Vierge, déjà commémorée par une humble chapelle. Le premier édifice, construit en bois, fut donné par D. Manuel aux hiéronymites. Quelques temps après, comme le roi chassait dans les environs, le hasard lui fit découvrir au loin sur la mer la deuxième flotte, de quinze voiles, qu'il avait envoyée en 1502 aux Indes orientales, sous les ordres de Vasco da Gama. En souvenir de ce retour heureux et inespéré, l'architecte italien Jean Potassi fut chargé d'ériger un nouveau couvent, dont l'église, le cloître, ainsi que le reste, étaient construits en granit et en calcaire tendre d'Ançan, dans le style richement décoré de l'époque.

Le cloître existe encore, ainsi que l'église, qu'on dirait plutôt une chapelle à cause de ses dimensions réduites. Elle est à une seule nef, brisée en coude du côte de l'épître; à cause des dégâts de l'humidité, les murs en ont été revêtus, sous Philippe III d'Espagne, de carreaux de faïence, bleus et blancs dans le corps de l'église, et polychromes dans la chapelle principale et dans le chœur (dans la partie coudée). Il y a deux autels latéraux, dédiés à St. Jérôme, côté de l'épître, et à N. Dame de Pena, côté de l'évangile; la chapelle principale est élevée de trois degrés sur le sol dallé de l'église.

jos azues e brancos no corpo da capella, polychromos no côro (a parte da nave que para o lado da epistola fórma o cotovello) e na capella-mór. Estes azulejos foram mandados collocar por Filippe III de Castella e II de Portugal quando, na sua visita ao mosteiro, viu o mau estado em que se encontravam as paredes por causa da humidade.

No corpo da capella ha dois altares. O que fica da parte do Evangelho é dedicado a Nossa Senhora da Pena, o do lado da Epistola a S. Jeronymo. Para o altar-mór sobem-se tres degraus de cantaria. São de optima madeira as bellas cadeiras de espaldar do côro que fica no mesmo plano do altar-mór e d'onde se desce por alguns degraus para a sacristia e interior do mosteiro, hoje palacio.

O retabulo do altar-mór é de alabastro, com magnificas columnas de marmore preto, ornado de figuras em relevo, representando umas a Annunciação do Anjo Gabriel, a apresentação de Nossa Senhora no templo, e outras o nascimento de Christo e a adoração dos Reis Magos. O sacrario, tambem de alabastro, tem esculpidos, em baixo relevo, os Passos da paixão do Senhor. Todo o retabulo é guarnecido por um gracioso cordão de alabastro d'onde pendem fructos, folhagens e flôres em festões. D'uma grande belleza foi este retabulo, esculpido por Nicolao Romano, dadiva de D. João III depois do feliz nascimento na villa de Alvito de seu filho o Principe D. Manoel. Uma inscripção do tempo, gravada no tabernaculo, assim o attesta.

Em 1743 um raio damnificou muito o mosteiro, dando logar a um grande incendio. Esses estragos porém foram reparados no mesmo anno por mandado de El-Rei D. João V. Abandonado em 1834, teria de todo cahido em ruinas se quatro annos depois lhe não acode El-Rei D. Fernando, comprando-o perante a junta do credito publico, e iniciando logo as primeiras obras de reparação que depois deram logar ao palacio e parque da Pena.

Não longe da Pena, e por caminho muito pittoresco, vai dar-se ao convento dos Capuchos, outr'ora habitação de religiosos arrabidos. Não se realisa como poderia ser habitado tão pobre convento, cavado na grande agglomeração de penedos, sem a menor sombra de conforto onde cada cella era peor que a mais humida das masmorras e onde apenas a cortiça era um luxo! Na parede da pequenina egreja, da parte do Evangelho, lê-se n'uma lapide: D. Alvaro de Castro, do conselho de estado e vedor da fazenda de El-Rei D. Sebastião fundou este convento, por mandado do Vice-Rei D. João de Castro seu pae, anno de 1560.

Além da egreja existem duas pequenas ermidas, uma na estreita gruta formada por duas rochas, onde se venerava a imagem do Christo crucificado. Na outra, mandada fazer pelo cardeal Infante D. Henrique, com a sua sacristia e a sua pequena cella, onde o cardeal vinha fazer penitencia e celebrar o sacrificio divino, venerava-se a imagem de Christo com a cruz ás costas.

O convento tinha a invocação da Cruz e os seus religiosos, franciscanos, viviam n'elle com tamanha pobreza, que se conta que D. Filippe II dizia «que duas cousas tinha em seus reinos celebres, o Escurial por muito rico e este conventinho por muito pobre», e que visitando-o um dia e admirando-se de nada lhe pedirem, volvera os olhos para a Pena e dissera: «Acolá é a Pena, aqui a gloria». Ajunta a lenda que o Rei D. Sebastião aqui vinha muitas vezes sentar-se na estreita cêrca junto a uma tosca mesa de pedra, á beira da fonte, sob a sombra das arvores. Pedir repouso, talvez, em tamanha paz, aos ardores da sua nobre phantasia guerreira.

Hoje o tempo vai destruindo, apagando tudo, e onde com tanta devoção, segundo rezam as chronicas, se celebravam as festas do Menino Deus e a paixão do Senhor, só um humilde cirio saloio, uma vez em cada anno, acorda estes eccos bem mais acostumados ás risadas de alegres pique-niques.

Dos Capuchos, pelas serras do Vianninha, descendo a vertente sul, sempre por um aprazivel caminho sombreado por bellas arvores, vae dar-se á magnifica propriedade de Penha Longa, que foi o convento de Nossa Senhora da Saude, fundado em tempo de El-Rei D. João I pelo Padre Fr. Vasques Monteiro, da casa dos Condes de Santa Cruz. Este convento (a primeira fundação que em Portugal tiveram os monges de S. Jeronymo), foi muito augmentado por El-Rei D. Manoel, El-Rei D. Sebastião, o Cardeal Rei, o Infante D. Luiz, D. João III e D. Pedro II. Todos estes Senhores n'elle residiram por algum tempo e por differentes vezes. O convento deveu tambem muitas larguezas aos seus Priores e a muitos particulares. Entre estes avultaram pela sua generosidade o Nuncio Zambucano, do tempo de El-Rei D. João III, e o Marquez de Cascaes. Na vasta Egreja reedificada por El-Rei D. Manoel, ainda hoje em cada domingo se diz missa.

Le chœur, au niveau du maître-autel, renferme de jolies stalles en bois précieux; on en descend par un court escalier jusqu'à la sacristie et à l'intérieur du monastère, qui fait aujourd'hui partie du palais.

Le rétable, entièrement en albâtre avec de magnifiques colonnes en marbre noir, est richement décoré de figures en haut relief, représentant l'Annonciation, la Présentation, la Nativité et l'Adoration des Mages; sur le tabernacle sont sculptés en bas relief les scènes de la Passion; le tout festonné d'une gracieuse guirlande de fleurs, de fruits et de feuillages, délicatement sculptée dans l'albâtre et hardiment suspendue sur le rétable. Cette pièce, dont le goût et la finesse d'éxécution font honneur au ciseau de l'auteur, Nicolas Chatranez, est un don de D. Jean III, en souvenir de l'heureuse naissance à Alvito du prince D. Manuel, ainsi que l'atteste une inscription contemporaine, gravée sur le tabernacle. En 1743 la foudre tomba sur le couvent et y mit le feu; mais les dégâts furent promptement réparés par ordre du roi D. Jean V. Abandonné en 1834, il serait tout à fait tombé en ruines sans l'intervention de D. Ferdinand II, qui l'acheta quatre ans plus tard à la Junta du Crédit Public, et entreprit aussitôt la construction du palais et du parc de Pena.

Un chemin très pittoresque mène de là au couvent des Capuchos (capucins), autrefois habité par des moines de l'ordre de St. Pierre d'Alcantara. On ne comprend guère comment il a été possible de vivre dans un si humble séjour, creusé dans la roche sans l'ombre d'un confort, où chaque cellule était pire qu'un sombre cachot humide, où le liége était le seul luxe permis! Dans le mur gauche de la tout petite église on lit dans une plaque que: «D. Alvaro de Castro, conseiller d'Etat et intendant des finances du roi D. Sébastien, a fondé ce couvent par ordre du Vice-roi son père, D. Jean de Castro, l'an 1560». Outre l'église, on voit encore deux petits ermitages dont le premier, bâti dans l'étroit intervalle de deux grands rochers, renfermait une image du Christ crucifié. Dans l'autre, fait par ordre du Cardinal-infant D. Henri, on vénérait autrefois le Christ portant la croix; le Cardinal s'y réfugiait pour dire la messe et faire pénitence. Le couvent était sous l'invocation de la Sainte-Croix, et les religieux vivaient dans un dénûment extrême; le roi D. Philippe II disait souvent que «dans son royaume il y avait deux choses remarquables, l'Escurial par la richesse, et ce petit couvent par son extrême pauvreté». Un jour qu'il visita les religieux, étonné de ce que, dans leur disette, ils ne lui demandaient aucune grâce, il s'écria en tournant les yeux vers la Pena: «Là est la Pena (peine), ici la gloire». La légende ajoute encore que le roi D. Sébastien venait fréquemment s'asseior près d'une rude table en pierre de l'étroit enclos, et se reposer, dans cette paix profonde, des ardeurs de sa noble fantaisie guerrière. Le temps, qui détruit tout, a complètement effacé toute cette tradition dévote; et de nos jours un seul modeste pélérinage rural éveille chaque année les échos de ces lieux, plus souvent égayés par les ébats de joyeux pique-niques.

En descendant le versant sud des monts de Vianninha, au long d'une route charmante, bordée de beaux arbres, on arrive à la splendide maison de campagne de Penha Longa, autrefois le couvent de Notre Dame de la Santé, fondé sous D. Jean I par fr. Vasques Monteiro, de la maison des comtes de la Sainte Croix.

Ce monastère (la première fondation des hiéronymites en Portugal) fut successivement agrandi par D. Manuel, D. Sébastien, le Cardinal-roi D. Henri, l'infant D. Louis, D. Jean IV et D. Pierre II; toutes ces personnes royales y ont séjourné à plusieurs reprises. En dehors des largesses royales on doit mentionner aussi celles des Prieurs et de quelques particuliers, tels que le marquis de Cascaes et Zambucano, nonce sous Jean III.

La vaste église, rebâtie par D. Manuel, est ouverte au culte; le couvent a été entièrement converti en hôtel somptueux, mais d'une façon pas toujours heureuse, soit dit en passant. Quelques pièces se conservent encore: le gracieux cloître et sa fontaine centrale à quatre jets, et le beau réfectoire bâti par le cardinal-roi. Il y avait autrefois, sur toute la surface d'un des grands murs, une peinture à fresque, représentant le Miracle de la multiplication des pains, où l'enfant qui les tendait au Seigneur était la vraie ressemblance du roi D. Sébastien; et la tradition rapporte qu'un jour, pendant le repas des moines, elle se fendit tout à coup sans cause apparente, et que la tête de l'enfant tomba en miettes. Quelques jours plus tard la nouvelle survint du funeste désastre d'Alcacer-Kébir et de la mystérieuse disparition du roi.

On voit encore, un peu partout, d'intéressantes inscriptions de l'ancien couvent, quelques ermita-

O convento, esse, está todo transformado, nem sempre com a maior felicidade seja dito, n'uma sumptuosa casa de habitação. Lá se vê ainda o lindo claustro com a sua airosa fonte ao centro, d'onde a agua jorra por quatro boccas. O refeitorio, mandado fazer pelo Cardeal Rei, é vasto e muito bello.

Refere a tradição que um grande painel, que occupava uma das grandes paredes, pintado a fresco, representando o Milagre de Christo da multiplicação dos peixes, e em que a creança que offerecia os peixes ao Redemptor, era o retrato vivo de El-Rei D. Sebastião, se fendera um dia repentinamente, estando os monges todos no refeitorio, e sem que ninguem podesse atinar com a causa de tal desastre, despedaçando-se a cabeça da creança. Poucos dias depois chegava ao convento a triste nova da perda da batalha de Alcacer-Quibir e do mysterioso desapparecimento do Rei.

Por toda a parte ainda hoje se lêem interessantissimas inscripções e lapides do velho convento, se vêem ermidas e se encontram lindos recintos conhecidos pelos nomes primitivos. Assim o jardim do Cardeal Rei, com as suas fontes das *Lagrimas* e de *Moysés,* a fonte da *Porca,* de agua medicinal; o tanque das Adens, aves ao que parece alli vulgares e que por largo tempo tiveram assegurado o seu sustento, porque um dia perguntando o Cardeal Rei a um monge o que quereriam dizer na sua chiada contínua, o padre lhe respondeu que pediam de comer. Pelo que o Cardeal ordenou que se lhes dessem uns tantos moios de pão por anno.

O fallecido Conde da Gandarinha e da Penha Longa, adquirindo muitos terrenos em volta ao velho convento, transformou esta bella propriedade n'uma granja modêlo. Ao lado mesmo da Penha Longa, mas já nas fraldas da serra do Vianninha, ha uma curiosissima gruta de bellas stalactites, muito visitada por todos os forasteiros.

(Continúa).

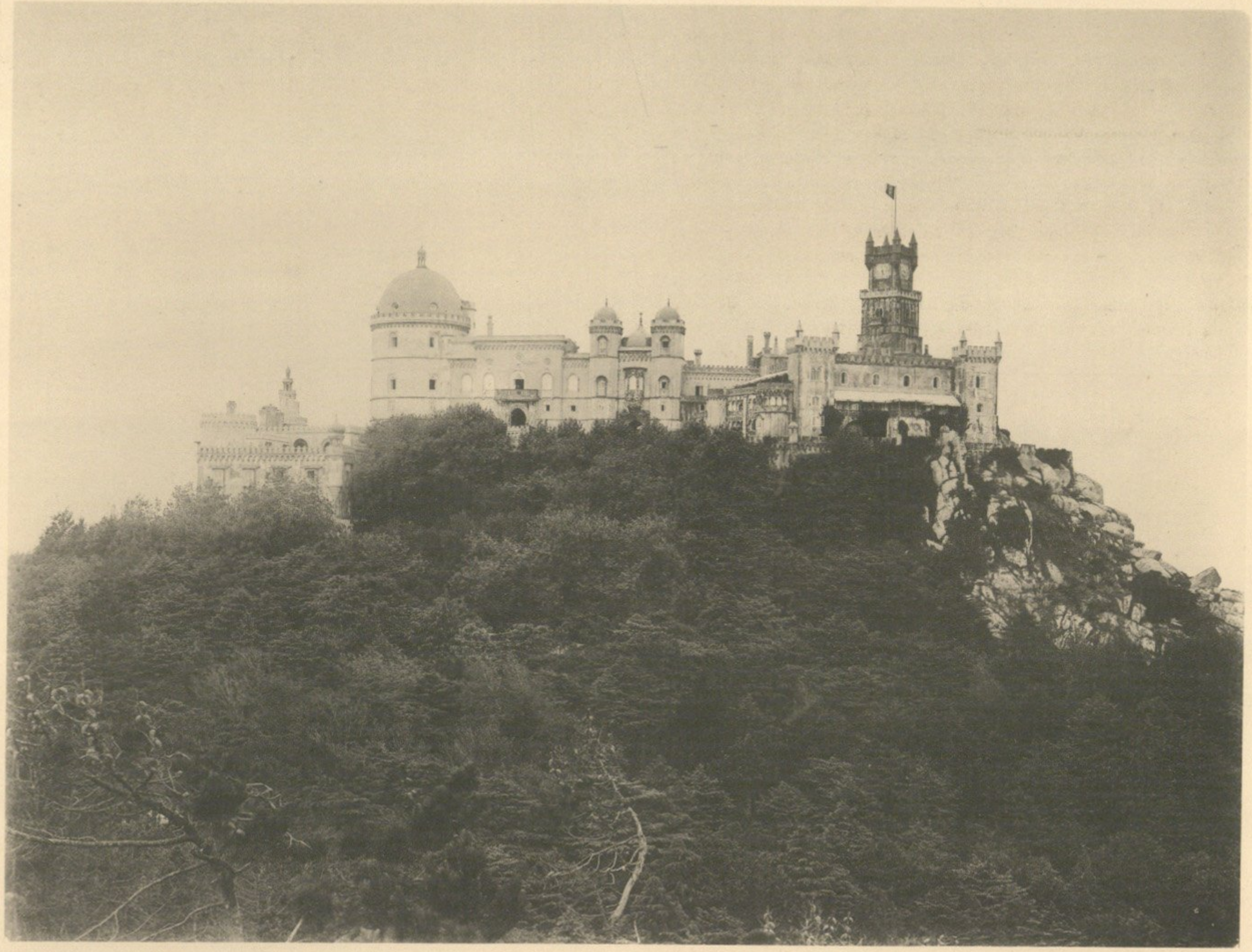
Conde d'Arnoso.

---

ges et de jolis coins, connus sous les désignations primitives; tel le jardin du Cardinal-roi, les sources des *Larmes* et de *Moïse;* celle de *Porca,* à l'eau médicinale; et le bassin des tadornes. Ces oiseaux criards y étaient autrefois assez vulgaires, parce que leur nourriture était assurée; on raconte à ce propos que le Cardinal-roi, ayant demandé à un des moines ce que pourraient signifier leurs cris continuels, le frère répondit tout bonnement qu'ils demandaient à manger, sur quoi le Cardinal leur assigna une rente annuelle de plusieurs muids de grain. Feu le comte de Gandarinha et de Penha Longa acheta beaucoup de terres autour du vieux couvent, et en fit une ferme modèle. Tout près de Penha Longa, à mi-côte de Vianninha, est une curieuse grotte à stalactites, très fréquentée par les touristes.

(À suivre).

Comte d'Arnoso.

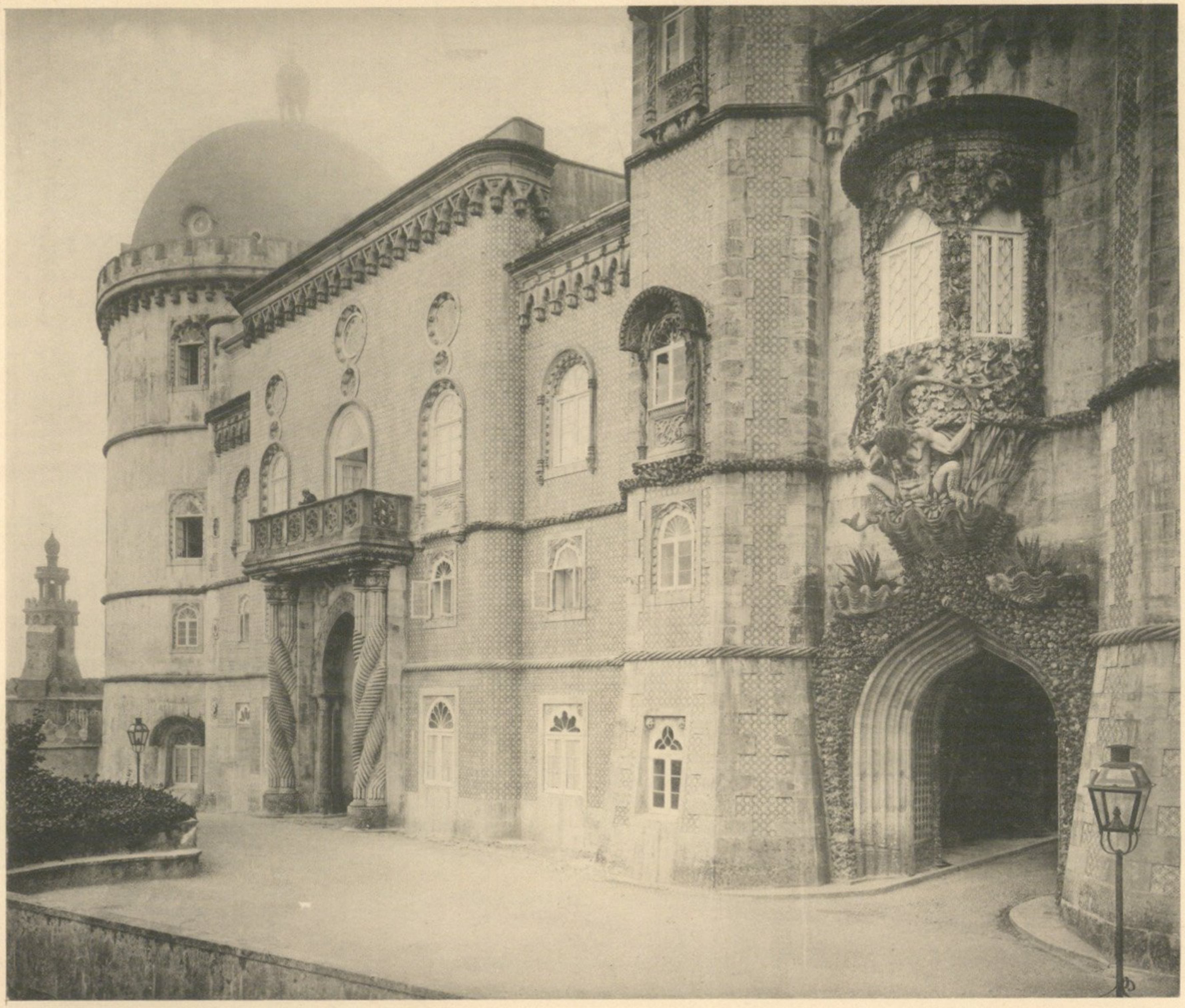


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral do Castello da Pena

CINTRA

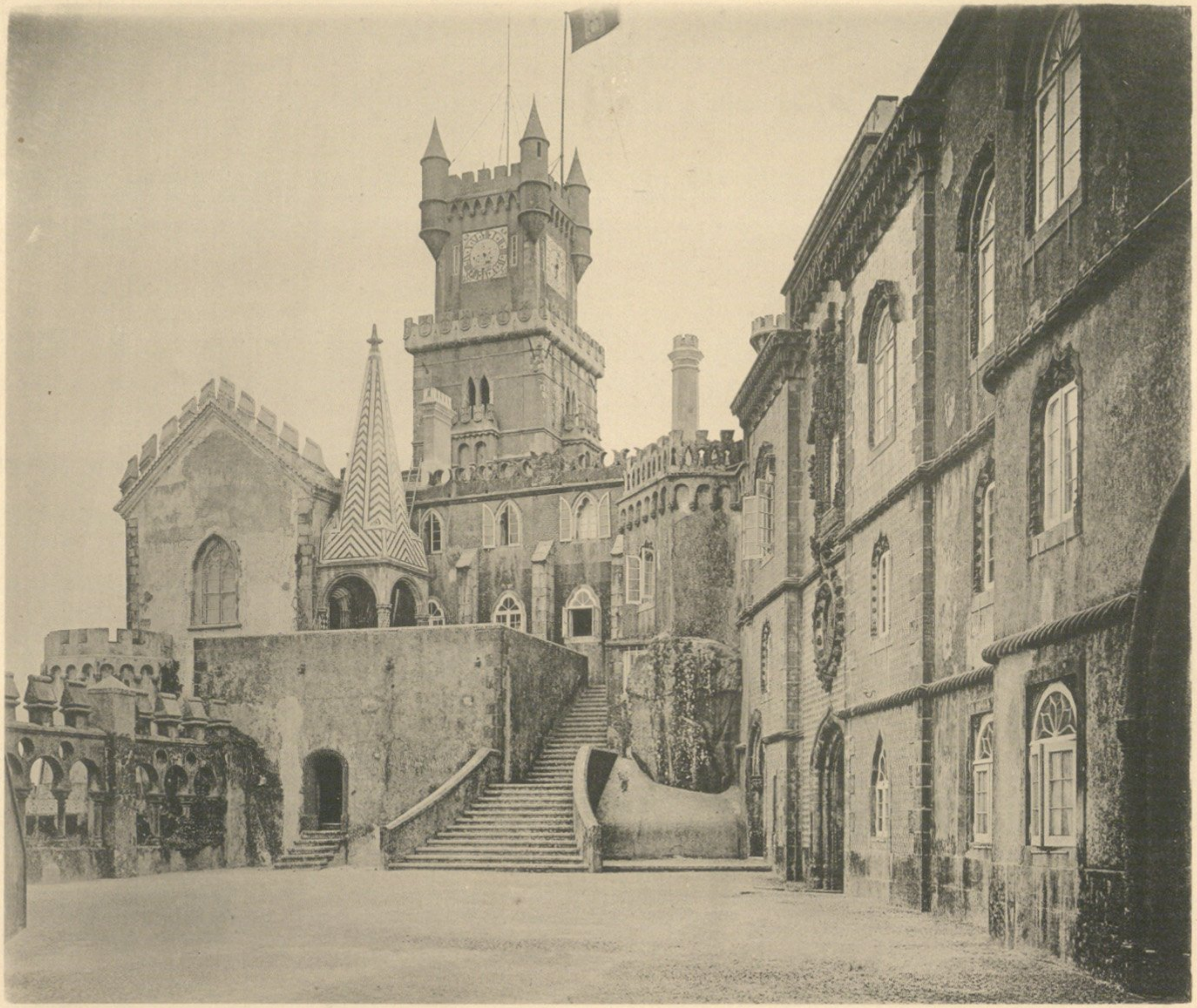


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Fachada principal do Castello da Pena

CINTRA

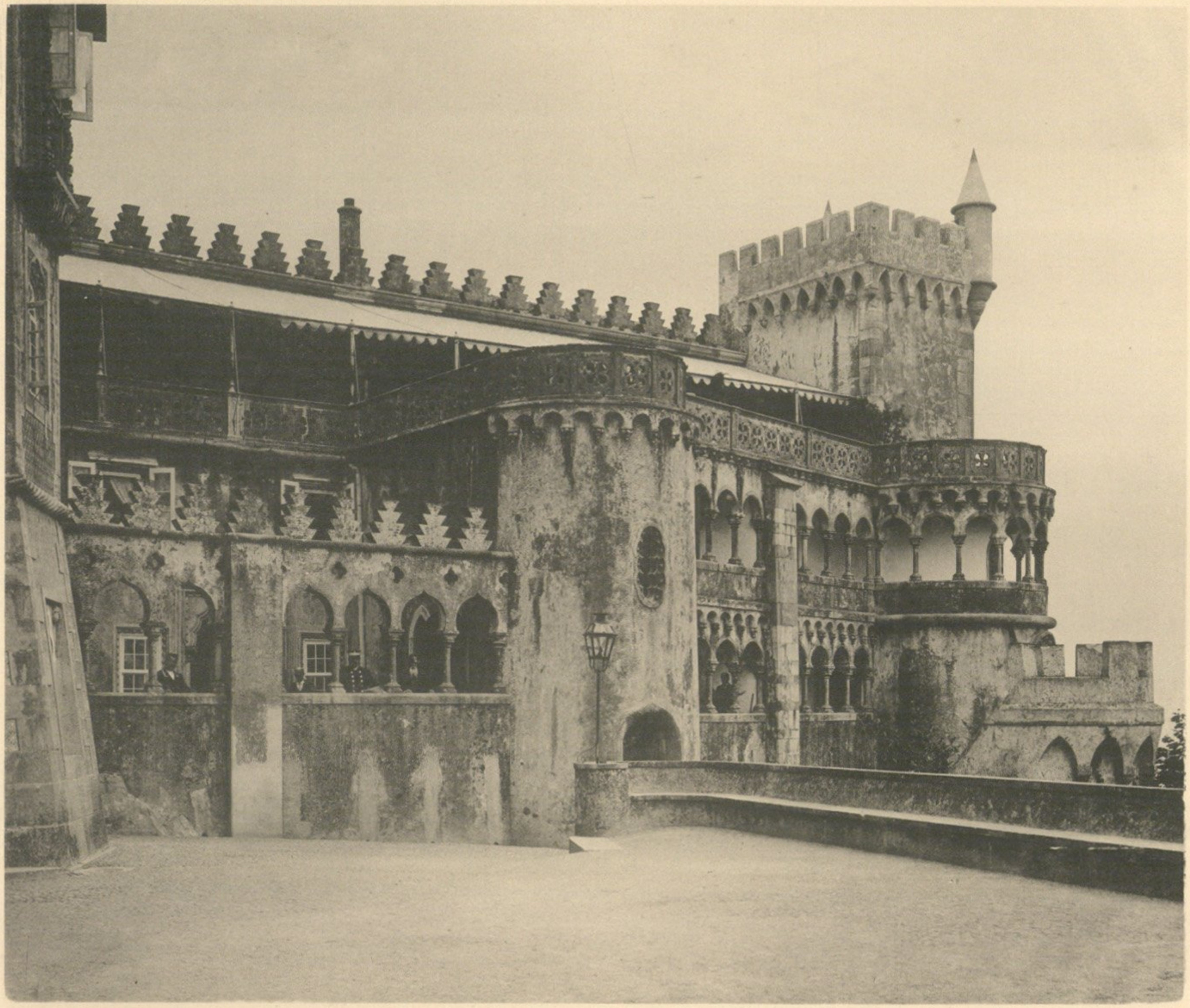


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Pateo interior e torre quadrada do Castello da Pena

CINTRA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista parcial do Castello da Pena

CINTRA

Cintra

O passeio obrigado de todos os dias em Cintra, é passar á tarde pelo velho pateo do Victor, tão alegre no tempo em que alli havia o hotel e onde ainda hoje se encontra o estreito circulo dos seus inquilinos, descer aos Pisões, á sombra dos velhos castanheiros da linda quinta da Regaleira, passar o Relogio e subir até Seteaes, vasto campo em frente ao antigo e nobre palacio do Marquez de Marialva.

Separa este campo da estrada, que é ladeado por duas bellas alamedas, uma velha grade de ferro. O palacio occupa todo o fundo do campo com dois corpos inteiramente iguaes, ligados por um bello arco de cantaria a que serve de remate um tropheu com os bustos no centro de El-Rei D. João VI e da Rainha D. Carlota Joaquina. Por baixo tem a seguinte inscripção: *Augusto Joanni Fidelissimo Principi Regenti Lusitaniae gentis spei amori ac deliciis ob pacem desideratam innumerasque res calamitosis temporibus non tantum armis, imperii ab omni avo semper invictis sed et sapientia prudentia et justitia animi sui regii optimis virtutibus feliciter preclarissimeque peractas Marchio Marialva hoc monumentum C. Anno MDCCCII.*

N'este palacio foi hospedada com grande pompa a Rainha D. Maria I, e n'elle tambem se assignou a chamada convenção de Cintra, tão cruelmente satyrisada por Lord Byron. No campo de Seteaes faziam exercicio as milicias da terra e foi sempre logradouro dos habitantes de Cintra e de todos os tempos alli se organisaram brilhantes festas, ficando celebre nos annaes da tauromachia portugueza uma tourada de fidalgos que alli se deu ha cerca de cincoenta annos.

Passado o arco, entre os buxos da época, está o «penedo da saudade» virado ao mar e a cavalleiro sobre a vasta planicie. Voltando, nada ha mais bello que a vista da serra atravez do vão do arco.

Eça de Queiroz, com a sua inimitavel penna d'ouro, descreve-a assim n'uma das paginas dos *Maias:* «No vão do arco, como dentro d'uma pesada moldura de pedra, brilhava á luz rica da tarde, um quadro maravilhoso, de uma composição quasi phantastica, como a illuminação d'uma bella lenda de cavallaria e de amor. Era no primeiro plano o terreiro, deserto e verdejando, todo salpicado de botões amarellos; ao fundo o renque cerrado de antigas arvores, com hera nos troncos, formando ao longo da grade uma muralha de folhagem reluzente; e emergindo abruptamente d'uma copada linha de bosque assoalhado, subia no pleno resplendor do dia, destacando vigorosamente n'um relevo nitido sobre o fundo do céo azul claro, o cume airoso da serra, toda côr de violeta escura, coroada pelo Castello da Pena, romantico e solitario no alto, com o seu parque sombrio aos pés, a torre esbelta perdida no ar, e as cupulas brilhando ao sol como se fossem feitas d'ouro...»

Deixando o campo e sempre subindo, e sempre ao abrigo da mais acariciadora sombra, depara-se com Penha Verde que se estende, ligada por um simples arco, para um e outro lado da estrada. O portão do palacio, esse, fica mais em baixo, descendo já. Nada ha em Cintra que mais respeitoso recolhimento inspire que esta quinta de D. João de Castro, por elle tanto presada, que depois do famoso cerco de Diu pedia como recompensa que lhe deixassem annexar a Penha Verde, o pequeno monte das Alviçaras, inçado de penedos e só com seis arvores! Por toda a parte parece surgir a sombra do valente capitão, admirando-se-lhe a bravura, nas lapides que como tropheus das suas conquistas trouxe da India; a sua piedade nas ermidas poeticamente espalhadas pela quinta, e que os seus successores ainda augmentaram; o seu grande e austero desprendimento recordando a condição imposta no vinculo de que alli se não pudessem cultivar arvores fructiferas mas tão sómente sylvestres, e toda a sua longa vida — espelho de virtude, de valor e de bondade — nas frescas e limpidas aguas correntes das suas numerosas fontes.

Seguindo sempre a estrada, que desce a meia encosta, passa-se a breve trecho a presa de Mon-

---

Cintra

Le trajet préféré de ceux qui se promènent le soir à Cintra commence dans la vieille cour, autrefois si joyeuse, de l'hotel Victor, fréquentée encore des anciens habitués; puis il descend jusqu'à Pisões, sous l'ombre des vénérables marroniers de la jolie villa Regaleira, et, en passant à côté de celle de l'Horloge, remonte ensuite jusqu'à Seteaes, vaste champ qu'une vieille grille en fer sépare de la route, bordée de deux belles allées.

L'ancien palais du marquis de Marialva, qui occupe tout le fond du champ, est un vaste bâtiment à deux corps égaux, reliés par un bel arc en pierre, surmonté d'un trophée aux bustes du roi D. Jean VI et de sa femme Charlotte Joachine. On y lit l'inscription suivante: *Augusto Joanni Fidelissimo Principi Regenti Lusitaniae gentis spei amori ac deliciis ob pacem desideratam innumerasque res calamitosis temporibus non tantum armis imperii ab omni aevo semper invictis sed et sapientia prudentia et justitia animi sui regii optimis virtutibus feliciter preclarissimeque peractas Marchio Marialva hoc monumentum C. Anno MDCCCII.*

Dans ce palais, qui a fastueusement logé la reine D. Marie I, fut signée la convention de Cintra, si cruellement malmenée par Lord Byron. Le champ de Seteaes, où se tenaient, dans le temps, les exercices des milices locales, est le lieu consacré des réjouissances et des spectacles publics; quelques gentilshommes y ont fait, il y a une cinquantaine d'années, une course de taureaux qui est restée à jamais célèbre dans les annales de la tauromachie portugaise.

Après avoir traversé l'arc, entre les buis taillés de l'époque, on tombe sur le «rocher da Saudade» qui domine la vaste plaine jusqu'à la mer. En revenant en arrière, rien de plus ravissant que la vue de la montagne à travers l'arc. Voici la description qu'en donne la plume inimitable d'Eça de Queiroz, dans son livre *Os Maias:* «A travers la large baie de l'arc, comme dans un lourd cadre en pierre, brillait à la lumière riche du soir un tableau merveilleux, d'une composition presque fantastique, comme l'enluminure d'une belle légende de chevalerie et d'amour. C'était d'abord, au premier plan, le champ désert, nappe verdoyante criblée de boutons dorés; puis, au fond, la rangée unie de vieux arbres, aux troncs couverts de lierre, qui faisaient au long de la grille comme un mur luisant de feuillage; — et au delà, sur la ligne pleine des bois inondés de lumière, se dressait brusquement dans tout l'éclat du jour, en relief vigoureux sur le fond turquoise du ciel, la cime élancée de la montagne, estompée de violet sombre et couronnée par le château de Pena, romantique et solitaire, le sombre parc à ses pieds, la tour élégante comme perdue dans l'air, les coupoles étincelant au soleil comme si elles étaient en or...»

En quittant le champ de Seteaes on monte, toujours sous de caressants ombrages, jusqu'à Penha Verde, coupée par la route en deux morceaux reliés par un arc très simple. L'entrée principale du palais est un peu plus loin, dans la pente descendante de la route. Rien n'est si propre à produire un respectueux recueillement que cette terre du vice-roi D. Jean de Castro, à laquelle il attachait tant de prix qu'après le fameux siége de Diu il a demandé pour toute récompense d'y annexer les Alviçaras, petite colline hérissée de rochers où poussaient à peine six arbres!

Partout nous y accompagne l'ombre du redoutable capitaine, dont on admire les exploits en face des inscriptions lapidaires apportées des Indes comme trophées, la piété dans les chapelles poétiquement distribuées, le désintéressement dans la condition imposée à ses héritiers de n'y cultiver jamais que des arbres sylvestres; toute sa glorieuse carrière enfin — modèle de vertu, de bravoure et de bonté — dans les eaux claires et fraîches des nombreuses sources du domaine.

Tout en suivant la route qui serpente à mi-côte, on passe bientôt la digue de Monsarrate; un sarrate e mais abaixo, á direita, abre-se o portão de ferro da opulenta quinta d'esse nome, por alli ter existido uma ermida da invocação de Nossa Senhora de Monsarrate, mandada erigir em 1540 pelo rev. Gaspar Preto. Foi Geraldo Devisme quem alli construiu no seculo XVIII uma casa acastellada que depois passou a ser propriedade do inglez Beckford, que durante o tempo que viveu em Portugal a aformoseou constantemente. Retirando, porém, para Inglaterra, o palacio abandonado foi tombando em ruinas, e assim se conservou até 1863 em que, comprada a quinta pelo inglez Cook, depois Visconde de Monsarrate, outra vivenda edificou sobre aquellas ruinas despejando largamente o seu ouro pelas ingremes encostas do esplendido parque, a ponto de se tornar, como ainda hoje, um dos mais bellos de Cintra.

Já agora continuemos a sombreada fita da estrada que segue até á villa de Collares, pittorescamente alcandorada sobre duas verdejantes collinas, sobranceiras á ridente varzea, e espraiemos a vista pelos seguidos pomares, que as aguas do rio das Maçãs regam, pelas celebradas vinhas da formosa região e digamos tambem duas palavras da sua historia desde que El-Rei D. Diniz lhe deu foral em 1255. A villa de Collares, que tem por armas um castello entre arvores, possue ainda as pittorescas ruinas do chamado castello de Albornoz. A primeira doação do Reguengo de Collares foi feita por El-Rei D. Affonso II a Pedro Miguel com obrigação de lhe plantar vinhas e de lhe dar o quarto de todos os fructos. O condestavel D. Nuno Alvares Pereira tambem a possuiu por doação de El-Rei D. João I, passando depois e successivamente o senhorio d'esta villa á Infanta D. Izabel, que a perdeu pelo facto de ter casado com o Rei D. João II de Castella, succedendo-lhe sua irmã a Infanta D. Beatriz, mulher do Duque de Vizeu e mãe de El-Rei D. Manoel, que lhe deu novo foral em 1516.

Lá no alto ficam as ruinas da pequena e antiquissima ermida da Senhora de Milides, que se diz ter sido a primeira parochia da villa, e cuja origem data do principio da monarchia. Esta ermida deve o seu nome, segundo explica a lenda, a terem alli perto concertado vinte portuguezes, não mais, tomar a villa aos mouros. Arreceiando-se porém de tão destemida empreza, pelo seu diminuto numero, começavam a vacillar quando distinctamente ouviram uma voz que lhes dizia: Ide que mil ides! Assim animados, foram e venceram. E, como essa voz vinha do céo, n'esse mesmo logar erigiram a capellinha a que deram a poetica invocação de Nossa Senhora de Milides.

O convento do Carmo, hoje pertencente ao conselheiro Dias Ferreira, está situado n'uma planicie e fica sobranceiro á villa. A Egreja, d'uma só nave, foi sagrada pelo Bispo D. Fr. Christovão Moniz, religioso do Carmo, no anno de 1528, segundo se lê n'uma lapide existente no adro. Tendo o padroado d'esta Egreja sido concedido, em 1612, ao Bispo de Leiria, de Vizeu, da Guarda e Regedor das justiças, D. Diniz de Mello e Castro e a seus herdeiros, tem o referido Bispo, fallecido em 1640, a sua sepultura rasa na Egreja do lado do Evangelho, bem como alguns membros da sua familia n'outras sepulturas e mausoleus. As paredes da Egreja têm bellos azulejos e são lindos os claustros do convento. A torre esguia conserva ainda os primitivos sinos d'um tão milagroso som, que o povo acredita que o seu tanger acalma, se não afasta, todas as tempestades. Na cerca, hoje transformada n'uma bella quinta, encontram-se magnificos tanques e fontes de purissima agua. Este convento pertenceu, ainda nos nossos dias, ao Conde de Lavradio que foi ministro de Portugal em Londres, e foi sendo hospede do Conde que Alexandre Herculano escreveu alli a sua poesia *A Cruz Mutilada*, que se encontra na *Harpa do Crente*.

Perto da Varzea, logo abaixo do logar chamado a Eguaria, vê-se a casa do Vinagre, palacete com o seu ar nobre, para o qual se entra por um largo portão que abre para um vasto pateo, onde um grande tanque é alimentado por dois leões de pedra, que seguram nas fortes garras os escudos da antiga casa morgada. Uma escadaria exterior dá ingresso ao palacete que se dobra em angulo recto para este pateo. As bellas salas, com os tectos em maceira, abrem para uma varanda de roda-pé de azulejo que corre ao longo do andar nobre olhando para o pateo. Ainda hoje, a snr.ª Morgada mostra com piedoso respeito aos visitantes a linda capella da casa e as janellas rasgadas que para o lado de traz dão para a Varzea e d'onde a Rainha a Senhora D. Maria I muitas vezes se entretinha a pescar. Esta linda quinta estende-se até ao Mucifal.

Passemos a Almocegeme e relanceemos uma vista de olhos á famosa pedra de Alvidrar, immensa rocha talhada a pique sobre o mar que brame impetuoso lá no fundo, e vejamos descer por essa rocha abaixo, agarrando-se como gatos, os rapazes do sitio que a troco da mais insignificante esportula tão

peu plus bas à droite se trouve la grille du magnifique château de ce nom. Sur l'emplacement d'une chapelle, érigée en 1506 à Notre Dame de Monsarrate par le R. P. Gaspard Preto, Gérard Dévisme bâtit au XVIIIᵉ siècle un château, acheté plus tard par l'anglais Beckford, qui l'embellit constamment pendant son séjour en Portugal. Lorsqu'il s'en retourna en Angleterre, le palais abandonné tomba peu à peu en ruines; mais en 1863 l'anglais Cook, plus tard vicomte de Monsarrate, le rebâtit entièrement sur un autre plan en y joignant un parc splendide, en sorte que la villa est devenue une des plus belles de Cintra.

Poursuivons maintenant notre promenade jusqu'à la petite ville de Collares, pittoresquement perchée sur deux vertes collines qui dominent la riante vallée, baignée par le ruisseau de Maçam et couverte de vergers et de vignobles aux crus renommés. Collares, dont la première charte, octroyée par D. Denis, remonte à 1255, a pour armes un château entre deux arbres; on y voit encore les ruines du château dit d'Albornoz. Les terres royales de Collares furent originairement données à cens par le roi D. Alphonse II à Pierre Michel, à charge de planter des vignes et de payer le quart de tous les fruits. Le roi D. Jean I en fit une nouvelle donation au connétable D. Nuno Alvares Pereira, après qui la ville passa d'abord à l'infante D. Isabelle, qui la perdit du fait de son mariage à D. Jean II de Castille, ensuite à sa sœur l'infante D. Béatrice, femme du duc de Vizeu et mère du roi D. Manuel, qui en réforma la charte vers 1516.

Tout en haut sont les ruines de la petite chapelle de N. Dame de Milides, peut-être la première paroisse de la ville et contemporaine de la monarchie. En voici l'origine, d'après la légende. Lorsque la ville était encore au pouvoir des sarrasins, un groupe de vingt portugais résolut hardiment d'en tenter l'assaut; mais dès les débuts de l'action leur courage commença à faiblir devant l'énorme disproportion numérique, et ils auraient bientôt cédé si une voix céleste ne leur eut crié: *Ide que mil ides!* Alors les assiégeants, puisant dans l'intervention divine de nouvelles ardeurs, redoublèrent de bravoure et vinrent à bout de l'audacieuse entreprise; et en souvenir de cet exploit ils érigèrent la chapelle en honneur de Notre Dame de Milides.

Le couvent des carmes, qui appartient au conseiller d'Etat Dias Ferreira, est bâti sur un plateau qui domine la ville. L'église, à une seule nef, a été consacrée en 1528 par l'évêque D. Christophe Moniz, frère carme, ainsi que l'atteste une inscription du parvis. Vers 1612 le patronage en fut octroyé à l'évêque de Leiria, de Vizeu et de Guarda, le grand chancelier D. Denis de Mello et Castro, et à ses héritiers; ce grand dignitaire y est inhumé sous une simple dalle, du côté de l'évangile, et plusieurs membres de sa famille occupent d'autres tombes et des mausolées. Il y a de jolis revêtements en faïence sur les murs de l'église, et les cloîtres du couvent sont aussi dignes d'attention. La tour effilée conserve les cloches primitives dont le son miraculeux, d'après une croyance populaire, apaise ou détourne les tempêtes; l'enclos du couvent, transformé en parc, a de superbes bassins et des fontaines d'une eau admirable. Le propriétaire antérieur de la villa était le comte de Lavradio, ministre du Portugal à Londres; c'est de son temps que Alexandre Herculano y a écrit la poésie *A Cruz Mutilada*, qui fait partie du receuil *A Harpa do Crente*.

Près de Varzea et tout en bas de Eguaria, est la villa dite du Vinaigre. Une large porte cochère ouvre sur la vaste cour; un grand bassin y reçoit l'eau de deux lions en pierre, dont les fortes griffes tiennent les écussons de la vieille famille des Morgadas. De la cour on monte par un escalier extérieur dans l'hôtel dont les belles salles, à plafonds relevés en auge, donnent sur une galerie lambrissée de carreaux de faïence, qui court tout au long du premier étage, du côté de la cour. La propriétaire montre encore aux visiteurs, pleine de respectueux souvenirs, la jolie chapelle de la maison et les larges fenêtres, donnant sur la Varzea, d'où S. M. la reine D. Maria I s'amusait fréquemment à pêcher. Cette belle villa s'étend jusqu'à Mucifal.

En passant par Almocegeme, donnons un coup d'œil à la fameuse «pedra de Alvidrar», énorme rocher taillé à pic sur la mer écumante, que les gamins du voisinage, moyennant quelques centimes, sont toujours prêts à descendre, avec une agilité d'écureuil. Ce genre de sport, non exempt de péril, a une longue tradition, car Duarte Nunes de Léon en parle déjà dans sa description du Portugal.

La Peninha, toute blanche sur le bleu pur du ciel, nous attire en haut de la montagne, malgré les raides escaliers qui mènent au sommet. Rien de plus touchant que la légende de cet ermitage. Il y avait autrefois, du temps de D. Jean III, une petite bergère d'Almoinhas-Velhas qui menait paître ses desprendidamente assim arriscam a vida. Sport antiquissimo n'este mesmo logar, pois já a elle se refere Duarte Nunes de Leão na sua descripção de Portugal.

A Peninha namora-nos lá do cimo, com as ingremes escadas que lhe dão accesso, toda branca destacando-se como uma mortalha de virgem no puro azul do céo. Nada mais encantador que a poetica lenda d'esta ermida. No tempo de El-Rei D. João III, no logar de Almoinhas Velhas, vivia uma pastorinha muda, que por aquelles sitios ermos levava as ovelhas a pastar. Um dia, uma d'ellas, tão branca e linda como a propria pastorinha, desatou a correr parando só no mais alto dos penhascos. A pobre rapariguita, temendo que de todo lhe fugisse, seguiu-a a custo, ferindo-se nas arestas vivas das rochas. A chorar chegou lá acima, e grande foi o seu espanto ao vêr uma menina, linda como os amores, afagar dôcemente a ovelhinha e perguntar-lhe porque chorava assim. A pastora, muda de nascença, respondeu que vinha em busca d'aquella ovelha que do seu rebanho tinha fugido. Nossa Senhora, que outra não era a formosa menina, disse-lhe: «Leva a ovelha á tua mãe e pede-lhe pão». Ora como n'esse tempo a fome fosse muita e não houvesse pão na casita pobre, a pequena respondeu que não podia pedir o que não havia. «Pede que na arca, ao fundo da cozinha, tua mãe tem muito pão, vae». Calcula-se como a mãe ficaria ao vêr chegar com falla a filha estremecida e indicar-lhe o sitio onde em casa tão pobre, havia pão á farta, pois ao abrir a arca viu que a filha a não enganára. Contou então a pastorinha a apparição que tivera, e paes e visinhos foram em alvoroço conduzidos pela pequenita ao sitio onde Nossa Senhora lhe fallára e alli descobriram, na fenda d'uma rocha, a imagem de Nossa Senhora, que ainda hoje na ermida da Peninha se venera.

A primeira ermida era muito pobre e de pedra solta. Em 1579, no tempo do Cardeal Rei, como a devoção dos povos circumvisinhos acudisse com muitas esmolas, constituiu-se a primeira confraria e outra ermida se construiu onde a imagem permaneceu até 1673, época em que o irmão Pedro da Conceição de vinte e oito annos de idade, official de pedreiro, tendo um dia visitado a ermida na companhia de outros moços do seu officio, resolveu alli acabar os seus dias, vestindo o habito de Ermitão de Nossa Senhora e consagrar todos os seus poucos haveres e pratica do seu officio a fazer uma nova ermida. E assim fez, e foi elle quem construiu a que ainda hoje alli se levanta, e o escadorio que conduz ao adro. Ao saberem d'isto, primeiro os Padres Vicentes, depois os Carmelitas quizeram pôr embargos ao novo Ermitão. Este porém, com uma grande perseverança, conseguiu do Arcebispo de Lisboa que lhe fosse dado continuar e concluir a sua obra. E lá se encontra enterrado no adro em sepultura aberta por suas mãos e a que fez este epitaphio: *Aqui jaz o Ermitão de Nossa Senhora da Peninha, o irmão Pedro pede hum Padre Nosso, e huma Ave Maria, pelos bemfeitores.* A ermida tem um só altar de bello mosaico e as paredes são, como a abobada, forradas de bellos azulejos divididos em quadros com episodios da vida de Nossa Senhora. Tres cirios em cada anno acordam ainda agora com as suas gaitas de folle os echos d'estas quebradas. Nada mais bello que a extensa vista que da Peninha se disfructa, abraçando o vasto mar, nos dias claros e lavados de nevoa.

Precisamos voltar para traz e fallar do Paço Real. Antes porém não deixe o leitor, já na villa, ao passar defronte do antigo palacio Pombal, de entrar o largo portão e admirar o discreto pateo, exemplo incomparavel, senão unico, da riqueza e belleza da architectura privada portugueza do tempo de El-Rei D. João III.

Cá temos na nossa frente o antigo Paço Real, que airosamente domina a villa, com o seu elegante pelourinho de marmore branco torturadamente trabalhado, levantado na pequena praça que dá ingresso ao velho Alcaçar. Nada ha mais difficil do que escrever sobre este monumento, que vem de tempos tão remotos e ao qual, por assim dizer, cada geração accrescentou um pouco da sua vida. Tudo alli se encontra desde os vestigios caracteristicamente arabes, até á mais culposa insensatez contemporanea. O que foi tão bello edificio até el-rei D. João I, que o reedificou, não o dizem claramente as chronicas, ou para melhor dizer ainda ninguem o estudou com a elevada competencia technica, que tão difficil e delicado problema requer. A disposição interior do Paço mostra bem que successivas construcções se lhe ajuntaram e o proprio D. João I, já muito conservou, do que existia. El-Rei D. Duarte, que n'este Paço residiu frequentes vezes, ainda porventura o accrescentou, e outro tanto fez D. Affonso V, que n'elle nasceu. De documentos da época se vê que D. João II tambem lhe ajuntou novas obras e muito fez igualmente El-Rei D. Manoel, imprimindo-lhe o elegantissimo cunho da architectura do seu glorioso tempo. Isto, para não fallar senão do que em tão bello monumento mais se destaca. De resto o palacio é o mais bello

brebis dans les flancs solitaires de la montagne. Un jour la plus belle et la plus blanche de tout le troupeau, saisie de frayeur, se prit à courir, et ne s'arrêta qu'au plus haut des rochers du sommet. La pauvre enfant, craignant de la perdre, la poursuivit à grand' peine, et parvint en haut toute en pleurs et meurtrie. A son grand étonnement, elle y trouva une dame d'une beauté céleste, qui caressait doucement la brebis et lui demanda pourquoi elle pleurait.

La bergère, quoique muette de naissance, répondit qu'elle cherchait une brebis egarée. Alors Notre Dame — car c'était bien elle — lui dit: «Retourne apporter la brebis à la mère, et demande-lui du pain». Mais comme c'était temps de famine la pauvrette objecta encore que la demande serait inutile. «Va, et dis à ta mère que dans la huche, au fond de la cuisine, elle trouvera beaucoup de pain». On s'imagine la joie de la mère en entendant la voix de sa fille qui lui annonçait une abondance tout-à-fait inattendue; la huche en effet se trouva bondée de pain. L'histoire du miracle se répandit bien vite, et tout le monde accourut au lieu de l'apparition indiqué par la bergère; on y découvrit, dans une fente, l'image de Notre Dame qui est venerée encore dans la Peninha.

La chapelle primitive était très pauvrement bâtie. En 1579, sous le Cardinal-roi, les largesses des dévots du voisinage permirent de fonder une confrérie et d'ériger une deuxième chapelle. En 1673 le maçon Pierre da Conceição, âgé de vingt huit ans, après avoir visité la chapelle, résolut d'y finir ses jours sous la bure monacale et de consacrer son bien et son adresse professionnelle à la construction d'un autre ermitage. Les P. P. de St. Vincent d'abord, et les carmes ensuite, voulurent s'opposer à ce pieux dessein; mais le nouvel ermite, doué d'une remarquable ténacité, put obtenir de l'archévêque de Lisbonne la permission nécessaire et bâtit, en effet, l'ermitage actuel ainsi que les escaliers qui y conduisent. Il est enterré tout près dans une fosse creusée de ses mains, sous une pierre qui porte l'épitaphe suivant: *Ci gît l'ermite de Notre Dame de Peninha, le frère Pierre demande un Pater et un Avé, pour le salut des bienfaiteurs.*

La chapelle n'a qu'un autel en mosaïque; les murs, de même que la voûte, en sont revêtus de beaux tableaux en faïence, figurant des épisodes de la vie de Notre Dame. On y fait encore, toutes les années, trois processions populaires qui troublent les échos solitaires du son joyeux des cornemuses champêtres. Le panorama qu'on jouit de la Peninha est admirable; il s'étend jusqu'à la mer lorsque l'atmosphère est libre de brouillards.

Il faudra revenir sur nos pas et rentrer dans la villa de Cintra, pour arriver au Palais Royal. En passant toutefois par l'ancien palais Pombal, n'oublions pas de franchir la grande porte et d'admirer la cour discrète, exemple incomparable, peut-être unique, de la richesse et de la beauté de l'architecture privée en Portugal, sous D. Jean III.

Nous voici enfin en face du Palais royal qui domine la ville, et de l'élégant pilori en marbre blanc capricieusement ouvragé qui se dresse sur l'esplanade du vieux château. Rien de plus difficile que de décrire ce monument d'un âge reculé, au quel chaque génération a ajouté quelque peu de sa vie. Il y a de tout, depuis les vestiges nettement arabes, jusqu'aux signes inéquivoques de la sottise contemporaine. Avant D. Jean I, qui le rebâtit, les données sont insuffisantes ou manquent tout-à-fait; pour mieux dire, personne n'a pas encore abordé ce problème qui exige des connaissances techniques et historiques difficiles à réunir. D. Jean I a conservé beaucoup de choses antérieures à la reconstruction; D. Duarte, qui résida plusieurs fois dans le Palais, l'agrandit probablement, et D. Alphonse V, qui y est né, suivit son père dans cette voie. On sait par des documents contemporains que D. Jean II y fit de nouveaux ouvrages, et que son successeur D. Manuel lui donna l'empreinte de l'élégante architecture de son temps glorieux.

Cela pour l'ensemble; pour le détail, nous n'aurions jamais fini de ce délicieux labyrinthe, plein de jolies cours, de jardins cachés, de belles fontaines, d'escaliers et de couloirs imprévus, et même de pavillons isolés du corps principal, tels que celui *des blasons,* fait par ordre de D. Manuel. Le plafond de ce vaste salon, à forme polyédrique, est d'une hauteur considérable; chacune de ses soixante quatorze faces ou caissons porte un écu armorié suspendu au cou d'une tête de cerf, dont les cors portent le timbre correspondant.

Notons encore, dans la belle *salle des cygnes,* le plafond en caissons peints, l'imposante cheminée, les vieilles fenêtres et les faïences si originales; la *salle du Conseil,* sévère et basse, dont les bancs et le fauteuil royal sont revêtus de carreaux en faïence, où l'on dit que le roi D. Sébastien a décidé la labyrintho que possa vêr-se, cheio de lindos pateos, escondidos jardins, formosas fontes, escadarias imprevistas, corredores que se não esperam e até salas, como a dos brazões, afastadas de toda a parte nobre do edificio. Essa é vastissima, de enorme altura, tendo no tecto, em caixotões, pintados setenta e quatro brazões pendentes dos pescoços de veados que trazem nos galhos os respectivos timbres, sala mandada construir por El-Rei D. Manoel.

Tudo porém fórma um esplendido conjuncto, admirando-se a bella sala dos cysnes, que a não póde haver mais formosa, com o seu bello tecto em caixotões pintados, a sua imponente chaminé, as velhas janellas e os originalissimos azulejos; a das pegas, tambem azulejada e com uma magnifica chaminé, abrindo por um lado para um lindissimo pateo e dando para o outro, por uma larga janella que uma fina columna divide, para um delicioso jardim, e que a tradição accrescenta fôra mandada fazer por El-Rei D. João I para, com a legenda *Por bem,* sahindo do bico de cada pega, castigar a loquacidade das damas que divulgaram o innocente e furtivo beijo dado por El-Rei a uma das mais formosas damas da Rainha; a baixa e severa sala do Conselho com os bancos, e cadeira de braços para o Rei, bancos e cadeiras revestidos de azulejo, sala onde se affirma ter El-Rei D. Sebastião decidido a funesta jornada de Africa.

D'este Paço, quasi sempre habitado pelos Reis de Portugal, póde dizer-se que cada capitulo da nossa historia teve aqui o seu echo mais profundo. E essa historia, que todos devemos saber de cór, e trazer no coração, só estará completa no dia em que conscientemente se escrever a monographia de tão notavel monumento.

Conde d'Arnoso.

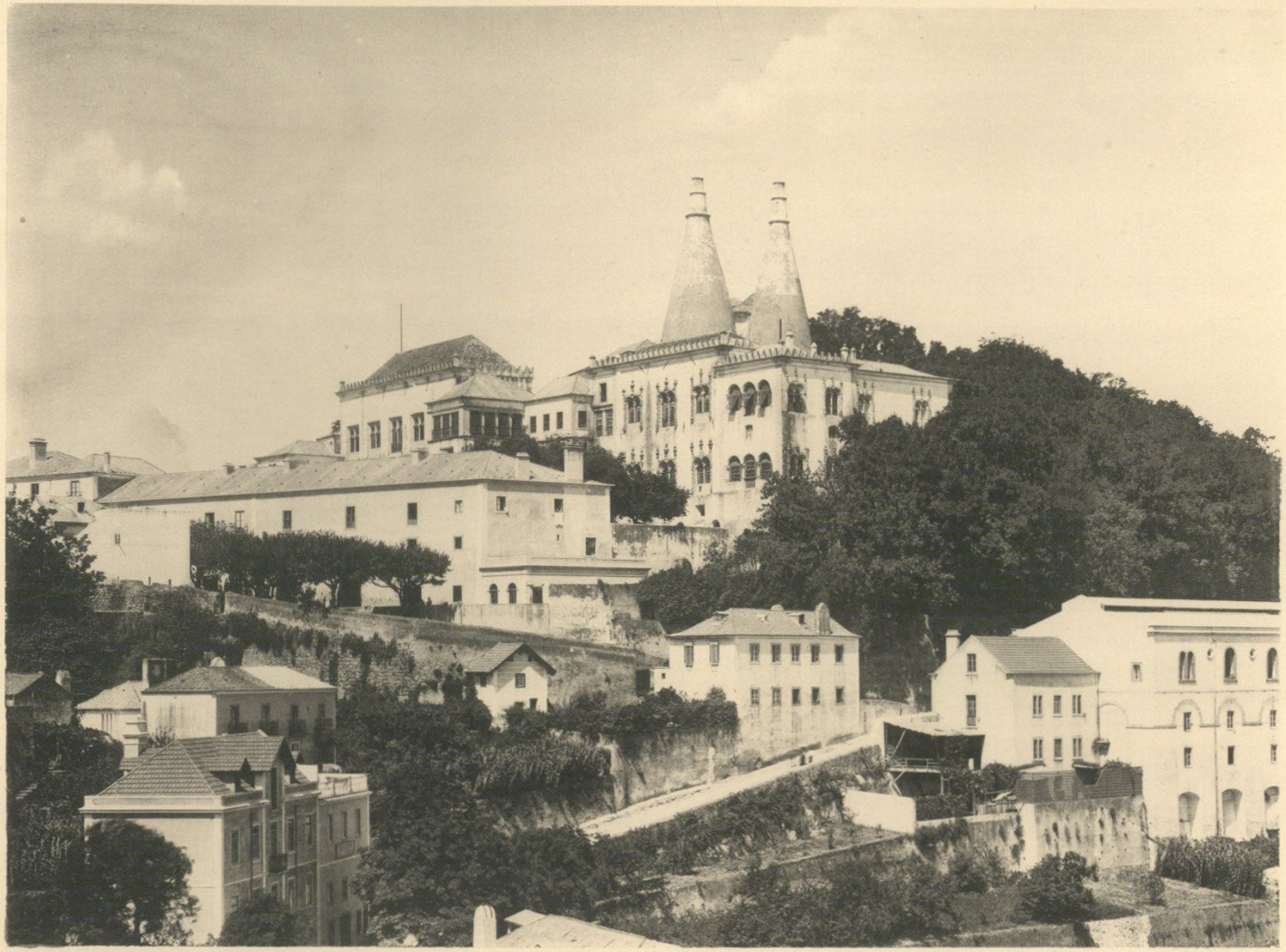
N. B. Na composição portugueza da primeira parte d'este artigo, um erro de revisão fez com que se leia Nicolau Romano em logar de Nicolau Chatranez, como de resto se lê na traducção franceza.

C. d'A.

funeste entreprise d'Afrique; enfin, la curieuse *salle des pies,* revêtue aussi de jolies faïences, où l'on admire une magnifique cheminée. Elle donne d'un côté sur une cour charmante, et de l'autre, par une large fenêtre coupée en deux par une svelte colonnette, sur un délicieux jardin; la tradition rapporte que le roi D. Jean I y a fait peindre plusieurs pies dont le bec porte l'inscription: *Por bem* (*Pour bien*), pour blâmer d'une façon indirecte l'indiscrétion des dames du palais qui avaient trop bavardé sur un baiser innocent que le roi déroba à une des plus belles dames de la reine.

On peut dire de ce Palais, presque toujours habité par les rois du Portugal, que les événements marquants de notre histoire y ont tous laissé des souvenirs; cette histoire, que nous devrons toujours porter dans nos cœurs, ne sera complète que le jour où l'on pourra écrire consciencieusement la monographie de ce remarquable monument.

Comte d'Arnoso.

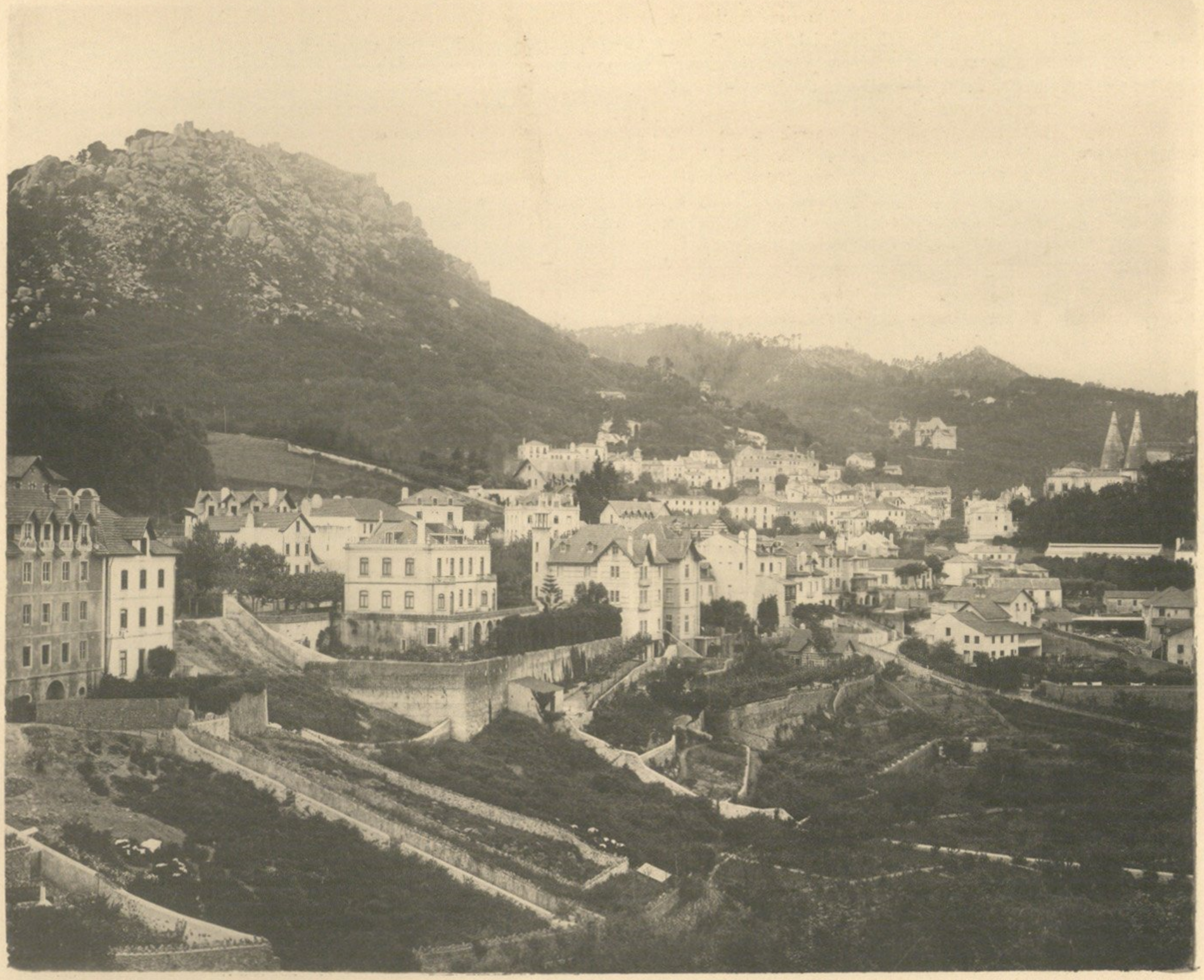


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Paço Real

CINTRA

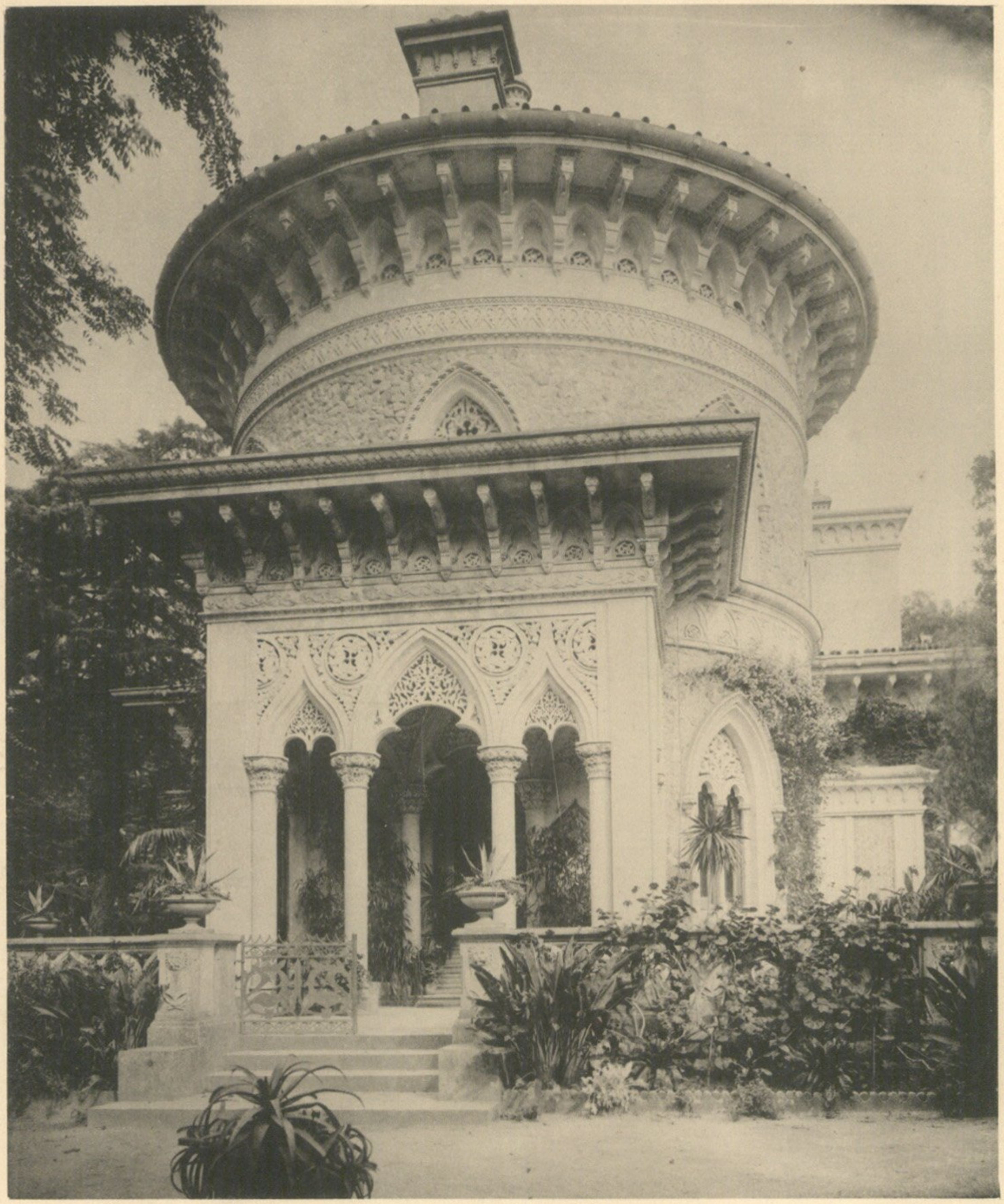


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Villa Estephania e Castello dos Mouros

CINTRA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Palacio de Monserrate

CINTRA

Lorvão

Um passeio ao convento de Lorvão entrava no programma das excursões favoritas que ainda ha trinta para quarenta annos faziam os estudantes de Coimbra e — executavam. A inauguração successiva de differentes linhas ferreas desviou a attenção da Academia para pontos mais distantes, onde vão por preço modico gastar os dias feriados no seio de suas familias.

O caminhante seguia então o curso do Mondego ou atravessava a serra do Dianteiro por uma soffrivel estrada. Descendo o monte de Santo Antonio dos Olivaes passava-se o formoso valle de S. Romão e n'uma subida bastante ingreme alcançava-se o alto, chamado *Espinhaço de Cão,* onde um panorama esplendido convidava o romeiro a descançar. Uma grande parte do valle do Mondego, semeado de villas e aldeias, a capital da provincia com os seus monumentos historicos, o Oceano rolando as suas ondas sobre a areia fulva; e alguns passos mais adiante as cumiadas do Bussaco, emfim toda a Bairrada com a sua opulenta vegetação constituiam um scenario digno de occupar uma geração de pintores. Caminhava-se então devagar, a pé, n'um terreno formado de schistos, apalpando as veredas n'uma descida vagarosa; e dobrando a montanha avistava-se de subito o profundo valle de Lorvão.

A povoação é pobre; conta uns quinhentos fogos e vive hoje quasi exclusivamente da pequena lavoura e de uma industria caseira: a *dos palitos,* que apenas vegeta mesquinhamente, explorada por uma usura cruel. Mais adiante trataremos d'ella.

A primeira impressão antes de descer ao apertado valle, cortado por um mesquinho regato, era e é ainda hoje a de espanto perante o constraste dos dois elementos: o sagrado e o profano. A enorme construcção que a estampa não abrange ainda assim completamente, cahindo em ruinas, os dormitorios desabando, os celleiros nús, as cozinhas, os pateos e claustros desertos, mas ainda grandiosos, contrastando com a pobreza do caserio da pobrissima aldeia.

Na época de maior esplendor, isto é, no meado do seculo XVIII, contava Lorvão para cima de cem religiosas, além das noviças e das serventes, e dispunha de um rendimento superior a oitenta mil cruzados. Os dotes que durante o seculo XVII orçavam por mil cruzados, foram no começo do seculo XVIII elevados a oitocentos mil reis.

Viveu-se entre esses muros com opulencia, com certo gosto e amor da arte; e não raras vezes com uma liberdade que provocava escandalos. Por fim entrou alli o rigor da lei. Extinctas as ordens religiosas em 1834, o governo de D. Pedro mandou liquidar as contas. Os monges bernardos que administravam a casa, sahiram d'alli, deixando tudo empenhado; uma divida de cerca de *oito contos de reis,* destruidas as mattas, vendidas as madeiras, e a caixa do dinheiro — vasia. Sobreveio o fisco e reclamou vinte e cinco contos de decimas relaxadas, que os venerandos administradores tinham dado como satisfeitas!

D'ahi em diante a situação das religiosas peorou rapidamente. Os foreiros, inquilinos e outros devedores, reconhecendo que os privilegios historicos haviam perdido a sua força, cerceavam ou negavam pagamentos. Procuradores e advogados armaram questões interminaveis, mas rendosas para elles. E comtudo, a abbadessa de Lorvão ainda era e foi durante annos a mãe dos pobres até 1851.

Passados dois annos, porém, alguem pedia uma esmola para ella. Foi Alexandre Herculano.

«Escrevo-lhe do fundo do estreito valle de Lorvão, defronte do mosteiro onde repousam as filhas de Sancho I; d'este mosteiro melancholico e mal assombrado como as montanhas abruptas que o rodeiam por todos os lados: escrevo-lhe com o coração apertado de dó e repassado de indignação. Descendo a examinar o archivo das pobres cistercienses, penetrei no claustro por ordem da auctoridade ecclesiastica. Lá dentro, n'esses corredores humidos e sombrios, vi passar ao pé de mim muitos vultos, cujas faces eram pallidas, cujos cabellos eram brancos. Esses cabellos nem todos os destingiu o decurso dos annos: a amargura embranqueceu os mais d'elles. Quasi todas essas faces tem-nas empallidecido a fome. Morrem aqui lentamente umas poucas de mulheres, fechadas n'uma tumba de pedra e ferro. Estas mulheres ouvem de lá, do seu tumulo, o ruido do burgo apinhado na encosta fronteira, e divi-

Lorvão

La visite au monastère de Lorvão comptait encore, il y a une trentaine d'années, parmi les excursions favorites des étudiants de l'université de Coïmbre. L'extension croissante des chemins de fer, en leur permettant des tournées de vacances plus larges et à bon marché, a graduellement restreint le programme des promenades à pied dans les environs de la ville.

Le voyageur suivait alors les bords sinueux du Mondego, ou bien la route qui coupe transversalement la montagne de Dianteiro. De St. Antoine de Olivaes on descendait jusqu'à la jolie vallée de St. Romão, puis on remontait assez péniblement jusqu'aux hauteurs nommées *Espinhaço de Cão;* un panorama splendide y invitait à une halte. Une large partie de la vallée du Mondego, la capitale de la province où se détachaient les vieux monuments historiques, l'océan roulant au loin ses flots sur la plage dorée; tout près, à côté, les sommets du Bussaco; et la Bairrada, enfin, magnifique de végétation, formaient un ensemble digne d'occuper toute une génération d'artistes.

De là on reprenait la marche sur un sol schisteux et difficile, en suivant lentement les sentiers tortueux; puis, à un tournant du chemin, on se trouvait brusquement en face de la vallée profonde de Lorvão.

Le village, très pauvre, ne compte que cinq cents feux et vit presque exclusivement de la petite culture et de l'industrie domestique des cure-dents, réduite au dépérissement par une usure cruelle. Nous en toucherons plus loin quelques mots.

Les maisons chétives, misérables même, de ces pauvres paysans forment un contraste frappant avec le monastère d'en face, vaste édifice que notre estampe n'embrasse pas complètement. Les longs dortoirs tombant en ruines, les greniers vides, les cuisines dégarnies, les cours et les cloîtres déserts rappellent encore, dans leur délabrement, les splendeurs d'autrefois.

Vers le milieu du XVIII^e^ siècle, il y avait dans le couvent de Lorvão plus de cent nonnes, en dehors des novices et des domestiques; les revenus surpassaient quatre vingt mille cruzados (environ 180:000 frs.). La dot d'une nouvelle religieuse, qui pendant le XVII^e^ siècle montait à mille cruzados, fut élevée au double dès les débuts au siècle suivant.

Dans ces temps d'abondance la communauté menait joyeuse vie; la liberté y allait parfois jusqu'à la licence et au scandale. L'avènement du régime constitutionnel et l'extinction des ordres religieux en 1834 coupèrent court à ce régime fastueux. Sommés de rendre comptes de leur administration, les cinq frères blancs qui en étaient chargés accusèrent une dette de huit contos (environ 450:000 frs.); presque tous les biens étaient grevés d'hypothèques, les bois coupés et vendus, la caisse vide. Pour comble de malheur, le fisc réclama pour vingt cinq contos d'arrérages, que les vénérables moines avaient inscrits comme dûment acquittés.

Dès lors, la situation des religieuses ne fit que s'aggraver. Les censitaires, les locataires, ainsi que les autres débiteurs, sentant combien les privilèges historiques avaient perdu de leur force, rognaient ou supprimaient leurs redevances; d'interminables procès s'ensuivirent, au grand bénéfice des procureurs et des avocats. Malgré cela, l'abbesse de Lorvão sut encore conserver, jusqu'en 1851, le titre de mère des pauvres.

Deux ans après, elle était réduite à l'aumône; ce fut le célèbre historien Alexandre Herculano qui se chargea de l'appel.

«Je vous écris du fond des sombres gorges de Lorvão, en face du monastère mélancolique où gisent les filles de D. Sancho I, et je le fais le cœur navré et plein d'indignation.

«Afin d'examiner l'archive des cisterciennes, j'ai dû pénétrer dans le cloître par ordre de l'autorité écclésiastique. Là, en traversant de sombres et humides couloirs, j'ai croisé plusieurs de ces pauvres femmes, plutôt des spectres, aux visages hâves, aux cheveux entièrement blancs. Tous ces cheveux n'ont pas été déteints par l'âge, mais par d'amères souffrances; c'est la faim, non pas la maladie, qui a pâli et défiguré ces faces naguère souriantes.

dido do mosteiro apenas por um riacho. N'aquellas casas de telha vã, negras, gretadas, desaprumadas, com o aspecto miseravel da maior parte das aldeias da Beira, vive uma população laboriosa, que até certo ponto se póde chamar abastada, e a que, pelo menos, não falta o pão nem a alegria. No mosteiro sumptuoso, vasto, alvejante, com um aspecto exterior quasi indicando opulencia, é que não ha pão, mas só lagrimas... aqui vê-se, por entre as grades de ferro, a luz do céo, a arvore que dá os fructos, a seara que dá o pão, e tudo isto vê-se para se ter mais fome... Imagine, meu amigo, uma noite de inverno, no fundo d'esta especie de poço perdido no meio da turba de montes que o rodeiam: imagine dezoito ou vinte mulheres idosas, mettidas entre quatro paredes humidas e regeladas, sem agasalho, sem lume para se aquecerem, sem pão para se alimentarem, sem energia na alma, e sem forças no corpo, comparando o passado, sentindo o presente e antevendo o futuro. Imagine o vento que ruge, a chuva ou a neve fustigando as poucas vidraças que ainda restam no edificio; imagine essas orgias tempestuosas da natureza que passam por cima das lagrimas silenciosas das pobres cistercienses, e as horas eternas que batem na torre...

«Ha poucos dias passou-se em Lorvão uma scena tremenda. N'um accesso de desesperação, parte d'estas desgraçadas queriam tumultuariamente romper a clausura; queriam ir pedir pão pelas cercanias. Custou muito contel-as. Tinha-se apoderado d'ellas uma grande ambição; aspiravam á felicidade do mendigo, que póde appellar para a compaixão humana; que póde fazer-se escutar de porta em porta. Era uma vantagem enorme que obtinham. A sua voz é demasiado fraca, e os muros de Lorvão demasiado espessos. Gemidos, brados, prantos, tudo é devorado por esse tumulo de vivos.»... (Herculano, *Opusculos,* vol. I, pag. 195 e seg.).

A eloquente carta do grande escriptor, publicada então pela imprensa, despertou o governo e produziu algum beneficio, o que é muito para louvar, porque o martyrio poderia haver-se prolongado por muito tempo. Só passados vinte e quatro annos é que expirou a ultima freira professa D. Luiza Magdalena Tudella (3 de julho de 1877).

E durante esse longo periodo de um quarto de seculo tiveram as freiras á sua disposição, para as empenharem ou venderem, alfaias, quadros, peças de ourivesaria, moveis antigos, louças, azulejos, etc., enfim: objectos de consideravel valor de que appareceram restos ainda importantes na Exposição de arte ornamental de 1882. Apesar de tudo, as senhoras religiosas resistiram á tentação de se pagarem por suas mãos; apenas nos derradeiros annos da ultima freira se commetteram abusos a coberto da sua incapacidade mental. O actual snr. Bispo-Conde, apesar das suas energicas providencias, encarregando uma commissão de fazer inventario minucioso (junho de 1877), não conseguiu rehaver certas preciosidades, por exemplo, uns relicarios medievicos de marfim, vendidos para fóra do reino por quantias consideraveis...

Emquanto as freiras de Lorvão morriam lentamente á fome em 1853, havia mosteiros cujas habitadoras viviam na opulencia e onde o superfluo se desbaratava de um modo escandaloso. Herculano, que os conhecia bem, porque fôra encarregado de examinar officialmente os archivos ecclesiasticos do paiz, declara na mesma carta, já citada:

«Na secretaria da justiça encontram-se as provas de que a renda dos bens que ainda possuem os conventos do sexo feminino em Portugal excede a 200:000$000 reis, e todavia ha centenares de freiras que morrem á mingua. São dois factos que não carecem de commentario. É a manifestação mais eloquente de que não ha governo n'esta terra.» (*Loc. cit.,* pag. 203).

O convento de Lorvão pouco valor tem como obra de arte. As reconstrucções alteraram todas as suas feições antigas. Durante a segunda metade do seculo XVII e todo o seculo immediato não houve descanço; uma febre de modas e feitios novos apoderou-se das freiras. Pelos annos de 1688 foi sacrificado o claustro velho que, a julgarmos por alguns fragmentos de esculptura existentes no Museu do Instituto de Coimbra, devia ainda abrigar restos valiosos de lavores medievicos. O claustro novo é banal, pesado, sem graça, se descontarmos umas tres capellas em estylo da Renascença que escaparam: S. João Baptista — 1602, Nossa Senhora de Nazareth — 1603, e a do Calvario — 1644.

A casa do Capitulo, refeitorio, dormitorios e outras serventias nada apresentam de notavel. O fron-

---

«Elles se consument lentement, ensevelies sous cette masse pesante de fer et de pierre; de là elles entendent les bruits du village qui se presse dans la colline d'en face, separée à peine par un modeste ruisseau. Dans ces taudis noircis et lézardés, à peine couverts de tuile, d'un aspect misérable comme chez la plupart des villages de la Beira, vit joyeusement une population laborieuse qui jouit d'une modeste aisance. Dans le vaste et somptueux couvent, sous les dehors trompeurs de l'opulence, règne la misère; le pain manque et les larmes abondent... On y voit, à travers les grillages, la douce lumière des cieux, les arbres chargés de fruits, la moisson mûrie pour la récolte — et ce spectacle ne fait qu'aggraver les cuisantes souffrances de la faim... Imaginez-vous, mon ami, une nuit d'hiver, au fonds de ce puits perdu dans l'immensité des montagnes qui le serrent; figurez-vous dix-huit ou vingt femmes âgées, entre quatre murs humides et glacés, dépourvues de tout le nécessaire, sans feu et sans couvertures, le corps faibli, l'âme lasse, comparant le passé, sentant le présent et prévoyant l'avenir. Ajoutez le rugissement de la rafale, la pluie ou la neige frappant le peu de vitres qui restent encore, toutes les violences enfin de la tempête déchaînée, et les heures éternelles qui sonnent dans le clocher...

«Il y a peu de jours une scène terrible s'est déroulée à Lorvão. Dans un accès de désespoir, une partie de ces malheureuses créatures a tenté de s'évader, en forçant la clôture; ce n'est qu'à grand'peine qu'on parvint a les retenir. Elles osèrent aspirer au sort enviable des mendiants qui peuvent librement, et de porte en porte, recourir à la compassion et à la générosité de leurs semblables.

«Cet avantage inappréciable leur a été refusé. Leurs voix sont trop faibles, et les murs de Lorvão trop épais; plaintes, pleurs, clameurs, tout est étouffé dans ce vrai tombeau de vivants...» (Herculano, *Opusculos,* vol. I, pag. 195 et suiv.).

L'éloquente lettre du grand écrivain émut le gouvernement et apporta quelque soulagement aux pauvres recluses. Sans cela le martyre durerait longtemps encore, car la dernière professe D. Louise Madeleine Tudella n'expira que vingt quatre années après (le 3 juillet 1877).

Pendant toute cette longue période les religieuses auraient pu vendre ou engager tableaux, pièces d'orfèvrerie, meubles, porcelaines, faïences, bref, toutes sortes d'effets précieux, dont quelques restes importants parurent à l'Exposition d'art ornemental de 1882.

Malgré tant de facilités, elles résistèrent toujours à la tentation de se payer de leurs propres mains; vers la fin seulement quelques abus ont été commis, à couvert de l'incapacité mentale de la dernière religieuse. Mgr. l'évêque-comte de Coïmbre, malgré d'énergiques mesures et la confection d'un inventaire minutieux (Juin 1877) rédigé par un comité spécial, n'a pu ravoir plusieurs objets d'une grande valeur, par exemple certains relicaires en ivoire datant du moyen-âge, vendus à l'étranger pour des sommes considérables.

Pendant que les nonnes de Lorvão dépérissaient lentement vers 1853, d'autres couvents nageaient dans l'abondance, donnant l'exemple d'une dissipation scandaleuse. Herculano, qui les connaissait de près, ayant été officiellement chargé de fouiller les archives ecclésiastiques du pays, le déclare dans la lettre citée:

«Dans les bureaux du ministère de la justice se trouvent les preuves de que les revenus des couvents de femmes portugais surpassent 200 contos (plus d'un million), et cependant il y a des centaines de religieuses qui meurent au dépourvu. Ces faits dispensent tout commentaire; ils témoignent éloquemment de la négligence absolue de l'administration chez nous.» (*Loc. cit.,* pag. 203).

Le monastère de Lorvão a peu de valeur comme œuvre d'art. Pendant la deuxième moitié du XVII^{e} siècle et le siècle suivant, la fièvre des styles nouveaux s'empara des bonnes religieuses; on bâtit et rebâtit sans trève ni repos jusqu'à faire disparaître toute trace des lignes primitives. Vers 1688 ce fut le tour du vieux cloître, dont les sculptures étaient assez intéressantes, à en juger par les restes conservés dans le Musée de l'Institut de Coïmbre. Le nouveau cloître est banal, lourd et disgracieux, exception faite de trois chapelles dans le style de la Renaissance, qui ont échappé: St. Jean Baptiste — 1602, Notre Dame de Nazareth — 1603, Calvaire — 1644.

La salle des chapîtres, le réfectoire, les dortoirs et les autres pièces n'offrent rien de remarquable.

tispicio da egreja, que existiu algum dia, desappareceu sem vestigio! No interior uma grande nave, ampla, de estylo pseudo-classico do fim do seculo xviii, illuminada por uma formosa cupula na intersecção do cruzeiro com a nave. Bellas cantarias, finamente rendilhadas n'um lavor rocóco, muito discreto, que respeitou e pôz em relevo proporções architectonicas bem estudadas.

É celebre o côro com as suas magestosas cadeiras de pau santo e nogueira. N'este estylo, não ha em todo o reino trabalho superior para documentar a summa pericia de uma escóla de entalhadores bem portugueza. Tinha grande semelhança com este o cadeiral do convento de freiras de S. Bento do Porto (Ave-Maria) ha pouco demolido, talvez obra da mesma officina.

A entrada do côro é vedada por uma grade monumental de ferro forjado e bronze que representa outra obra de arte muito notavel. Foi executada em 1784 e custou 7:200$000 reis. Temos visto e comparado os artefactos mais notaveis dos nossos antigos serralheiros dos seculos xvi, xvii e xviii em repetidas e demoradas excursões, ha mais de trinta annos, mas confessamos que esta grade de Lorvão não tem par em Portugal.

Merecia uma estampa especial, assim como as duas urnas de prata lavrada, que guardam os restos das infantas portuguezas D. Thereza e D. Sancha.

São antes dois cofres de grandes dimensões, com o feitio de urnas, forrados de velludo carmezim, cobertos de lavores de prata, recortada em arabescos, guarnecidos de pedras de varias côres. O ourives Manoel Carneiro da Silva, natural do Porto, traçou as duas obras n'um estylo semelhante, largo, com um grande effeito decorativo, que não exclue primorosos detalhes de buril e cinzel nos desenhos heraldicos e arabescos menores, porque os grandes lavores são batidos a martello ou repuxados. Custaram ambos perto de oito mil cruzados.

Havendo sido feita a trasladação dos antigos tumulos de pedra para estes cofres em 1715, é de presumir que o trabalho do ourives não seja muito anterior.

Foi uma grande festa que custou grossa quantia, excedida só pela que as religiosas pagaram pela beatificação da infanta D. Thereza (Bulla de Clemente xi a 23 de dezembro de 1705). Esta senhora, cujo casamento com Affonso ix de Leão fôra annullado por impedimento de parentesco, entrou para Lorvão na vespera de Natal de 1200; e para alli fez trasladar os restos de sua irmã D. Sancha (tambem beatificada) que fallecera no mosteiro de Cellas (1229), perto de Coimbra, fundação sua.

As luctas d'estas princezas e ainda de uma terceira irmã D. Mafalda (fundadora do celebre mosteiro de Arouca) com el-rei D. Affonso ii, o Gordo, por causa da herança paterna, redundaram em proveito das ordens religiosas que as tres illustres senhoras favoreceram. Ter uma irmã em Lorvão ou Arouca correspondia quasi a um titulo de nobreza. Em Lorvão figurou ainda outra princeza, a infanta D. Branca, filha de D. Affonso iii, heroina do famoso poema de Garrett; e alli enclausuraram a celebre inspiradora da Egloga *Crisfal,* do nosso illustre escriptor Christovão Falcão, delineada de 1525-30. D. Maria Brandão, filha do opulento Contador da fazenda do Porto, João Brandão e de D. Brites Pereira, pagou a audacia do seu casamento clandestino com o poeta, entre os muros do cenobio: «escondida entre serras onde o sol não era visto»... Falcão, transportado em sonho á serra de Lorvão, ahi se encontra com a esposa amada:

> «a vista no chão pregada,
> com o seu cantar pensoso,
> e passadas esquecidas
> ao tom d'elle medidas,
> vestida de arenoso,
> as mãos nas mangas mettidas.»

(Estr. 69).

Iriamos longe se fossemos a resumir sómente os casos mais memoraveis da chronica da illustre casa que ainda teve a honra de hospedar Wellington e o seu estado-maior (setembro de 1811). Depois a fortuna declina rapidamente, como vimos. E hoje, se não fôra a generosa e esclarecida protecção do actual snr. Bispo-Conde, já o cadeiral do côro teria sido arrancado, fundida a esplendida grade e — os cofres de prata reduzidos a bons... *patacos,* mesmo sem o auxilio de francezes.

Nulle trace de la façade primitive de l'église; à l'intérieur une grande nef dans le style pseudo-classique des fins du xviiie siècle, illuminée par une belle coupole dans le croisement du transept. De jolies sculptures dans le genre rococo, assez discrètes, rehaussent l'ensemble, dont les proportions sont bien étudiées.

Les majestueuses stalles du chœur, en noyer et palissandre, passent à juste titre pour le chef-d'œuvre de l'école caractéristiquement portugaise de sculpteurs en bois. Elles présentent une ressemblance frappante aux stalles du couvent de nonnes de St. Benoît de l'Avè, à Porto, récemment démoli; probablement elles sont sorties du même atelier.

L'accès au chœur est défendue par une grille monumentale en fer forgé et bronze; elle fut exécutée en 1784 et coûta 40:000 francs. Ce chef-d'œuvre est sans rival dans le pays; il surpasse dans son genre tous les ouvrages des serruriers portugais du xvie, xviie et xviiie siècles, qui sont tombés sous nos yeux au cours des dernières trente années.

Il était digne d'une estampe spéciale, ainsi que les deux urnes en argent ciselé qui gardent les restes des princesses portugaises D. Thérèse et D. Sanche. Ce sont plutôt deux coffres de grandes dimensions, en forme d'urne, doublés de velours cramoisi, et couverts d'arabesques en argent garnies de pierres fausses. L'orfèvre de Porto Manuel Carneiro da Silva a traité ces deux ouvrages dans un style large, à grand effet décoratif, qui n'exclut pas des détails délicatement ciselés dans les dessins héraldiques; les grandes arabesques sont battues ou repoussées. Leur prix s'éleva à près de 18:000 francs.

La translation des restes des princesses des anciens tombeaux en pierre dans ces coffres ayant eu lieu en 1715, il est permis de croire que leur éxécution n'est pas de beaucoup antérieure à cette date. Cette solennité a exigé des dépenses considérables, à peine surpassés par celles de la béatification de l'infante D. Thérèse (Bulle de Clement xi du 23 décembre 1705).

Cette princesse dont le mariage à Alphonse ix de Léon fut annullé pour cause d'affinité, entra à Lorvão la vieille du Noël de 1200; elle y fit ensuite transporter les restes de sa sœur D. Sanche (elle aussi béatifiée), décédée dans le couvent de Cellas qu'elle avait fondé près de Coïmbre.

Les luttes de ces deux princesses, et d'une troisième sœur D. Maphalde, fondatrice du célèbre couvent d'Arouca, avec leur frère D. Alphonse ii le Gros, à cause de l'héritage paternel, tournèrent au profit des ordres religieux que ces nobles dames prirent sous leur protection. C'était presque un titre de noblesse que d'avoir une sœur à Arouca ou à Lorvão. Dans ce dernier vécut une autre princesse, D. Blanche, fille de D. Alphonse iii, l'héroïne du poème connu de Garrett; on y renferma aussi la célèbre inspiratrice de l'églogue *Chisfal,* écrite en 1525-30 par Christophe Falcão. D. Marie Brandão, fille du riche contrôleur des finances de Porto Jean Brandão et de D. Brites Pereira, expia l'audace de son mariage secret avec l'illustre poète entre les murs du couvent, «cachée entre des montagnes d'où le soleil était absent»... Falcão, transporté en songe a la solitude de Lorvão, s'y rencontre avec son épouse bien aimée:

> «a vista no chão pregada,
> com o seu cantar pensoso,
> e passadas esquecidas
> ao tom d'elle medidas,
> vestida de arenoso,
> as mãos nas mangas mettidas.

(Estr. 69).

Nous ne nous appesantirons pas sur la chronique de l'illustre maison qui eut l'honneur de loger Wellington et son état major (Septembre 1811). L'aurore du xixe siècle marque l'apogée de l'institution, dont l'étoile commence dès lors a pâlir rapidement. De nos jours, c'est à la protection généreuse et éclairée de Mgr. l'évêque-comte qu'on doit de pouvoir admirer encore quelques pièces de valeur; sans elle, les belles stalles, la splendide grille et les coffres en argent seraient déjà transformés en bons écus comptants... exactement comme aux jours fameux des pillages napoléoniques.

*
* *

A industria dos *palitos* é antiga na localidade. Tanto as freiras como os frades sabiam apreciar as vantagens de tão uteis accessorios; elles principalmente. Como mosteiro cisterciense, Lorvão dependia dos monges brancos. Cinco frades bernardos administravam as grossas rendas da casa. Refere-se que certa vez, não sabendo explicar plausivelmente o dispendio de uma verba de 600$000 reis, escreveram n'umas contas irrisorias, que mostravam annualmente á abbadessa: *Palitos* — 600$000 reis (Herculano, *Opusculos,* pag. 200).

O pobre operario da aldeía não engorda, porém, com semelhante industria caseira; basta olhar para esses rostos tristes, resignados. E comtudo são mãos habeis, dedos subtis os que desencantam das varas do salgueiro (*salix alba*) os palitos finos, chamados *marquezinhos,* e entalham os *frisados,* os de *flôr* ou os *bordados,* porque, comquanto seja minimo o proveito, nem por isso se cançam nos seus primores.

Calcula-se o numero de operarios, incluindo grande numero de mulheres, em uns mil, distribuidos por Coimbra (cidade), Lorvão e Penacova; a producção em uma duzia de contos. O material de que o fabricante se serve é o mais modesto possivel; consiste n'uma navalha afiada, na *coura,* isto é, um pedaço de cabedal, que protege o joelho, e ao qual está ligado um pedaço de chifre sobre o qual se trabalham as varas do salgueiro [1].

É triste, profundamente triste, escreviamos nós ha mais de vinte annos (1879), que as singulares aptidões naturaes de tanta, tão boa e tão modesta gente, como as dos concelhos citados, esteja reduzida a fabricar palitos mais ou menos *frisados!* Pois não se está vendo que d'esse mesmo grupo sahem os *violeiros* de Coimbra, entalhadores consummados n'outra industria tradicional, os cesteiros e canastreiros da região alludida.

... Estas coincidencias serão um acaso? Cada especialidade poderia render dezenas de contos, e fixar uma população depauperada — rebanho sem pastor — que vae entregar-se nas mãos dos engajadores de emigrantes ...

Por fortuna, a attenção de alguns espiritos esclarecidos vae-se concentrando ha annos nas questões que interessam a vida intima, tradicional do povo portuguez. As industrias caseiras constituiam uma parte da poesia do seu lar e por certo a melhor escóla que alimentava a sua arte.

Mas não será tardio já, esse auxilio?

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Vide o interessante estudo: *Os Palitos,* do snr. Rodrigues Monteiro, na revista *Portugalia,* pag. 625 e seg.

*
* *

L'industrie des cure-dents est très ancienne dans la région. Les moines et les religieuses savaient priser ces utiles accessoires; eux surtout. Lorvão, qui appartenait à l'ordre de Citeaux, dépendait des moines blancs; cinq de ces bernardins étaient attachés à l'administration des gros revenus de la communauté. On rapporte que ces consciencieux frères, ne sachant comment expliquer la dépense de 600$000 reis (environ 3:300 frs.), insérèrent dans les comptes irrisoires presentés annuellement à l'abbesse l'article suivant: *Cure-dents* — 600$000. (Herculano, *Opusculos,* pag. 200).

Le pauvre ouvrier villageois ne prospère pas dans cette industrie domestique; on n'a qu'a jeter les yeux sur ces visages tristes et résignés.

Il faut pourtant des mains agiles, des doigts déliés et infatigables pour extraire des baguettes de saule (*salix alba*) les cure-dents nommés *marquesinhos,* et l'article de luxe connu sous le triple nom de *frisé, en fleur* ou *brodé;* — cela au prix d'un travail incessant misérablement payé.

On compte jusqu'à un millier d'ouvriers dans cette petite industrie, avec une forte proportion de femmes; les foyers en sont Coïmbre (ville), Lorvão et Penacova; la production est chiffrée à une douzaine de contos (65:000 francs environ). Le matériel employé par les artisans est d'une simplicité extrême; il se réduit à un couteau très affilé, et à la *coura,* bande de cuir protégeant le genou à laquelle est attaché un morceau de corne sur lequel sont découpées les baguettes de saule [1].

Il est bien regrettable, disions nous il y a une vingtaine d'années (1879), que les remarquables aptitudes de ces bonnes gens soient réduites à faire des cure-dents plus ou moins *frisés!* Comment oublier que c'est précisément parmi eux qu'on trouve les ingénieux vanniers de la région, ainsi que des *luthiers* de Coïmbre, dont les produits traditionnels sont des chefs-d'œuvre de marqueterie!

On ne saurait voir là un pur effet du hasard. Chacune de ces spécialités, habilement profitées, deviendrait une source de revenus considérables et fixerait toute une population appauvrie, — troupeau sans berger, qui actuellement s'abandonne aux mains des embaucheurs d'émigrants...

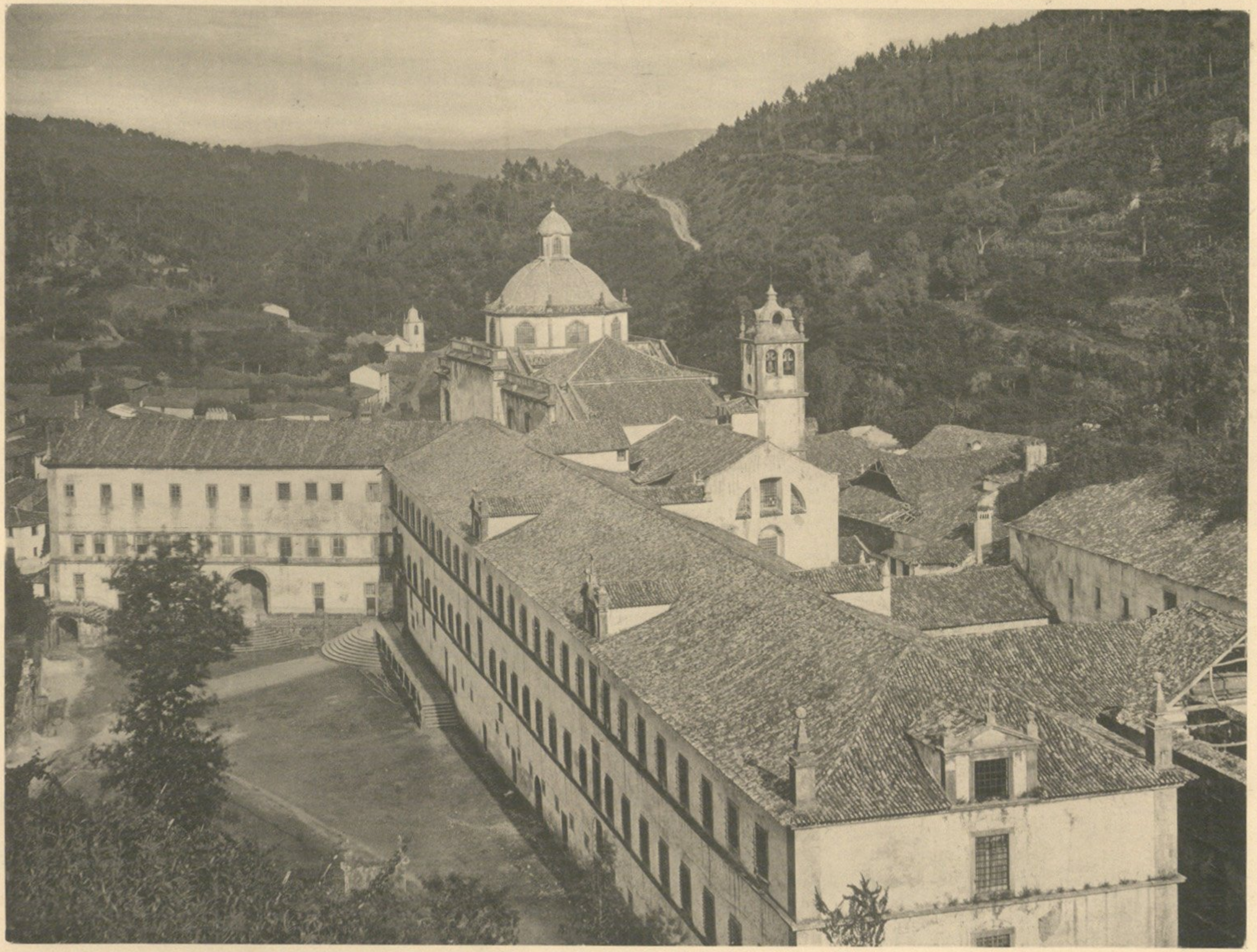
Heureusement l'attention de quelques esprits éclairés s'est portée, dans les derniers temps, sur ces questions qui tiennent de si près à la vie intime et traditionnelle du peuple portugais. Les industries domestiques, partie intégrante de la poésie du foyer, formaient la meilleure école de l'art populaire.

Viendra-t'on toutefois à temps de leur tendre une main secourable?

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Voyez l'intéressant étude de Mr. Rodrigues Monteiro, inseré dans la revue *Portugalia,* pag. 625 et suiv.

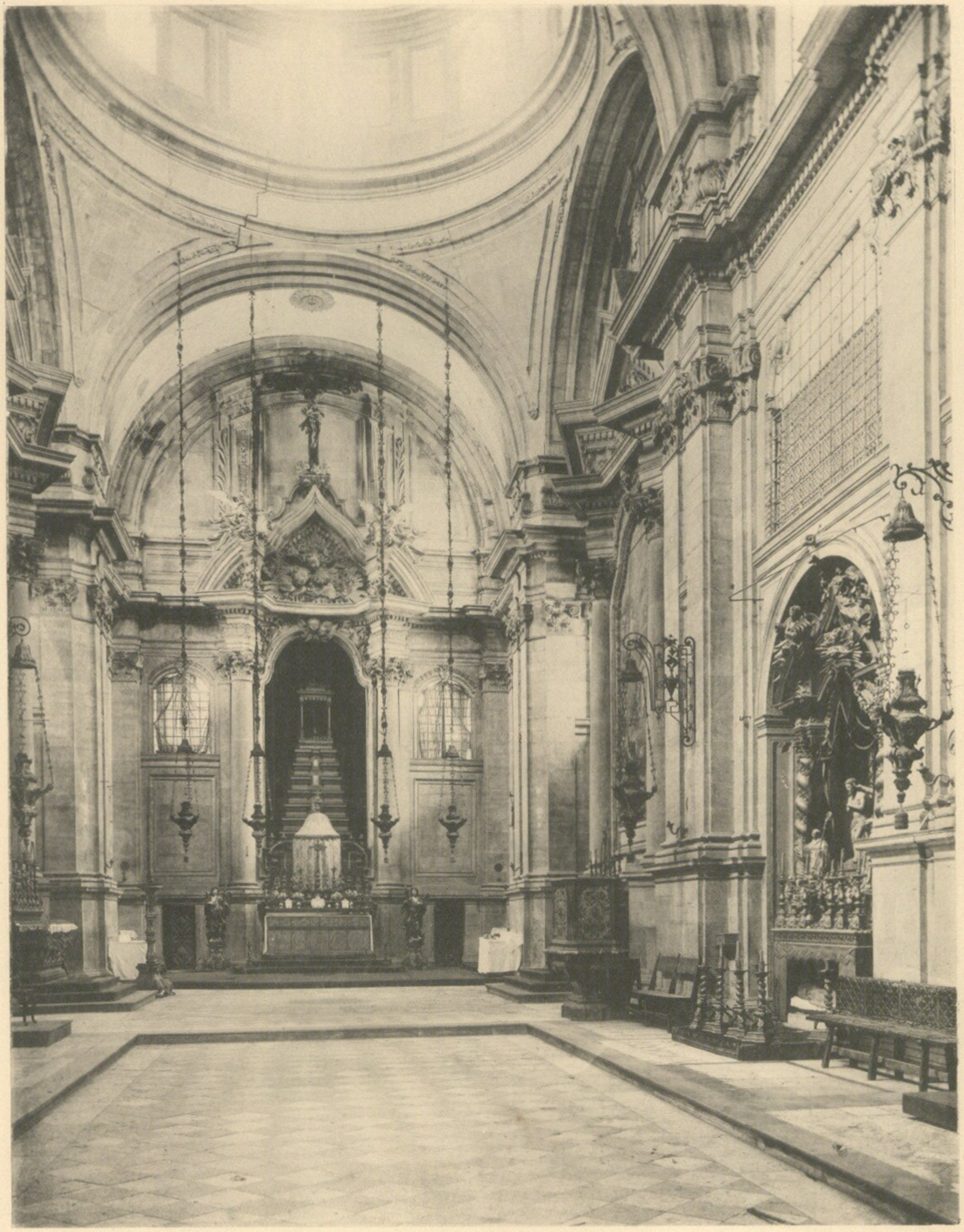


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Vista geral do convento

LORVÃO

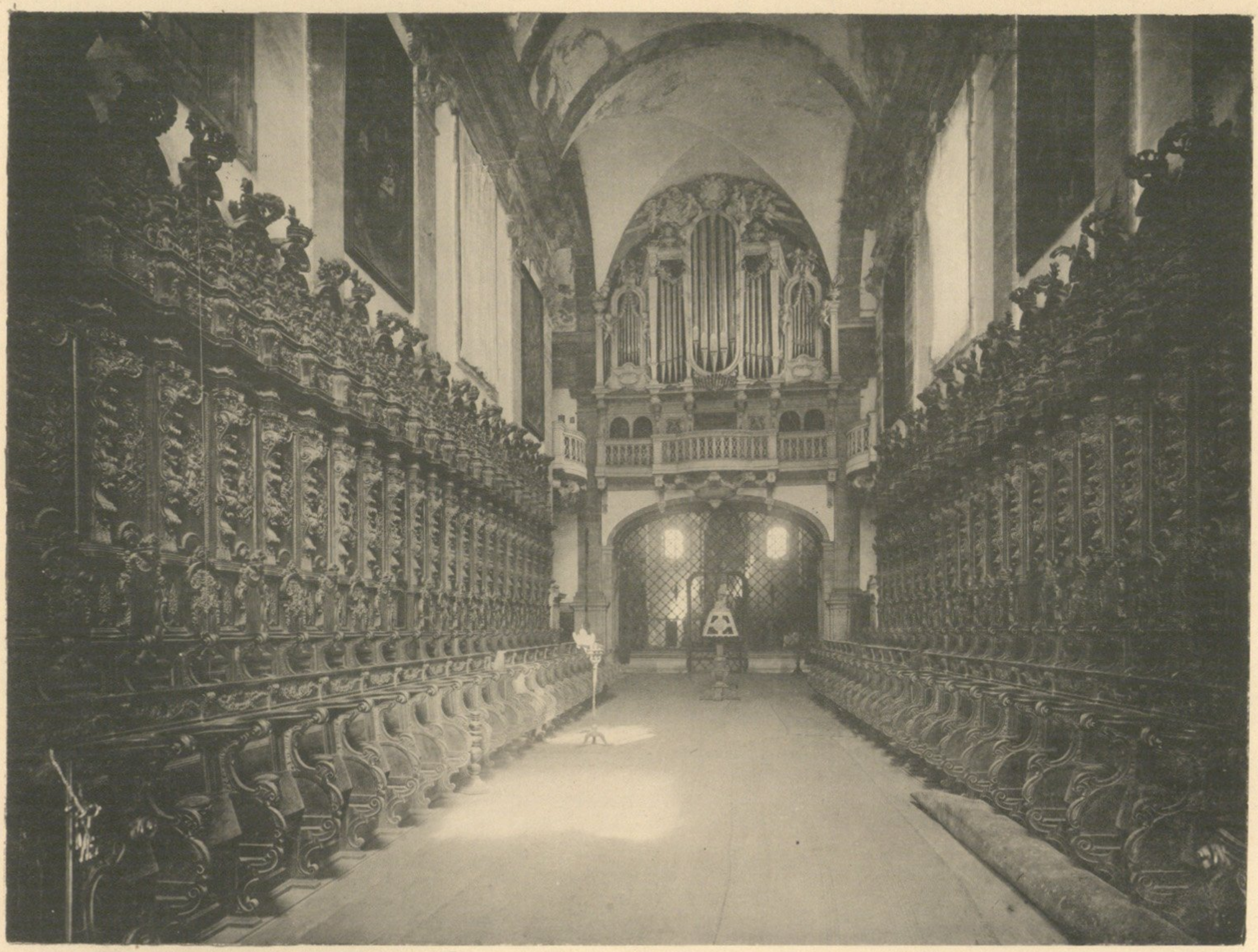


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Interior da Egreja do convento

LORVÃO

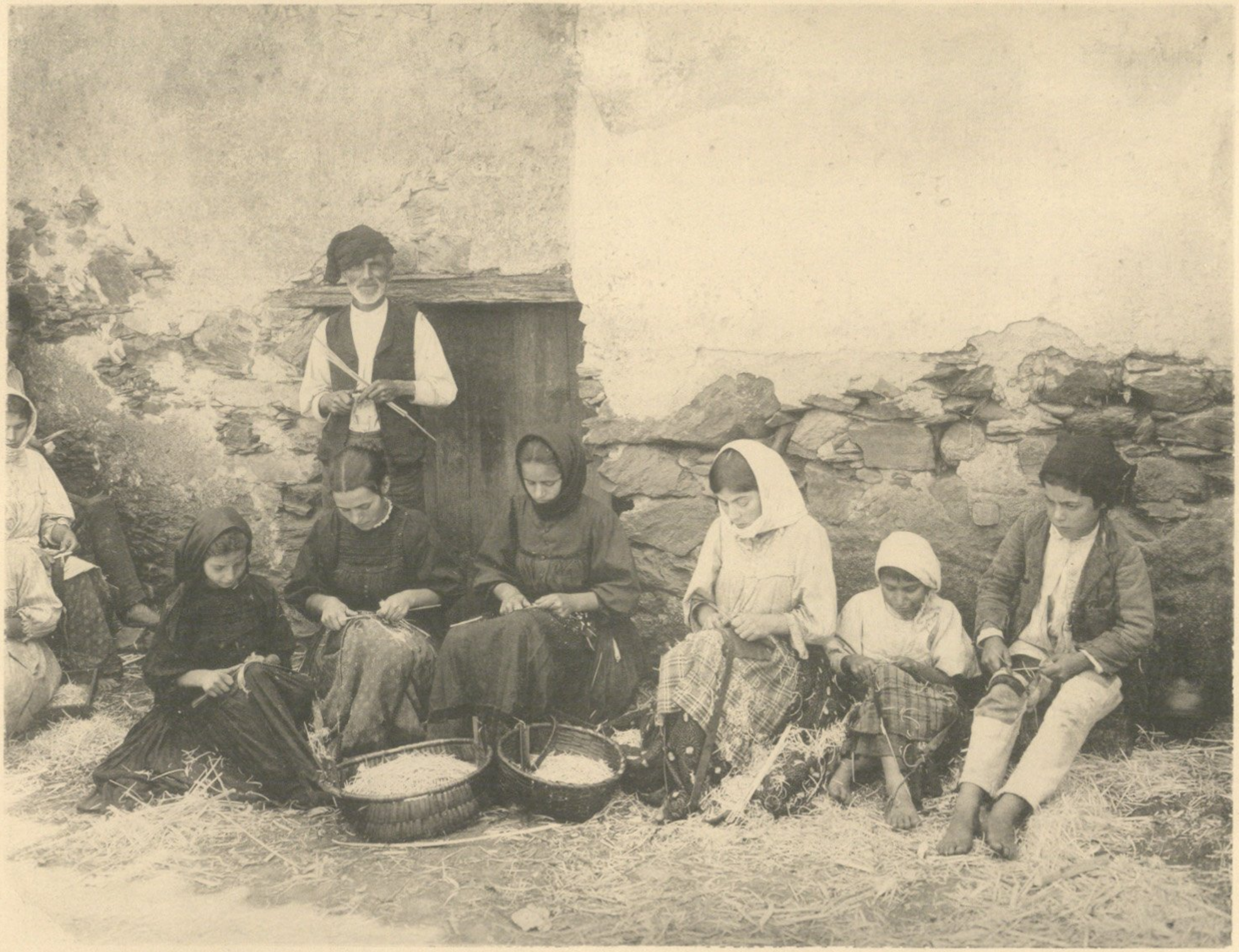


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Côro do convento

LORVÃO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Fazendo palitos

LORVÃO

I

~~B.A.~~
~~1405~~

INDICE

Guimarães	Artigo do Exc.^{mo}	Snr.	José Caldas.
S. Marcos.	»	»	Joaquim de Vasconcellos.
Barcellos	»	»	Rodrigo Velloso.
Porto	»	»	Joaquim de Vasconcellos.
Evora	»	»	G. Pereira.
Lisboa	»	»	Julio de Castilho.
Coimbra	»	»	Dr. Augusto M. Simões de Castro.
Coimbra	»	»	Antonio Augusto Gonçalves.
Coimbra	»	»	D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.
Cintra	»	»	Conde d'Arnoso.
Cintra (continuação)	»	»	Conde d'Arnoso.
Lorvão	»	»	Joaquim de Vasconcellos.

Collocação das phototypias

Guimarães — Vista geral da cidade.
» Santuario de N. S. da Oliveira.
» Oratorio do Santuario de N. S. da Oliveira.
» Castello.

S. Marcos — Capella-mór e retabulo.
» Capella dos Reis Magos.
» Tumulo de Fernão Telles de Menezes.
» Tumulo de João da Silva.

Barcellos — Ponte sobre o rio Cavado.
» Collegiada — Egreja matriz.
» Campo da Feira.
» Pulpito da Egreja de N. S. do Terço.

Porto — Egreja de S. Francisco (exterior).
» Egreja de S. Francisco (interior).
» Orgão na Egreja de S. Bento da Victoria.
» Côro na Egreja de S. Bento da Victoria.

Evora — Vista parcial da cidade.
» Templo romano.
» Ermida de S. Braz.
» Lyceu.

Lisboa — Vista parcial da cidade.
» Mosteiro da Estrella.
» Aqueducto das Aguas livres.
» Mercado do peixe.

Coimbra — Vista geral da cidade.
» Universidade — Via Latina.
» Universidade — Sala dos Capellos.
» Bibliotheca da Universidade.

Coimbra — Sé Velha (exterior).
» Capella do Sacramento na Sé Velha.
» Retabulo de S. Pedro na Sé Velha.
» Retabulo da Capella-mór na Sé Velha.
» Porta lateral da Sé Velha.

Coimbra — Lavadeiras no rio Mondego.
» Enchendo os cantaros no rio Mondego.
» Paizagem no Choupal.
» Fonte dos Amôres na Quinta das Lagrimas.

Cintra — Vista geral do Castello da Pena.
» Fachada principal do Castello da Pena.
» Pateo interior e Torre quadrada do Castello da Pena.
» Vista parcial do Castello da Pena.

Cintra — Villa Estephania e Castello dos mouros.
» Paço Real.
» Palacio de Monserrate.

Lorvão — Vista geral do convento.
» Interior da Egreja do convento.
» Côro do convento.
» Fazendo palitos.

Nº. 1

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

EMILIO BIEL & Cª. - EDITORES
PORTO

Nº 2

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

EMILIO BIEL & Cª - EDITORES
PORTO

N.º 3

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES
PORTO

Nº 4

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

EMILIO BIEL & Cª - EDITORES
PORTO

Nº 5

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

EMILIO BIEL & Cª - EDITORES
PORTO

N.º 6

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES
PORTO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

N.º 7

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES
PORTO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

N.º 8

EMILIO BIEL & Cª - EDITORES
PORTO

Nº 9

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

EMILIO BIEL & Cª - EDITORES
PORTO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

N.º 10

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES
PORTO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

N.º 11

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES
PORTO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

N.º 12

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES
PORTO